

A close-up portrait of Johanna Lindsey, a woman with long, wavy blonde hair and blue eyes, looking directly at the camera. She is wearing a white lace-trimmed top. The background is a soft-focus natural setting with dry grass and foliage.

SÉRIE
Malory
VOL. I

Só se ama
uma vez

JOHANNA LINDSEY

MAIS DE 50 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS EM TODO O MUNDO

ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



SÉRIE
Malory
VOL. I

Só se ama
uma vez

JOHANNA
LINDSEY

MAIS DE 50 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS EM TODO O MUNDO

ASA

Ficha Técnica

Título original: LOVE ONLY ONCE

Título: Só Se Ama Uma Vez

Autor: Johanna Lindsey

Tradução: Ana Sofia Pereira

Capa: Neusa Dias

Imagens da capa: Shutterstock

ISBN: 9789892330341

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 1985, Johanna Lindsey

Publicado por acordo com Avon,

uma chancela da HarperCollins Publishers

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

*Para os meus sobrinhos,
Raegina Kaohukaukuahiwiokaala Howard
e Michael Lani Alii Howard*

Londres, 1817

Os dedos que seguravam a garrafa de cristal com *brandy* eram longos e delicados. Selena Eddington tinha muito orgulho das suas mãos. Exibia-as sempre que surgia uma oportunidade, como naquele momento. Levou a garrafa de cristal a Nicholas, em vez de pegar no copo dele para o encher de *brandy*. Esta ação deliberada também possuía uma outra finalidade: permitia-lhe ficar de pé à frente dele, que se encontrava recostado num sumptuoso sofá azul, com a luz da lareira nas costas, delineando-lhe de forma provocadora a figura através do fino vestido de noite de musselina. Nem mesmo um libertino inveterado como Nicholas Eden podia deixar de apreciar um belo corpo feminino.

Um rubi enorme cintilava-lhe na mão esquerda enquanto segurava o copo de Nicholas e servia o *brandy*. Era a aliança de casamento. Ainda a usava com orgulho, embora já tivesse enviuvado há dois anos. O seu pescoço estava rodeado por mais rubis, mas nem o mais extraordinário dos rubis podia relegar para segundo plano o seu decote, extraordinariamente descido, o que significava uns meros dez centímetros de tecido antes de a cintura alta cingida do vestido de estilo império se precipitar em linhas direitas até aos seus calcanhares elegantes. O vestido era de uma cor magenta carregada e escura que condizia maravilhosamente com os rubis e com a própria figura de Selena.

– Estás a ouvir o que estou a dizer, Nicky?

Nicholas exibia aquela expressão pensativa irritante que ela reconhecia cada vez mais nele ultimamente. Não estava a ouvir absolutamente nada do que ela dizia, mas estava absorto em pensamentos que decerto não a incluíam. Nem sequer a tinha mirado de relance enquanto ela lhe servia o *brandy*.

– Francamente, Nicky, não é nada simpática a forma como te ausentas e me abandonas quando estamos juntos na mesma divisão sem mais ninguém. – Deixou-se ficar diante de Nicholas até ele erguer o olhar para ela.

– O que foi que disseste, minha querida? – Os olhos cor de avelã dela faiscaram. Teria começado a bater o pé, se se atrevesse a deixá-lo ver o seu terrível mau génio. Ele estava tão provocador, tão indiferente, tão... impossível! Se não fosse tão bom partido...

Medindo cuidadosamente as palavras, disse calmamente:

– O baile, Nicky. Tenho estado a falar sobre isso, mas não estás a prestar atenção. Se quiseses, mudo de assunto, mas só se me prometeres que não chegas atrasado quando me vieres buscar amanhã.

– Que baile?

Selena abriu a boca, verdadeiramente espantada. Ele não estava a tentar baralhá-la nem a fingir indiferença. Aquele homem exasperante realmente não fazia a menor ideia do que ela estava a falar.

– Não brinques comigo, Nicky. O baile dos Shepford. Tu sabes o quanto tenho

estado a aguardá-lo.

– Ah, sim – disse ele secamente. – O baile que irá superar todos os outros, apesar de ainda estarmos no início da temporada.

Ela fingiu não reparar no seu tom de voz.

– Também sabes quanto tempo eu esperei por um convite para um dos bailes da duquesa de Shepford. Este promete ser o seu baile mais grandioso dos últimos anos. Praticamente todas as pessoas que importam vão estar presentes.

– E depois?

Selena contou lentamente até cinco.

– E depois ficarei para morrer se chegar nem que seja um minuto atrasada.

Os lábios dele arquearam-se num sorriso trocista familiar.

– Ficas para morrer demasiadas vezes, minha querida. Não devias levar a lufalufa social tão a sério.

– Devia ser mais como tu?

Se pudesse, ela voltava atrás. O seu mau génio estava muito perto de explodir e isso seria desastroso. Sabia o quanto ele condenava o excesso de emoção em qualquer pessoa, embora fosse perfeitamente aceitável dar largas ao seu próprio mau génio, que podia ser bastante desagradável.

Nicholas limitou-se a encolher os ombros.

– Podes chamar-me excêntrico, minha querida, um dos poucos que se está a marimbar para toda aquela gente.

Aquela era uma grande verdade. Ele ignorava e insultava quem lhe apetecia. De igual modo, também escolhia os amigos como queria, mesmo bastardos publicamente conhecidos que eram desprezados pela sociedade. E nunca tentava agradar a ninguém. Era tão arrogante como todos diziam que era. Mas também conseguia ser devastadoramente charmoso, quando queria.

Milagrosamente, Selena conseguiu controlar o seu mau génio.

– Não obstante esse facto, Nicky, prometeste que me acompanhavas ao baile dos Shepford.

– Prometi? – perguntou ele indolentemente.

– Sim, prometeste – conseguiu responder-lhe com calma. – E vais prometer-me que não te vais atrasar quando me vieres buscar, certo?

Ele encolheu de novo os ombros.

– Como é que eu posso prometer tal coisa, minha querida? Não consigo prever o futuro. Não existe forma de saber o que poderá surgir amanhã que me possa atrasar.

Ela esteve muito perto de gritar. Não havia nada que o pudesse atrasar, exceto a sua própria indiferença pérfida e ambos sabiam isso. Não ia tolerar aquilo!

Selena tomou uma decisão em poucos segundos e disse numa voz des preocupada:

– Muito bem, Nicky. Visto que isto é tão importante para mim e não posso contar contigo, vou procurar outro acompanhante e só posso esperar que acabes por aparecer no baile. – Ela também podia jogar àquele jogo.

– Com tão pouca antecedência? – perguntou ele.

– Duvidas que eu seja capaz disso? – desafiou-o.

Ele sorriu e os seus olhos deslizaram sobre ela de forma aprovadora.

– Não, claro que não. Acredito piamente que terás muito pouca dificuldade em substituir-me.

Selena voltou-lhe as costas antes que ele conseguisse ver a forma como aquele comentário a afetara. Aquilo seria um aviso? Ele tinha tanta confiança em si mesmo. Seria uma bela lição se ela pusesse um ponto final no caso entre ambos. Nenhuma amante dele fizera isso antes. Era sempre ele a pôr fim ao caso amoroso. Era sempre ele que comandava a situação. Como iria reagir se ela o deixasse? Será que lhe ia provocar um ataque de fúria? Será que o ia pressionar? Aquilo merecia uma séria consideração.

Nicholas Eden instalou-se mais confortavelmente no sofá e observou Selena a pegar no seu copo de xerez para, de seguida, se deitar no tapete espesso de pele à frente da lareira, de costas para ele. Os lábios dele arquearam-se numa máscara sardónica. A pose era altamente sedutora, mas não tinha dúvidas de que ela sabia disso. Selena sabia sempre exatamente o que estava a fazer.

Estavam na casa londrina da sua amiga Marie, e tinham desfrutado de um jantar elegante com Marie e o seu amante atual, jogaram *whist* durante cerca de uma hora e depois retiraram-se para aquela sala de estar acolhedora. Marie e o seu cavalheiro ardente tinham-se igualmente retirado para um quarto no piso superior, deixando Nicholas e Selena sozinhos. Quantas outras noites tinham sido passadas como aquela? O único fator invariável era que a condessa tinha sempre um amante diferente. Ela vivia perigosamente sempre que o seu marido, o conde, se ausentava da cidade.

Contudo, havia uma outra diferença naquela noite. A sala estava tão romântica como sempre, com a lareira acesa, um candeeiro no canto a meia-luz, um bom *brandy*, os criados discretamente dispensados pelo resto da noite e Selena tão sedutora como sempre. Mas, naquela noite, Nicholas estava aborrecido. Era tão simples quanto isso. Não sentia a menor vontade de deixar o sofá e juntar-se a Selena no tapete.

Ele já sabia há algum tempo que estava a perder interesse em Selena. O facto de não ter particular vontade de se deitar com ela naquela noite confirmava a sua sensação de que estava na altura de pôr um fim ao caso amoroso. O de ambos tinha durado mais tempo do que a maior parte das suas ligações, quase três meses. Talvez fosse esse o motivo pelo qual se sentia pronto para a deixar, apesar de ainda não ter encontrado ninguém para a substituir.

Não existia ninguém que lhe despertasse a atenção naquele momento. Selena suplantava todas as outras senhoras das suas relações, com exceção daquelas – que se contavam pelos dedos – que estavam apaixonadas pelos maridos e, desse modo, absolutamente nada predispostas ao seu charme. Mas o território de caça dele não se limitava a senhoras casadas entediadas com os maridos. Não sentia escrúpulos em envolver-se com as jovens doces e inocentes que acabavam de desfrutar a sua

primeira ou segunda temporada social. Se as jovens senhoras imaturas se mostrassem inclinadas a sucumbir aos seus encantos, não estavam a salvo de Nicholas. Desde que estivessem ansiosas por recebê-lo na sua cama, ele fazia-lhes a vontade durante todo o tempo que o caso amoroso pudesse escapar à atenção dos pais delas. Estas eram, sem dúvida, as suas aventuras amorosas mais curtas, mas também as mais desafiantes.

Ele envolvera-se com três virgens nos seus anos de deboche juvenil. Uma delas, a filha de um duque, foi casada à pressa com um segundo primo, ou um cavalheiro sortido qualquer. As outras duas tinham sido igualmente casadas à pressa antes de rebentar um escândalo de grandes dimensões. O que não queria dizer que os entusiastas da má-língua não tivessem tido mãos a medir com cada um dos casos amorosos. Mas sem duelos lançados em público pelas famílias enfurecidas, os mesmos nunca passaram de má-língua e especulação. A verdade era que todos os pais em questão tinham medo de o enfrentar num campo de duelo. Por essa altura, ele vencera dois duelos contra dois maridos enraivecidos.

Não sentia orgulho em ter desflorado três inocentes nem em ferir dois homens cujo único defeito estava no facto de possuírem mulheres promíscuas. Mas também não sentia a menor culpa. Se as debutantes eram suficientemente inconscientes para se entregarem a ele sem qualquer promessa de casamento, muito bem. E as mulheres dos homens abastados sabiam exatamente o que estavam a fazer.

Dizia-se que Nicholas não se importava com quem magoava enquanto seguia no enalço dos seus prazeres. Talvez isso fosse verdade, talvez não. Ninguém conhecia Nicholas realmente bem para ter a certeza. Nem mesmo *ele* sabia por que motivo fazia algumas das coisas que fazia.

Seja como for, pagava caro pela sua reputação. Os pais com títulos acima do dele não o consideravam para potencial marido das filhas. Só os chefes de família realmente temerários e as pessoas à procura de um marido rico mantinham o nome de Nicholas na lista de convidados.

Mas ele não estava à procura de uma mulher. Já chegara à conclusão, há muito tempo de que não tinha o direito de fazer uma proposta de casamento a uma jovem de berço e linhagem que o título de nobreza dele exigia. Era altamente provável que nunca viesse a casar-se. Ninguém sabia por que razão o visconde de Montieth se conformara com a sua vida de solteiro, por isso ainda havia uma série de mulheres esperançosas que o queriam apanhar na sua rede e mudá-lo.

Lady Selena Eddington era uma delas. Esforçava-se seriamente para não o mostrar, mas ele sabia quando uma mulher andava atrás do seu título. Casada com um barão em primeiras núpcias, estava a considerar algo mais acima na hierarquia social da segunda vez. E espantosamente bela, com um cabelo curto, escuro, com caracóis delicados em torno de um rosto oval, segundo a moda em voga. Uma pele dourada acentuava os expressivos olhos cor de avelã. Com vinte e quatro anos, divertida e sedutora, era uma mulher encantadora. Não era certamente culpa dela que o desejo de Nicholas tivesse esfriado.

Nenhuma mulher era capaz de manter acesa a sua paixão durante muito tempo.

Ele estava à espera de que aquele caso amoroso esfriasse. Todos esfriavam. A única coisa que o surpreendia era a vontade de lhe pôr um fim antes de se deparar uma nova conquista. A decisão iria obrigá-lo a frequentar os acontecimentos sociais durante algum tempo, até alguém aceitar o seu interesse e Nicholas odiava ter de fazer isso.

Talvez o baile do dia seguinte fosse precisamente aquilo de que precisava. Estariam presentes dezenas de jovens senhoras desconhecidas, uma vez que a temporada social ainda mal começara. Nicholas suspirou. Aos vinte e sete anos, após sete anos de uma vida de excessos, perdera a predileção pelas jovens inocentes.

Não ia terminar o caso com Selena naquela noite, decidiu, porque ela já estava irritada com ele e iria dar largas a todo o mau génio que suspeitava que ela possuía. Isso era de evitar. Ele deplorava episódios emocionais, porque a sua própria natureza era extremamente precipitada. As mulheres nunca conseguiam fazer frente a toda a expressão da sua fúria. Ficavam sempre reduzidas a lágrimas e isso era igualmente deplorável. Não, comunicar-lhe-ia a sua decisão na noite seguinte, quando a visse no baile. Ela não se atreveria a fazer uma cena em público.

Selena ergueu o copo de cristal com xerez contra a lareira e descobriu, assombrada, que o líquido âmbar era da mesma tonalidade que os olhos de Nicholas quando o estado de espírito dele era excessivamente emotivo. Tinham exibido aquela cor de mel dourada quando começara a cortejá-la, mas também ficavam daquela cor quando ele estava irritado ou satisfeito em relação a alguma coisa. Quando não estava a sentir nada de especial, quando estava calmo ou indiferente, os olhos apresentavam uma cor mais semelhante a um castanho-avermelhado, parecida com a do cobre recém-polido. Nunca deixavam de ser olhos perturbadores porque mesmo quando eram de uma tonalidade mais escura, brilhavam com uma espécie de luz interna. Os olhos inquietantes eram compensados por uma pele morena e pestanas escuras invulgarmente longas. Além de o tom de pele dele ser naturalmente dourado escuro, estava bronzeado pelo sol, porque era um grande entusiasta de atividades ao ar livre. O cabelo castanho raiado com madeixas douradas impedia-o de ter um aspeto sinistro. Com o estilo revoltado em voga e naturalmente ondulado, o cabelo dele parecia ter dois tons, dependendo da iluminação.

Era indecente ser tão bonito ao ponto de uma mera visão fugaz da sua figura causar palpitações irregulares no coração de uma rapariga. Ela já tinha visto isso acontecer muitas vezes. Raparigas muito jovens transformavam-se em tontinhas aos risinhos na presença dele. Mulheres mais velhas faziam-lhe convites ostensivos com os olhos. Não era de admirar que ele fosse tão difícil de controlar. Não tinha dúvidas de que mulheres belas se atiravam para os seus braços desde que atingira a maioridade ou mesmo antes disso. E o rosto não era a única coisa fascinante que tinha. Porque é que não era baixo ou anafado, perguntou-se a si própria, qualquer coisa para atenuar o seu efeito devastador? Mas não, a moda atual das calças justas ao corpo e dos fraques assentavam-lhe como se o estilo tivesse sido criado

propositadamente para ele. Não existia qualquer necessidade de apertar o fraque ou de colocar chumaços nas ombreiras dos casacos de Nicholas Eden. O corpo dele era soberbo, musculado mas delgado, alto mas gracioso, o corpo de um atleta entusiasta.

Quem lhe dera que assim não fosse. Nesse caso, o coração de Selena não desataria a bater sempre que ele olhava para ela com aqueles olhos cor de xerez. Estava determinada a levá-lo ao altar, porque não só era o homem mais bonito que já tinha visto, como também era o 4.º visconde Eden de Montieth e, além disso, rico. Parecia ter sido feito primorosamente à medida e com uma consciência arrogante desse facto.

O que seria preciso para ele mudar de opinião? Selena tinha de fazer alguma coisa porque era dolorosamente óbvio que estava a perder interesse nela. O que podia ela fazer para reacender a chama? Andar a cavalo nua em Hyde Park? Participar num dos círculos Black Sabbath falados a meia-voz e dos quais se dizia que eram desculpas para orgias? Comportar-se de forma ainda mais escandalosa do que ele? Podia entrar à força nos clubes masculinos Whites ou Brooks. Isso iria realmente chocá-lo. As mulheres não estavam autorizadas, em circunstância absolutamente alguma, a entrar naqueles estabelecimentos exclusivamente masculinos. Ou talvez pudesse começar por ignorá-lo. Ou até... meu Deus, sim, deixá-lo por outro homem! Ele ficaria para morrer! Não seria capaz de suportar o golpe infligido na sua vaidade. Iria despertar a raiva e o ciúme dele e isso podia fazer com que a pedisse em casamento impulsivamente!

Selena estava cada vez mais entusiasmada com a ideia. Ia funcionar. Tinha de funcionar. Seja como for, não tinha outra alternativa senão tentar. Se não funcionasse, não perdia nada, porque já estava a perdê-lo, em todo o caso.

Voltou-se para o outro lado para o fitar e descobriu que ele estava estendido no sofá com os pés em cima de uma ponta, com botas e tudo, e as mãos atrás da cabeça na outra. Preparava-se para dormir com ela ali ao lado! Esplêndido! Nunca tinha sido tão insultada na vida. Nem sequer o marido, em dois anos, tinha adormecido na sua presença. Sim, tinha de pôr em prática medidas desesperadas, urgentemente.

– Nicholas? – pronunciou o seu nome suavemente e ele respondeu de imediato. Pelo menos, não tinha adormecido. – Nicholas, tenho pensado muito na nossa relação.

– Tens, Selena?

Ela retraiu-se ao aperceber-se do tédio evidente na voz dele.

– Sim – prosseguiu corajosamente. – E cheguei a uma conclusão. Devido à tua falta de... digamos *ardor*... creio que serei mais valorizada por outra pessoa.

– Não tenho qualquer dúvida disso.

Ela franziu o sobrolho. Ele estava a aceitar aquilo espantosamente bem.

– Bom, recebi várias ofertas ultimamente para... te substituir no meu afeto e decidi... – Fez uma pausa antes de se comprometer com uma mentira, fechou os olhos e disse bruscamente: – Decidi aceitar uma delas.

Esperou vários momentos antes de abrir os olhos. Nicholas não se movera um centímetro no sofá e passou-se um minuto completo antes de ele finalmente o fazer. Soergueu-se lentamente no sofá e fixou o olhar nela. Selenasusteve a respiração. A expressão dele era inescrutável.

Ele pegou no copo vazio que estava em cima da mesa e apontou-o na direção dela.

– Não te importas, minha querida?

– Não, é claro que não. – Ela levantou-se de um salto para executar o seu pedido, sem sequer pensar no facto de que ele estava a ser verdadeiramente autocrático ao esperar que ela o servisse.

– Quem é o felizardo?

Selena sobressaltou-se, deixando cair *brandy* na mesa. A voz de Nicholas estava um pouco mais dura – ou será que isso não passaria de uma esperança ilusória da sua parte?

– Ele gostaria que a nossa combinação fosse discreta, por isso creio que compreenderás se não divulgar o seu nome.

– É casado?

Ela levou-lhe o copo, que estava perigosamente cheio, graças ao seu nervosismo.

– Não. Na verdade, tenho todas as razões para acreditar que posso esperar bastante desta relação. Como já disse, ele quer simplesmente ser discreto... Por agora.

Não devia ter ido por aquele caminho, deu-se conta Selena rapidamente. Ela e Nicholas tinham sido igualmente discretos, nunca fazendo amor na casa dela por causa dos criados, embora ele a visitasse ali, e ao nunca usar a casa dele em Park Lane. Todavia, todos sabiam que ela era a amante dele. Bastava ser vista três vezes seguidas com Nicholas Eden para partirem desse princípio.

– Não me peças para o trair, Nicky – disse, com um sorriso pouco convincente. – Vais saber quem é muito em breve.

– Nesse caso, porque não me dás o nome dele já?

Saberia ele que ela estava a mentir? Sabia. Ela percebeu isso pela sua atitude. E quem diabo *podia* substituir Nicholas? Os homens que ela conhecia mantinham-se todos à distância desde que ele passara a acompanhá-la em público.

– Estás a ser desagradável, Nicholas – respondeu Selena, passando ao ataque. – Quem ele é, certamente não terá qualquer importância para ti, porque, embora me custe admiti-lo, não tens demonstrado muita paixão por mim ultimamente. O que mais posso pensar senão que já não me desejas?

Ali estava a deixa para ele negar tudo. O momento perdeu-se.

– O que provocou isto tudo? – A voz dele era dura. – Foi aquele maldito baile? Foi isso?

– É claro que não – respondeu ela, indignada.

– Não? – desafiou-a ele. – Queres forçar-me a oferecer-te a minha companhia para esse baile amanhã à noite ao contar-me essa historieta. Não vou cair nessa,

minha querida.

Aquele ego colossal ia ser a ruína dele, não tinha dúvidas disso. Mas que presunçoso! Ele simplesmente não conseguia acreditar que Selena pudesse preferir outra pessoa.

As sobrelhas escuras de Nicholas arquearam-se, surpreendidas, e Selena apercebeu-se com horror de que tinha exprimido os seus pensamentos em voz alta. Ficou em estado de choque, mas depois redobrou a sua determinação.

– Bom, mas é verdade – disse ela com ousadia e afastou-se, de volta à lareira.

Selena começou a andar de um lado para o outro à frente da lareira, com o calor que vinha de lá quase a igualar o calor da sua fúria. Ele não merecia ser amado.

– Lamento, Nicky – disse ela, após algum tempo, sem se atrever a encará-lo. – Não quero que o nosso caso termine mal. Foste realmente maravilhoso... na maior parte do tempo. Céus. – Suspirou. – Tu é que és o perito nestas coisas. É assim que isto se faz?

Nicholas quase soltou uma gargalhada.

– Nada mau para uma amadora, minha querida.

– Ótimo – disse ela num tom de voz mais animado e arriscou um olhar na sua direção. Ele tinha um sorriso irónico estampado no rosto. Maldição, ele ainda não estava a acreditar na história dela. – Então, duvide de mim, Lord Montieth, mas o tempo o dirá, não é assim? Por favor, não fique surpreendido quando me vir com o meu novo cavalheiro.

Voltou os olhos para a lareira de novo e da próxima vez que se virou para o fitar, ele tinha desaparecido.

CAPÍTULO 2

A mansão dos Malory em Grosvenor Square estava profusamente iluminada e a maior parte dos seus ocupantes encontrava-se nos respetivos quartos, a preparar-se para o baile do duque e da duquesa de Shepford. Os criados estavam mais atarefados do que o habitual, a correr de uma ponta da mansão para a outra.

Lord Marshall necessitava de mais goma no seu plastrão. Lady Clare queria qualquer coisa leve para comer. Tinha estado demasiado nervosa para comer o dia todo. Lady Diana precisava de uma bebida quente para se acalmar. Bem precisava, já que era a sua primeira temporada social e a sua estreia num baile. Já não comia nada há dois dias. Lord Travis queria ajuda para encontrar a sua nova camisa com folhos. Lady Amy precisava simplesmente de ser animada. Era a única da família demasiado nova para estar presente num baile, nem sequer um baile de máscaras onde não seria reconhecida. Era horrível ter quinze anos!

A única pessoa que se estava a preparar para o baile e não era um filho ou filha da casa era Lady Regina Ashton, sobrinha de Lord Edward Malory e prima direita da sua extensa prole. É claro que Lady Regina tinha a sua própria criada para lhe ir buscar o que precisasse, mas aparentemente não precisava de nada, porque ninguém punha os olhos em cima de qualquer uma das duas há mais de uma hora.

A casa estava a ferver de atividade há horas. Lord e Lady Malory haviam dado início aos preparativos para o baile muito mais cedo, uma vez que tinham sido convidados para o jantar formal que era oferecido a alguns convidados selecionados antes do baile. Tinham saído de casa há pouco mais de uma hora. Os dois irmãos Malory iam acompanhar as irmãs e prima, uma grande responsabilidade para ambos os jovens, um dos quais acabara de sair da universidade e o outro ainda a frequentava.

Marshall Malory não estava ansioso pela tarefa de acompanhar as mulheres da casa até àquele próprio dia quando, inesperadamente, uma senhora amiga pedira para se juntar ao grupo na carruagem da família Malory. Fora um golpe de sorte receber um pedido daquele género daquela senhora em particular.

Estava perdidamente apaixonado por ela desde que a conhecera, no ano anterior, quando viera a casa nas férias escolares. Ela não lhe dera qualquer tipo de encorajamento nessa altura. Mas agora ele tinha terminado a sua formação, tinha vinte e um anos, era um homem por direito próprio. Já podia ter a sua própria casa, se decidisse fazê-lo. Podia pedir uma determinada senhora em casamento. Era maravilhoso ter atingido a maioridade!

Lady Clare também estava a pensar na sua idade. Tinha vinte anos, por mais horrendo que fosse tal pensamento. Aquela era a sua terceira temporada social e ainda não arranjava um marido nem tão-pouco um noivado! Recebera algumas propostas, mas não da parte de alguém que ela considerasse seriamente. Era razoavelmente bonita, com uma tez clara, uma pele clara, tudo claro. O problema era esse. Era apenas... bonita. Não era, nem de perto nem de longe, tão

impressionante como a prima Regina e tendia a passar despercebida quando estava na companhia da rapariga mais nova. Pior, aquela era a segunda temporada que teria de partilhar com Regina.

Clare sentiu-se enfurecida. A prima já devia ter-se casado. Tivera dezenas de propostas de casamento. E o problema não era a falta de vontade da prima em casar-se. Ela parecia mais do que disposta, quase mais desesperada por assentar do que a própria Clare. Mas uma coisa ou outra haviam levado todas as propostas a um beco sem saída. Nem mesmo uma viagem pela Europa no último ano tinha resultado num casamento. Regina regressara a Londres na semana anterior ainda à procura de um marido.

Naquele ano, também ia competir com a própria irmã, Diana. Com dezoito anos completados tão recentemente, devia ter sido obrigada a esperar mais um ano antes de ser apresentada à sociedade. Mas os pais de ambas consideraram que Diana já tinha idade para se divertir um pouco. Estava expressamente proibida, contudo, de considerar seriamente qualquer jovem para seu futuro marido. Era demasiado jovem para se casar, mas podia divertir-se sem qualquer restrição.

A seguir, os pais iam deixar sair Amy, com quinze anos, da sala de aulas quando fizesse dezasseis, pensou Clare, cada vez mais irritada. Já estava a prevêê-lo! No ano seguinte, caso ainda não tivesse encontrado um marido, teria a competição de duas irmãs, Diana e Amy. Amy era tão impressionante como Regina, com aquela tez escura que apenas alguns Malory possuíam. Clare tinha de encontrar um marido naquela temporada, custasse o que custasse.

Mal imaginava Clare que esses eram precisamente os pensamentos que ocupavam a cabeça da sua bela prima. Regina Ashton olhava fixamente para o reflexo no espelho enquanto a criada, Meg, lhe enrolava o longo cabelo negro para esconder o seu comprimento e penteá-lo num estilo mais em voga. Regina não estava a ver os olhos ligeiramente oblíquos de um surpreendente azul-cobalto, os lábios cheios que sobressaíam ligeiramente e a pele quase demasiado branca que contrastava de forma tão intensa com o cabelo preto e longas pestanas, negras como carvão. Estava a ver homens diante dos olhos, filas de homens, legiões de homens, franceses, suíços, austríacos, italianos, ingleses, e a perguntar-se por que motivo ainda não se casara. Não era certamente por falta de tentativas.

Reggie, diminutivo pelo qual a tratavam sempre, tinha tido tantos homens à escolha que chegava a ser realmente embaraçoso. Estava certa de que podia ter sido feliz com pelo menos uma dezena deles, duas dezenas pelos quais se estivera prestes a apaixonar e muitos mais com os quais simplesmente não iria resultar, por uma razão ou outra. E com aqueles que Reggie achara que podia resultar, os tios acharam o contrário.

As desvantagens de ter quatro tios que a amavam do fundo do coração! Adorava os quatro da mesma forma, sem exceções. Jason, agora com quarenta e cinco anos, era o chefe de família desde que tinha apenas dezasseis, ficando responsável pelos três irmãos e uma irmã, a mãe de Reggie. Jason levava as suas responsabilidades a sério, por vezes demasiado a sério. Era um homem muito

sério.

Edward era precisamente o oposto: bem-humorado, alegre, descontraído, indulgente. Um ano mais novo do que Jason, Edward casara-se com a tia Charlotte aos vinte e dois anos, muito mais cedo do que Jason. Tinha cinco filhos, três raparigas e dois rapazes. O primo Travis, de dezanove anos, era da mesma idade que Reggie e era o filho do meio. Tinham sido companheiros de brincadeiras, em conjunto com o único filho do tio Jason.

A mãe de Reggie, Melissa, era bem mais nova do que os seus dois irmãos, quase sete anos mais jovem. Mas, dois anos após o seu nascimento, nasceu James.

James era o irmão mais temerário, o que mandara tudo e todos para o diabo e seguira o seu próprio caminho. Tinha agora trinta e cinco anos e o nome dele já não devia ser mencionado na família. No que dizia respeito a Jason e Edward, James não existia. Mas Reggie continuava a amá-lo, apesar das suas terríveis transgressões. Sentia muito a falta dele e só o podia ver em segredo. Nos últimos nove anos, só o vira seis vezes e a última fora já há mais de dois anos.

Anthony, verdade seja dita, era o tio preferido dela. Também era o único além de Reggie, Amy e da mãe de Reggie, que tinha o cabelo negro e os olhos azul-cobalto da bisavó de Reggie, de quem se dizia em segredo que fora uma cigana. Ninguém na família confirmava esse facto escandaloso, é claro. Talvez fosse o seu preferido porque tinha um carácter despreocupado, como a própria Reggie.

Anthony, de trinta e quatro anos e o benjamim da família, era mais um irmão do que um tio para ela. Era igualmente o libertino mais célebre da sociedade londrina desde que o irmão James saíra de Londres, o que não deixava de ter uma certa graça. Mas enquanto James conseguia ser implacável, tendo muito de Jason em si, Anthony fora abençoado com algumas das qualidades de Edward. Era um homem jovial e encantador, descaradamente charmoso. A opinião da sociedade em geral era-lhe indiferente, mas à sua maneira não se poupava a esforços para agradar às pessoas que considerava importantes.

Reggie sorriu. Apesar de todas as suas amantes e amigos pouco convencionais, de todos os escândalos que floresciam à sua volta, dos duelos que travara, das apostas loucas que fazia, por vezes Anthony era o maior dos hipócritas bem-intencionados no que dizia respeito a Reggie. Se um dos seus amigos tratantes a olhasse de soslaio sequer, recebia imediatamente um convite para o ringue de boxe. Até os homens mais lascivos aprenderam a esconder os pensamentos quando ela estava de visita à casa do tio e a contentar-se com gracejos inofensivos. Se o tio Jason soubesse que ela tinha estado na mesma divisão que alguns dos homens que conhecera, iam rolar cabeças, em particular a de Tony. Mas Jason nunca soube de nada, e embora Edward suspeitasse disso, não era tão rígido como Jason.

Todos os tios a tratavam como uma filha em vez de uma sobrinha porque os quatro a tinham criado desde que Reggie ficara órfã com apenas dois anos. Tinham-na literalmente partilhado desde que completara seis anos. Edward vivia em Londres nessa altura, assim como James e Anthony. Os três tiveram uma grande discussão com Jason porque ele insistia em mantê-la no campo. Por fim,

cedeu e permitiu que ela vivesse seis meses por ano com Edward, onde podia ver os dois tios mais novos com mais frequência.

Quando a sobrinha fez onze anos, Anthony achou que tinha idade suficiente para exigir o mesmo tempo com ela do que os irmãos. Foi autorizado a ficar com os meses de verão, que eram reservados estritamente para o lazer. Ficou feliz por fazer o sacrifício de transformar, todos os anos, a sua casa de homem descomprometido num lar, o que foi uma tarefa fácil, porque a acompanhar Reggie vinham a sua criada, a ama e a precetora. Anthony e Reggie jantavam duas vezes por semana com Edward e a família. Ainda assim, toda aquela vida familiar nunca deu a Anthony o desejo de se casar. Continuava solteiro. E desde a apresentação de Reggie à sociedade, já não era considerado conveniente passar parte do ano com ele, por isso viam-se apenas de tempos a tempos.

Bom, pensou ela, em breve estaria casada. Não era algo que desejasse particularmente. Preferia de longe gozar a vida durante mais alguns anos. Mas era isso que os tios queriam. Partiam do princípio que a vontade dela era encontrar um marido adequado e constituir família. Não era isso que todas as jovens queriam? Tinham-se encontrado de propósito para discutir esse assunto e por mais que ela declarasse que não estava pronta para deixar o seio da família, as boas intenções deles levaram a melhor sobre os seus protestos, até Reggie acabar por desistir de lhes dar a conhecer a sua vontade.

A partir desse momento, esforçara-se para lhes agradar porque os amava. Apresentava-lhes pretendente atrás de pretendente, mas um ou outro tio encontrava sempre defeitos em cada um deles. Continuou a sua busca ao longo da Europa, mas nessa altura já estava tristemente cansada de olhar para todos os homens que conhecia com um olhar crítico. Não conseguia fazer amigos. Não conseguia divertir-se. Cada um dos homens que conhecia tinha de ser cuidadosamente dissecado e analisado, sujeito à mesma pergunta: teria potencial para marido? Seria aquele que todos os tios iriam, por magia, aprovar?

Começava a acreditar que esse homem não existia e precisava desesperadamente de uma pausa daquela busca obsessiva. Queria falar com o tio Tony, o único que a iria compreender, que ia interceder por ela junto de Jason. Mas Tony estava de visita a um amigo no campo quando ela voltara a Londres e só regressara na noite passada.

Reggie já se dirigira à casa dele duas vezes naquele dia, contudo ele estava ausente em ambas as ocasiões e foi obrigada a deixar-lhe um bilhete. Decerto que por aquela altura já lhe teria sido entregue. Por que motivo não viera ao seu encontro?

Enquanto concluía este pensamento, ouviu uma carruagem parar à frente de casa. Riu-se, soltando um som alegre e musical.

– Finalmente!

– O que foi? – quis saber Meg. – Ainda não acabei. Fique a saber que não é fácil esconder este seu cabelo. Continuo a dizer que o devia cortar. Poupava-nos tempo a ambas.

– Deixa lá isso, Meg. – Reggie levantou-se de um salto, fazendo com que alguns ganchos caíssem ao chão. – O tio Tony está cá.

– Mas onde pensa que vai assim? – A voz de Meg estava indignada.

Reggie ignorou-a e saiu do quarto a correr, ouvindo ainda Meg dizer em voz alta «Regina Ashton!», mas não prestou atenção. Correu até às escadas que desciam para o átrio principal do piso inferior e depois deu-se conta do seu vestuário escasso, o que a fez estacar. Recuou rapidamente até à esquina, determinada a não sair dali enquanto não ouvisse a voz do tio. Mas não foi isso que ouviu. Em vez disso, ouviu a voz de uma mulher e com uma espreitadela hesitante, ficou extremamente desapontada ao ver o mordomo a receber uma senhora, não o tio Tony. Reconheceu a senhora, Lady Qualquer Coisa, que conhecera em Hyde Park há alguns dias. Que maçada! Onde diabo estava Tony?

Nesse momento, Meg agarrou-lhe o braço e arrastou-a de volta pelo corredor. Meg tomava certas liberdades, mas isso não era para admirar, visto que estava com Reggie há tanto tempo como a ama dela, Tess, o que era há uma eternidade.

– Gostava de saber se alguma vez a vi fazer alguma coisa tão escandalosa como estar ali parada em roupa interior! – repreendeu-a Meg enquanto empurrava Reggie de volta para o banco diante do pequeno espelho. – Não foi dessa forma que a ensinámos a comportar-se.

– Pensei que era o tio Tony.

– Isso não é desculpa.

– Eu sei, mas tenho de o ver esta noite. Tu sabes porquê, Meg. Ele é o único que me pode ajudar: vai escrever ao tio Jason e depois posso finalmente relaxar.

– E o que acha que ele pode dizer ao marquês que lhe servirá de alguma coisa? Reggie fez um sorriso rasgado.

– Vou sugerir que sejam eles a encontrar um marido para mim.

Meg abanou a cabeça e suspirou.

– Não vai gostar do homem que eles irão escolher para si, minha menina.

– Talvez. Mas eu simplesmente já não me importo – insistiu ela. – Seria bom escolher o meu próprio marido, mas aprendi depressa que a minha escolha não tem importância, se eles a considerarem uma má escolha. Tenho estado em exibição há um ano, a ir a tantas festas, receções e bailes que já os começo a odiar. Nunca pensei dizer isto. Porque, eu mal podia esperar para dançar no meu primeiro baile.

– Isso é compreensível, minha querida – disse Meg, numa voz tranquilizadora.

– Desde que o tio Tony compreenda e esteja disposto a ajudar, é só isso que lhe peço. Só quero voltar para o campo e viver de forma mais tranquila de novo, com ou sem marido. Se conseguisse encontrar o homem certo este serão, casaria com ele amanhã, *tudo* para deixar esta roda-viva social. Mas eu sei que isso não vai acontecer, por isso a melhor solução é deixar que os meus tios o encontrem por mim. Conhecendo-os como eu os conheço, isso vai levar anos. Nunca conseguem estar de acordo em seja o que for, como sabes. E, entretanto, irei para casa, para Haverston.

– Não estou a ver o que o seu tio Tony pode fazer que não consiga fazer

sozinha. Não tem medo do marquês. Consegue dar a volta àquele homem sempre que quer. Não fez já isso no passado muitas vezes? Diga-lhe o quanto se sente infeliz e ele...

– Não posso fazer isso! – exclamou Reggie numa voz entrecortada. – Nunca posso deixar o tio Jason pensar que me tornou infeliz. Nunca se iria perdoar a si próprio!

– Tem um coração demasiado bom para o seu próprio bem, minha menina – resmungou Meg. – Então, vai continuar infeliz?

– Não. É por isso que quero que o tio Tony escreva ao tio Jason primeiro. Se eu fizesse isso e ele mesmo assim insistisse para eu ficar aqui, em que situação é que isso me deixava? Mas se a carta de Tony não for tida em conta, nessa altura saberei que esse plano não vai funcionar e terei oportunidade de pensar noutra coisa.

– Bom, tenho a certeza de que verá Lord Anthony no baile desta noite.

– Não. Ele odeia bailes. Não põe os pés em nenhum, nem sequer por mim. Que maçada! Creio que isto terá simplesmente de esperar até amanhã. – Nesse momento, Meg franziu o sobrolho e desviou o olhar. – O que se passa? O que é que tu sabes que eu não sei? – exigiu saber Reggie.

Meg encolheu os ombros.

– É... é provável que Lord Anthony parta de manhã e não volte durante três ou quatro dias. Mas também pode esperar esse tempo.

– Quem disse que ele estava de partida?

– Ouvi Lord Edward dizer à mulher que o marquês o mandou chamar. Vai ser chamado a prestar contas de novo por causa de um sarilho qualquer em que se envolveu.

– Não! – E a seguir, Reggie acrescentou desoladamente: – Não achas que ele já partiu, pois não?

– Não, tenho a certeza que não. – Meg fez um sorriso irónico. – Aquele mariola não deve estar ansioso por enfrentar o irmão mais velho. Vai adiar a partida o máximo que conseguir.

– Nesse caso, *tenho* de o ver esta noite. Isso é perfeito. Ele pode convencer melhor o tio Jason pessoalmente do que por carta.

– Mas não pode ir a casa de Lord Anthony agora – protestou Meg. – São quase horas de sair para o baile.

– Então, enfia-me depressa o meu vestido. O Tony mora apenas a alguns quarteirões de distância. Posso levar a carruagem e regressar antes de os meus primos estarem prontos para sair.

Na verdade, os outros já se encontravam prontos para sair nesse momento e estavam à espera dela quando Reggie desceu a correr as escadas, alguns minutos depois. Aquilo era um contratempo, mas não se deixou intimidar. Chamou o primo mais velho à parte quando entrou na sala de estar, brindando os outros com um sorriso fugaz à laia de saudação.

– Marshall, odeio pedir-te isto, mas preciso mesmo que me emprestes a carruagem durante alguns minutos antes de sairmos todos.

– O quê?

Ela falara a sussurrar, mas a exclamação dele em voz alta atraiu os olhares de todos na direção de ambos. Ela suspirou.

– Sinceramente, Marshall, não precisas de te comportar como se tivesse acabado de te pedir a Lua.

Marshall, imediatamente consciente de que estavam a ser observados e mortificado pela sua perda momentânea de controlo, recuperou a compostura e disse no tom mais ponderado que conseguiu articular:

– Estamos à tua espera há dez minutos e agora estás a sugerir fazer-nos esperar ainda mais?

Mais três exclamações indignadas atravessaram a divisão como um raio na sua direção, mas Reggie não perdeu tempo a olhar para os seus outros primos.

– Não te pediria isto se não fosse importante, Marshall. Não vou demorar mais do que meia hora... bom, certamente não mais do que uma hora. Tenho de falar com o tio Anthony.

– Não, não e não! – Esta exclamação intempestiva veio de Diana, que muito raramente erguia a voz. – Como podes ser tão egoísta, Reggie? Isso nem parece teu. Vais fazer-nos chegar atrasados! Devíamos estar a sair agora.

– Que absurdo – respondeu Reggie. – Não querem ser os primeiros a chegar, pois não?

– Também não queremos ser os últimos – interveio Clare, de modo impertinente. – O baile vai começar daqui a meia hora; é o tempo que demoramos a lá chegar. O que é assim tão importante para teres de ir ver o tio Anthony agora?

– É pessoal. E não pode esperar. Ele parte para Haverston de manhãzinha. Não poderei falar com ele, a não ser que vá a casa dele agora.

– Mas ele vai acabar por regressar – disse Clare. – Porque é que isso não pode esperar até lá?

– Porque não pode. – Ao ver os primos contra si e Lady Qualquer Coisa com um ar igualmente agitado, Reggie cedeu. – Muito bem. Eu não me importo de ir num cabriolé de aluguer ou numa liteira, Marshall, se não te importares de pedir a um dos criados para tratar disso por mim. Junto-me a vocês no baile assim que terminar.

– Isso está fora de questão.

Marshall estava aborrecido. Era mesmo típico da prima tentar envolvê-lo nalguma coisa disparatada para que ele, sendo o mais velho, fosse quem arcasse com a culpa mais tarde. Bom, isso não ia acontecer daquela vez. Estava mais velho e mais sensato, e ela já não podia dar-lhe a volta como fazia antes.

Marshall disse firmemente:

– Um transporte alugado? De noite? Não é seguro e tu sabes disso, Reggie.

– O Travis pode vir comigo.

– Mas o Travis não quer – disse de imediato o possível acompanhante visado. – E não te dês ao trabalho de virar esses olhos azul-bebé para mim, Reggie. Também não tenciono chegar atrasado ao baile.

– Por favor, Travis.

– Não.

Reggie fitou todos aqueles rostos pouco compreensivos. Não ia ceder.

– Nesse caso, não vou ao baile. Aliás, na verdade, eu nunca quis ir.

– Não, não. – Marshall abanou severamente a cabeça. – Conheço-te muito bem, minha querida prima. No momento em que partirmos, vais sair de casa às escondidas e irias a pé até à casa do tio Anthony, se fosse preciso. O pai matava-me.

– Ainda tenho algum bom senso, Marshall – assegurou-lhe ela, num tom mordaz. – Vou enviar outro bilhete ao Tony e esperar que ele venha até cá.

– E se ele não vier? – frisou Marshall. – Ele tem mais coisas a fazer do que deixar tudo para vir até cá, só porque lhe pediste. Pode nem sequer estar em casa. Não. Tu vens connosco e acabou.

– Não vou.

– Vens, sim!

– Ela pode usar a minha carruagem. – Todos os olhos se voltaram para a convidada. – O meu condutor e o respetivo acompanhante estão comigo há anos e podemos confiar neles para a levarem a salvo onde deseja ir e depois ao baile.

O sorriso de Reggie era radiante.

– Que maravilha! Salvou-me a vida, Lady...?

– Eddington – completou a senhora. – Conhecemo-nos no início desta semana.

– Sim, no parque. Lembro-me disso, o problema é que sou terrível com nomes, sobretudo depois de conhecer tantas pessoas neste último ano. Fico-lhe muito agradecida.

– Não se incomode com isso. Fico feliz por poder ajudá-la.

E Selena *estava* feliz. Faria qualquer coisa para os pôr a caminho, por amor de Deus. Já era mau ter de se contentar com Marshall Malory como acompanhante para aquele que seria o baile da temporada. Mas ele fora o único da dezena de homens a quem enviara bilhetes naquela manhã que não a tinha evitado de uma forma ou de outra. Malory, mais novo do que ela, fora apenas um último recurso. E ali estava ela no meio de uma contenda familiar, tudo aquilo por culpa daquela fedelha.

– Muito bem, Marshall – dizia Reggie. – Decerto que agora já não podes colocar quaisquer objeções.

– Penso que não – disse ele de má vontade. – Mas lembra-te que disseste meia hora, prima. É melhor estares em casa dos Shepford antes de o pai se dar conta da tua ausência. Caso contrário, vai ser o cabo dos trabalhos para explicarmos isso, como deves imaginar.

— Mas eu estou a falar a sério, Tony! — exclamou Reggie olhando-o atentamente na sala de estar de sua casa. — Como é que podes duvidar de mim? Isto é uma emergência, Tony. — Ele era o único dos seus tios que insistia para que ela o tratasse pelo nome próprio.

Reggie teve de esperar vinte minutos para que ele despertasse do seu sono pois passara o dia inteiro no clube a beber e a jogar e a seguir voltara para casa e caíra na cama. Mais dez minutos tinham sido gastos apenas a tentar fazê-lo acreditar que ela estava a falar muito a sério. Os seus trinta minutos já se haviam esgotado e ela mal começara. O Marshall ia matá-la.

— Ora, garota. Nem sequer uma semana te dava no campo para começares a sentir falta da diversão da tua velha amiga cidade de Londres. Se precisas de descansar, diz ao Eddie que estás doente ou qualquer coisa parecida. Alguns dias no teu antigo quarto e vais agradecer-me por não te ter levado a sério a respeito disto.

— Neste último ano não conheci mais nada a não ser essa vida plena de diversão de que falas — continuou Reggie com determinação. — Viajei de festa em festa na minha viagem pela Europa, não de país em país. E não é que eu esteja cansada do entretenimento constante, Tony. Podia suportar isso com a maior das facilidades. Não estou sequer a sugerir que eu passe toda a temporada social em Haverston, mas apenas algumas semanas, de forma a poder recuperar. É esta procura de marido que vai ser a minha morte. Sinceramente, é isso que vai ser.

— Ninguém disse que tinhas de casar-te com o primeiro homem que conhecesses, garota — disse Anthony, com sensatez.

— Com o primeiro homem? Já conheci centenas, Tony. Se queres saber, até já me chamam «frígida».

— Mas quem é que faz isso?

— O nome é perfeitamente apropriado. Tenho sido fria e cortante. Tive de o ser, porque recuso dar esperança a um homem onde ela não existe.

— De que diabo estás a falar? — exigiu saber Anthony bruscamente.

— Contratei Sir John Dodsley muito antes de a última temporada ter terminado.

— Aquele velho depravado? Contrataste-o para quê?

— Para ser o meu... bom... consultor, digamos assim — confessou ela. — Aquele velho depravado, como lhe chamas, conhece toda a gente. Também sabe tudo o que há para saber sobre toda a gente. Depois de o meu sexto pretendente sério não ter sido considerado aceitável por ti e pelos teus irmãos, achei que era inútil ficar desapontada ou desapontar mais algum rapaz, ao ter de passar por tudo aquilo de novo. Paguei ao Dodsley para estar presente nas mesmas festas que eu. Ele tinha uma lista daquilo que tu e os teus irmãos podiam desaprovar num homem e abanava-me a cabeça em relação a quase todos os rapazes que eu conhecia. Poupou-me tempo e desilusões, mas também foi isso que me valeu a minha

algunha peculiar. É impossível, Tony. Posso agradar ao Jason, mas não a ti... a ti, mas não ao Edward. Graças a Deus que o tio James também não está cá para exprimir a sua opinião. Não existe nenhum homem capaz de agradar a todos vocês.

– Isso é um absurdo – protestou ele. – Sem pensar muito, consigo lembrar-me de dez homens que seriam perfeitamente adequados.

– Seriam, Tony? – perguntou ela suavemente. – Queres realmente que eu me case com qualquer um deles?

Ele fez uma expressão pesarosa e, de repente, esboçou um sorriso irónico.

– Na verdade, não.

– Então, agora já percebes a situação difícil em que me encontro?

– Mas não te queres casar, garota?

– Claro que quero. E tenho a certeza de que o homem que tu e os teus irmãos encontrarem para mim me fará muito feliz.

– O quê? – Ele fitou-a com desagrado. – Nem pensar. Não vais depositar essa responsabilidade nos *meus* ombros, Reggie.

– Muito bem – concordou ela. – Vamos deixar isso para o tio Jason.

– Não sejas tonta. Ele casar-te-ia com um tirano igualzinho a ele.

– Vamos, Tony, tu sabes que isso não é verdade. – Fez-lhe um sorriso rasgado.

– Bom, não estou muito longe da verdade – resmungou ele.

– Mas, Tony, pelo menos *eu* não teria de continuar a avaliar todos os homens que conheço. Quero poder divertir-me outra vez, ser capaz de falar com um homem sem o analisar, dançar sem me perguntar se o meu parceiro será um potencial marido. Chegou ao ponto de, para cada homem que olho, me perguntar: «Será que me vou casar com ele? Sou capaz de o amar? Será tão bom e atencioso para mim como...? – Ela deteve-se, corando.

– Como? – incentivou-a continuar.

– Mais vale ficares a saber – disse ela com um suspiro. – Comparo todos os homens que conheço contigo e com os meus outros tios. Não consigo evitar. Quase me atrevo a dizer que gostava que não me amassem tanto. Estragaram-me completamente. Quero que o meu marido seja uma combinação de todos vocês.

– Mas o *que* é que nós te fizemos?

Ele estava prestes a desatar a rir e ela perdeu a cabeça.

– Achas piada a isto? Não te vejo a *ti* a enfrentar este problema. E se não tiver uma pausa nisto, juro que vou tentar entrar em contacto com o tio James para ele me levar para longe disto tudo.

Subitamente, Tony assumiu uma expressão séria. Embora fosse o irmão mais próximo de James, ficara furioso com ele e recusara-se a perdoar o que o irmão tinha feito.

– Não digas isso, Reggie – advertiu-a. – Não estás a pensar bem. Chamar o James para o meio disto só iria piorar as coisas, não melhorar.

Ela insistiu, de forma implacável:

– Vais dizer ao tio Jason que eu quero voltar para casa durante algum tempo?

Que estou farta de procurar marido e vou esperar até os três conseguirem chegar a um acordo a respeito de com quem eu me devo casar?

– Maldição, Reggie! O Jason vai gostar tanto disto como eu. Devias fazer a tua própria escolha e encontrar alguém que tu ames.

– Eu tentei. – Seguiu-se um silêncio desconfortável.

Anthony fez uma expressão carrancuda:

– Lord Medhurst era um imbecil pomposo!

– E eu lá sabia disso? Pensava que ele era o homem certo. Bom, não me serviu de muito apaixonar-me.

– Podias ter ficado com o Newel, se o Eddie não se tivesse convencido de que ele daria um pai terrível. – Tony manteve um semblante carregado.

– Sim, bom, o tio Edward estava absolutamente certo. Mais uma vez, não me serviu de muito apaixonar-me.

– Sabes exatamente o que fazer para deprimir um homem, garota. Só queríamos o melhor para ti, como sabes.

– Eu sei e adoro-vos por isso. Por esse motivo, sei que vou adorar quem vocês os três decidirem que dará um marido perfeito.

– Vais? – Ele sorriu. – Não tenho tanta certeza. Se o Jason concordar com isto, por exemplo, vai fazer tudo o que esteja ao seu alcance para encontrar um homem que não seja nada parecido comigo.

Ele estava a brincar. O primeiro a desaprovar uma pessoa como ele para a sobrinha seria o próprio Tony. Ela riu-se.

– Podes sempre converter o meu marido, Tony. Depois de eu estar casada e poder usufruir da segurança que isso representa.

Percival Alden soltou um brado de triunfo ao mesmo tempo que puxava pelas rédeas do cavalo na extremidade de Green Park, do lado de Piccadilly.

– Deves-me vinte libras, Nicky! – gritou por cima do ombro, ao mesmo tempo que o visconde surgia a grande velocidade atrás dele, montado num baio. Nicholas Eden fulminou Percy com o olhar.

Começaram a dar meia-volta num círculo com os cavalos a passo. Os dois amigos tinham saído há pouco do clube masculino Boodles, pondo fim a um excelente jogo de cartas, quando Percy mencionara o seu novo garanhão negro. Nicholas estava suficientemente bêbedo para aceitar o desafio e mandaram vir os respetivos cavalos.

– Podíamos ter partido o pescoço, sabes – afirmou Nicholas de forma bastante sensata, embora estivesse a ver tudo quase a dobrar. – Lembra-me para não voltar a fazer isto, por favor.

Percy achou as palavras dele terrivelmente engraçadas e começou a rir tanto que quase perdeu o equilíbrio.

– Como se alguém te conseguisse impedir de fazer o que te apetece, especialmente quando estás embriagado. Mas esquece isso, velho amigo. Provavelmente não te vais lembrar desta corrida arriscada quando chegar a manhã, e se te lembrares, não vais acreditar na tua memória. Onde diabo estava aquela lua quando precisávamos dela?

Nicholas ergueu o olhar para a esfera prateada que acabara de sair por trás de um amontoado de nuvens. Tinha a cabeça a andar à roda. Maldição! A corrida devia ter feito passar nem que fosse um pouco a embriaguez.

Fixou o olhar turvo no amigo.

– Quanto queres por esse animal, Percy?

– Não faço quaisquer tenções de o vender. Vou ganhar mais corridas com ele.

– Quanto queres? – repetiu Nicholas, obstinado.

– Paguei duzentas e cinquenta libras por ele, mas...

– Trezentas libras.

– Ele não está à venda.

– Quatrocentas libras.

– Vá lá, Nicky – protestou Percy.

– Quinhentas libras.

– Podes contar que ele seja entregue em tua casa amanhã de manhã.

Nicholas esboçou um sorriso de satisfação.

– Devia ter esperado até chegares às mil libras. – Percy sorriu-lhe de volta. – Mas, por outro lado, sei onde posso comprar o irmão dele por duzentas e cinquenta libras. E não quis aproveitar-me de ti.

Nicholas riu-se.

– Estás a desperdiçar o teu talento, Percy. Devias arranjar um trabalho no

mercado Smithfield a vender cavalos.

– E dar à minha querida mãe mais uma razão para amaldiçoar o dia em que deu à luz um filho? Não, obrigado. Vou continuar a fazer o que faço, a tirar partido de regateadores difíceis como tu para obter um pequeno lucro. É mais divertido. E por falar em coisas divertidas, não devias dar um ar da tua graça na casa dos Shepford esta noite?

– Com mil diabos – resmungou Nicholas, sentindo o bom humor a desaparecer.

– Porque é que tinhas de me lembrar isso?

– Foi a minha boa ação do dia.

– Não punha os pés nesse lugar se o meu passarinho não precisasse que eu lhe cortasse as asas – confidenciou-lhe Nicholas.

– Ela fez alguma coisa para te irritar?

– Acreditas que ela acha que me consegue fazer ciúmes? – perguntou Nicholas, indignado.

– Tu? Com ciúmes? – Percy soltou uma gargalhada retumbante. – Gostava de ver o dia em que isso acontecesse, palavra de honra.

– Estás à vontade para vir comigo e assistir à minha atuação. Faço tenções de fazer uma representação de bastante qualidade para Lady E. até me dar por satisfeito – disse Nicholas, com uma expressão sombria.

– Não vais desafiar o pobre sujeito para um duelo, pois não?

– Credo, por causa de uma mulher? Evidentemente que não. Mas ela vai pensar que sim, enquanto eu, na verdade, estarei a dar-lhe a minha bênção. No final, só lhe vai restar culpar-se a si própria por esta ideia disparatada, porque nunca mais me vai pôr os olhos em cima.

– Essa é uma maneira nova de lidar com uma situação destas – refletiu Percy. – Tenho de me lembrar de fazer o mesmo. Ouve, porque é que não me dás a mim a tua bênção? A Lady E. é uma mulher muito atraente. Esta agora! – Percy olhou em frente para um ponto qualquer na rua. – Por falar nela... Aquela não é a carruagem dela?

Nicholas seguiu a direção do gesto dele com a cabeça e viu o cabriolé de cores vivas que ele tão bem conhecia, escandalosamente pintado de cor-de-rosa e verde.

– Impossível – murmurou ele entre dentes. – Ela preferia morrer do que chegar atrasada àquele baile e ele já começou há muito.

– Não conheço mais ninguém que tenha uma carruagem tão janota – comentou Percy. – Tenho andado a pensar em pintar a minha com aquelas cores.

Nicholas lançou-lhe um olhar horrorizado antes de se voltar de novo para a rua, com mais atenção.

– Quem é que nós conhecemos que viva nesta rua? – perguntou ao amigo.

– Ninguém que eu conheça – começou Percy. – Um momento! Acho que sei de quem é a casa onde a carruagem está parada. Pertence ao irmão mais novo dos Malory... Como é que ele se chama? Tu sabes. Não é aquele desvairado que não está cá há anos, mas o outro, aquele que tem uma pontaria tão boa que ninguém se atreve... Já sei! Anthony, Lord Anthony. Céus! Achas que ela tenciona fazer-te

ciúmes com *ele*? Nem tu te atreverias a provocá-lo, Nick.

Nicholas não respondeu. Lentamente, muito lentamente, saiu do parque e atravessou a rua. Se aquela era Selena, colocara-se exatamente onde sabia que ele a veria porque passava por ali todas as noites vindo do clube para regressar a casa. Por acaso, tinham saído do parque naquela noite perto do final de Piccadilly e se Percy não tivesse avistado a carruagem, ele provavelmente também não o teria feito. Mas agora a sua curiosidade fora espiciçada. Será que Selena estava sentada dentro da carruagem sozinha, à espera de que ele passasse, sem se aperceber de que ele já se lhe adiantara? Será que se vira incapaz de arranjar um acompanhante para o maldito baile e estava mais uma vez determinada a arrastá-lo até lá com ela? Era impossível ela conhecer Anthony Malory. Ele e os seus compinchas moviam-se em círculos completamente diferentes, eram todos uns libertinos que desafiavam as regras da sociedade. Nicholas podia ter uma reputação denegrida, mas nem mesmo ele podia ser comparado àquele grupo de dissolutos.

E se ela tivesse conhecido Anthony Malory? Mas Selena não se alongaria ali naquela noite em especial. O baile dos Shepford era simplesmente demasiado importante. Não falara noutra coisa no último mês.

Ainda assim, e se ela tivesse vindo até ali para ter um encontro amoroso com Anthony Malory? Nicholas deteve-se junto do passeio, a três casas de distância. Percy aproximou-se, com uma expressão alarmada.

– Não te estava a desafiar ali atrás – afirmou Percy com sinceridade. – Não estás a pensar em fazer nada disparatado, pois não?

– Estava a pensar numa coisa, Percy. – Nicholas exibia um sorriso rasgado. – Se Lady E. estiver ali dentro, deve estar prestes a sair.

– Como é que sabes isso?

– Por causa do baile. Ela pode estar atrasada, mas não tenciona faltar. No entanto, talvez acabe por *faltar* ao baile. Sim, fazia-lhe muito bem se faltasse. Uma mulher não devia envolver-se tanto nalguma coisa ao ponto de ignorar o homem que está na sua vida. Essa lição devia ficar clara para ela, não achas? Sim, bastante clara. Bastante clara. Para que ela não cometa o mesmo erro de novo.

– Montith! Que diabo estás a planear? – exigiu saber Percy, alarmado.

Nicholas não respondeu porque a sua atenção foi atraída pela porta que se abriu para a rua. O sorriso dele alargou-se quando Selena Eddington deu uns passos em frente. Segurava uma pequena máscara dominó preta por cima dos olhos e, por esse motivo, tinha as mãos erguidas à frente do rosto, mas ele reconhecia aquele cabelo negro em qualquer lado. Estava a usar uma capa curta debruada a pele, atada no pescoço. A capa fora atirada por cima dos ombros, revelando um vestido cor-de-rosa encantador. Nicholas ficou surpreendido. Cor-de-rosa? Não era uma das suas cores preferidas. Ela chamava-lhe, com desdém, a cor da inocência, uma qualidade que perdera há muito sem quaisquer arrependimentos. Partiu do princípio que ela decidira impressionar a duquesa de Shepford com a sua juventude.

Ela voltou-se para o homem que estava atrás de si e Nicholas reconheceu

Anthony Malory. Conhecia bem aquele homem moreno bem-parecido, via-o com frequência nos clubes, embora nunca tivessem trocado palavras. Selena achá-lo-ia muito atraente, tinha de admitir. Bom, desejava-lhe muita sorte. Malory era um solteiro ainda mais inveterado do que ele. Nunca levaria aquele homem ao altar. Saberá ela isso?

Observou-os, divertido, enquanto ela abraçava Malory e depois lhe dava um beijo apressado. Era óbvio que não a iria levar ao baile, porque trazia vestido apenas um robe de seda.

– Que conclusão tiras daqui? – disse Percy, pouco à vontade, aproximando um pouco mais o cavalo. – É a Lady E., não é?

– Sim, e a carruagem está virada para este lado, Percy, por isso eu vou pelo outro. Faz-me um favor e dificulta-lhe a manobra de dar a volta o máximo de tempo que conseguires.

– Que diabo vais fazer?

– Ora, vou levar Lady E. para casa comigo, claro! – Nicholas soltou uma risada. – Vou dar a volta ao quarteirão e cortar por Mayfair de modo a ir para Park Lane com ela. Encontra-te comigo lá.

– Diabos te levem, Nick! – exclamou Percy. – O Malory está ali ao lado!

– Sim, mas ele não me vai perseguir pela rua a pé, pois não? E não vai ter uma arma à mão, se acabou de sair da cama. Ele até pode vir a gostar deste pequeno entretenimento.

– Não faças isso, Nicky.

Mas Nicholas não estava suficientemente sóbrio para pensar duas vezes. Instigou a sua montada a descer a rua na direção da carruagem, ganhando um pouco mais de velocidade no momento em que a alcançou. Quando se desviou da rua para o passeio, apanhou toda a gente de surpresa, galopando entre a casa e a carruagem. Abrandando por um instante, agarrou em Selena e puxou-a para cima do cavalo.

Foi uma manobra executada de modo exímio, felicitou-se a si próprio. Não teria feito melhor se estivesse sóbrio. Irromperam gritos atrás de si, mas não abrandou. A mulher em cima do cavalo começou a gritar, mas ele enfiou-lhe rapidamente o seu lenço de mão de seda branca na boca para a silenciar e depois usou o plastrão para lhe prender os pulsos.

Ela estava a contorcer-se tanto que corria o perigo de cair, por isso endireitou-a até a manter sentada à sua frente e depois passou a capa dela por cima da cabeça, enrolando-a com firmeza. Tal e qual como um saco de batatas, pensou ele com satisfação. Soltou uma pequena risada enquanto dobravam uma esquina e se encaminhavam de volta para Park Lane.

– Parece que ninguém me está a seguir, minha querida. Talvez o teu condutor, o Tovey, me tenha reconhecido e saiba que estás em mãos familiares. – Riu-se de novo, ao ouvir os sons abafados que ela fazia dentro da capa. – Sim, eu sei que estás zangada comigo, Selena, mas consola-te ao saber que podes dar largas a um ataque completo de mau génio quando eu te libertar... de manhã.

Ela começou a debater-se de novo, mas passados alguns momentos Nicholas estava a parar diante da sua casa em Park Lane. Percival Alden esperava junto à grande extensão escura de Hyde Park e foi a única pessoa a ver Nicholas atirar o vulto para cima do ombro e levá-lo para dentro de casa. O mordomo tentou não parecer demasiado alarmado.

Percy seguiu-o para o interior da casa e disse:

– Eles nem sequer tentaram seguir-te.

– Isso significa que o condutor efetivamente me reconheceu. – Nicholas deu uma gargalhada abafada. – É provável que, por esta altura, já tenha explicado ao Malory que a senhora e eu somos amigos.

– Ainda não consigo acreditar que fizeste isto, Nick. Ela nunca te irá perdoar.

– Eu sei. Agora sê um bom camarada e segue-me até lá acima para acenderes alguns candeeiros antes de eu depositar a minha bagagem. – Deteve-se apenas o tempo suficiente para sorrir ao seu mordomo, que olhava fixamente para os pés suspensos do ombro do seu senhor. – Diga ao meu criado pessoal que me prepare o traje de cerimónia, Tyndale. Quero sair de casa daqui a dez minutos. E se alguém vier até cá, seja qual for a razão, diga que saí para o baile do duque de Shepford há uma hora.

– Muito bem, meu senhor.

– Tu vais na mesma? – perguntou Percy, estupefacto, enquanto ele e o mordomo seguiam Nicholas pelas escadas.

– Mas é claro que sim – respondeu Nicholas. – Tenciono dançar a noite inteira.

Ele parou à frente de um quarto nas traseiras da casa, que ficava no terceiro piso, verificando-o rapidamente para se certificar de que não existia nada de valor no quarto que Selena pudesse destruir com a sua fúria. Satisfeito, disse a Tyndale que fosse buscar a chave e depois fez um sinal com a cabeça a Percy para acender o candeeiro pousado em cima da lareira.

– Sê uma boa rapariga, minha querida, e não arranjes muita confusão. – Deu-lhe uma palmadinha no traseiro num gesto familiar. – Se desatares aos berros ou a fazer qualquer coisa menos sensata, o Tyndale será obrigado a pôr-lhe um fim. Estou certo de que não vais gostar de passar as próximas horas de pés e mãos amarrados em cima da cama.

Fez sinal a Percy para sair do quarto antes de ele a deitar na cama. A seguir, afrouxou os nós do plastrão que lhe prendia os pulsos e saiu do quarto, trancando a porta com um pequeno estalido. Sabia que ela iria tirar a mordaca mais tarde ou mais cedo, mas não estaria por perto para a ouvir.

– Vem daí, Percy. Tenho um traje a mais, se me quiseres fazer companhia no baile.

Percy abanou a cabeça, confuso, enquanto seguia Nicholas até ao segundo piso onde se situavam os aposentos dele.

– Não me importo de o fazer, mas não vejo porque é que vais ao baile agora que sabes que ela não vai lá estar.

– Essa será a cereja no cimo do bolo. – Nicholas riu-se em voz baixa. – Que sentido faz a Lady E. perder o baile se não ouvir da boca das suas queridas amigas amanhã que eu dancei todas as danças desde que entrei até ao momento em que parti?

– Isso é cruel, Montieth.

– Não é mais cruel do que o facto de ela me ter trocado pelo Malory.

– Mas tu nem sequer te importas com isso – salientou Percy, exasperado.

– Pois não. Mesmo assim, isso confere-me o direito a *algum* tipo de reacção, não é verdade? No fim de contas, a senhora ficaria destroçada se eu não fizesse nada.

– Se ela pudesse escolher como irias reagir, Montieth, não me parece que tivesse escolhido isto.

– Bom. É melhor isto do que eu desafiar o Malory para um duelo. Não achas?

– Apre, sim! – Percy estava genuinamente horrorizado. – Não terias a mínima hipótese contra ele.

– Achas que não? – murmurou Nicholas. – Bom, talvez não. Afinal, ele *tem* tido mais prática do que eu. Mas nunca o saberemos, pois não?

Reggie não estava assustada. Tinha ouvido o suficiente para saber que o seu raptor era um nobre. Ele partira do princípio que fora reconhecido pelo condutor da sua carruagem, por isso não tencionava fazer-lhe realmente mal. Não, não a magoaria.

Outra coisa fez Reggie sorrir com uma expressão deliciosamente perversa. Ele cometera um erro terrível. Pensava que ela era outra pessoa, chamara-lhe Selena. «Sou eu», dissera ele, como se ela pudesse reconhecer a sua voz facilmente.

Selena? O que fazia aquele homem pensar que ela era uma mulher chamada Selena? Tinha-a simplesmente arrancado do passeio, por isso como... «O condutor reconheceu-me!» Céus, Lady Eddington! Ele conhecia a carruagem, por isso pensou que ela era Lady Eddington.

Aquilo era impagável. Ele iria ao baile dos Shepford e – *voilà!* – lá estaria Lady Eddington com os seus primos. Como gostava de ver a cara dele. Era exatamente o tipo de partida que ela podia ter pregado a alguém quando era mais nova.

E, nesse momento, ele voltaria a correr para casa, desatando a pedir desculpa, a suplicar o seu perdão. Ia implorar-lhe para não dizer nada. Ela teria de concordar porque a sua reputação estava em jogo. Depois, iria ao baile e diria simplesmente que ficara mais tempo em casa do tio Anthony do que planeara. Ninguém ficaria a saber que fora raptada.

Depois de retirar a mordaça e aquilo que lhe prendia os pulsos, espreguiçou-se na cama, completamente tranquila, a desfrutar da aventura. Em todo o caso, não era a sua primeira aventura. Tinha tido aventuras durante toda a vida, a começar aos sete anos, quando o gelo se partira sob os seus pés no lago de Haverston e ter-se-ia afogado se um dos cavaleiros não a tivesse ouvido gritar e a puxasse para fora. No ano seguinte, o mesmo cavaleiro distraiu um javali selvagem que a tinha perseguido até ela subir a uma árvore. Ele ficara ferido e enquanto este recuperou rapidamente, feliz por contar aos amigos tudo sobre o dramático salvamento, ela foi proibida de entrar nas matas durante um ano.

Nem mesmo a devoção quase religiosa dos tios à sua educação conseguira fazer frente ao destino e Reggie conhecera mais aventuras em dezanove anos do que a maioria dos homens em toda a sua vida. Olhando em volta na sua prisão elegante e temporária, sorriu. Sabia que todas as jovens mulheres sonhavam com uma aventura, ansiavam por ser levadas à força por desconhecidos bem-parecidos a cavalo, mas ela já tinha alguma experiência no caso. Em duas ocasiões distintas, considerando a escapadela daquela noite.

Há dois anos, tinha ela dezassete, fora atacada na estrada para Bath por três salteadores encapuzados e levada pelo mais ousado dos três. Graças a Deus que Derek, o seu destemido primo mais velho, a acompanhava naquele dia e, levando um dos cavalos da carruagem, perseguiu o seu raptor furiosamente, salvando

Reggie de... o que quer que o desconhecido tivesse em mente.

E antes disso, aos doze anos, tivera a sua aventura no alto-mar. Fora raptada durante um verão inteiro, passando por tempestades terríveis no mar e uma incrível batalha naval.

Bom, estava a ter outra aventura, uma aventura divertida e bastante segura desta vez. Então, sentou-se de um salto na cama. O tio Tony! Ele sabia disto! De repente, aquilo deixara de ser engraçado. Se descobrisse quem era o seu raptor, viria até ali e deitaria abaixo a porta. A má-língua não teria fim e a sua reputação ficaria arruinada. Anthony Malory também não ia deixar as coisas por aí. Iria desafiar o pobre sujeito para um duelo e matá-lo-ia, independentemente de aquilo ter sido um erro ou não.

Reggie levantou-se e começou a andar descalça pelo quarto. Céus, aquilo estava a transformar-se numa grande embrulhada. Continuou a andar de um lado para o outro, distraíndo-se a examinar o quarto. Estava decorado em tons de verde e castanho desmaiados e havia algumas peças de mobiliário Chippendale modernas. A sua capa estava pousada sobre uma poltrona, os sapatos no chão à frente desta e a máscara fora atirada para cima do assento. A única janela existente dava para um jardim, escuro e repleto de sombras. Ela compôs o cabelo utilizando um espelho embutido numa moldura de estilo rococó com folhas e flores.

Perguntou-se se o mordomo viria realmente até-la e amordaçá-la se comesse a gritar por ajuda. Era melhor não descobrir. Perguntou-se igualmente o que estava a fazer «Nick» demorar tanto tempo a descobrir o seu erro. Os minutos continuaram a passar no relógio Meissen, pendurado em cima da lareira.

Nicholas viu-a a valsar nos braços de um dândi qualquer vestido de cetim verde-vivo que combinava horivelmente com o vestido vermelho-arroxeadado de Selena. Com aquelas cores, eram um par que dificilmente passaria despercebido, mesmo naquela pista de dança apinhada.

– Com mil diabos! – vociferou Nicholas.

Percy, que estava ao seu lado, foi mais eloquente.

– Meu Deus! Desta vez é que a fizeste das boas! Eu sabia que não devias ter começado isto e agora meteste mesmo o pé na argola.

– Cala-te, Percy.

– Bom, aquela é a Selena, não é? Nesse caso, quem diabo é a avezinha que tens engaiolada em casa? Raptaste a amante do Malory? Ele vai matar-te, Nick – informou-o Percy. – Não tenhas dúvidas de que ele te vai matar.

Quem tinha vontade de matar o seu amigo ansioso era Nicholas.

– Tu não sabes quando parar, pois não? A única consequência disto é o raspanete que vou ter de ouvir da boca de uma mulher furiosa na qual nunca pus os olhos antes. Lord Malory não me vai desafiar para um duelo por causa de um erro estúpido como este. Que mal foi feito, afinal?

– A reputação da senhora, Nick – começou Percy. – Se isto se souber...

– Como se irá saber? Usa a tua cabeça, meu velho amigo. Se ela for a amante do Malory, que reputação tem ela a perder? O que eu *gostava* de saber é o que estava ela a fazer na carruagem de Lady Eddington. – Suspirou, fazendo o papel de um homem incompreendido e usado. – Acho que o melhor a fazer é correr para casa e deixá-la sair. Quem quer que ela seja.

– Queres ajuda? – Percy esboçou um grande sorriso. – Estou bastante curioso para saber quem ela é realmente.

– Não é provável que nos receba de braços abertos – sublinhou Nicholas. – Vou ter sorte se só me atirar uma jarra à cabeça.

– Bom, acho que és capaz de dar conta disso sozinho, obrigado. Conta-me tudo amanhã, por favor.

– Bem me parecia que eras dessa opinião – disse Nicholas secamente.

Nicholas dirigiu-se para casa o mais depressa que conseguiu. Nessa altura, já estava bastante sóbrio e começava a lamentar profundamente toda aquela noite. Rezou para que a senhora mistério tivesse sentido de humor.

Tyndale abriu-lhe a porta e segurou-lhe na capa, chapéu e luvas.

– Algum problema? – perguntou Nicholas, antevendo uma longa lista, que não chegou a aparecer.

– Nenhum problema, senhor.

– Nenhum barulho?

– Nada.

Nicholas soltou um suspiro longo e profundo. Provavelmente, ela estava a guardar toda a sua fúria para ele.

– Pede para prepararem a carruagem, Tyndale – pediu antes de começar a subir as escadas.

O terceiro piso estava tão silencioso como um túmulo. Os criados não tinham qualquer razão para estar naquela parte da casa depois de escurecer. Lucy, a bonita criada que ele observava com interesse ultimamente, não se arriscaria a subir exceto se tal lhe fosse pedido e o seu criado particular, Harris, devia estar a dormir no segundo piso, contando que o seu senhor chegasse muito mais tarde. Pelo menos mais ninguém em casa, além de Tyndale, estava a par da presença da senhora. Isso era um golpe de sorte.

Nicholas deteve-se à porta do quarto onde se encontrava Reggie durante um instante e depois destrancou a porta e abriu-a num movimento rápido. Preparara-se para receber uma pancada na cabeça, mas o choque brusco que sentiu ao vê-la pela primeira vez foi igualmente estonteante.

Estava junto à janela, a fitá-lo de forma assombrosamente direta. Não existia qualquer timidez ou medo na expressão dela, naquele rosto encantador e delicado, em forma de coração. Os olhos eram perturbadores, com uma inclinação exótica. Eram olhos azul-escuros num rosto claro, tão azuis e límpidos que pareciam cristais coloridos. Os lábios eram suaves e cheios, o nariz retilíneo e esguio. Uma cortina espessa de pestanas escuras como breu rodeava aqueles olhos extraordinários, enquanto sobrancelhas negras se arqueavam delicadamente mais

acima. O cabelo também era negro como as asas de um corvo, na forma de pequenos caracóis firmes em torno do rosto, conferindo à sua pele branca um brilho semelhante ao do marfim polido.

Ela possuía uma beleza de cortar a respiração. A beleza não se limitava ao rosto. Era uma mulher pequena, mas não havia nada de infantil nas suas formas. Seios pequenos e firmes sobressaíam debaixo da fina musselina do vestido cor-de-rosa. Este não possuía um decote tão acentuado como o de alguns vestidos e não podia considerar-se propriamente provocante, mas, por algum motivo, era tão tentador como tudo o resto que ele já vira em Londres. Queria puxar a musselina cor-de-rosa para baixo alguns centímetros e ver aqueles seios encantadores a saltarem-se, livres. Nesse momento, sentiu mais um choque, ao sentir a sua virilidade a elevar-se contra a sua vontade. Céus, não perdia o controlo daquela maneira desde a sua juventude!

Desesperado por recuperar o controlo, fez um esforço para dizer alguma coisa, o que quer que fosse:

– Viva.

O tom dele insinuava «Quem é que nós temos aqui?» e Reggie não conseguiu deixar de sorrir. Ele era perfeito, absolutamente perfeito. Esta constatação não se limitava apenas ao rosto, embora fosse impressionante. Ele possuía um magnetismo sexual bastante desconcertante. Era ainda mais bonito do que o tio Anthony, quem ela sempre considerara o homem mais bem-parecido e irresistível do mundo.

A comparação tranquilizou-a. Lembrava-lhe o tio Anthony, não só na estatura e aparência, mas na forma como os seus olhos a avaliavam. A boca dele curvou-se de forma aprovadora. Ela vira muitas vezes o tio olhar para as mulheres exatamente daquela forma. Bom, só podia ser um libertino, disse a si própria. Que outro tipo de homem raptaria a sua própria amante à porta da casa de outro homem? Será que teve ciúmes e achou que ela e o tio Anthony eram... Aquela situação estava a ficar cada vez mais divertida.

– Ora viva – respondeu Reggie, com irreverência. – Estava a começar a perguntar-me quando é que iria dar conta do seu erro. Demorou bastante tempo a chegar a essa conclusão.

– Também eu me pergunto neste momento se, na realidade, cometi um erro. A senhora não me parece um erro. Parece uma decisão muito acertada, para variar.

Fechou silenciosamente a porta encostando-se a esta, com aqueles bonitos olhos da cor do âmbar a varrê-la ousadamente dos pés à cabeça. Não era nada seguro uma jovem estar sozinha com um homem daquela espécie e Reggie reconheceu isso. Mesmo assim, por alguma razão que não conseguia aprofundar, não tinha medo dele. De forma escandalosa, perguntou-se se seria assim tão terrível perder a sua virtude com ele. Começava a sentir-se perigosamente imprudente!

Ela fitou a porta fechada e o tronco largo dele a bloquear a única saída do quarto.

– Devia ter vergonha, senhor. Espero que não tencione comprometer-me ainda mais do que já fez.

– Faria isso, se me deixasse. Deixar-me-ia fazê-lo? Pense bem antes de responder – disse ele com um sorriso devastador. – O meu coração está em risco.

Ela soltou uma risadinha, divertida.

– Que absurdo! Libertinos como o senhor não *têm* coração. Toda a gente sabe isso.

Nicholas estava encantado. Será que alguma coisa que dissesse conseguia desconcertá-la? Duvidava.

– Fere-me os sentimentos, querida, quando compara o meu coração ao de Anthony Malory.

– Nunca pensei em tal coisa, senhor – assegurou-lhe ela. – O coração do Tony é extraordinariamente inconstante. O coração de qualquer outro homem seria mais constante do que o dele. Até o seu – acrescentou ela secamente.

Aquelas palavras na boca da amante daquele homem? Nicholas não conseguia acreditar na sua sorte. Ela nem sequer parecia estar irritada. Simplesmente aceitava que Malory nunca lhe seria fiel. Será que estava preparada para uma troca de amantes?

– Não está minimamente curiosa em relação ao motivo pelo qual a trouxe para cá? – perguntou ele. Ele, por sua vez, estava realmente curioso. Porque é que ela não parecia estar zangada?

– Não – respondeu ela com ligeireza –, já percebi tudo.

– Percebeu? – Ele achou aquilo engraçado e ficou à espera da explicação bizarra a que chegara.

– O senhor pensou que eu era Lady Eddington – disse ela – e a sua intenção era que ela faltasse ao baile dos Shepford e o senhor estivesse presente e dançasse todas as músicas. Chegou a fazê-lo?

Nicholas abanou a cabeça.

– A fazer o quê?

– A dançar todas as músicas.

– Nem uma.

– Deve tê-la visto lá. Quem me dera ter visto a sua cara. – Soltou novamente risinhos. – Ficou muito surpreso?

– Hum... muito – admitiu ele. Estava incrédulo. Como diabo é que ela juntara todas as peças? O que teria ele dito enquanto a carregava escadas acima?

– Sinto-me em desvantagem para consigo. Parece que falei bastante há pouco.

– Não se lembra?

– Não com clareza – admitiu ele, numa voz vacilante. – Receio que estava bem embriagado.

– Muito bem, creio que isso o desculpa. Mas o senhor não disse realmente muita coisa. Ajuda muito conhecer as pessoas envolvidas.

– A senhora *conhece* Lady Eddington?

– Sim. Não muito bem, claro. Só a conheci esta semana. Mas ela foi amável ao

ponto de me emprestar a carruagem dela esta noite.

Naquele momento, ele afastou-se subitamente da porta e atravessou o quarto até se deter a apenas alguns centímetros de distância dela. Ela era ainda mais encantadora de perto. Para sua surpresa, não se afastou e encarou-o como se confiasse plenamente nele.

– Quem é a senhora? – perguntou ele num sussurro rouco.

– Regina Ashton.

– Ashton? – Ele franziu o sobrolho, com um ar pensativo. – Não é esse o apelido da família do conde de Penwich?

– Sim, conhece-o?

– Não. Ele possui um terreno que faz fronteira com a minha propriedade e que ando a tentar comprar há vários anos, mas aquele homem pomposo... não responde às minhas cartas. Não é da mesma família dele, pois não?

– Lamentavelmente, sim, sou. Pelo menos, a relação de parentesco é bastante distante.

Nicholas riu-se.

– A maior parte das senhoras não consideraria lamentável ser parente de um conde.

– A sério? Então, é porque não conheceram o atual conde de Penwich. Posso dizer que felizmente não vejo o homem há muitos anos, mas duvido que ele tenha mudado muito. É de facto um homem pomposo...

Ele sorriu abertamente.

– Quem *são* os seus pais, nesse caso?

– Sou órfã, senhor.

– Lamento.

– Eu também. Mas tenho uma família afetuosa do lado da minha mãe, que se ocupou da minha educação. E agora é mais do que justo que me diga quem é.

– Nicholas Eden.

– O 4.º visconde de Montieth? Céus, *já* ouvi falar de si.

– Asseguro-lhe que não passam de mentiras escandalosas.

– Duvido. – Ela ergueu o queixo a sorrir. – Mas não precisa de temer que eu pense mal de si. No fim de contas, ninguém é tão mau como o Tony ou o irmão dele, James, e eu gosto muito de ambos.

– De ambos? Tony e James Malory? – Ele estava absolutamente estupefacto. – Meu Deus, isso quer dizer que também é amante do James Malory?

Os olhos dela arregalaram-se. Ela mordeu com força o lábio, mas isso não funcionou. O riso escapou-se-lhe contra a vontade.

– Não vejo onde está a piada – começou a dizer Nicholas friamente.

– Mas eu estou a vê-la muito bem. Já receava que pudesse pensar que o Tony e eu... Isto é esplêndido! Tenho de dizer ao Tony... Não, é melhor não. Ele não vai achar engraçado. Vocês, os homens, são tão conservadores às vezes – suspirou ela.

– A verdade é que ele é meu tio.

– Se lhe prefere chamar assim.

Ela riu-se novamente.

– O senhor não acredita em mim, pois não?

– Minha querida Miss Ashton...

– Lady Ashton – corrigiu-o ela.

– Muito bem... Lady Ashton. Fique sabendo que o filho de Jason Malory, Derek Malory, é um dos meus amigos mais próximos...

– Eu sei.

– Sabe?

– Sim, o seu melhor amigo, na verdade. Andou na escola com ele, embora tivesse terminado os estudos alguns anos antes dele. Simpatizou com ele, ao contrário de outros. Ele tem-no em grande estima por isso. Eu também o tenho em grande estima por se tornar amigo dele, embora tivesse apenas onze anos na altura em que ele me contou isso e nunca o tenha conhecido. Onde é que pensa que ouvi falar de si, Lord Montiethe? O primo Derek não parava de falar a seu respeito quando voltava a casa nas férias.

– Porque é que ele nunca a mencionou? – disparou Nicholas.

– Por que motivo falaria sobre mim? – perguntou ela. – O senhor e ele deviam ter mais do que falar, além das crianças das vossas famílias.

Nicholas franziu o sobrolho, adotando uma expressão sombria.

– Pode estar a inventar isto tudo.

– Claro que posso. – Ela ficou por ali, sem tentar convencê-lo.

Os olhos dela brilhavam e riam-se para ele. Maldição, era linda.

– Quantos anos tem? – perguntou.

– Já não está zangado?

– Eu estava zangado?

– Sem dúvida. – Ela sorriu. – Não consigo imaginar porquê. *Eu* é que tenho motivos para estar zangada. E tenho dezanove anos, se quiser saber, embora não tivesse sido de bom-tom perguntar-me isso.

Nicholas começou a descontrair de novo. Ela era maravilhosa. Não ia aguentar muito mais. Queria abraçá-la, mas sentia-se relutante em lembrá-la da situação indecorosa de ambos.

– Esta é a sua primeira temporada social, Regina?

Ela gostava da forma como ele dizia o nome dela.

– Isso quer dizer que admite que eu seja quem digo que sou?

– Parece-me que sou obrigado a isso.

– Não tem de parecer tão desapontado – retorquiu ela.

– Estou destroçado, se quer saber a verdade. – A voz dele ficou rouca e ele atreveu-se a passar um dedo pela face dela, delicadamente, para não a assustar. – Não quero que seja uma inocente. Quero que saiba exatamente o que quero dizer quando lhe digo que quero fazer amor consigo, Regina.

O coração dela começou a bater mais depressa.

– Quer? – sussurrou ela. Deu um abanão mental a si própria. Não podia perder o controlo. – Sim, é claro que quer – troçou ela. – Bem me parecia ter visto essa

expressão nos seus olhos.

A mão dele caiu para o lado e os olhos semicerraram-se-lhe.

– Como é que pode conhecer essa expressão?

– Céus, está zangado outra vez – disse ela, com uma expressão inocente.

– Com mil diabos! – explodiu ele. – Não consegue falar a sério?

– Se eu começar a falar a sério, Lord Montieth, vamos meter-nos em sarilhos.

Os olhos escuros dela eram insondáveis. Meu Deus, havia uma outra rapariga, completamente diferente, sob aquela superfície exuberante.

Desviou-se dele para se colocar no centro do quarto e quando se voltou para o olhar, o sorriso juvenil e o brilho trocista dos olhos estavam de volta.

– Esta é a minha segunda temporada social e já conheci muitos homens tão impróprios como o senhor – assegurou-lhe.

– Não acredito.

– Que existam homens tão impróprios como o senhor?

– Que seja a sua segunda temporada. É uma mulher casada?

– Está a insinuar que devia ser porque fui apresentada à sociedade no ano passado? Lamentavelmente, no que diz respeito à minha família, não existe ninguém suficientemente bom para mim. Uma particularidade muito aborrecida, acredite.

Nicholas riu-se.

– Foi uma pena eu ter viajado para as Índias Ocidentais no ano passado para inspecionar umas propriedades. Tinha-a conhecido mais cedo se tivesse ficado cá.

– Teria tentado conquistar a minha mão?

– Teria tentado conquistar... alguma parte da senhora.

Pela primeira vez, Reggie corou.

– Isso foi demasiado ousado.

– Mas não tão ousado como gostaria de ser.

Ele era verdadeiramente perigoso, pensou Reggie. Bonito, charmoso, pecaminoso. Por que motivo não tinha medo de estar sozinha com Nicholas Eden? O bom senso dizia-lhe que devia.

Observou-o, sustendo a respiração, enquanto ele se aproximava, eliminando a distância entre ambos de novo. Ela não se afastou e ele sorriu. Uma veia minúscula pulsava na base do pescoço dela e Nicholas sentiu uma vontade incontrolável de a lambar com a língua para sentir a pulsação.

– Pergunto-me: será que é tão inocente como afirma ser, Regina Ashton?

Ela não podia ceder ao feitiço, por mais forte que fosse o encantamento que ele lhe lançasse.

– Sabendo quem é a minha família, Lord Montieth, não pode duvidar de mim.

– Não ficou escandalizada por a trazer para cá – deixou escapar ele. – Porquê?

– Ele analisou-lhe atentamente o rosto.

– Vi o humor de toda esta situação – confessou ela, mas depois acrescentou: – Fiquei preocupada durante algum tempo, quando pensei que o tio Tony pudesse descobrir para onde me tinha levado e viesse bater intempestivamente à porta antes

de o senhor regressar para me libertar. Isso teria causado um belo alvoroço! Não vejo como podíamos manter um segredo destes durante muito tempo e o senhor podia acabar por ter de se casar comigo. Seria uma pena porque nós não convimos nada um ao outro.

– Não? – perguntou ele, divertido.

– Claro que não! – disse ela, com um horror fingido. – Ia apaixonar-me loucamente por si enquanto o senhor continuava a ser um libertino com má reputação e partia-me o coração.

– Tem toda a razão – disse ele, com um suspiro, entrando no jogo. – Eu seria um marido terrível. Por outro lado, não me parece provável sentir-me obrigado a casar.

– Nem sequer se tiver destruído a minha reputação?

O sorriso dele desfez-se.

– Nem mesmo nessa situação.

Foi óbvio que ela não gostou da resposta e ele ficou irritado consigo próprio por ser tão desnecessariamente honesto. A fúria dirigida a si mesmo tornou os olhos cor de âmbar ainda mais brilhantes, como se uma luz antinatural fulgisse por trás deles. Ela estremeceu, perguntando-se como seria ele se perdesse a cabeça.

– Está com frio? – perguntou ele, vendo-a a esfregar a pele de galinha dos braços. Atrever-se-ia a abraçá-la?

Ela agarrou a capa e lançou-a desajeitadamente por cima dos ombros esguios. – Creio que chegou a altura...

– Assustei-a – disse ele suavemente. – Não era essa a minha intenção.

– Receio saber perfeitamente as suas intenções, senhor – respondeu Reggie.

Inclinou-se para calçar os sapatos e quando se endireitou, deu por si nos braços dele. Nicholas movimentou-se de forma tão hábil que estava a ser beijada antes de conseguir exclamar de espanto. Ele sabia a *brandy*, um sabor doce e inebriante. Ela sabia que a sensação seria aquela, verdadeiramente divina.

Nunca tinha sido beijada com tanto sentimento ou ousadia. Ele colou literalmente o corpo esguio dela ao dele, deixando-a sentir pela primeira vez o estado de excitação sexual de um homem. Ela estava chocada e excitada e os seus seios formigavam, comprimidos contra o casaco dele. Qual era este outro sentimento, mais profundo, que vinha lá de baixo, de dentro dela?

Os lábios dele percorreram-lhe o rosto e desceram ao pescoço, onde ele beijou o ponto onde uma veia latejava, puxando a pele para dentro da boca, sugando-a muito delicadamente.

– Não devia fazer isso – conseguiu sussurrar Reggie. Aquilo que ouviu não parecia nada a sua voz.

– Mas tenho de o fazer, querida, tenho mesmo. – Ele pegou-lhe ao colo, num movimento rápido.

Ela soltou uma exclamação chocada. Aquilo que estava a acontecer naquele momento não tinha nada de engraçado. Os lábios dele tocaram-lhe no pescoço dela outra vez e ela soltou um gemido.

- Pouse-me no chão – disse ela, com uma voz ofegante. – O Derek vai odiá-lo.
- Não me importo.
- O meu tio vai matá-lo.
- Vai valer a pena.

Aquelas palavras surtiram o efeito desejado.

– Não vai achar o mesmo quando vir a arma dele do outro lado do campo do duelo. Agora, ponha-me no *chão*, Lord Montith!

Nicholas pousou-a no chão devagar e com cuidado, fazendo com que o seu corpo deslizesse sedutoramente ao longo do dele.

- Depreendo, então, que se importa com aquilo que me acontece?

O corpo dele continuava em contacto com o seu e o calor constante que emanava perturbava-a.

– Claro que sim. Não gostaria de o ver morrer por causa de uma... brincadeira inofensiva.

– É a isso que chama ao ato de fazer amor consigo? – Soltou uma gargalhada, deliciado.

– Não me referia a isso, mas ao facto de me ter trazido para cá. Seja como for, será o cabo dos trabalhos convencer o Tony a esquecer este assunto.

- Posso concluir que tenciona proteger-me? – perguntou suavemente Nicholas.

Reggie afastou-se para longe, incapaz de pensar claramente com o corpo comprimido contra o dele. A capa caíra-lhe e ele apanhou-a num gesto galante, devolvendo-lha com uma vénia.

Ela suspirou.

– Se o Tony não souber que foi o senhor quem me levou, não mencionarei o seu nome. Se ele souber quem foi, nesse caso, darei o meu melhor para lhe salvar a pele. Mas insisto que me leve para junto dele agora, antes que ele faça alguma coisa que não deve, como dizer a outras pessoas que eu desapareci.

– Pelo menos, dá-me esperança. – Nicholas sorriu. – Posso não ser um bom marido, mas já me disseram que sou um excelente amante. Não quer pensar nessa possibilidade?

Ela ficou chocada.

- Eu não quero um amante.

– Terei de a seguir para todo o lado esta temporada até a fazer mudar de ideias – advertiu-a.

Nicholas era incorrigível, pensou ela, enquanto ele a acompanhava finalmente para fora de casa; incorrigível e muito tentador. Era melhor que Tony tivesse êxito junto do tio Jason a propósito do seu pedido porque Nicholas Eden podia ser a perdição de qualquer rapariga.

CAPÍTULO 6

—Lamento que não tenha ido ao baile.

Nicholas mandou parar a carruagem a algumas portas de distância da casa de Anthony Malory. Os olhos dele fitaram o rosto de Reggie, numa carícia subtil.

Ela sorriu.

— Aposto que lamenta mais o facto de Lady Eddington ter ido.

— Perdia essa aposta — respondeu ele, com um suspiro. — Não sei porque fiz aquilo. Foi o álcool que falou mais alto. Isso já não tem qualquer importância agora.

— Que disparate! Ficou com ciúmes quando pensou que ela se tinha envolvido com o Tony.

— Enganou-se mais uma vez. Nunca tive ciúmes na minha vida, de ninguém ou de nada.

— O senhor é um afortunado.

— Não acredita em mim?

— Não consigo encontrar outra razão para querer fechar à chave a sua amante durante toda a noite. Nem sequer tencionava passar a noite com ela.

Ele riu-se.

— Diz isso com um ar tão mundano.

Ela corou.

— Em todo o caso, não precisa de lamentar que eu não tenha ido ao baile. Eu não lamento.

— Porque em vez disso me conheceu? — sugeriu ele. — Está-me a dar cada vez mais esperança, querida.

Ela endireitou as costas num movimento rígido.

— Lamento desapontá-lo, Lord Montith, mas não foi por essa razão. Preferia ter ficado em casa esta noite.

— Tal como eu, se estivesse comigo. Ainda há tempo, sabe? Podemos regressar a minha casa.

Ela abanou a cabeça, fitando-o, com vontade de rir. Na verdade, desde que o conheceu, sentia uma ânsia contínua e ridícula de rir apenas pela alegria pura de o fazer. Estava a sufocar de riso. Mas também sabia que agora tinha de o deixar e pôr aquela noite para trás das costas.

— Tenho de ir — disse ela em voz baixa.

— Parece-me que sim. — Os dedos dele fecharam-se sobre a sua luva, mas não esboçou qualquer movimento para a ajudar a descer da carruagem. Em vez disso, faziam uma pressão na mão dela que a mantinha no lugar. — Quero beijá-la de novo antes de ir.

— Não.

— Só um beijo de boa-noite.

— Não.

A mão livre dele agarrou-lhe o rosto. Nicholas não se dera ao trabalho de pegar nas luvas ou no chapéu antes de saírem de casa e os dedos nus estavam quentes junto à sua pele. Reggie não se conseguia mexer e esperou, a conter a respiração, que ele roubasse o beijo que lhe recusara.

Ele assim fez, movendo os lábios num beijo que não era nada como os beijos que conhecera antes. Quentes e imperiosos, os lábios dele saborearam os dela até achar que ia explodir.

– Vamos, antes que eu perca a cabeça – disse ele numa voz áspera. A paixão tornara-lhe a voz pesada.

Reggie sentiu-se aturdida durante todo o tempo em que ele a ajudou a descer da carruagem e a conduziu em direção à casa do tio.

– É melhor não entrar comigo – murmurou ela. Havia candeeiros dos dois lados da porta e conseguia imaginar a porta a abrir-se e Tony a fitar Nicholas Eden de arma na mão. – Não é necessário acompanhar-me até à porta.

– Minha querida, posso ser muitas coisas repreensíveis, mas nunca ninguém disse a meu respeito que não era um cavalheiro, e um cavalheiro acompanha uma senhora até à sua porta.

– Que disparate! Só é um cavalheiro quando lhe convém e agora convém-lhe ser teimoso.

Nicholas soltou uma pequena risada com a ansiedade dela.

– Teme pela minha segurança?

– Sim, temo. O Tony é um homem afável a maior parte do tempo, mas existem alturas em que ele simplesmente não possui qualquer controlo sobre o mau génio que tem. Não deviam encontrar-se até eu ter oportunidade de lhe dizer que não aconteceu nada de inconveniente.

Nicholas deteve-se e voltou-se para a olhar de frente.

– Se ele tem um temperamento tão violento, não a vou deixar enfrentá-lo sozinha.

Ele queria protegê-la a *ela* do tio. Sentiu vontade de rir, mas conteve esse impulso.

– Teria de compreender qual é a relação que existe entre mim e o Tony para saber que eu sou a última pessoa que o devo temer. Somos muito próximos, tão próximos que ele põe regularmente a vida de pernas para o ar quando eu estou com ele. Sempre fez isso, chegando a ponto de se privar da maioria das suas ocupações habituais durante meses seguidos. O *senhor*, mais do que ninguém, saberá dar o devido valor a esse sacrifício – concluiu ela secamente.

Ele retomou o caminho, com um sorriso irónico.

– Dou-lhe razão neste ponto. Não obstante, existe um motivo para tudo o que faço e *vou* acompanhá-la até à porta.

Ela começou a protestar de novo, mas já tinham chegado. Ficou tensa, rezando para que não tivessem sido ouvidos, que a porta não estivesse aberta. Virou-se para fitar Nicholas, sussurrando:

– Que motivo terá para...?

Mas ele interrompeu-a maliciosamente:

– A meu ver, agora tenho uma desculpa para lhe dar mais um beijo de boa-noite.

Tomou-a nos braços e a boca dele aproximou-se para marcar a sua como um ferro quente. Aquilo era paixão, uma paixão escaldante e tórrida que a fez derreter contra ele. Mais nada interessava. Naquele momento, ela era dele.

Nicholas pôs fim ao beijo porque começou a sentir a paixão a galopar furiosamente dentro dele. Quase a empurrou para longe de si, mas sem a libertar por completo, mantendo os dedos presos nos antebraços dela. Manteve-a assim, à distância de um braço, com uma respiração irregular e os olhos em chamas.

– Desejo-a, doce Regina. Não me faça esperar muito antes de admitir que também me deseja.

Reggie demorou um momento a aperceber-se de que ele a soltara e começara a afastar-se. Sentiu um impulso incontrollável de correr atrás dele, mas fez um esforço para se acalmar. Não era fácil. O seu coração batia desalmadamente e sentia as pernas trôpegas.

Controla-te, minha pateta, repreendeu-se mentalmente. *Já foste beijada antes. Mas nunca daquela forma!*

Reggie esperou até ver Nicholas entrar na carruagem antes de dar meia-volta, relutante, abrir a porta e entrar. A entrada e o átrio encontravam-se profusamente iluminados e, felizmente, vazios. A porta para a biblioteca-escritório de Tony estava aberta e havia luz no interior. Começou a dirigir-se lentamente para lá, na esperança de que Tony estivesse lá e não a esquadrihar Londres à sua procura.

Ele estava lá, sentado à secretária com a cabeça apoiada nas mãos e os dedos entrelaçados no cabelo negro espesso como se o quisesse arrancar. Tinha uma garrafa de cristal com *brandy* e um copo ao seu lado.

O facto de o ver tão abatido teve um efeito calmante em Reggie. A culpa ajudou-a a controlar-se. Enquanto ela gozava os melhores momentos da sua vida, a pessoa mais importante para ela no mundo tinha estado morta de preocupação. E nem sequer se tinha apressado a regressar. Demorara todo o tempo do mundo, desfrutando de todos os momentos que passara com Nicholas. Como é que pôde ser tão egoísta?

– Tony?

Ele ergueu os olhos em choque. De seguida, a surpresa tomou-lhe conta das bonitas feições, assim como o alívio. Correu ao seu encontro e envolveu-a com os braços, apertando-a com tanta força que ela achou que as costelas iam estalar.

– Santo Deus, Reggie, estava prestes a enlouquecer de preocupação! Não me sentia tão mal desde que o James te levou para... Vamos esquecer isso agora. – Ele afastou-a para a poder examinar. – Está tudo bem contigo? Estás ferida?

– Estou ótima, Tony, a sério que estou.

Parecia ótima. Não havia rasgões no vestido e não tinha um único caracol fora do lugar no cabelo. Mas tinha estado desaparecida durante três malditas horas e ele imaginara tantas coisas que lhe podiam ter acontecido...

– Vou matá-lo mal amanhã, assim que descobrir onde raio ele vive!

Era por isso que ele não viera bater furiosamente à porta de Nicholas, percebeu Reggie.

– Foi tudo perfeitamente inocente, Tony – começou ela. – Foi um engano...

– Eu *sei* que foi um engano, Reggie. Aquele idiota do teu condutor assegurou-me isso. Continuava a insistir que o Montieth te traria de volta a qualquer momento, que ele e Lady Eddington eram... que eles... Bom, acho que me estás a perceber. Raios!

– Sim. – Reggie não pôde deixar de sorrir perante o desconforto dele. – Estou a perceber. – A seguir, apressou-se a começar a dar-lhe a volta. – O pobre homem pensou que tu e a sua...

– Não digas essa palavra! E isso não é desculpa!

– Mas consegues imaginar a cara dele, Tony, quando viu que tinha a mulher errada? – Reggie soltou um risinho. – Quem me dera ter visto.

Anthony franziu o sobrolho.

– Como é que não viste?

– Eu não estava presente. Ele deixou-me em casa dele e foi para o baile. A única intenção dele era fazer com que Lady Eddington faltasse ao baile. Podes imaginar o choque dele quando a viu lá. Não sabia quem diabo tinha fechado à chave em casa.

– Ele fechou-te à chave em casa dele?

– Mas eu estava bastante confortável – assegurou-lhe prontamente. – Dito isto, já percebes que não estive com ele este tempo todo. Na verdade, estive muito pouco tempo. Não aconteceu nada de mal e ele trouxe-me aqui de volta, sã e salva.

– Não posso acreditar que estás a defendê-lo. Se eu soubesse onde ele vive, já era um homem morto. O imbecil do condutor não sabia. Enviei um homem aos clubes para fazer perguntas, mas por causa daquele maldito baile os clubes estão quase desertos. Quando o meu homem voltou para me comunicar que não conseguiu saber nada, estava mais do que preparado para sair daqui como um raio direitinho à casa dos Shepford para encontrar alguém que me pudesse dar a morada daquele patife.

– E, nessa altura, o tio Edward ficaria a saber que eu não estava contigo e seria um verdadeiro pandemónio – concluiu por ele. – Ainda bem que não o fizeste. Desta forma, ninguém sabe que não estive aqui contigo toda a noite. O que significa que a única coisa que falta fazer é decidir se devo ficar aqui ou regressar a casa do tio Edward. O que sugeres?

– Nem penses nisso, minha menina. – Ele percebeu imediatamente o estratagema dela. – Não me vais fazer esquecer disto.

– Caso contrário, a minha reputação ficará arruinada – disse ela, muito seriamente. – Porque ninguém vai acreditar que passei três horas em casa de Lord Montieth e saí de lá com a minha virtude intacta. Por falar nisso, ela continua intacta.

Ele fulminou-a com o olhar.

– Nesse caso, não o vou matar. Mas vou dar-lhe uma lição bem merecida.
– Mas não aconteceu nada de mal, Tony! – insistiu ela com veemência. – E... e eu não quero que o magoes.
– Tu não queres... Vais ter de me dizer porquê!
– Gosto dele – disse ela simplesmente. – Faz-me lembrar de ti.
Lord Malory ficou lívido.
– Eu *mato-o*!
– Para! – gritou ela. – Tu nunca imporias a tua vontade a uma criada que não estivesse disposta a isso e ele também não.
– Ele beijou-te?
– Bom...
– É claro que beijou. Só um idiota é que não o faria e ele não é nenhum idiota.
Eu vou...

– Não, não vais! – ergueu ela a voz de novo. – Vais fingir que nunca soubeste quem ele era e quando o vires, vais ignorá-lo. Vais fazer isso por mim, Tony, porque não sei se seria capaz de te perdoar se fizesses alguma coisa para magoar o Nicholas Eden. Diverti-me imenso esta noite, o que já não acontecia há muito tempo. – Depois de dizer tudo isto, rogou-lhe: – Por favor, tio Tony.

Ele começou a falar, fechou bruscamente a boca, suspirou de forma audível e, por fim, disse:

– Ele não é homem para ti, garota. Sabes disso, não sabes?
– Sim, sei. Mas se ele tivesse uma reputação um pouco menos vergonhosa, tentaria conquistá-lo.
– Só por cima do meu cadáver!
Ela brindou-o com o seu sorriso mais doce.
– Já sabia que ias dizer isso.

Reggie sentou-se ao toucador, olhando fixamente para a pequena nódoa negra na base do pescoço com uma expressão sonhadora. A marca de Nicholas Eden. Tocou nesse ponto. Fora uma sorte não ter despedido a capa quando regressara à casa de Tony na noite passada. Teria de usar um lenço até a marca desaparecer.

A manhã já ia adiantada e dormira muito mais do que era seu hábito. Os primos já tinham tomado o pequeno-almoço e se ainda estivessem em casa, teria de manter a história que ela e Tony tinham arquitetado na noite anterior.

Tony enviara uma mensagem ao irmão Edward antes de ela regressar a casa, dizendo simplesmente que Reggie não ia voltar para o baile. Apenas isso, sem dar qualquer razão. A história de ambos era que Tony não estava em casa quando ela chegara, por isso esperara horas por ele. Quando ele finalmente chegara, tinham conversado. E era tão tarde depois da conversa que ela simplesmente fora para casa dormir. Os criados da casa do tio Edward podiam confirmar que Tony a trouxera de volta a casa e que ela fora efetivamente de imediato para a cama.

Reggie suspirou, fez soar a campainha para chamar Meg e depois remexeu apressadamente na secretária à procura de um lenço. Meg também não devia ver a marca indecorosa.

Quando desceu as escadas, meia hora depois, descobriu que a tia Charlotte e as primas Clare e Diana estavam a receber visitas. Estavam na sala de estar com as visitantes, que eram Lady Braddock, mãe e filha, Mrs. Faraday e a irmã Jane e duas senhoras que Reggie não conhecia. Olharam todas fixamente para ela quando entrou e Reggie sentiu-se extremamente desconfortável em relação às mentiras que estava prestes a dizer.

– Minha querida Regina – declarou Mrs. Faraday num tom estranhamente solidário. – Está com um aspeto magnífico, tendo em conta as circunstâncias.

Reggie sentiu um nó a formar-se no estômago. Não. Não era possível. Era apenas a sua consciência culpada que a fazia pensar que elas podiam saber alguma coisa sobre a aventura da noite passada.

Nicholas Eden, o 4.º visconde Eden de Montieth, estava deitado na sua grande cama, com os braços por baixo da cabeça, apenas com um lençol fino a cobrir-lhe a nudez. Acordara há quase uma hora e deixara-se ficar, sem esboçar qualquer movimento para se levantar e enfrentar o dia. Dessa forma, deixara passar há muito a hora do seu passeio habitual por Hyde Park. Não havia nada que necessitasse da sua atenção imediata. Talvez uma outra carta para o conde de Penwich a exigir uma resposta a respeito da terra que ele queria, mas isso podia esperar. Em todo o caso, era quase certo que seria apenas um motivo de irritação, visto que ele nunca recebera uma resposta daquele homem.

Precisava de contactar o administrador da sua companhia de navegação

marítima em Southampton para cancelar o barco que pedira recentemente para preparar para partir. Planeava virar costas a Londres durante alguns meses e navegar até às Índias Ocidentais de novo. Mas desde a noite passada, nada o podia fazer abandonar Londres.

Chamava-se Regina. Disse o nome dela em voz alta, enrolando deliciosamente a língua. Regina. A doce Regina de pele branca, cabelo cor de ébano e olhos incrivelmente azuis. Aqueles olhos. Só tinha de fechar os olhos para os ver a sorrir para ele, a rir-se para ele. Possuíam tanta vida. Regina, a mais bela de todas, uma beleza sem igual.

Nicholas soltou um risinho com o seu devaneio. Percy diria que ele se apaixonara perdidamente. Seria verdade? Não, é óbvio que não. Mas não se conseguia lembrar de desejar tanto uma mulher como desejava Regina Ashton.

Suspirou. A tia Ellie dir-lhe-ia para se casar com a rapariga e ser feliz. Era a única, desde a morte do seu pai que se importava minimamente com ele. Talvez a avó também se importasse, ou talvez não. Era difícil perceber Rebecca, a velha tirana.

E, é claro, havia a «mãe» dele. Seria a última a desejar a sua felicidade. Era por causa dela que Nicholas não podia, ou não queria, casar-se com Regina ou com qualquer outra rapariga de boas famílias. Não se casaria com ninguém, pelo menos até a mulher que o mundo conhecia como sua mãe estivesse morta. A ameaça que ela detinha sobre ele morreria com ela.

Nicholas atirou o lençol para trás e sentou-se na cama; os pensamentos acerca da condessa viúva tinham arruinado o seu agradável idílio. Por causa dela é que ia tão raramente a Silverley, a sua propriedade no campo em Hampshire. Contudo, adorava Silverley e sentia a sua falta ao ponto de as saudades se transformarem em pura amargura. Independentemente disso, as únicas alturas em que ia até lá eram quando a condessa estava ausente. Mas ela estava presente a maior parte do ano, só para manter Nicholas à distância.

Tocou à campainha para chamar o criado particular, Harris, e foi informado de que Lord Alden e Lord Malory o esperavam na sala de pequenos-almoços. Não deu importância especial a isso, já que aqueles dois amigos apareciam muitas vezes sem aviso prévio.

Quando se juntou a eles pouco depois, Derek Malory estava sentado à mesa com um grande prato de comida e Percy beberricava uma chávena de café junto ao aparador. Derek brindou-o com um olá prazenteiro para depois voltar a arrelhar a jovem criada. Percy, com um sorriso cúmplice fez sinal a Nicholas para se aproximar.

– Já sei quem é o passarinho que trouxeste para o teu ninho ontem à noite – murmurou Percy, acenando depois com a cabeça na direção de Derek. – *Ele* ainda não sabe, mas não tenho dúvidas de que ficará a saber antes de o dia terminar.

Nicholas sentiu-se como se tivesse sido atingido por um poderoso soco no estômago. Manteve a voz calma quando murmurou de volta:

– Podes ter a bondade de me dizer como é que essa informação chegou até ti?

– Não é segredo nenhum. – Percy deu uma risada. – Podia apostar que, no final do dia, já terá dado uma volta completa a Londres. No meu caso, ouvi-o enquanto seguia a trote em Rotten Row. Juntei-me a duas belezas que conheço e elas mal podiam esperar para me contar o mais recente boato.

– Como? – Aquilo saiu de forma explosiva, suficientemente alto para atrair um olhar de Derek, que depois se voltou de novo para a criada.

– Como podes imaginar, foi Lady E. Parece que o condutor dela achou que lhe interessaria saber tudo acerca do teu plano perverso. E, aparentemente, ela ficou mais do que satisfeita ao pensar que tiveste ciúmes ao ponto de fazer algo tão escandaloso. Mal pôde esperar por contar isso a todas as amigas mais próximas e àquelas que não eram assim tão próximas. Teve uma manhã bem atarefada à conta disso.

– Diabos levem aquela desbocada!

– Sim, se estivesse no teu lugar, ausentava-me de Londres durante algum tempo.

– E deixava a rapariga enfrentar isto sozinha?

– Isso nunca te incomodou antes.

Percy recebeu uma expressão assustadoramente mal-encarada em troca do seu comentário.

– Não olhes assim para mim, Nick. Ela vai sair disto melhor do que tu, é mais do que certo que será casada com alguém rapidamente, como as tuas outras inocentes foram, e vai viver feliz para sempre. Mas tens de ter em consideração o tio de Derek, já para não falar do pai dele. Esta rapariga tem parentes que vão exigir a tua pele. Não vais sair incólume desta vez, como fizeste com todas as outras raparigas que comprometeste.

– Mas que diabo, eu nem sequer toquei na rapariga!

– É claro que não, mas quem vai acreditar nisso? – disse Percy sem rodeios. – A tua melhor opção é partir antes que algum dos tios dela te desafie para um duelo.

Naquele momento, Tyndale surgiu à porta e anunciou:

– O criado de Lord Malory pede para lhe dar uma palavra, meu senhor.

Derek ergueu a cabeça, surpreendido, ao ver o criado que estava atrás de Tyndale.

– Ora, Nicky, deve haver algum engano. Aquele sujeito não trabalha para mim.

– Já estava a prever isso – disse Nicholas entre dentes e Percy soltou um resmungo.

—Não!

Anthony Malory ergueu a cabeça e viu a sobrinha entrar na sala a correr e fitar de olhos arregalados a pistola que ele estava a limpar na secretária. Depois lançou-lhe um olhar impaciente, antes de voltar a examinar a arma.

— É demasiado tarde para nós, Reggie.

— Já o mataste! — gritou ela.

Ele não desviou o olhar da arma, por isso não viu a cor a desaparecer-lhe das faces.

— Mandeí um homem a casa dele. Não tive qualquer problema em saber a morada esta manhã. Ele deve estar aqui em breve para discutir a hora e o lugar.

— Não, não, não!

Quando ele olhou para cima, encontrou os olhos dela a fuzilá-lo.

— Reggie... — começou ele, mas ela avançou sobre ele.

— É essa a tua resposta para tudo? — Apontou furiosamente para a arma que estava nas mãos do tio. — Pensava que tínhamos chegado a acordo ontem à noite.

— Isso foi antes da brincadeira do Montieth ter feito as delícias da má-língua. Ou será que não sabes que o teu nome está na boca do mundo esta manhã?

Reggie vacilou, mas disse tranquilamente:

— Sei, pois. Acabei de deixar uma sala repleta de mulheres que mal podiam esperar para expressar a sua compaixão.

— E o que lhes disseste?

— Não podia propriamente negar que aquilo aconteceu, já que o condutor de Lady Eddington testemunhou tudo. Mas a verdade é que menti e disse que fui trazida imediatamente de volta, que Lord Montieth se apercebeu depressa do seu erro.

Anthony abanou a cabeça.

— Mentira na qual não acreditaram. Pois não?

— Não — admitiu ela, com relutância.

— Porque aquele maldito condutor esperou uma boa hora pelo teu regresso e todos sabem isso. E não é preciso uma hora para fazer aquilo que se diz que foi feito. O facto de mentires em relação a isso apenas sugere que tens algo a esconder.

— Mas isso não é verdade!

— Desde quando é que a verdade interessa à má-língua?

— O que vou eu fazer, Tony? — exclamou, desolada.

— Não vais fazer nada. Vais ultrapassar isto, com o apoio da tua família. *Ela* vai pagar o preço por manchar o teu bom nome.

— Não o vais desafiar para um duelo.

Os olhos de Anthony semicerraram-se.

— Se não o fizer eu, fará o Jason e vai acabar morto. Não tem a mesma pontaria

que eu.

– Ninguém vai morrer, Tony. – Ela disse aquilo como se a questão dependesse inteiramente dela. – Tem de haver outra solução. Foi por isso que vim até cá. Ainda achei que não ia chegar a tempo de te apanhar antes de partires. Como é que descobriste?

– Na verdade, estava de partida quando o meu velho amigo George me chamou para me avisar de que o segredo tinha sido revelado. Foi uma verdadeira sorte eu ter-me atrasado nos preparativos da viagem esta manhã. Caso contrário, já estaria agora a meio caminho de Gloucester e o Eddie teria ficado cá sozinho a lidar com isto tudo. Nem quero pensar na balbúrdia que ele faria em torno disto.

– Pelo menos a resposta dele não seria agarrar a pistola mais próxima – retorquiu ela.

Anthony fez uma expressão carrancuda.

– Ele já sabe?

– Não. Esteve fechado a sete chaves no escritório a manhã toda. Ainda lá está. A tia Charlotte disse que ia tentar esconder isto dele o máximo de tempo possível. Pensei que talvez não te importasses...

– Cobarde. Mas não é com o Eddie que deves ficar mais preocupada. É o Jason quem vai subir pelas paredes.

– Pelo menos ele não vai ouvir falar disto durante algum tempo.

– Não contes com isso, garota. Ele vai saber no final do dia ou amanhã, o mais tardar. Achas que ele te perde de vista quando estás na cidade pecaminosa de Londres?

– Não acredito!

– Podes acreditar – assegurou-lhe Anthony. – Também recebia periodicamente relatórios a teu respeito quando estavas na Europa. Nada escapa ao Jason. Nem mesmo eu estou protegido contra o seu olho que vê tudo. Como é que achas que ele descobre tão depressa todas as minhas malditas trapalhadas?

Reggie soltou um queixume de frustração. Aquilo estava a ir de mal a pior. Jason conseguia ter tão mau génio como Tony. Além disso, era um homem de princípios rígidos. No que dizia respeito a questões de honra, a sua posição era inabalável.

Para ele, haveria apenas uma única solução e se isso não resultasse começaria a limpar a pistola, tal como Tony. Mas a primeira solução era inaceitável. Nicholas Eden jamais concordaria. Preferia enfrentar um dos tios dela num campo de duelo do que ser forçado a casar-se, estava certa disso.

Mordeu o lábio, preocupada.

– Tem de haver alguma coisa que possamos fazer, Tony, alguma história que possamos inventar.

– Podemos inventar uma dúzia delas, garota, mas ninguém acreditará em nenhuma. O problema é que o Montieth já seduziu inocentes como tu antes. O facto de ter estado sozinho contigo, independentemente de não ser contigo que ele pretendia estar, implica que tirou partido da situação. Ele é um mariola tão bem-

parecido que é impossível resistir-lhe. É isso que as pessoas vão pensar. E dizer.

Reggie corou e desviou o olhar, pouco à vontade.

– Não sei por que motivo estou sequer a discutir isto contigo – continuou secamente Anthony. – Só há uma coisa a fazer e cabe-me a mim fazê-la.

Reggie suspirou.

– É claro que tens razão. Não sei por que motivo tenho estado a resistir tanto à ideia.

Ele ergueu uma sobrancelha, desconfiado.

– Nada de artimanhas, Reggie.

– Não se trata de uma artimanha. Vais fazer tudo o que for necessário para ele se casar comigo. Essa é a única solução.

– Com mil diabos! – Anthony pôs-se de pé num salto, impelido pela fúria. – Ele não é suficientemente bom para ti!

– Ainda assim...

– Não! E não! E não penses que eu não percebi o que se passa aqui, Regina Ashton. Achas que isto irá resolver o teu outro problema e assim já não terás mais de procurar marido.

– Agora que falas nisso... Tony, não me importava que ele fosse o meu marido, palavra de honra. E ele faz-me lembrar de ti.

– Ele é demasiado parecido comigo, que é exatamente a razão pela qual não é bom para ti!

– Mas também me faz lembrar o tio Edward. E também existe um toque do tio Jason nele. Ficou bastante irritado quando sugeri que o que ele fizera ia arruinar a minha reputação e que teria de se casar comigo.

– Tu disseste isso?

– Estava irritada. E ele ficou zangado. Fez exatamente o mesmo que o tio Jason teria feito.

– Aquele...

– Não, não, Tony. Ele é perfeito, não vês? Tem um pouco de todos vocês: exatamente aquilo de que andava à procura. E, de resto, será um desafio mudá-lo.

– Ele nunca irá mudar, Reggie – insistiu Tony. – Nunca irá assentar.

– Não tenho a certeza. – Ela fez um sorriso rasgado. – Podemos fazer essa afirmação em relação a ti, mas não temos a certeza absoluta em relação a ele. E ele gostou de mim. É um começo.

– Não tentes suavizar as coisas – disse Anthony. – Ele desejou-te. Mas vai desejar igualmente outras mulheres e irá atrás delas. Não será um marido fiel.

– Acho que sei isso – disse ela, de forma tranquila.

– E continuas a querê-lo para teu marido?

Ela não o queria ver morto. A alternativa era aquela.

– No fim de contas – continuou tranquilamente –, a responsabilidade de corrigir a situação é dele. Foi ele quem me envolveu num escândalo, por isso deve ser ele quem me deve ajudar a sair dele. Esta é uma solução pacífica e tenho a certeza de que o tio Jason concordaria com ela sem quaisquer reservas.

– Isto não é o que considero receber um castigo justo. – Anthony lançou-lhe um olhar furioso. – No final, ele vai ficar contigo, enquanto que tu vais continuar a sofrer.

– Ele não vai ver isso dessa forma, Tony. Na verdade, tenho a certeza de que ele irá recusar.

– Ótimo. – Anthony sorriu e retomou a tarefa de limpar a pistola.

– Não – disse Reggie. – Tens de me prometer que vais fazer tudo o que estiver ao teu alcance para o convencer, Tony.

– De acordo – concordou ele.

Anthony sorria de uma forma que dava vontade de lhe bater. Conhecia muito bem aquele sorriso.

– Quero que o tio Edward esteja contigo quando falares com ele – disse ela, num tom desconfiado.

– Mas o teu visconde estará aqui em breve, garota – lembrou-lhe ele.

– Nesse caso, vem comigo falar com o tio Edward agora. Deixa um bilhete para o Lord Montieth regressar esta noite. E, Tony – acrescentou lentamente, desatando o lenço do pescoço –, acho que o tio Edward devia ver isto, para ter consciência de como é importante obter o consentimento de Lord Montieth.

A expressão de Anthony ensombrou-se.

– Tu disseste que ele só te tinha beijado!

Ela atou o lenço outra vez, com uma expressão deveras inocente.

– Bom, isto *foi* provocado por um beijo, Tony.

– Como é que ele se atreve a deixar-te essa marca?

Reggie encolheu os ombros, evitando cuidadosamente os olhos dele.

– Achas que o tio Edward vai atribuir muita importância à marca e presumir o pior? Acho que ele vai sentir que o seu dever será informar o tio Jason a esse respeito. Será que vão querer apressar o casamento? Preferia esperar alguns meses, para ter a certeza de que o meu primeiro filho nasce após um intervalo decente de tempo.

– Isto é chantagem, Reggie.

Ela arregalou os grandes olhos azul-escuros.

– É?

– O Jason devia ter-te dado uns açoites mal começaste a desenvolver este talento para manipular as pessoas.

– Mas que coisa horrível de se dizer! – exclamou Reggie, chocada.

Ele riu-se, abanando a cabeça.

– Podes parar de representar, garota. Vou fazer com que o teu visconde se case contigo, de uma forma ou de outra.

Ela abraçou-o, obviamente satisfeita.

– E não falamos mais de mortes?

– Vamos deixar o assunto das mortes de lado – suspirou ele. – Uma vez que o Eddie é, de nós todos, o mais lógico e com mais cabeça para o negócio, talvez ele se consiga lembrar de alguma coisa para convencer aquele homem sem recorrer à

violência.

Libertou-se dos braços dela e voltou-se para guardar a arma.

– Tu disseste que o Montith não vai concordar, Reggie, e quando um homem é teimoso, é preciso persuasão para o fazer mudar de ideias. Mas *tu* também podes mudar de ideias. – Ele fitou-a, expectante.

– Não. Quanto mais penso nisso, mais sinto que é o mais acertado a fazer.

– Ele pode vir a odiar-te à conta disto. Já pensaste nisso?

– Sim, mas vou correr esse risco. Não ponderaria o casamento se ele não me tivesse achado atraente. Mas ele tentou seduzir-me: *tentou*, disse eu. Ele será meu marido, Tony. Diz ao tio Edward e ao tio Jason que não aceitei mais ninguém.

– Muito bem – respondeu Tony, acrescentando em seguida com uma expressão severa: – Mas vais manter esse maldito lenço atado, ouviste? Não existe qualquer vantagem em fazer com que os meus irmãos pensem pior do seu futuro sobrinho por afinidade do que é preciso.

Passavam trinta minutos das dez da noite e Nicholas estava sentado dentro da sua carruagem à porta da casa de Edward Malory, em Grosvenor Square, meia hora atrasado para o seu encontro, mas sem fazer qualquer movimento para sair da carruagem.

Já desistira de tentar adivinhar o motivo para semelhante encontro. Compreendera perfeitamente a convocatória daquela manhã da parte de Anthony Malory, mas visto que esse encontro matinal não se realizara, já não sabia mais o que pensar. Não conseguia imaginar o tio Edward de Derek, um homem de negócios, a exigir um duelo, mas que mais podia aquilo significar? Com mil diabos!

Reggie observava a carruagem escura de uma janela do piso superior, com o seu nervosismo a transformar-se em terror. Ele não ia gostar daquilo que ela tinha posto em marcha. Tinha a certeza absoluta disso. Nicholas devia suspeitar da razão pela qual fora chamado ali. Por que outro motivo hesitaria em entrar?

O tio Edward tivera bastante a dizer a respeito de Lord Montith, determinado a pô-la exatamente ao corrente daquilo em que se estava a meter. Conhecia a família Eden há anos e, na verdade, fora um amigo muito próximo do pai de Nicholas. Por isso, Reggie sabia de tudo agora, incluindo as histórias das outras jovens que ele arrastara para escândalos por não terem sido suficientemente fortes para escapar ao seu charme. Ele era irresponsável, não tinha consciência moral, podia ser frio, arrogante e ter ataques de mau génio. O charme que mostrava às senhoras não era, nem por sombras, a sua única faceta. Ela ouvira aquilo tudo, mas, para desgosto do tio Tony, não mudara de ideias.

Reggie estava a usar o quarto de Amy para espreitar pela janela, agradecendo aos céus o facto de se encontrar sozinha naquela parte da casa. A tia Charlotte reunira toda a sua prole, a qual, sem exceção, protestou veementemente, e partira durante essa noite para a casa de uma amiga, fora de Londres. Reggie fora autorizada a ficar, para que não tivesse de esperar até ao dia seguinte para saber o seu destino. Mas devia manter-se no piso superior e não interferir de forma alguma. O tio Tony fora inflexível a esse respeito. Mesmo se ouvisse um verdadeiro pandemónio, não devia aventurar-se a descer as escadas.

Nicholas entregou o chapéu e as luvas e foi conduzido até à sala de estar. Ficou surpreso ao dar-se conta de que a casa era muito maior do que parecia do exterior. Sabia que Edward Malory tinha vários filhos e a casa era, sem dúvida, suficientemente grande para acolher uma família numerosa. Os dois pisos superiores eram provavelmente constituídos inteiramente por quartos, pensou, e o piso térreo tinha tamanho suficiente para um salão de baile.

– Estão à sua espera, meu senhor – anunciou o mordomo quando chegaram à

porta da sala de estar. O rosto do criado estava impassível, mas o seu tom de voz era reprovador. Nicholas quase soltou uma risada.

Todo o seu bom humor desapareceu, porém, quando o mordomo abriu a porta e depois a fechou atrás de Nicholas. Num sofá bege estava sentada Eleanor Marston, a sua tia solteira Ellie e ao lado dela Rebecca Eden, a sua temível avó. Naquele momento, ela parecia estar prestes a lançar sobre ele toda a força da ira de Deus.

Então era isso. Ia ser chamado a prestar contas. Ia receber um sermão pela sua própria família, assim como pela de Regina. Só estava surpreendido com o facto de não terem convocado a «mãe» dele, Miriam. Ela ter-se-ia regozijado com aquela situação!

– Ganhaste finalmente coragem para entrar, mariola? – tomou a palavra a velha dama, sem preâmbulos.

– Rebecca! – admoestou-a Eleanor.

Nicholas sorriu. Ele sabia que a avó duvidava tanto da sua coragem como ele próprio. Simplesmente gostava de o irritar. A tia Eleanor acorria sempre em sua defesa, bendita mulher. Na verdade, era a única que se atrevia a admoestar a velha senhora. A tia Ellie vivia com a avó de Nicholas há vinte anos, na qualidade de sua dama de companhia e ele espantava-se com a sua capacidade de resistência, uma vez que a avó era uma verdadeira tirana, governando tudo à sua volta com uma vontade de ferro.

Há muito tempo, Eleanor vivera com Miriam e Charles Eden em Silverley, nos primeiros anos do casamento dos pais, antes de Nicholas nascer. Mas as discussões constantes entre as duas irmãs tinham feito Ellie regressar à casa dos pais. Mais tarde, fizera uma visita à mãe de Charles, Rebecca, que vivia na Cornualha. Morava lá desde essa altura, visitando igualmente Silverley muitas vezes ao longo dos anos, mas sempre de visita, não para ficar.

– Como está, minha senhora? – perguntou à avó.

– Como se *tu* te importasses com isso – retorquiu ela. – Não venho para Londres todos os anos por volta desta altura? – perguntou-lhe.

– Fez disso um hábito, sim.

– Por que motivo não tive então a honra de uma visita tua desde a minha chegada?

– Vi-a na Cornualha há apenas um mês – lembrou Nicholas.

– Isso é irrelevante. – A seguir, encostou-se para trás no sofá e disse: – Bom, não restam dúvidas de que estás metido numa bela embrulhada desta vez, não é verdade?

– Tudo aponta para isso – respondeu secamente, voltando-se depois para fitar os dois homens da família Malory.

O mais velho avançou para o cumprimentar de forma cordial. Grande, loiro e de olhos verdes, Edward Malory não era nada parecido com o irmão Anthony, mas era extremamente parecido com Jason. Era poucos centímetros mais baixo do que Nicholas, que media um metro e oitenta, mas a sua constituição era mais entroncada.

O irmão Malory mais novo não arredou pé do seu lugar ao lado da lareira. Um par de olhos azul-escuros parecia estar a planear o desmembramento de Nicholas. Os olhos de um azul intenso daquele homem e cabelo cor de carvão deram a Nicholas a certeza de que Regina Ashton era uma parente de sangue de Anthony. Era mais do que isso. Na verdade, ela exibia uma semelhança perturbadora com Anthony, mesmo ao nível do ligeiro enviesamento dos olhos. Meu Deus, perguntou-se ele, será que Regina era filha dele? Isso significava que cometera os seus pecados de juventude mais cedo do que o habitual, mas não era impossível.

– Não nos conhecemos, Nicholas – disse Edward Malory e apresentou-se. – Mas conheci o seu pai, o Charles, muito bem e conheço a Rebecca há alguns anos.

– O Edward investe o meu dinheiro por mim de forma bastante competente – explicou Rebecca. – Não sabias disso, pois não, meu mariola?

Bom, isso explicava como tinham conseguido chamar a avó ali em tão pouco tempo. A proximidade à família estava a começar a fazê-lo sentir-se nervoso.

Edward continuou:

– E creio que conhece o meu irmão mais novo Anthony, verdade?

– Cruzamo-nos nos clubes de tempos a tempos – respondeu Nicholas, sem fazer qualquer movimento na direção de Anthony.

Anthony não fez qualquer gesto de reconhecimento, para além do facto de o fuzilar com os olhos. Era tão alto como Nicholas e igualmente largo de ombros. Um verdadeiro demónio desde os dezasseis anos, segundo Derek. Nicholas apostava que havia piores escândalos no passado de Anthony do que esta agitação disparatada em torno de Regina. Por que diabo Anthony estava com uma expressão tão condenatória?

– Aquele quer a tua cabeça numa bandeja, meu mariola – disse a avó quebrando o silêncio que se seguiu. Ellie tentou fazê-la calar-se, mas ela não se iria calar.

– Já me apercebi disso, minha senhora – disse Nicholas, fitando Anthony. – Marcamos uma hora, meu senhor?

Anthony soltou um risinho sarcástico.

– Não duvido nada que preferisse fazer isso. Mas por muito que gostasse de lhe fazer a vontade, prometi deixá-los falar consigo primeiro.

Nicholas olhou em volta para os outros. Os olhos castanhos de Ellie espelhavam compaixão e Edward parecia resignado. O nervosismo de Nicholas aumentou subitamente e fixou o olhar em Anthony de novo.

– Meu senhor – disse ele rigidamente. – Gostaria de resolver a questão consigo.

– A minha sobrinha prefere que a questão seja resolvida de outra forma.

– Ela o quê?

– Ela tem um coração demasiado bondoso – suspirou Anthony. – Não quer vê-lo ferido, infelizmente. – Ele meneou a cabeça.

– Ainda assim, acho que...

– Não e não! – exclamou Rebecca numa voz trovejante. – Não estava por perto

para impedir aqueles outros duelos em que te envolveste, mas vou impedir este. Palavra de honra que te faço ir para a prisão primeiro, meu rapaz.

Nicholas tentou sorrir.

– O homem quer uma satisfação, minha senhora. Não lhe posso oferecer mais nenhuma.

– Lord Anthony aceitará uma outra coisa além de um duelo porque ama a sobrinha. Podemos estar agradecidos por isso.

– Podemos? Eu posso não estar agradecido, minha senhora.

– Também podemos dispensar as tuas observações satíricas – disse ela. – Podes ser um maldito rapazola arrogante e irresponsável, mas és o último Eden. Vais gerar um herdeiro antes de desperdiçares a tua vida num campo de duelo.

Nicholas retesou-se.

– Bem dito, minha senhora. Mas o que a leva a pensar que eu não tenha já um herdeiro que lhe possa dar?

– Conheço-te muito bem. Embora muitas vezes pareça que estás a tentar povoar o mundo, não tens bastardos. Seja como for, sabes que eu nunca aceitaria um.

– Isto é mesmo necessário, Rebecca? – perguntou depressa Eleanor.

– Sim – respondeu a velha senhora, olhando intencionalmente para os dois irmãos Malory.

– Nicky? – rogou-lhe Eleanor e Nicholas suspirou.

– Muito bem, admito que não tenho nenhum bastardo, quer seja rapaz ou rapariga. Tem toda a razão, minha senhora. É uma coisa na qual sou bastante cuidadoso.

– A única coisa.

Nicholas fez-lhe uma ligeira vénia, mas não respondeu. A postura dele era descontraída, quase entediada, mas estava a ferver por dentro. Apreciava batalhas verbais com a avó quando estavam sozinhos, mas não na companhia de outros. Ela sabia disso e estava a espicaçá-lo só para ser desagradável.

– E faz o favor de te sentares, Nicholas – disse Rebecca, num tom irritado. – Estou cansada de esticar o pescoço para olhar para ti.

– Isto vai demorar muito, então? – Fez um sorriso exasperante antes de ocupar a cadeira à frente dela.

– Por favor, não sejas difícil, Nicky – rogou Eleanor de novo.

Ele foi apanhado de surpresa. Aquelas palavras, de Ellie? Ela fora sempre a pessoa com quem podia falar, a pessoa que compreendia a amargura que existia sob a superfície. Enquanto crescia, ela fora sempre um ombro onde podia chorar. Quantas vezes fizera a cavalo a longa estrada entre Hampshire e a Cornualha, já noite cerrada, só para a ver? Depois de adulto, ela continuou a ser a pessoa que lhe era mais próxima. Nunca o repreendia pela forma como vivia. Era quase como se soubesse por que motivo ele fazia as coisas que fazia.

É claro que não sabia. Só Miriam sabia a razão pela qual era tão estouvado, porque é que se sentia sempre na corda bamba, sem um momento de descanso.

Nicholas encarou a tia afetuosamente. Aos quarenta e cinco anos, ainda era uma mulher atraente, com cabelo loiro claro e uns olhos castanhos emotivos. A irmã, Miriam, fora em tempos a mais bonita das duas, mas o ressentimento ajudou a arruinar a sua beleza. Gostava de pensar que a bondade de Ellie era aquilo que a tinha mantido tão bonita.

Aquela era a mulher que ele fingira secretamente ser sua mãe ao longo de toda a infância. A expressão dela dizia-lhe muitas coisas e era tão fácil de ler nesse momento como sempre fora. Lamentava a situação difícil dele. Estava a rezar para que ele não causasse problemas. Estava igualmente de acordo com o que quer que fosse que tivesse sido decidido nas suas costas. Mas tomaria partido contra ele ao lado da avó? Nunca fizera isso antes. Pensaria ela que ele tinha desflorado Regina Ashton? Podia ter seduzido a rapariga, se ela estivesse disposta a isso, mas o facto era que não a seduzira. A sua consciência podia fechar os olhos às suas intenções.

– Eles contaram-lhe tudo o que aconteceu, tia Ellie? – perguntou-lhe.

– Creio que sim.

– Contaram-lhe que foi tudo um engano?

– Sim.

– E que eu devolvi a rapariga sã e salva?

– Sim.

– Então, o que está aqui a fazer?

Rebecca franziu o sobrolho.

– Deixa-a em paz, mariola. Ela não tem culpa que te tenhas metido nisto.

– Nós sabemos de quem é a culpa. – A voz desdenhosa de Anthony ressoou atrás de si.

Nicholas chegou ao seu limite.

– A que conclusão chegaram, então? – exigiu saber, voltando-se na cadeira para encarar Anthony.

– Tu já sabes o que tem de ser feito, Nicky – disse Eleanor com uma reprovação suave. – É lamentável que toda esta situação tenha acontecido. Ninguém aqui acredita que tinhas intenção de fazer mal à rapariga, mas o facto é que a reputação dela *foi* irreparavelmente lesada. Ela não deve passar pelo sofrimento e humilhação da má-língua cruel porque uma das tuas brincadeiras não correu como o previsto. Consegues ver isso, não consegues? – Ela respirou fundo. – A tua única opção é aceitar a responsabilidade pelos teus atos. Tens de te casar com ela.

— Isto é insuportável, Meg! — gritou Reggie, sentindo o nervosismo a levar a melhor sobre si.

A criada ignorou a lamúria, tal como ignorara todas as outras. — Vai dormir com esse lenço no pescoço?

Reggie levou as mãos ao pescoço.

— Sim, é claro que sim. O tio Edward pode vir dizer-me o que aconteceu, em vez do tio Tony. Não quero que mais ninguém veja isto.

Meg franziu o sobrolho e voltou ao trabalho de costura que tinha no colo. Ela também já tinha visto a marca. Reggie não conseguia esconder nada dela, pelo menos durante muito tempo. Ficara indignada com toda a história e, por uma vez na vida, estava completamente de acordo com Anthony Malory em vez de se colocar ao lado da rapariga que se encontrava sentada de pernas cruzadas no meio da cama, a torcer as mãos com a agonia da espera.

O visconde Eden de Montieth devia ser baleado e não presenteado com aquele tesouro na forma de uma esposa. Meg nunca tinha ouvido uma ideia tão escandalosamente injusta. Entregariam a carteira deles a um ladrão reles com um agradecimento? Como é que podiam dar a preciosa Reggie ao homem que era responsável pela desonra dela?

— Vais lá abaixo ver se consegues ouvir alguma coisa, Meg?

— Não, não vou.

— Então vou eu.

— A menina também não vai. Vai ficar aí sentada. Continue a afligir-se, se quiser. Dentro em breve, vão dizer-lhe que ele disse que sim.

— Mas o problema é esse. — Reggie bateu nos joelhos para dar ênfase às suas palavras. — Ele vai dizer que não.

Meg abanou a cabeça.

— Não me vai convencer de que quer que aquele homem seja seu marido, minha menina, por isso, pode parar de tentar.

— Mas é verdade, Meg.

— Eu conheço-a como a palma da minha mão. Está só a fingir uma cara feliz pelos seus tios, porque esta parece ser a única solução.

— Que absurdo. — Reggie soltou um riso abafado, fazendo regressar o seu bom humor. — Simplesmente não queres admitir que eu sou uma rapariga impudica e desavergonhada, que deseja um homem que acabou de conhecer.

Meg ergueu os olhos para ela.

— Já percebi tudo. Está disposta a isto porque vai conseguir um marido depressa e não terá de procurar mais. Admita isso, menina.

Reggie fez um sorriso rasgado.

— Isso é uma vantagem adicional, sim.

— Ora! — resmungou Meg. — É a única razão que a leva a querer que ele seja seu

marido. Tem de ser.

– Não vais dizer isso depois de o veres, Meg. Acho que estou apaixonada.

– Se acreditasse nisso, descia lá abaixo e beijava-lhe os pés. Mas a menina tem demasiado bom senso para pensar que está apaixonada ao fim de apenas um encontro.

– Tens razão – suspirou Reggie, mas os seus olhos brilharam. – Mas não vai demorar muito tempo, Meg, a sério que não. Espera e vais ver.

– Espero não chegar a ver isso. Espero não a ver casada com ele. Será o dia mais infeliz da sua vida, se chegar a acontecer, ouça bem o que lhe digo.

– Que disparate – retorquiu Reggie.

– Não se esqueça de que eu a avisei.

– Não vou casar-me com ela.

– Ótimo. – O sorriso de Anthony estava repleto de um prazer perverso. – Fui contra a ideia desde o início.

– Deixa-te estar quieto, Anthony – avisou-o Edward. – Não está nada resolvido.

– Repito, não vou casar-me com ela – disse Nicholas serenamente, mal conseguindo manter a calma.

– Terá a bondade de me dizer porquê? – A voz de Edward era igualmente tranquila.

Nicholas disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

– Ela merece melhor.

– De acordo – comentou astutamente Anthony. – Em circunstâncias normais, o senhor jamais seria considerado para marido dela.

Edward lançou-lhe um olhar silenciador e depois dirigiu-se de novo a Nicholas:

– Se está a referir-se à sua reputação, estamos plenamente informados. Sou o primeiro a admitir que é duvidosa. Porém, teremos de fechar os olhos a esse tipo de coisas agora.

– Ela seria extremamente infeliz comigo – apressou-se Nicholas a dizer, com um pouco mais de convicção.

– Isso é pura conjectura. Não conhece suficientemente bem a Regina para saber o que a tornaria feliz ou infeliz.

– Estás a tentar esquivar-te, meu mariola – afirmou Rebecca. – Não tens uma única boa razão para não te casares com a rapariga e sabes disso. E já está mais do que na altura de te casares; mais do que na altura.

– Para poder gerar o seu herdeiro? – respondeu ele.

– Vamos lá ver uma coisa, Nicholas – interrompeu Edward. – Nega que envolveu a minha sobrinha num escândalo?

– A sua sobrinha?

– Quem diabo achaste que ela era, meu mariola? – Rebecca estava exasperada.

Anthony riu-se de súbito.

– Diga-me, Montieth, estava com esperanças de que ela fosse ilegítima? Uma parente pobre que pudesse afirmar que estávamos a tentar impingir-lhe?

– Já chega – advertiu-o Edward de novo. – Nicholas... bom, talvez seja possível que não saiba quem é a Regina. São poucas as pessoas que se lembram da Melissa, uma vez que ela já morreu há muito tempo.

– Melissa?

– A nossa única irmã. Era muito mais jovem do que o Jason e eu, que sou o filho do meio. Ela era... bom, não preciso de lhe explicar o quanto ela era preciosa para nós, sendo a única rapariga no meio de quatro rapazes. A Regina é a sua única filha.

– Ela é tudo o que eles têm da Melissa – acrescentou Rebecca. – Começas a perceber o quanto a Regina é importante para os irmãos Malory?

Nicholas estava a sentir-se agoniado.

– Devo acrescentar, a respeito do comentário do meu irmão, que a Regina é bastante legítima – prosseguiu Edward. – A Melissa tinha um casamento feliz com o conde de Penwich.

– Penwich! – Nicholas quase se engasgou ao dizer o nome que amaldiçoara tantas vezes.

– O falecido conde, Thomas Ashton – esclareceu Edward. – Agora, quem detém o título é um primo afastado qualquer. É um sujeito desagradável, mas ele não tem qualquer contacto com a Regina. Ela tem estado sob o nosso cuidado há dezassete anos, desde que a Melissa e o Thomas morreram num terrível incêndio.

A cabeça de Nicholas começou a andar à roda. Maldição. Ela era realmente prima direita de Derek, filha de um conde, sobrinha do marquês de Haverston. Não ficaria surpreso se soubesse que era uma herdeira abastada. Podia ter facilmente arranjado um marido com um título melhor do que o dele. Podia. Mas agora que ligara o seu nome ao dela, ela deixara de ser um excelente partido, especialmente para as famílias que não se aproximariam de uma rapariga com um escândalo atrás de si. Todas as pessoas que estavam na sala o sabiam, incluindo ele próprio. Todavia, existiam outros homens que a podiam querer, apesar do resto, homens menos rígidos do que a maioria.

Ele disse o mesmo por outras palavras a Anthony:

– O *senhor* não parece achar que ela perdeu a hipótese de fazer um bom casamento. Então, por que motivo está disposto a contentar-se comigo?

– Eu disse isso, meu caro rapaz? Não, não. É ela que o quer, não eu.

Nicholas olhou em volta à procura de uma resposta.

– E na qualidade de sobrinha preferida, ela tem sempre aquilo que quer? – indagou.

– Existe o simples facto – interveio Edward – de que se ela se casar com outra pessoa qualquer, o pobre sujeito terá de viver com o escândalo que o senhor criou sussurrado nas suas costas o resto da vida. Isso seria pedir de mais a qualquer homem e certamente não iria dar azo a um casamento feliz.

Nicholas franziu o sobrolho.

– Mas ela diria ao marido a verdade.

– O que interessa a verdade quando é na mentira que todos acreditam? – respondeu Edward, numa voz irritada.

– Vou ser feito refém da tacanhez de espírito dos outros?

– O que diabo se passa contigo, Nicholas? – exigiu saber Rebecca. – Já conheci a rapariga e há muito tempo que não via uma criatura tão bela. Nunca conseguirás um casamento melhor do que este, sabes bem. Porque estás contra isso?

– Não quero uma esposa, *qualquer que seja* a esposa – disse Nicholas, num tom áspero.

– O que tu queres tornou-se irrelevante – retorquiu a avó – quando levaste à força uma rapariga inocente cuja família não vai fechar os olhos como fizeram outras. Tens muita sorte de eles te deixarem ficar com ela!

– Sê razoável, Nicky – intrometeu-se Eleanor. – Tens de te casar um dia. Não podes continuar eternamente a viver como tens feito. E esta rapariga é encantadora e belíssima. Dará uma esposa maravilhosa.

– Não para mim – declarou ele terminantemente. No silêncio que se seguiu, as suas esperanças aumentaram, mas a avó arrasou-as.

– Nunca serás o homem que o teu pai foi. A fugir para o mar durante dois anos, a regressar para viver a vida de um perdulário, a delegar as tuas responsabilidades a representantes e lacaios. Céus, tenho vergonha de admitir que és meu neto. E digo-te já que mais vale esqueceres que me conheces, se não assumires a tua culpa e te casares com esta rapariga. – Ela pôs-se de pé com uma expressão dura como uma pedra. – Venha, Ellie. Já lhe disse tudo o que tinha a dizer.

O rosto de Rebecca permaneceu frio e inflexível enquanto abandonava a sala, com Ellie ao seu lado. Mas assim que a porta se fechou atrás de ambas, voltou-se para Ellie e brindou-a com um enorme sorriso conspiratório.

– O que tem a dizer, minha querida? Acha que surtiu efeito?

– Foi um pouco excessiva a parte em que dizia ter vergonha dele. A Rebecca sabe que isso não é verdade. Ora, senti mais prazer com a aventura temerária dele do que ele próprio. Juro, Rebecca, devia ter sido um homem.

– Não tenho quaisquer dúvidas! Desta vez, estaaventurazinha dele foi uma dádiva dos céus. Mas nunca pensei que ele oferecesse tanta resistência.

– Não? – retorquiu Eleanor. – Sabe por que motivo ele não quer casar-se. Sabe como é que ele se sente. O Nicky recusa-se a impor o estigma do seu nascimento a uma esposa que não saiba a verdade. Sente que não pode fazer uma proposta de casamento a uma rapariga decente, mas, ao mesmo tempo, a posição social dele torna impossível casar-se abaixo da classe dele. Decidiu que simplesmente nunca se casaria. A Rebecca sabe isso.

Rebecca assentiu com a cabeça, impaciente, e disse:

– Motivo pelo qual isto é uma dádiva dos céus. Agora ele terá de se casar e, para mais, numa boa família. Ele não gosta nada da ideia, mas acabará por ficar contente. Na minha opinião, esta rapariga não vai pensar duas vezes no assunto se

alguma vez souber a verdade.

– Acredita realmente nisso?

– Se não acreditasse, ela não serviria para ele – afirmou Rebecca resolutamente.

Ambas sabiam exatamente o que motivava Nicholas, embora ele não estivesse ciente disso. Para o mundo, Miriam era a mãe dele e no dia em que ela pusesse fim a esse logro, como muitas vezes ameaçava fazer, seria o dia em que ele podia parar de viver com o pavor da revelação e tornar-se o pária que tanto se esforçava por ser. Ele queria que o considerassem perverso para se acostumar ao tratamento que podia esperar se a verdade fosse revelada.

– Alguém lhe devia dizer que provavelmente não faria qualquer diferença se a verdade viesse a saber-se – comentou Rebecca. – Seja como for, ninguém acreditaria nela, não ao fim de todos estes anos.

– Porque é que não lhe diz isso? – perguntou Ellie, sabendo a resposta.

– Eu não, minha querida. E se fosse a Ellie a dizer-lhe?

– Não, não. – Eleanor abanou a cabeça categoricamente. – Isto é demasiado importante para ele. – Suspirou. – Já discutimos isto centenas de vezes, Rebecca. E, além disso, ele vai finalmente aceitar uma noiva, assentar e ter a sua própria família.

– É essa a nossa esperança – acrescentou Rebecca. – Mas eles ainda não lhe arrancaram um sim.

*

– A sua atitude é deveras intrigante, Nicholas – dizia Edward no interior da sala de estar. – Se não soubesse com toda a certeza que era um homem de saias, começaria a duvidar.

Nicholas teve de sorrir perante tal comentário, vindo daquele cavalheiro circunspecto.

– As minhas inclinações são decididamente femininas, senhor.

– E, ainda assim, não quer a minha sobrinha?

Anthony elevou bruscamente a voz.

– Olhe-me nos olhos quando responder, Montieth, porque já vi a marca que lhe deixou.

– De que falas? – exigiu saber Edward.

– Tem calma, Eddie. É uma coisa entre o visconde e eu. Qual é a sua resposta, Montieth?

Nicholas corou com uma fúria intensa. Sentia-se encurralado e não gostava nada disso. Tinha deixado uma marca na rapariga? Se sim, que diabo estava ela a fazer ao informar o tio acerca disso? Eles tinham dito que ela queria casar-se com ele. Maldição, será que ela dera a Anthony a impressão de que o encontro entre ambos não fora assim tão inocente? Era por isso que o tio mais novo dela queria o seu sangue a todo o custo?

– Não existe nada de errado com a vossa sobrinha, meus senhores – disse Nicholas com uma voz dura e os olhos cor de âmbar a brilhar de fúria. – Mas

devem sabê-lo melhor do que eu, certamente.

– Sim, pode dizer-se sem qualquer falsa modéstia que ela é desejável em todos os aspetos. Ainda assim, não conseguimos chegar a acordo. – Edward fez uma pausa para suspirar. – O Jason não vai gostar nada disto. Sabe, ele é o guardião legal dela.

– O Jason vai desfazê-lo em pedacinhos, se não existir um noivado quando chegar a Londres – afirmou terminantemente Anthony. – Desiste, Eddie, e deixa-o a meu cargo. Se o Jason lhe põe as mãos em cima, não vai sobrar nada.

Nicholas sentou-se de novo e apoiou a cabeça entre as mãos enquanto os dois irmãos continuavam a discutir. Ele gostava e respeitava o pai de Derek, Jason Malory, caçara com ele em Haverston e passara longos serões na sua companhia, entre um bom *brandy* e boas conversas. Admirava a forma como Jason geria Haverston e lidava com as pessoas que tinha à sua responsabilidade. A última coisa que queria era que Jason se zangasse com ele. Mas não podia casar-se com a rapariga e não podia dizer-lhes porquê.

A amargura que sentia pela sua origem nunca o magoara tanto. A verdade era que ele era um bastardo. E qualquer mulher que se tornasse sua esposa iria sofrer o estigma da sua bastardia. Ele seria ostracizado quando a verdade viesse a público. Vira o mesmo acontecer a Derek Malory, que era um conhecido bastardo. Daí sentir uma empatia em relação a Derek que não sentia com os outros amigos.

A voz de Edward intrometeu-se nos seus pensamentos.

– Duvido que a situação financeira da Regina o impressione, Nicholas, uma vez que os investimentos ponderados do seu pai, assim como os seus, o transformaram num jovem excecionalmente abastado. Direi apenas que ela pode viver de forma bastante desafogada. Mas... talvez isto *lhe* interesse.

Nicholas aceitou o maço de papéis que Edward retirou do bolso do casaco. Cartas. As *suas* cartas para o conde de Penwich.

– Como diabo ficou na posse destas cartas? – exigiu saber ele, incrédulo.

– Foram-me enviadas muito recentemente, na verdade. O conde é conhecido por ignorar coisas que não *lhe* interessam e aquela terra que quer não *lhe* interessa.

– Porquê o senhor?

– Porque pertence a um legado que está a meu cargo. É uma terra de um tamanho simpático, com quase uma dezena de rendeiros que pagam regularmente a renda.

– É uma propriedade enorme e sabe disso, e está muito aquém do seu potencial – retorquiu Nicholas.

– Não pensei que tivesse uma predileção tão grande pela terra – observou de forma astuta Edward. – Afinal, a supervisão de Silverley não está a seu cargo.

Nicholas cerrou furiosamente a boca. Com mil diabos! Tinha melhores hipóteses contra o seu velho inimigo capitão Hawke sem uma arma do que contra aqueles Malory.

– Posso depreender que nunca porei as mãos naquela terra se não me casar com a sua sobrinha?

– Podia dizê-lo de forma mais delicada, mas, em linhas gerais, é isso, sim.

– Recuse, Montieth – tentou-o Anthony numa voz suave. – Vá ao meu encontro amanhã de manhã, em vez disso. Eu não o mato. Vou apontar a uma boa distância abaixo do coração para que possam acreditar na próxima rapariga que rapte a meio da noite, quando ela afirmar que não lhe tocou.

Nicholas teve de se rir. Agora estavam a ameaçá-lo com a castração? Aquelas eram as opções dele? Não tinha quaisquer dúvidas de que a avó seria capaz de o pôr na prisão, como ameaçara. Isso iria provocar um afastamento entre ambos e a verdade era que ele adorava aquela velha megera. Depois, seria a morte ou um ferimento atroz, se Anthony levasse a sua vontade avante. Aquelas eram as suas opções.

Ou podia casar-se com a criatura mais encantadora que alguma vez tinha visto. Provavelmente, podia conseguir a terra que queria. A tia Ellie apoiava aquele casamento. A sua avó e todos os Malory apoiavam-no.

Nicholas fechou os olhos por um momento, aparentemente imerso em pensamentos. A seguir, abriu-os e pôs-se de pé.

– Meus senhores – disse ele calmamente –, quando é que o casamento terá lugar?

— Viesste buscar a tua noiva para ir a Vauxhall Gardens? A um concerto? Nunca pensei ver-te a assistir a um maldito concerto e, ainda por cima, de dia!

Derek Malory estava a divertir-se imenso e a expressão de pura aversão no rosto de Nicholas Eden era perfeita. Estavam na sala de estar da casa de Edward, na mesma sala onde tivera lugar o encontro infame da noite anterior e Nicholas acabara de chegar.

— Aparentemente, esta é a única forma de a conseguir ver — disse Nicholas a Derek. — Não me deixaram chegar perto dela ontem à noite.

— É claro que não. Isso não seria apropriado. Mandaram-na ir para a cama.

— Isso quer dizer que ela realmente obedece a ordens? — perguntou Nicholas, fingindo espanto. — Pensei que toda a gente obedecia às ordens dela.

— Ora. Estás mesmo irritado com isto. Não percebo porquê. Ela é excelente, sabes? Uma verdadeira pedra preciosa. Não podias querer melhor.

— Teria preferido ser eu a escolher a minha mulher, em vez de ser forçado a aceitar uma.

Derek esboçou um sorriso irónico.

— Ouvi dizer que deste uma bela luta. Não conseguia acreditar em nada disto quando me contaram, especialmente a parte em que cedias. Sei muito bem que não gostas nada que te digam o que fazer.

— Já chega, Derek — ordenou Nicholas. — O que estás aqui a fazer, afinal?

— Tenho de vos fazer companhia. Não sabias? A prima Clare e eu vamos com vocês. Ordens do tio Edward. Não achavas que ias ficar sozinho com ela, pois não? Não pode haver malandrices antes do casamento.

Nicholas franziu o sobrolho.

— Mas que diferença faria isso agora? As pessoas já pensam que eu me deitei com ela.

— Ninguém acredita nisso, Nicky, pelo menos, ninguém na família.

— Exceto o teu tio Anthony?

— Não sei o que ele pensa — disse Derek num tom mais ponderado. — Mas é melhor teres cuidado com ele. Eles são particularmente próximos, ele e a tua prometida.

— Ela é a sobrinha preferida dele?

— É mais do que isso. Ele era só três anos mais novo do que a tia Melissa e eles foram sempre inseparáveis. Quando ela morreu, ele tinha apenas dezassete anos. A filha dela ocupou, de certa forma, o lugar da Melissa na afeição dele. Todos os meus tios sentem o mesmo, incluindo o meu pai. Mas o tio Anthony, sendo o mais novo, era mais como um irmão para a Regina. Não ias acreditar nas discussões que ele teve com o meu pai assim que atingiu a maioridade e veio para Londres porque o velhote não o deixava ficar com ela uma parte de cada ano, como fazia com o tio Edward. — Derek soltou um risinho. — O velhote lá cedeu finalmente porque ela

também queria ficar com ele e não há muitas coisas que ela queira que ele não lhe dê.

Nicholas soltou um resmungo entre dentes. Regina devia ser insuportavelmente mimada.

– Porque é que nunca a vi em Haverston?

– Ela estava sempre com o tio Edward ou com o tio Anthony quando tu vinhas. Cada um ficava com ela quatro meses por ano na altura em que me começaste a visitar. – Derek riu-se. – Mas viste-a uma vez, da primeira vez que te levei a casa. Ela era a pequena maria-rapaz que te despejou a taça de pudim no colo quando começaste a arreliá-la.

– Mas tu chamaste Reggie à criança! – exclamou Nicholas.

– Todos nós tratamos a Regina por Reggie e ela agora já é crescida. Lembras-te dela?

Ele soltou outro resmungo.

– Como é que podia esquecer-me? Deitou-me a língua de fora quando ameaçei pôr-lhe o traseiro a arder.

– Sim, ela não gostou nada de ti depois disso. A Reggie estava em casa mais uma vez, creio eu, quando vieste de visita, mas manteve-se fora do teu caminho.

– Ela disse-me que quando lhe falaste de mim, passou a ter-me em grande estima – disse Nicholas secamente.

– Ela tinha-te em grande estima na altura, estou certo disso. – Derek riu-se baixinho. – Mas isso foi antes de te ter *conhecido*. Ela tinha um carinho especial por mim e ficava contente com quem quer que fosse que se tornasse meu amigo.

– Com mil diabos. A seguir, vais dizer-me que era a tua companheira de brincadeiras.

– Isso não te devia surpreender, meu amigo. Tinha apenas seis anos quando ela foi para Haverston. Confesso que a desencaminhei principalmente porque as únicas duas crianças da casa éramos nós. Arrastava-a para todo o lado comigo. É claro que o velhote teve um ataque quando finalmente se deu conta de que ela andava a pescar e a caçar em vez de coser, e a subir a árvores e a construir fortes nas matas em vez de praticar música. Sabias que ele só se casou para nos dar uma mãe? Tinha esperanças de que isso nos desse uma influência estabilizadora. Porém, fez uma má escolha. Adoro a velhota, mas é muito enfermiça. Passou mais tempo em Bath à procura de uma cura para as suas maleitas do que em Haverston.

– Estás a dizer-me que me vou casar com uma maria-rapaz?

– Nem por sombras! Lembra-te de que ela passou alguns meses por ano com a família do tio Edward nos últimos treze anos e o Edward tem três filhas aproximadamente da idade dela. Quando ela estava aqui com eles, era brilhante nos estudos, um anjo de decoro e tudo isso. É claro que continuávamos a divertir-nos quando ela estava em Haverston. Nem consigo contar as vezes que fomos chamados a prestar contas ao velhote. E *ela* nunca sofria o pior, era eu. Porém, aos catorze anos, já tinha perdido os hábitos de maria-rapaz. Nessa altura, até já geria a casa, porque a nossa mãe quase nunca estava presente.

– Então, ela geria uma casa, estudava noutra e, gostava de saber, o que aprendia ela na terceira?

Derek riu-se com o tom maldoso dele.

– Não olhes assim para mim. Na verdade, o tempo dela com o tio Anthony era como umas férias. Ele fazia o possível para que ela se divertisse. E provavelmente ensinou-lhe a lidar com indivíduos como nós. – E a seguir, disse mais a sério: – Todos eles a adoram, Nick. Não vais conseguir fugir disso, independentemente de tudo o resto.

– Terei de carregar o fardo de parentes por afinidade metedições o resto da minha vida? – perguntou Nicholas friamente.

– Duvido que venha a ser assim tão mau. No fim de contas, vais tê-la só para ti em Silverley.

Era um pensamento tentador, mas nunca seria uma realidade. Nicholas cedera à coação deles, mas na verdade não tinha quaisquer intenções de se casar com Regina Ashton. Teria de fazer com que ela rompesse o noivado de alguma forma. Ela podia ter um primo que era um bastardo, mas não gostaria de ter um marido bastardo.

Derek fora mais felizardo do que Nicholas porque vivera os seus vinte e três anos a saber o que era e a não deixar que isso o incomodasse. Mas Nicholas só aos dez anos descobriu a verdade relativamente ao seu nascimento. E antes da revelação, a mulher que ele pensava ser sua mãe tornara a sua vida um inferno simplesmente porque ele acreditava efetivamente que ela o fosse. Nunca compreendeu por que motivo ela o odiava, o tratava pior do que um criado, a rebaixá-lo e a admoestá-lo constantemente. Nunca chegara a fingir que gostava dele, nem sequer na presença do pai. Nenhuma criança devia ter de suportar tal coisa.

Um dia, quando ele tinha dez anos, chamou-lhe inocentemente «mãe», algo que raramente fazia e, de repente, ela desatou aos gritos:

– *Eu não sou a tua mãe! Estou farta de fingir isso. A tua mãe era uma meretriz que tentou ocupar o meu lugar, uma meretriz!*

O pai dele estava presente, o pobre homem. Mal ele sabia que nada podia ter feito Nicholas mais feliz do que saber que Miriam não era a sua mãe. Só mais tarde ficou ciente da crueldade com que o mundo tratava os bastardos.

O pai foi obrigado a contar-lhe a verdade naquele dia. Miriam tivera muitos abortos nos primeiros quatro anos do seu casamento com Charles e a advertência do médico de que seria sempre assim provocou muita tensão no casamento. Charles não chegou a dizê-lo literalmente, mas Nicholas percebeu que Miriam adquiriu uma aversão pelo leito matrimonial. Charles procurou consolo noutro lado.

Com uma expressão lastimosa, Charles explicou a Nicholas que a sua verdadeira mãe era uma senhora, uma mulher boa e bondosa que o amara. Ele tirara partido desse amor no decurso de uma noite de embriaguez, a única vez que ambos se permitiram essa liberdade. Nicholas foi concebido nessa noite. A mulher

nunca teve qualquer possibilidade de ficar com a criança. Era solteira. Mas Charles queria a criança, queria-a desesperadamente. Miriam concordou em ir para fora com a mulher até a criança nascer. Quando regressou, todos acreditaram que o bebê era dela.

Nicholas compreendeu a sua amargura, o ressentimento que ela sentia contra ele, embora essa compreensão não tornasse mais fácil o facto de viver com ela. Ele suportara Miriam mais doze anos, até à morte do pai. Nessa altura, deixou a Inglaterra, aos vinte e dois anos, com a intenção de nunca mais regressar. A avó nunca lhe perdoou por aqueles dois anos de desaparecimento, mas ele adorara navegar os mares nos seus próprios barcos, vivendo de aventura em aventura e chegando ao ponto de travar algumas batalhas navais. Acabou por regressar a Inglaterra, mas nunca pôde ir para a casa dele, Silverley. Não era capaz de viver com Miriam, com o seu ódio e as suas ameaças contínuas de contar ao mundo a verdade a respeito do seu nascimento.

Até à data, ninguém sabia a verdade, exceto eles os dois e os advogados do pai, uma vez que Charles declarara Nicholas como o seu herdeiro legal. E o problema não era o facto de Nicholas não conseguir suportar o desprezo dos outros se a verdade fosse revelada. Ele preparara-se para isso. Mas o pai envidara todos os esforços para o manter em segredo, para proteger o nome da família. Não queria manchar a reputação do pai.

Todavia, não podia confiar em Miriam. Um dia, ela podia acabar por falar. Por essa razão, não tinha o direito de se casar com uma rapariga de boas famílias que se tornaria uma pária, se Miriam decidisse traí-lo.

Não, Regina Ashton não seria dele. Daria tudo para a possuir, admitiu ele. Mas também daria tudo para não se casar com ela, para não arriscar fazê-la passar pelo horror que lhe estava reservado no caso de o segredo ser revelado. Tinha de encontrar uma forma de romper aquele noivado.

— Lamento tê-lo feito esperar, meu senhor.

Nicholas deu meia-volta com o som da voz dela. Sentiu uma onda de choque atravessar-lhe o corpo. Tinha-se esquecido do quanto a sua beleza era verdadeiramente arrebatadora. Ela parara de forma hesitante à porta da sala, um pouco receosa. A sua prima Clare estava atrás dela. Alta e loira como a maior parte dos Malory, era razoavelmente bonita, mas a sua figura eclipsava-se ao lado da beleza exótica de Regina.

Ele ficou mais uma vez chocado ao sentir o corpo afetado pela visão de Regina. Com mil *diabos*. Teria de pôr depressa um fim àquele noivado ou deitar-se com ela.

Ela não se moveu da porta da sala e ele disse:

— Venha, não a vou morder, querida.

Regina ficou ruborizada com a forma de tratamento que ele utilizou.

— Ainda não conhece a minha prima Clare — anunciou, avançando devagar.

Nicholas correspondeu à apresentação que lhe fora feita e em seguida disse a Regina:

— O Derek acabou de me refrescar a memória em relação a si. Devia ter-me dito que já nos tínhamos visto antes.

— Achei que não se ia lembrar — murmurou Regina, extremamente embaraçada.

— Não me lembrar de um pudim despejado no meu colo? — disse ele, de olhos arregalados, fingindo-se espantado.

Ela sorriu, apesar do nervosismo.

— Não vou dizer que me arrependo disso. Foi bem merecido.

Ao ver o brilho nos olhos azul-cobalto dela, perguntou-se como ia conseguir fazê-la acreditar que não a queria quando efetivamente a queria. Ela maravilhava-o em todos os aspetos. Bastava vê-la para o seu sangue começar a ferver. Sentia um desejo incontrolável de a beijar, de saborear a doçura dos lábios dela de novo, de sentir a veia a pulsar-lhe no pescoço. Diabos, ela era demasiado atraente.

— Venham daí, crianças — provocou-os Derek. — Está uma bela tarde para um concerto. Céus! Vou realmente a um concerto de dia, e na qualidade de pau de cabeleira, ainda por cima. — Saiu, abanando a cabeça de forma cómica.

Nicholas gostava de ter trocado umas palavras com Regina, mas a prima Clare tornou isso impossível, nunca os deixando por um único momento longe do seu olhar crítico. Nicholas suspirou, na esperança de que Derek fosse capaz de vir em sua ajuda mais tarde.

Regina parecia estar com uma boa disposição fora do comum durante a viagem até Vauxhall Gardens, tagarelando de forma disparatada e ininterrupta com os primos. Seria o nervosismo ou estaria realmente feliz? Ele sentia prazer em observá-la. Estaria mesmo contente com o casamento? Por que motivo dissera aos

tios que o queria? Porquê *ele*?

Reggie ficou estupefacta com a simpatia de Nicholas. Depois de ter sido informada das muitas vezes que ele recusara casar-se com ela antes de finalmente ceder, esperara ver ressentimento ou raiva. Porque estava tão calorosamente recetivo? Seria por causa da terra? Não era muito lisonjeiro saber que fora preciso um pedaço de terra para o convencer. Tony vociferara que ele fora comprado. Mas Tony ainda não tinha visto a forma como Nicholas Eden olhava para ela. *Será* que fora comprado? E porque teria resistido tanto ao casamento para depois ceder?

Ele desejava-a. O fogo no seu olhar dizia-lhe isso. Na verdade, era escandalosa a forma como ele a mirava, e não se importava de o fazer em frente aos primos. Apercebera-se da expressão chocada de Clare, ao contrário da expressão divertida de Derek. Mas Nicholas não parecia ter consciência do que estava a fazer. Ou será que o fazia intencionalmente, para a embaraçar? Será que a sua amabilidade era fingida? O desejo dele por ela não era fingido, tinha a certeza.

Saíram da carruagem e avançaram ao longo de um caminho rodeado de flores, com a música a ficar cada vez mais alta à medida que se aproximavam da grande área onde a orquestra estava montada. Nicholas fitava Derek de forma tão intensa que o homem mais novo finalmente percebeu a mensagem e apressou Clare à frente deles para ir comprar bolos aos vendedores que circulavam entre o público. Reggie riu-se enquanto Derek puxava a prima ao seu lado, apesar dos protestos desta.

Mal conseguiu, Nicholas levou-a rapidamente para fora do caminho e para trás de uma grande árvore. Não estavam sozinhos. Estavam encobertos da multidão em frente, mas não das pessoas que ainda estavam a chegar pelo caminho. Mas era suficientemente privado para trocar algumas palavras.

Ele teve a sua oportunidade. Ela estava encostada à árvore e os braços dele rodeavam-na, fixos à árvore, transformando-a numa espetadora cativa, obrigada a escutar todas as suas palavras. Ela fitou-o de forma expectante e ele pensou: *«Odeia-me, mulher. Despreza-me. Não te cases comigo.»* Estava tudo na cabeça para ser dito, mas perdeu-se nos olhos dela.

Sem se dar conta do que estava a fazer, inclinou a cabeça e tocou nos lábios dela com os seus, sentindo a suavidade de pétalas, e a doçura dos lábios dela enquanto estes se abriam. Sentiu uma onda de calor a atravessá-lo e apoiou-se nela, pressionando-a contra a árvore. Mesmo assim, não era suficientemente perto. Precisava de estar mais perto.

– Lord Montith, por favor – conseguiu ela dizer, com uma voz entrecortada. – Podemos ser vistos.

Ele inclinou-se ligeiramente para trás, apenas à distância suficiente para lhe poder ver o rosto.

– Não seja tão formal, querida. Tem o direito de me tratar pelo meu nome de batismo, não acha?

Era ressentimento que ela ouvia na voz dele?

– Não... *Porque* é que concordou em casar-se comigo?

– Porque é que queria que eu concordasse com isso? – disparou ele.
– Parecia a única solução.
– Podia ter aguentado tudo de cabeça erguida.
– Aguentado...? Porquê? Eu avisei-o do que podia acontecer, se fôssemos descobertos.

– Estava a brincar! – lembrou ele bruscamente.
– Sim, porque não achei que *seríamos* descobertos. Não quero discutir. O que está feito, está feito.

– Não, não está – disse ele com firmeza. – Pode romper o noivado.
– Por que motivo faria isso?
– Porque não se quer casar comigo, Regina – disse ele numa voz suave, quase ameaçadora. – Não quer isso. – A seguir, sorriu carinhosamente, com um olhar semelhante a uma carícia. – Quer ser minha amante, porque sabe que posso levá-la à loucura.

– Durante uma temporada, meu senhor? – perguntou ela, concisamente.
– Sim.
– E depois seguiremos cada um o seu caminho?
– Sim.
– Não pode ser.
– Vai ser minha – avisou-a ele.
– Depois de estarmos casados, sim.
– Nós não nos vamos casar, querida. Vai cair em si muito antes do dia do casamento. Mas vai ser minha, independentemente disso. Sabe que é inevitável, não sabe?

– O senhor parece achar que sim.
Nicholas riu-se. Ela era mesmo encantadora. A gargalhada dele interrompeu-se a meio quando ouviu uma voz grave atrás de si.
– Não vou dizer que lamento estar a interromper, Montith, porque me parece que precisa de ser interrompido.

Nicholas ficou hirto. Reggie espreitou sobre o ombro de Nicholas e descobriu o tio Tony e uma senhora que se apoiava firmemente no braço dele. Não! Ela não! Nicholas ia ficar furioso porque pensaria que Tony trouxera Selena Eddington para ali de propósito.

– *Tu* em Vauxhall, Tony? – Ela tentou parecer incrédula. – Não acredito nisto.
– Poupa-me ao teu sarcasmo, garota. Já ouvi críticas entusiásticas desta orquestra.

Ela conteve a respiração enquanto o olhar de Nicholas caía sobre a amante, que parecia confusa e zangada. Reggie quase sentiu pena da mulher, mas a sua compaixão não chegou a despertar. No fim de contas, Selena não pensara duas vezes em lançar o nome de Reggie para a praça pública.

– Que bom encontrá-la de novo, Lady Eddington – disse Reggie com uma falsa doçura. – Agora posso finalmente agradecer-lhe por me ter emprestado a sua carruagem na outra noite.

Anthony pigarreou ruidosamente e Nicholas riu-se de forma desagradável.

– Eu também lhe devo agradecer, Selena. Não teria conhecido a minha futura noiva se não fosse pela sua intervenção.

Um leque de emoções perpassou rosto de Lady Eddington, e nenhuma delas agradável. Estava a chamar a si própria idiota. Quando soube o que aconteceu, ficou tão contente por Nicholas tencionar raptá-la que contara a todas as amigas o quanto o amante dela era romântico... e infeliz por ter levado a mulher errada. A gabarolice dela fora desastrosa para as suas esperanças.

Anthony disse com firmeza:

– Não se vão demorar muito aqui, pois não? Talvez seja melhor começar a fazer o papel de vosso pau de cabelo. Preciso de ter uma conversa com aquele meu sobrinho irresponsável. O Derek já devia saber que não vos devia deixar sozinhos. O noivado não é uma licença para se portarem mal. Lembrem-se disso.

Dizendo isto, afastou-se, sussurrando algo ao ouvido de Lady Eddington enquanto a levava para longe, muito provavelmente tentando persuadi-la a não fazer uma cena. A boca de Nicholas transformara-se numa linha dura enquanto os observava.

– O seu tio não confiava em mim para lhe contar pessoalmente a respeito do nosso noivado? Tê-lo-ia feito com grande prazer. Se não fosse ela e a sua gabarolice pretensiosa e incontrolável...

– Não se casaria comigo – concluiu Reggie com suavidade.

A fúria fugiu ao controlo dele. A sua expressão tornou-se indecifrável.

– E a senhora seria minha amante em vez de minha mulher. Uma combinação preferível.

– Não para mim.

– Está a dizer que não se vai render, querida?

– Não, não estou certa disso, não estou nada certa disso – respondeu ela com sinceridade. Havia uma certa tristeza na admissão dela e ele ficou imediatamente com remorsos.

– Peço desculpa, querida – disse ele amavelmente. – Não devia estar a atormentá-la. Devia dizer-lhe simplesmente que não quero casar-me consigo.

Ela fitou-o com determinação.

– Devo ficar grata pela sua sinceridade?

– Mas que diabo! Não tome isto como um insulto. Não tem nada que ver consigo!

– Tem tudo que ver comigo, meu senhor – disse Reggie, zangada. – O seu nome está ligado ao meu, independentemente de não ter sido intencional. Foi o *senhor* quem fez isso, não eu. Mais: concordou em casar-se comigo. Foi coagido a isso, sim, mas se não tinha quaisquer intenções de honrar esse acordo, não deveria ter sido visto em público comigo hoje. A nossa aparição pública liga-me ainda mais firmemente a si. Receio estar presa a si agora, quer *eu* goste disso quer não. E começo a não gostar nada disso. – Sem lhe dar hipótese de recuperar, deu meia-volta e afastou-se.

Nicholas não se mexeu. Sentiu-se ridiculamente contente quando ela disse que estava presa a ele e depois ridiculamente magoado quando disse que não gostava disso. Não tinha o direito de se sentir assim em relação a ela. Não estavam presos um ao outro e era bom que se lembrasse disso.

—Tio Jason!

Reggie atirou-se para os braços estendidos do tio, encantada por o ver. Jason Malory, o 3.º marquês de Haverston, era um homem grande, tal como todos os tios dela. Reggie gostava disso.

— Tive saudades tuas, minha menina. Haverston não é a mesma quando estás fora.

— Diz sempre isso quando eu vou a casa. — Ela sorriu-lhe com carinho. — Na verdade, eu queria ir para casa durante algum tempo antes de tudo isto acontecer. Continuo a querer. — Olhou em volta na sala de estar e viu o tio Edward e o tio Tony.

— E deixavas o teu noivo à espera aqui em Londres?

— Parece-me que ele não se ia importar — respondeu ela suavemente.

Ele conduziu-a ao sofá bege onde Anthony se encontrava sentado. Edward estava de pé junto à lareira, como era seu hábito. Era mais do que provável que estivessem no meio de uma discussão familiar antes da sua chegada. Devia ter sido a respeito daquele assunto que ela tão bem conhecia. Ninguém a avisara de que o tio Jason estava ali.

— Tinha receio de não ter tempo de falar contigo antes de saíres — começou a dizer Jason. — Estou contente por teres descido cedo.

Reggie encolheu os ombros.

— Deixei o Nicholas à minha espera ontem quando me levou a Vauxhall, e não queria outra vez o mesmo.

Jason recostou-se no sofá, assumindo uma expressão muito solene.

— Não posso afirmar que gostei de ver este assunto resolvido antes de chegar cá. Os meus irmãos fizeram mais do que lhes era pedido.

— Tu sabes que não tínhamos alternativa, Jason — defendeu-se Edward.

— Alguns dias a mais não teriam feito qualquer diferença — respondeu Jason.

— Está a dizer que vai negar o seu consentimento agora, depois de o noivado ter ficado decidido? — exclamou Reggie.

Anthony soltou um risinho.

— Eu avisei-te, Jason. Ela está decidida a ficar com o jovem libertino e não há nada que possas fazer para mudar isso.

— É verdade, Reggie?

Era verdade, sim, mas... não estava tão certa disso naquele momento, especialmente depois do dia anterior. Sabia que Nicholas ainda a desejava. Ele tornara isso evidente. E ela desejava-o. Porquê fingir que não? Mas um casamento?

— Gosto imenso dele, tio Jason, mas... receio que ele não queira realmente casar-se comigo.

Muito bem. Já o tinha dito em voz alta. Porque é que se sentia tão desolada?

– Já me informaram de que ele se recusou categoricamente a fazê-lo antes de concordar – disse Jason com suavidade. – Isso seria de esperar. Nenhum jovem gosta de ser obrigado a fazer seja o que for.

Os olhos dela ficaram repletos de esperança. Será que essa podia ser a única razão dele?

– Eu esqueço-me de que o tio o conhece – disse ela – melhor do que todos nós.

– Sim e sempre gostei do rapaz. Ele é muito mais do que aquilo que permite que o mundo veja.

– Poupa-nos, irmão – disse Anthony, num tom sardónico.

– Ele vai ser um bom marido para ela, Tony, apesar do que parece achar.

– Acha mesmo que sim, tio Jason? – perguntou Reggie, sentindo a esperança a renascer.

– Estou realmente convencido disso – disse ele com firmeza.

– Nesse caso, aprova o nosso casamento?

– Preferia ver-te casada em circunstâncias normais, mas uma vez que fomos confrontados com esta situação infeliz, não posso dizer que fico insatisfeito que o homem em questão seja Nicholas Eden.

Reggie sorriu alegremente, mas antes que pudesse dizer mais alguma coisa, os primos começaram a entrar na sala. Iam todos à receção dos Hamilton, Amy com Reggie e Nicholas e os outros com Marshall na sua nova e elegante carruagem de quatro lugares. No meio de uma alegre tagarelice, enquanto Jason era cumprimentado pelos sobrinhos, Nicholas chegou e deteve-se à porta sem ser visto por ninguém. Sentiu uma onda de pânico enquanto observava aquele grande grupo de pessoas. Ia fazer parte daquela família turbulenta? Céus.

Foi Reggie quem se aproximou primeiro dele. Ele sorriu-lhe, determinado a manter as suas emoções com rédea curta daquela vez. Ela estava belíssima num vestido de dia bege que favorecia a sua tez translúcida. O estilo era invulgar, porque enquanto a maior parte das mulheres londrinas se esforçavam em expor o máximo de seios possível, ela conseguira arranjar uma forma de tapar os dela com um pedaço de tecido fino e transparente que subia até ao pescoço e terminava numa tira larga e rendada à volta deste. Sentiu vontade de rir. Talvez a tivesse *realmente* marcado e aquela fosse a sua maneira inteligente de o esconder.

– Nicholas? – perguntou ela, curiosa.

– Então, decidiu que íamos pôr de parte a formalidade? – disse ele suavemente.

– Estava com receio de que não falasse comigo o dia todo.

– Vamos discutir de novo? – A voz dela parecia derrotada.

– Nada disso, querida.

O rosto de Regina ganhou um bonito rubor. Porque é que ele insistia em tratá-la daquela forma? Não era apropriado e ele sabia-o. Mas Nicholas era assim.

O marquês cumprimentou Nicholas calorosamente e não mencionou a brincadeira irresponsável que levava ao noivado. A viagem até à casa de campo dos Hamilton, situada a alguns quilómetros de Londres, decorreu igualmente sem percalços, com a jovem Amy a preencher cada pausa na conversa com uma

tagarelice animada, tendo em conta que não era muitas vezes autorizada a ir a festas até horas tardias da noite.

Teriam de esperar para ver as reações que o casal de noivos iria receber na receção dos Hamilton, uma vez que o compromisso entre Nicholas e Regina estava a levar a melhor sobre o primeiro encontro escandaloso de ambos nos círculos da má-língua. Descobrira-o na noite anterior, num jantar.

O serão organizado pelos Hamilton não era um grande acontecimento. Havia apenas uma centena de pessoas presentes na grande casa de campo, por isso sobrava imenso espaço para movimentações. Os convidados provavam a seleção de pratos disposta nas mesas compridas, dançavam num salão esvaziado para esse propósito ou conversavam em pequenos grupos. Alguns convidados pomposos lançavam olhares de censura na direção de Nicholas e Regina, mas a maior parte dedicava-se a uma especulação desenfreada em torno do primeiro encontro muito pouco convencional dos dois.

O casamento entre ambos estivera sempre combinado, dizia-se à boca pequena. Ele andara apenas a divertir-se com Selenia enquanto aguardava que Regina regressasse a Londres. Tinham-se conhecido no continente. Não, não, minhas caras, tinham-se conhecido em Haverston. Ele e o filho do marquês eram grandes amigos há anos, não sabiam?

– Ouviu o que as pessoas estão a dizer, querida? – perguntou Nicholas quando reivindicou a primeira valsa dela. – Afirmam que estamos prometidos um ao outro desde que a Regina andava de cueiros.

Reggie ouvira algumas das especulações mais extravagantes da parte dos primos.

– Nunca diga isso – disse ela entre risinhos. – Os meus outros pretendentes vão ficar destroçados ao pensar que nunca tiveram uma hipótese real.

– Outros pretendentes?

– As dezenas e dezenas que pediram a minha mão. – Alguns copos de champanhe haviam despertado a veia travessa de Regina.

– Espero que esteja a exagerar, Regina.

– Quem me dera que sim – suspirou ela, abençoadamente inconsciente da mudança do estado de espírito dele. – Tem sido muito aborrecido tentar escolher entre tantos. Estava mais do que pronta para desistir... até que apareceu.

– Que sorte a minha. – Nicholas estava furioso. Não fazia ideia de que estava com ciúmes. Sem mais palavras, conduziu-a para um dos lados do salão, onde a deixou abruptamente junto de Marshall e Amy, fazendo-lhe uma curta vénia antes de se afastar. De costas para ela, dirigiu-se à sala dos jogos de cartas, onde podia obter uma bebida mais potente do que champanhe.

Reggie franziu o sobrolho, totalmente perplexa. Ele troçava dela por causa do boato mais recente, sorria-lhe com grande ternura, reconfortava-a com aqueles olhos da cor do mel dourado e depois ficava extremamente zangado sem motivo. Qual era o problema dele?

Reggie sorriu, determinada a não o deixar provocar-lhe infelicidade. Foi

convidada sucessivamente para dançar e reatou relações com os jovens que a tinham coberto de atenções na passada temporada. Basil Elliot e George Fowler, dois admiradores persistentes, proclamavam agora em tom dramático que as suas vidas tinham chegado ao fim por causa da boa fortuna do visconde. Ambos juraram que a iam amar para sempre. Reggie sentiu-se encantada e lisonjeada porque tanto George como Basil eram extremamente populares. As atenções de ambos compensaram a indelicadeza de Nicholas.

Passaram cerca de duas horas antes de o errante Lord Montieth decidir voltar novamente para junto de Reggie. Ela não o vira durante todo esse tempo, mas ele vira-a. Vez após vez, ficara à porta da sala dos jogos de cartas vendo-a a rir-se para um parceiro de dança ou rodeada de pretendentes calorosos. Aquilo que via fazia-o dar imediatamente meia-volta para ir buscar outra bebida. Estava confortavelmente ébrio quando se dirigiu a ela.

– Quer dançar comigo, querida?

– Vamos *terminar* esta dança? – perguntou, exultante.

Ele não respondeu. Também não esperou que ela aceitasse, prendendo a mão à cintura dela e conduzindo-a à pista de dança. Era outra valsa e ele encostou-a demasiado a si daquela vez.

– Já lhe disse esta noite que a quero? – perguntou-lhe subitamente.

Ela estava consciente de que havia alguma coisa diferente nele, mas só cheirou o *brandy* quando ele se inclinou para ela. Todavia, não ficou preocupada. Ninguém que se conseguisse deslocar de forma tão graciosa numa pista de dança podia estar embriagado.

– Preferia que não dissesse esse tipo de coisas, Nicholas.

– Nicholas – repetiu ele. – Que amável da sua parte tratar-me pelo meu nome de batismo, querida. No fim de contas, a maior parte dos presentes acha que já somos amantes, por isso seria um pouco estranho se me tratasse por Lord Montieth.

– Se não quiser que...

– Eu disse isso? – interrompeu-a ele. – Mas «meu amado» seria ainda melhor do que apenas «Nicholas». Deve amar-me se quer casar-se comigo. E eu não me quero casar consigo, mas quero-a, querida. Nunca duvide disso.

– Nicholas...

– Só consigo pensar nisso – continuou ele. – Declaram-me culpado, mas não me foi permitido desfrutar do meu crime. Não é nada justo, não acha?

– Nicholas...

– Meu amado – corrigiu-a ele. A seguir, mudou de assunto.

– Vamos ver os bonitos jardins dos Hamiltons. – Antes que ela conseguisse protestar, ele conduziu-a para fora da pista de dança e da própria casa.

Os jardins tinham sido traçados de modo engenhoso em relvados amplos salpicados de árvores, lagos artificiais, canteiros de flores, um jardim de arbustos podados em formas ornamentais e um coreto, tão profusamente coberto por plantas trepadeiras em flor que parecia uma árvore.

Eles não pararam para apreciar aquelas belezas naturais. Num piscar de olhos, Reggie deu por si dentro do coreto, apertada entre os braços de Nicholas, a ser beijada de forma tão intensa que se sentiu prestes a desmaiar.

A luz do luar espalhava-se entre as plantas trepadeiras suspensas, envolvendo-os numa luz prateada suave. Bancos almofadados rodeavam as paredes baixas entrelaçadas do coreto. O chão era de madeira suave e polida. Havia grandes plantas em vasos espalhadas entre os bancos, com folhas rumorejantes no ar quente da noite.

Lá no fundo, Reggie sabia que Nicholas não iria contentar-se com beijos, não daquela vez. Caber-lhe-ia a ela a responsabilidade de o travar. Mas uma voz dentro de si exigia saber por que motivo queria travá-lo.

Ele ia ser seu marido, não ia? Porque é que devia negar-lhe fosse o que fosse, especialmente quando não lhe *queria* negar nada? E seria possível que a sua atitude em relação ao casamento de ambos mudasse se eles...? Bom, seria possível?

A mente funciona de forma conveniente para obter o que quer. E o corpo reage de modo previsível a sensações agradáveis, querendo mais e mais. A mente e o corpo dela conspiravam contra si e em breve deixou de sentir qualquer resistência. Ela abraçou-se a Nicholas, rendendo-se.

Ele levou-a para um dos bancos, sentou-se e colocou-a cuidadosamente no seu colo.

– Não se vai arrepender, querida – murmurou ele e a seguir a sua boca quente reivindicou a dela de novo.

Arrepender? Como, quando estava tão animada e feliz?

Um dos braços dele apoiava-lhe as costas enquanto a outra mão se movia lentamente ao longo do pescoço dela e depois mais abaixo, fazendo-a ofegar quando passou pelos seios. A mão continuou, por cima da barriga, descendo pela coxa. Ele tocava-a de forma hesitante, como se não conseguisse realmente acreditar que ela o deixasse fazer aquilo. Mas quando a mão dele começou a percorrer o mesmo caminho no sentido inverso, tornou-se mais ousada, mais possessiva.

Através da seda fina do vestido, a sua pele começou a arder. O vestido só atrapalhava, era um estorvo. Ele achou o mesmo. O botão junto ao pescoço foi o primeiro a ser desapertado, seguindo-se o laço que segurava o vestido sob os seios. Um momento depois, estavam de pé e ele despira-lhe completamente o vestido.

Nicholas ofegou diante da visão de Regina numa combinação de seda que se colava ao corpo, moldando-lhe as curvas suaves. Ela fitou-o de volta, sem ponta de vergonha, o que avivou o fogo que ele sentia a despertar dentro de si. Os olhos dela estavam pretos na luz fantasmagórica, com os seios jovens comprimidos dentro da combinação rendada. Era a criatura mais bela que já tinha visto.

A pequena nódoa negra na base do pescoço dela atraiu a sua atenção e ele sorriu.

– Parece que lhe deixei mesmo uma marca. Suponho que devia dizer que lamento.

– Devia lamentar se soubesse o quanto tem sido difícil escondê-la. Não me vai deixar mais nenhuma, pois não?

– Não posso fazer promessas – sussurrou ele numa voz rouca.

A seguir, olhou para ela de maneira perspicaz e perguntou:

– Não está assustada, pois não, querida?

– Não, pelo menos não me parece que esteja.

– Então, deixe-me vê-la toda – persuadiu-a suavemente. Ela permitiu-lhe aproximar-se de novo e Nicholas começou a despir-lhe o resto das roupas até ela ficar nua. Os olhos dele exploraram-na lentamente, ávidos, e depois puxou-a para junto de si e encostou a boca aos seios dela. A língua, os dentes, os lábios, tudo era usado a seu bel-prazer, fazendo-a arfar e gritar sucessivamente. Ela rodeou- -lhe a cabeça com os braços, segurando-o contra si. A cabeça dela pendeu para trás quando ele começou a beijar-lhe a barriga. Santo Deus, não conseguia aguentar mais...

– Não devia... Nicholas... as suas roupas, Nicholas – conseguiu finalmente dizer ela.

Em segundos, ele ficou de tronco nu e os olhos de Reggie arregalaram-se, com o espanto que sentia por aquilo que as roupas dele escondiam. Ela sabia que o peito dele devia ser largo, mas naquele momento parecia enorme. Exibia um bronzado carregado em toda a pele e o emaranhado de pelos no peito dele era castanho-dourado.

Ela fez deslizar os dedos pelo antebraço musculado dele. O seu toque queimava-o e Nicholas resmoneou entre dentes.

– Agora o resto – rogou suavemente ela, com vontade de o ver todo, tal como ele a vira toda.

Ela afastou-se e sentou-se para o observar enquanto ele se despia. Não se sentia nada constrangida, apesar da sua nudez. Regalou os olhos com ele, um homem em toda a sua glória.

Quando ele ficou finalmente nu, ela aproximou-se e tocou-lhe, primeiro na anca estreita e depois numa das coxas longas e poderosas. Ele agarrou-lhe a mão, impedindo-a.

– Não faça isso, querida. – A voz dele parecia severa, com a emoção. – Estou quase a explodir, mas tenho de ir devagar.

Foi então que ela viu o que estava prestes a explodir. Inacreditável. Lindo. Extraordinário.

Devagar, ergueu os olhos para ele.

– Como posso aprender o que lhe dá prazer se não lhe posso tocar?

Ele agarrou-lhe o rosto com as mãos.

– Depois, querida. Desta vez, o que me dará prazer é dar-lhe prazer. Mas tenho de a magoar primeiro.

– Eu sei – disse ela timidamente. – A tia Charlotte disse-me.

– Mas se confiar em mim, Regina, se se descontrair e confiar em mim, vou prepará-la para isso. Só vai sentir uma pequena dor e prometo-lhe que vai desfrutar

daquilo que vem depois.

– Já desfrutei daquilo que veio antes. – Ela sorriu-lhe.

– Também eu, minha doce Regina.

Beijou-a de novo e afastou-lhe os lábios com a língua para a mergulhar no interior da sua boca. Estava prestes a perder o controlo. O desejo intenso dela instigava-o, fazia-o lutar contra si próprio para ganhar tempo precioso. Acariciou-lhe a barriga e depois deixou cair a mão por entre as coxas afastadas de Reggie.

Ela gemeu quando ele a tocou no quente âmago. E depois estremeceu bruscamente de surpresa, quando o dedo dele entrou profundamente dentro de si. As suas costas arquearam-se, pressionando os seios contra o peito dele. Descolou os lábios dos dele.

– Eu estou... preparada, Nicholas, juro que estou.

– Ainda não, querida – preveniu-a ele.

– Por favor, Nicholas – arquejou ela.

Aquelas palavras deitaram por terra a resistência dele. Nicholas olhou para o banco estreito com frustração. Recusava-se a tomar a virgindade dela no chão, mas... caramba, nunca a devia ter trazido para aquele lugar, não para a primeira vez dela.

– Nicholas! – implorou-lhe ela com fervor. Ele posicionou-se e depois inclinou-se contra ela da forma mais suave de que foi capaz. Ouviu-a a arfar quando o calor dela se fechou em torno dele. Ela soergueu-se para a frente até a barreira virgem ser alcançada. A pressão deteve-a, mas na posição de ambos, ele não conseguia rompê-la suficientemente depressa para minimizar a dor.

Não havia nada a fazer. Ele tapou-lhe a boca com a sua para receber o grito dela e depois, sem aviso, ergueu-a e puxou-a para baixo com força. Depois, manteve-a presa a si.

Foram precisos apenas alguns momentos para as suas unhas, até então enterradas nos ombros dele, relaxarem e ela suspirar de prazer de novo, descontraindo-se contra ele.

– Nicholas?

O seu nome nunca lhe tinha parecido tão doce. Ele sorriu de alívio e respondeu-lhe sem palavras, agarrando-lhe as nádegas para a erguer e baixar contra ele de novo, lentamente.

Ela acelerou rapidamente o ritmo, colando o corpo ao dele com força. Mil fogos foram ateados dentro dela, fundindo-se numa única chama que não tardou a fugir ao seu controlo. A onda abrasadora envolveu-a da cabeça aos pés, mergulhando-a num fogo delicioso.

Nicholas não conseguia lembrar-se de alguma vez se ter sentido tão saciado ou de sentir tanta ternura depois de fazer amor. Queria abraçar Regina para sempre e nunca mais a largar.

– Isto foi... normal? – perguntou ela, num tom sonhador.

Ele riu-se.

– Depois da experiência que acabámos de ter, quer uma mera normalidade?

– Não, não me parece. – Ela ergueu a cabeça do peito dele, com um suspiro. –

Acho que devíamos voltar para dentro.

– Com mil diabos – resmungou ele. – Pois devíamos.

Ela fitou-o, com o rosto belo iluminado pelo amor e desejo.

– Nicholas?

– Sim, querida?

– Acha que eles vão adivinhar? – A verdade era que ela não se importava com isso, mas achava que devia perguntar.

Nicholas sorriu ironicamente.

– Ninguém se vai atrever a sugerir que fizemos amor fora de portas. Isso simplesmente não se faz, querida.

Entre o vestir, as provocações mútuas e os beijos roubados, passaram outros vinte minutos antes de se porem a caminho, circundando o lago artificial na direção da casa. O braço de Nicholas repousava sobre o ombro dela, mantendo-a próxima de si, quando Amy surgiu a correr à frente deles atrás de um muro de arbustos.

– Reggie, ainda bem que és tu! – exclamou ela, sem fôlego.

– Deram pela minha falta? – perguntou Reggie, preparando-se para uma situação difícil.

– Pela tua falta? Não sei. Saí... para caminhar e não me apercebi de que tinha passado tanto tempo... – Amy começou a tossir, numa improvisação muito mal conseguida, quando o arbusto atrás dela começou a mexer-se. – O Marshall vai ficar tão zangado – disse ela. – Importam-se se eu lhe disser que estive com vocês?

Reggie conseguiu conter um sorriso.

– Claro que não, se prometeres não voltar a deixar passar... o tempo... desta forma. Importas-te, Nicholas?

– Claro que não – concordou ele. – Eu próprio sei o quanto é fácil perder a noção do tempo.

Os três conseguiram manter uma cara séria enquanto se apressavam a voltar para dentro de casa.

A festa de noivado, oferecida por Edward e Charlotte Malory, foi um grande sucesso. Toda a família e os amigos mais próximos estavam presentes. Até a mulher de Jason fora persuadida a deixar as curas termais de Bath para comparecer no acontecimento. A avó de Nicholas e a tia Eleanor revelavam uma excelente disposição e Reggie ficou com a impressão de que já tinham desesperado por Nicholas nunca se ter casado. A mãe dele, de quem ele nunca falava, primou pela ausência.

Nicholas exibiu um comportamento irrepreensível e tudo correu às mil maravilhas. A festa implicara duas semanas de preparativos e toda a atenção meticulosa aos pormenores, todo o esforço, valeram a pena.

Infelizmente, as águas calmas não duraram para sempre. Dois meses depois da festa, Regina Malory sentia-se num poço fundo de puro desespero. Era indiferente que tivesse atingido esse ponto através de um processo lento.

Tudo fora em vão.

Ela não acreditava que isso fosse possível, depois de ele ter feito amor com ela. Tinha estado tão certa de que ele ficaria feliz por se casar com ela depois daquela noite. Fora tão maravilhoso, tão inacreditavelmente paciente e carinhoso com ela nessa noite. É óbvio que bebera demasiado, mas fora isso que o levava a esquecer aquela noite?

O casamento de ambos ainda estava de pé. E ele informava-a sempre quando se ausentava da cidade. Ia para Southampton semanas a fio de cada vez, afirmando que precisava de tratar de negócios. Informava-a sempre quando regressava a Londres, mas nos últimos dois meses, ela não o vira mais do que cinco vezes. E aquelas cinco vezes tinham sido terríveis, sem exceção.

Ele nunca se atrasava para a ir buscar sempre que a acompanhava a algum lado, mas trouxera-a a casa apenas três vezes. Nas outras duas vezes, Reggie teve um ataque de mau génio e saiu sem ele. Nicholas não a abandonava para passar a noite inteira em jogos de cartas ou embrenhando em discussões políticas, mas era frequente passar mais tempo com Selena Eddington do que com ela. Quando ele fez uma verdadeira figura de idiota ao segui-la para todo o lado, foi o cúmulo do absurdo.

Tudo aquilo era intencional. Ela sabia muito bem que ele estava a representar o papel de um canalha apenas para os seus olhos. Era isso que a magoava mais. Se achasse realmente que ele estava a mostrar o seu verdadeiro eu, deixava que Tony se entendesse com ele, sem qualquer hesitação. Mas ele não era um canalha. Estava a levar a cabo uma campanha implacável para a fazer anular o noivado. Da mesma forma que ele fora forçado a aceitar o compromisso, a sua intenção era forçá-la a rompê-lo.

O pior de tudo era que, independentemente do quanto aquilo a magoava, não podia romper o noivado. Já não podia pensar apenas nela própria.

Nicholas ajudou-a a despir a curta capa preta de renda e entregou-a a um criado, assim como a sua própria capa escura debruada a vermelho e o chapéu alto. Reggie trazia um vestido branco ornamentado com pequenas borlas douradas ao longo da bainha e mangas curtas. O decote era grande, tal como ditava a moda atual, mal cobrindo os seios e ela sentia-se desconfortável por causa disso e porque o branco estava reservado para donzelas inocentes.

Tinha conseguido persuadir o tio Edward a confiar nela e a pôr de parte um pau de cabeleireira daquela vez. De qualquer forma, desde a festa de noivado, não tinham existido grandes intimidades entre ela e Nicholas.

Apesar das suas esperanças, já estava desapontada. Tinham estado sozinhos na carruagem fechada dele, durante a curta viagem, e ele não tinha tentado aproximar-se nem lhe dirigido a palavra.

Olhou-o sub-repticiamente enquanto caminhavam lado a lado para a sala de música, onde um jovem casal, amigo de Nicholas, recebia os cerca de vinte convidados do jantar daquela noite. Nicholas estava excecionalmente atraente, no seu casaco verde-escuro de cauda comprida, colete bege bordado e camisa pregueada. O plastrão estava atado com um nó solto e usava calças compridas em vez das calças até ao joelho e meias de seda preferidas pelos dândis para um traje de noite. O tecido colava-se às suas longas pernas, revelando os músculos poderosos. Ela sentia-se embaraçada só de olhar para aquele corpo longo e elegante.

O cabelo dele era uma desordem de ondas castanho-escuras, com tantas madeixas douradas a atravessá-lo que por vezes parecia acobreado ou mesmo loiro. Ela sabia que era suave ao toque, tal como os seus lábios, e não a linha severa e rígida que tinham sido ultimamente. Porque é que ele não falava com ela?

Os olhos de Reggie brilharam maliciosamente. Parou no átrio de entrada com uma pequena exclamação abafada, obrigando Nicholas a parar também. Ele voltou-se para trás e ela inclinou-se para ajustar o sapato. Num movimento desastrado, perdeu o equilíbrio e balançou na direção dele. Nicholas apanhou-a pelos antebraços, mas ela caiu para cima dele atabalhoadamente, com as mãos a agarrar-lhe os ombros para se equilibrar e pressionando os seios contra o peito dele. Ele arfou como se tivesse sido atingido no estômago por uma força poderosa. Não restavam dúvidas de que tinha sido algo poderoso para Nicholas: sentiu uma onda de calor atravessar-lhe o corpo e os seus olhos incendiaram-se, transformando-se em dois pedaços de carvão incandescentes.

Os olhos azul-escuros de Reggie iluminaram-se.

– Obrigada, Nicholas.

Ela largou-o e continuou a andar como se nada tivesse acontecido enquanto ele se deixava ficar no mesmo sítio, de olhos fechados e dentes cerrados, a tentar recompor-se. Como é que um incidente tão insignificante conseguia arrastar instantaneamente o controlo firme que ele impunha a si mesmo? Já era

suficientemente mau que a imagem dela, a voz dela e o cheiro dela fossem uma tortura constante, mas o toque... Essa era a única arma que dizimava completamente as suas defesas.

– Olhe, Nicholas. O tio Tony está cá!

Reggie sorriu para Anthony Malory, do outro lado da sala, mas o sorriso tanto era dirigido a ele como a si mesma. Ouvira a exclamação abafada de Nicholas, sentira-o a tremer, vira o desejo nos seus olhos de âmbar. Que homem falso. Ele ainda a desejava. Não queria que ela soubesse isso, mas agora sabia. O conhecimento fê-la sentir-se mais animada e compensou uma grande parte daquela atitude abominável.

Nicholas alcançou Reggie à entrada para a sala da música, com os olhos a encontrar instantaneamente a cabeça escura de Anthony Malory, inclinada para a senhora sentada ao lado dele.

– Com mil diabos! O que faz ele aqui?

Reggie teve vontade de rir perante o tom de voz dele, mas conseguiu manter um rosto sério.

– Não faço a menor ideia. O senhor é que conhece a nossa anfitriã, não eu.

Os olhos dele fixaram-se atentamente nela.

– Ele não tem por hábito vir a este tipo de jantares, com convite ou sem. Veio para poder mantê-la debaixo de olho.

– Que injusto, Nicholas – censurou-o. – Esta é a primeira vez que nos cruzamos com ele.

– Está a esquecer-se de Vauxhall.

– Bom, isso foi um acidente. Não acredito que a intenção dele naquele dia fosse manter-me debaixo de olho.

– Pois não. Ambos sabemos qual era a intenção dele naquele dia.

– Céus, está *mesmo* zangado – murmurou ela e deixou morrer o assunto. Reggie sabia por que motivo o tio estava ali. Ele ouvira dizer que Nicholas estava a ser visto com outras mulheres e ficara furioso. Aparentemente, decidira que a sua presença podia ajudar.

O jovem casal ao piano terminou o seu dueto e alguns dos convidados começaram a erguer-se das cadeiras para esticar as pernas antes de a próxima canção começar. Os homens com um sentido estético mais apurado exibiam casacos de cetim de cores vivas e calças pelos joelhos a condizer. As mulheres casadas distinguiam-se pela utilização de cores mais garridas pois as solteiras usavam tons pastel ou branco.

Reggie conhecia todos os convidados exceto a anfitriã, Mrs. Hargreaves. George Fowler estava presente com a irmã e o irmão mais novo. Conhecera recentemente Lord Percival Alden, um amigo próximo de Nicholas. Também conhecia a conquista mais recente de Tony, sentada ao lado dele. E, para sua profunda irritação, Selena Eddington estava igualmente presente, acompanhada por um velho amigo de Tony.

– Nicholas. – Reggie tocou-lhe suavemente no braço. – Tem de me apresentar à

nossa anfitriã antes de a irmã do George dar início ao seu recital.

Ela sentiu-o a retrair-se debaixo dos seus dedos e sorriu enquanto caminhava à frente dele na direção de Mrs. Hargreaves. Tinha de lhe tocar mais vezes, pensou ela.

O serão não se desenrolou como desejava. Ao jantar, deu por si sentada bem longe de Nicholas na longa mesa. Ele ocupava o lugar ao lado da anfitriã, uma mulher voluptuosamente atraente e estava verdadeiramente empenhado em ser charmoso, cativando a anfitriã e todas as outras mulheres em seu redor.

Reggie falou o mais animadamente possível com George, mas era difícil mostrar muito entusiasmo quando se sentia tão triste. O debochado Lord Percival, à sua direita, não foi grande ajuda, fazendo continuamente comentários a propósito de Nicholas que a levavam a olhar para ele sucessivamente, forçando-a a reconhecer todos os sinais que testemunhara antes. Nicholas não estava somente a ser charmoso para com Mrs. Hargreaves. Parecia um homem num processo de conquista.

À medida que o serão avançou, Reggie esqueceu o seu triunfo inicial. Ele não olhou para ela uma única vez durante a refeição. Teve dificuldade em conseguir esboçar sorrisos para os seus companheiros de mesa e agradeceu aos céus por Tony não estar por perto. Se tivesse de suportar os seus comentários sarcásticos, teria desatado a chorar.

Foi com uma profunda sensação de alívio que Reggie se retirou finalmente da sala com as outras senhoras. Porém, só teve alguns minutos para se recompor antes de os homens começarem a entrar lentamente na sala de estar. Susteve a respiração, aguardando para ver se Nicholas ia continuar a ignorá-la. Ele dirigiu-se diretamente para Mrs. Hargreaves sem sequer olhar para Reggie.

Aquilo foi o cúmulo. O seu orgulho não lhe permitia ficar. E se o tio lhe dissesse uma única palavra a respeito de Nicholas, ia explodir. Não podia fazer isso em público.

Quando pediu a George Fowler que a levasse a casa, os olhos verde-claros dele arregalaram-se de prazer. A seguir, perguntou:

– E o seu tio?

– Estou um pouco aborrecida com ele. – Estava e não estava, mas isso servia de desculpa. – E, seja como for, ele trouxe uma senhora. Mas odeio abusar da sua boa vontade, George. A sua irmã está consigo.

– O meu irmão pode encarregar-se dela, esteja descansada – declarou ele, a sorrir.

Bom, pensou ela de mau humor, ainda bem que *alguém* gostava dela.

— Por que razão, pergunto-me eu, repara imediatamente quando ela sai da sala com alguém?

Nicholas deu meia-volta para fitar Anthony Malory, cujos olhos ficavam à mesma altura dos seus.

— Está a seguir-me, meu senhor?

— Não tenho motivo nenhum para ficar, agora que o entretenimento já acabou — respondeu Anthony afavelmente. — E que grande espetáculo foi. Apenas dez minutos depois de ela sair, o senhor prepara-se igualmente para ir embora. Isso não causa um bom impacto.

Nicholas fuzilou-o com o olhar.

— Surpreende-me que não a tenha seguido para se certificar de que o Fowler a leva diretamente para casa. Não é isso que um bom cão de guarda deve fazer?

Anthony soltou uma pequena gargalhada.

— Para quê? Ela fará sempre o que quer, independentemente do que lhe digo. E confio mais nela na companhia do Fowler do que na sua companhia. — Fez uma pausa e pigarreou. — Mesmo tendo em conta que ele foi um dos rapazes que andava atrás dela na passada temporada. Se ele não a levar diretamente para casa, também não a pode censurar, pois não? Está empenhado em dar a estes jovens afetados a impressão de que ela ainda está disponível. — Esperou um momento antes de prosseguir. — Não está?

Os olhos de Nicholas flamejaram.

— Se ficou ofendido com o meu comportamento, já sabe o que pode fazer em relação a isso.

— Com certeza — disse Anthony friamente, já sem qualquer vestígio de humor na voz. — Se eu não achasse que a Reggie ia fazer um grande pé de vento por causa disso, gostava de o ver num campo de duelo o mais breve possível. Quando ela parar de o defender, podemos marcar esse dia, pode estar certo disso.

— É um grande hipócrita, Malory.

Anthony encolheu os ombros.

— Sim, sou, no que diz respeito à minha família. Sabe, Montieth, o Jason pode tê-lo em boa consideração, mas o Jason só conhece os aspetos mais positivos do seu caráter. Ele não sabe o que está a tentar fazer, mas eu sei.

— Sabe?

Pararam de falar quando Percy se aproximou. Anthony afastou-se de Nicholas, que exibia nesse momento uma expressão ameaçadora e Percy perguntou ao amigo, num tom compreensivo:

— Tiveste mais um desentendimento com ele, não foi?

— Algo do género — resmungou Nicholas entre dentes.

Percy abanou a cabeça. O problema de Nicholas era que raramente era contrariado. Com o seu tamanho e audácia, ninguém se atrevia a entrar numa

discussão e muito menos num confronto com ele. Agora, tinha os familiares de Lady Ashton a forçá-lo perante uma vontade coletiva e a frustração estava a dar cabo dele.

– Não devias levar isso tão a peito, Nick. Nunca te cruzaste com ninguém tão intimidante como tu e agora vês-te rodeado de um verdadeiro bando. – Como Nicholas não respondeu, ele continuou. – As coisas vão melhorar depois de estares casado.

– Maldição! – praguejou Nicholas. Afastou-se de Percy e foi buscar a sua capa.

Nicholas inspirou profundamente o ar da noite quando saiu para aguardar pela carruagem, que estacionara do outro lado da rua. Em seguida, respirou fundo de novo. Isso não o acalmou.

– Espera um pouco, Nick. – Percy estava a descer as escadas. – Falar com um amigo talvez te ajude.

– Esta noite não, Percy. O meu mau génio está prestes a explodir.

– Por causa do Malory? – Nicholas soltou um resmungo. – Oh, então é porque ela se foi embora com o Georgie, não é?

– *Ela* pode ir-se embora com quem bem lhe apetecer que isso pouco me importa!

– Com a breca, não me mordas! – protestou Percy, recuando um pouco. – O George, na verdade... não é exatamente inofensivo, mas... bom, isso não interessa, ela está comprometida contigo. Ela... – Percy percebeu que só estava a piorar a situação. – Não acredito. Será possível que o insensível Montieth possa estar realmente com ciúmes?

– É claro que não estou com ciúmes – disparou Nicholas. – Simplesmente tinha esperanças de que esta noite fosse o fim de tudo isto.

Mas a verdade é que tudo ficara vermelho, vermelho-escuro, quando George Fowler colocara a mão no cotovelo de Regina. Fowler era jovem, atraente e agora estava a rogar pragas a Malory por ter dito que ele estivera interessado em Regina na temporada passada!

– De que diabo estás a falar, Nick? O fim de quê?

– Desta farsa de noivado. Pensaste mesmo que eu me ia casar com a rapariga só porque fui coagido a isso?

Percy assobiou em voz baixa.

– Então era isso que estavas a fazer, ao não arredar pé de perto de Mrs. H. Eu sabia que ela não era o teu tipo. – Nicholas abanou a cabeça. – Mas eu pensei que estavas a tentar provocar ciúmes à tua senhora.

– Estava a tentar provocar a fúria dela, uma fúria suficiente para me deixar. Não foi a primeira vez que fui atrás de outras mulheres com ela presente a assistir a tudo. Cheguei a ponto de dar toda a minha atenção a Selena, apesar da aversão que sinto por ela. Mas a Regina nunca mencionou isso.

– Talvez a rapariga te ame – disse simplesmente Percy.

– Eu não quero o amor dela, quero o ódio dela – rugiu Nicholas. E queria-o

agora, disse a si mesmo, não depois de estar habituado ao amor dela, de ter começado a depender dele e o retribuir. Não conseguiria suportar o ódio dela nessa altura.

– Bom, estás metido num belo sarilho. E se ela não romper contigo? Vais ser tu a deixá-la?

Nicholas ergueu os olhos ao céu.

– Dei a minha palavra em como me casava com ela.

– Sendo assim, é muito provável que acabes por fazer isso.

– Eu sei.

– Seria assim tão mau?

Ele tinha medo que fosse divinal, mas não ia dizê-lo a Percy. A carruagem de Nicholas travou perto do passeio e ele perguntou:

– Fazes-me um favor, Percy? Volta lá para dentro e entrega ao meu futuro tio por afinidade uma mensagem por mim. Diz-lhe que é melhor ter uma conversa com a sobrinha sobre quem é que ela deixa levá-la a casa. – Ele riu-se. – Se ele achar que eu me importo com isso, pode dobrar os seus esforços para tentar convencê-la a deixar-me. Quando muito, a mensagem vai certamente irritá-lo. Isso deixa-me feliz. – E ele parecia, de facto, mais animado.

– Muito obrigado, velho amigo. Ele é bem capaz de *me* arrancar a cabeça, ao receber uma mensagem desse tipo – disse Percy.

– Sem dúvida. – Nicholas sorriu. – Mas vais fazer isso por mim, não vais? És um bom amigo.

Nicholas riu-se com a expressão que viu no rosto de Percy e acenou-lhe enquanto a carruagem se afastava pelo caminho de entrada.

O seu bom humor dissipou-se logo a seguir. Aquela noite provara que ele não conseguia aguentar muito mais a presença de Regina. Um único toque dela deitara por terra todas as suas defesas. Maldição! Tentara manter-se à distância tanto quanto possível, mas ao mesmo tempo que isso era mais confortável, não provocava qualquer alteração no grande problema dele. Para todos os efeitos, eles ainda estavam noivos.

– Fim da linha, companheiro. – As palavras quebraram o seu devaneio.

Companheiro? Na boca do *seu* condutor circunspecto?

Nicholas olhou pela janela e viu, não a sua casa, mas árvores muito próximas. Uma escuridão sombria estendia-se por trás do veículo. Como é que ficara tão absorto pelos pensamentos ao ponto de não se ter apercebido de que estava a ser levado para os campos à saída de Londres? Ou estaria num dos gigantescos parques londrinos? Nesse caso, mais valia estar nos malditos campos apesar do pouco tráfego que podia existir de noite.

Que diabo tinha feito Malory? Contratado um rufia para poder jurar a Regina que não tinha encostado um dedo nele? Estava mesmo a imaginar o tio dela a rir-se disso com os amigos.

Nicholas fez um sorriso amargo. Aquela era uma boa forma de descarregar a raiva. Porque é que não pensara nisso antes?

No início da noite, pouco tempo depois de Nicholas e Regina terem chegado a casa de Mrs. Hargreaves no West End, um indivíduo atarracado e entroncado chamado Timothy Pye chamou uma carruagem de aluguer e deu ao condutor a morada de uma taberna perto da zona do porto.

Timothy fazia biscates, que podiam ser um dia de trabalho honesto nas docas ou cortar a garganta a um homem. Ele preferia trabalhos fáceis e aquele não podia ser mais fácil. O seu amigo Neddy estava a trabalhar com ele. Só tinham de seguir um nababo qualquer para todo o lado e de vez em quando apresentar um relatório do paradeiro do lorde à pessoa que os tinha contratado.

Era a vez de Timothy fazer isso e não demorou muito tempo a chegar à taberna de classe superior onde o sujeito estava hospedado. No piso dos quartos, bateu com força à porta. Esta abriu-se logo a seguir.

Estavam dois homens no quarto. Um era um indivíduo alto e magro, com uma barba ruiva enorme e cerrada. O outro era um jovem de estatura mediana, que se podia considerar ainda um rapaz, com uma beleza quase feminina, de cabelo preto e olhos azul-escuros. Timothy só vira o homem mais novo uma vez na meia dúzia de ocasiões em que se encontrara com o mais velho. Os nomes de ambos nunca haviam sido mencionados, nem tão-pouco Timothy estava interessado em saber quem eles eram. Fazia simplesmente o que era pago para fazer, sem mais perguntas.

– Vai passar a noite fora de casa, ao que parece – começou Timothy, dirigindo-se ao homem da barba ruiva. – Numa festa qualquer no West End. A rua está cheia de carruagens finas dos dois lados da estrada.

– Sozinho?

Timothy esboçou um sorriso de orelha a orelha.

– Trouxe a senhorita fina com ele na carruagem, tal como antes. Levou-a lá para dentro. Eu vi-os.

– Tem a certeza de que é a mesma senhora, Mister Pye, a que se foi embora sem ele da última vez?

Timothy acenou com a cabeça.

– Não vejo como me podia ter esquecido disso, senhor. Ela é uma verdadeira beleza.

O homem mais novo falou:

– Deve ser a amante dele, não achas? O «mê» pai disse que ele não é o tipo de homem que desperdiça tempo com alguém com quem não partilhe a cama.

– Raios, rapaz! – rugiu o barba ruiva. – O meu pai. *Meu*, não *mê*. Porque é que nunca cometes estes deslizes gramaticais quando o teu pai está por perto? São só as minhas orelhas que são atormentadas.

O homem mais novo ficou ruborizado até ao peito, facto revelado pela sua camisa larga. Os seus olhos azul-escuros desviaram-se, embaraçados, e aproximou-

se de uma mesa com um baralho de cartas espalhado ao lado de uma garrafa de vinho e dois copos. Sentou-se à mesa e baralhou as cartas, com a intenção de ignorar o resto do relatório depois de ter sido humilhado.

– Continue, Mister Pye.

– Certo, senhor. – A palavra «senhor» saía naturalmente porque o homem podia não parecer propriamente um cavalheiro com aquela barba ruiva cerrada, mas falava como um. – Eu sei que queria saber isto da senhorinha fina, caso ela abale sem ele de novo esta noite.

– Como é a iluminação da rua?

– Razoável. Mas não é assim tão boa que impeça o Neddy e eu de puxarmos o condutor para baixo sem fazer barulho.

– Então talvez seja esta noite. – O barba ruiva sorriu pela primeira vez. – Sabe o que fazer, se vir essa oportunidade, Mister Pye.

– Certo, senhor. Não quer a senhorinha fina envolvida, eu sei disso, senhor. Se ela for embora sozinha, deitamos-lhe a mão.

A porta fechou-se atrás de Pye e Conrad Sharpe riu-se. Era um riso profundamente retumbante para um homem tão magro.

– Não fiques amuado, meu rapaz. Se tudo correr bem, podemos estar a caminho de casa amanhã.

– Não tinhas de me corrigir à frente dele, Connie. O meu pai «na» me corrige à frente dos outros.

– «Não» – corrigiu-o de novo Conrad. – O teu pai é um pai muito recente e, por esse motivo, esforça-se por não te ferir os sentimentos, Jeremy.

– E tu não?

– Porque faria isso, meu fedelho?

Havia uma afeição genuína na voz do homem mais velho e o jovem Jeremy sorriu finalmente.

– Se lhe deitarem a mão esta noite, posso ir com vocês?

– Lamento, rapaz. Vai ser feio e o teu pai não vai gostar que assistas.

– Eu tenho dezasseis anos! – protestou Jeremy. – Sobrevivi a uma batalha naval.

– Por pouco.

– Independentemente disso...

– Não – disse Conrad categoricamente. – Mesmo que o teu pai concordasse, eu não deixava. Não precisas de ver o teu pai no seu pior.

– Ele só vai dar-lhe uma lição, Connie.

– Sim, mas como ficaste ferido, a lição será dura. E o orgulho dele também está em causa nesta história. Não ouviste os insultos e as provocações do jovem lorde que só deitaram mais achas na fogueira. Estavas caído no chão com um ferimento quase mortal.

– Graças a ele! Motivo pelo qual...

– Já disse que não! – Conrad cortou-lhe a fala de novo.

– Muito bem – resmungou Jeremy. – Mas ainda não percebi porque nos demos

a todo este trabalho, a seguir-lhe o rasto em Southampton sem sorte e depois a perder duas semanas aqui em Londres a fazer o mesmo. Teria sido muito mais divertido se, muito simplesmente, lhe afundássemos um dos navios.

Conrad riu-se.

– O teu pai devia saber qual é a tua noção de divertido. Mas já que falas nisso, este lorde pode ter uma frota de apenas seis navios mercantes, mas perder um não ia fazer grande diferença na carteira. O teu pai está determinado a vingar-se a um nível mais pessoal.

– E depois disso podemos ir para casa?

– Sim, meu rapaz. E podes voltar aos estudos.

Jeremy fez uma careta e Conrad Sharpe riu-se. A seguir, ouviram um risinho feminino a vir do quarto contíguo, onde estava o pai de Jeremy e o esgar de Jeremy transformou-se num rubor intenso, fazendo com que Conrad se risse com mais vigor.

Ainda ressequido do calor do dia, o chão estava quente debaixo do seu rosto. Ou talvez ele estivesse prostrado naquele lugar há horas e o calor do seu próprio corpo tivesse aquecido o chão, não tinha a certeza. Estes pensamentos passaram pela mente de Nicholas quando recuperou a consciência e abriu os olhos.

A seguir, chamou idiota a si próprio, um autêntico idiota. Fiel aos seus princípios de cavalheiro, saiu normalmente da carruagem, sem imaginar que seria atacado ainda antes de pousar o pé no chão.

Cuspiu terra da boca. Aparentemente, tinham-no deixado ficar onde caíra. Um movimento cuidadoso informou-o de que as mãos estavam atadas atrás das costas e, além disso, quase dormentes. Esplêndido. Com pontadas lancinantes na cabeça, teria sorte se conseguisse pôr-se de joelhos, quanto mais de pé. Se lhe tivessem deixado a carruagem, não conseguiria conduzi-la sem usar as mãos. Estaria ela ali?

Rodando dolorosamente a cabeça para um dos lados, Nicholas viu uma das rodas da carruagem. Assim como um par de botas ao lado dela.

– Ainda cá está? – perguntou ele, incrédulo.

– E onde é que devia estar, companheiro?

– De volta ao seu antro de ladrões, presumo eu – respondeu Nicholas.

O indivíduo riu-se. O que diabo significava aquilo? Aquilo não era um assalto vulgar? Ele pensou em Malory de novo, mas, por mais que tentasse, não conseguia imaginá-lo a contratar alguém para lhe dar uma tarefa.

– Estive inconsciente muito tempo? – perguntou Nicholas. A cabeça latejava-lhe.

– Pelo menos uma hora, companheiro, sem dúvida.

– Então, não se importa de me dizer de que diabo estamos à espera? – resmungou Nicholas. – Roube-me e vá tratar da sua vida!

O indivíduo riu-se mais uma vez.

– Foi a primeira coisa que eu fiz, companheiro. Ninguém me disse que não podia. Mas o que tenho de fazer mesmo é ficar aqui a ver se não se mexe daí.

Nicholas tentou sentar-se, mas uma onda de tonturas fê-lo vacilar. Praguejou, tentando de novo.

– Calma, companheiro. Não se ponha a fazer truques ou vou ter de lhe deixar outra marca do meu bastão.

Nicholas sentou-se, com os joelhos dobrados a dar apoio ao peito. Depois de respirar fundo sentiu-se melhor. Conseguiu finalmente olhar para aquela criatura mal-arranjada. Não era nada impressionante. Se conseguisse pôr-se de pé, acabava depressa com o sujeito mesmo de mãos atadas.

– Seja um bom companheiro e ajude-me a levantar.

– Isso tem piada, companheiro. Tem o dobro do meu tamanho. Não nasci ontem.

Podia esquecer essa ideia, pensou Nicholas.

– O que fez ao meu condutor?

– Atirei-o para uma viela. Não precisa de se preocupar. Vai acordar com uma dor de cabeça igual à sua, mas vai ficar bem.

– Onde estamos?

– Gostava mais de si quando estava a dormir – respondeu o patife. – Já são muitas perguntas.

– Pelo menos diga-me o que estamos a fazer aqui – perguntou Nicholas, impaciente.

– Está sentado no meio do chão e eu estou a ver se não sai daí.

– Não, o que está a fazer é deixar-me furioso! – explodiu Nicholas.

– Isso deixa-me preocupado, companheiro, palavra de honra – disse o indivíduo, rindo à socapa.

Com algum impulso e esforço, conseguia lançar-se de cabeça contra aquele miserável descarado, pensou Nicholas. Mas os seus planos foram interrompidos pelo som de outra carruagem a aproximar-se. Uma vez que o patife não se apressara a sair de cena, Nicholas concluiu desconfortavelmente que a carruagem era aguardada. O que diabo ia acontecer a seguir?

– São seus amigos?

O indivíduo meneou a cabeça.

– Já lhe disse que faz muitas perguntas, companheiro.

A lanterna exterior da carruagem que estava a chegar iluminou a área e aquilo que Nicholas viu era irritantemente familiar. Hyde Park? Ele percorria os caminhos do parque a cavalo todas as manhãs e conhecia-os tão bem como os terrenos de Silverley. Será que se tinham atrevido a mantê-lo refém tão perto da casa dele?

A carruagem parou a cinco metros de distância, e o condutor desceu e pegou na lanterna. Atrás dele, dois homens saíram da carruagem, mas Nicholas só conseguia ver sombras vagas porque a luz estava apontada diretamente à sua cara. Tentou erguer-se, mas sentiu a pressão admoestadora do bastão de Pye.

– Que bonita imagem, não achas, Connie? – ouviu ele e de seguida: – Sem dúvida. Bem amarrado e à espera, à tua mercê.

O riso de ambos ampliou o nervosismo latente de Nicholas. Não reconheceu as vozes, mas pertenciam a cavalheiros. Que inimigos tinha feito recentemente na classe mais alta? Santo Deus, dezenas! Todos os anteriores pretendentes da sua futura noiva.

– Foi um excelente trabalho, camaradas. – Uma bolsa com dinheiro foi atirada para o homem do bastão e outra para o condutor baixo e entroncado da carruagem. – Façam-nos só o favor de acender aquela lanterna e depois podem regressar na carruagem de aluguer. Nós vamos utilizar esta carruagem, visto que o dono não vai necessitar dela.

A luz desviou-se-lhe dos olhos e Nicholas conseguiu ver bem, pela primeira vez, os dois homens. Eram ambos altos e barbudos, bem-vestidos, o mais magro de sobrecasaca de trespasse e o outro, com uma enorme barba, de sobretudo com uma

capa de várias camadas pelos ombros. Viu calças escuras e botas bem polidas. Quem seriam eles?

O indivíduo mais entroncado, ligeiramente mais baixo do que o outro, trazia uma bengala com uma pega de marfim. Esse pormenor juntamente com a barba cerrada dava-lhe um aspeto caricatural. Era mais velho do que o outro, possivelmente na casa dos quarenta e pouco. Parecia-lhe vagamente familiar, mas por mais que se esforçasse, Nicholas não conseguia identificar qualquer um deles.

– Tragam essa lanterna para aqui antes de irem embora.

A lanterna da carruagem de Nicholas foi colocada na parte traseira do veículo, lançando luz sobre ele, mas deixando os dois cavalheiros nas sombras. O condutor e o bandido partiram na carruagem de aluguer.

– Ele parece confuso, não parece, Connie? – disse o homem mais novo, depois de o retumbar da carruagem se ter afastado. – Achas que ele me vai desapontar ao dizer que não se recorda de mim?

– Talvez seja melhor refrescar-lhe a memória.

– Talvez seja melhor abaná-la bem.

A bota atingiu Nicholas na zona do maxilar. Ele caiu para trás, por cima das mãos atadas, soltando um rugido de dor.

– Vá, rapaz, sente-se. Foi só uma pancadinha leve.

Nicholas foi erguido bruscamente pelos pulsos manietados, com os braços violentamente torcidos. Cambaleou, subjugado por uma vaga de tonturas, mas uma mão pesada segurou-o. Felizmente, o seu maxilar já estava a ficar dormente. Mal sentiu uma pontada quando afastou os lábios.

– Se já nos conhecemos...

O punho roubou-lhe o ar todo quando lhe atingiu o estômago. Ele dobrou-se ao meio, arfando pelo ar que lhe fugia.

A mão que deslizou por baixo do seu queixo para o erguer de novo era quase gentil.

– Não me desaponte outra vez, rapaz. – A voz era suave, com um tom ameaçador. – Diga-me que se lembra de mim.

Nicholas enrubesceu com uma fúria impotente enquanto olhava fixamente o homem. Era apenas uns centímetros mais baixo do que Nicholas. O cabelo castanho-claro e comprido estava atado atrás com uma fita, embora madeixas mais curtas e loiras caíssem sobre as orelhas. A barba era do mesmo tom castanho-claro do cabelo. Quando desviou a cabeça para o lado de modo a observar Nicholas atentamente, um clarão dourado cintilou-lhe na orelha. Um brinco? Impossível. Os únicos homens que usavam brincos eram... A fúria foi substituída pela inquietação.

– Capitão Hawke?

– Muito bem, rapaz! Odiava pensar que me tinha esquecido. – Hawke soltou uma risada. – Vês o que o estímulo certo consegue fazer, Connie? E a última vez que nos encontrámos foi numa viela escura. Duvido que o rapaz me tenha visto bem nessa altura.

– Ele viu-te muito bem a bordo do *Maiden Anne*.

– Eu tenho o mesmo aspeto a bordo? Não. Ele é um rapaz esperto, está visto. Foi uma questão de dedução. Duvido que ele tenha outro inimigo como eu.

– Lamento desapontá-lo – disse penosamente Nicholas –, mas o senhor já não é o único a sentir ódio por mim.

– Não? Esplêndido! Não gosto da ideia de que venha a ter uma vida fácil depois de eu sair dela, rapaz.

– Sendo assim, vou sair daqui com vida? – perguntou Nicholas.

Connie riu-se.

– Ele é tão arrogante como tu, Hawke. Não me parece que o estejas a assustar. A seguir, vai cuspir-te nos olhos.

– Não me parece – respondeu friamente Hawke. – Era capaz de lhe arrancar os dele, se se atrevesse a isso. Como é que achas que ele ia ficar com uma pala igual à do velho Billings?

– Com aquela cara bonita? – resmungou Connie. – Só ia realçar a sua beleza superior. As senhoras iam adorar.

– Nesse caso, talvez seja melhor prestar uma atenção especial à cara dele.

Nicholas nem sequer viu o golpe. Sentiu um fogo a explodir na face e o impacto fê-lo cambalear. Porém, Connie estava perto para o segurar e logo de seguida o outro lado da cara recebeu o mesmo golpe poderoso.

Quando a cabeça ficou menos zonha, Nicholas cuspiu sangue. Os seus olhos brilhavam com uma luz assassina quando fixou o pirata nos olhos.

– E agora, já está suficientemente zangado para lutar comigo, rapaz?

– Bastava ter pedido – conseguiu dizer Nicholas.

– Precisava de um pouco de motivação. Estou aqui para me vingar, não para brincar consigo. Exijo uma boa luta ou teremos de fazer isto outra vez.

Nicholas emitiu uma interjeição desdenhosa, embora esse esforço tivesse sido doloroso.

– Para se vingar? Está-se a esquecer de quem atacou e quem foi atacado no mar alto.

– Mas essa é a minha ocupação, como sabe.

– Então, como se atreve a falar de vingança simplesmente porque foi derrotado? – exigiu saber Nicholas. – Ou será que eu tenho a honra de ser o único homem a sair com o navio intacto depois de um encontro com o *Maiden Anne*?

– Nem por sombras – disse Hawke francamente. – Já tivemos de nos dar por vencidos. Eu próprio já fiquei ferido no calor da batalha. Embora não tivesse aceitado de bom grado ver o meu filho ferido quando me deitou abaixo o mastro principal. Mas até isso tinha de aceitar pelo facto de ter o rapaz a bordo. Todavia, de um cavalheiro para outro...

– Um cavalheiro pirata? – Era perigoso, mas Nicholas tinha de o dizer.

– Pode desdenhar o que quiser, mas é inteligente o suficiente para perceber porque nos tínhamos de encontrar de novo.

Nicholas quase se riu. Era incrível. O pirata atacara-o primeiro, com a intenção

de se apoderar da carga que Nicholas transportava. Nicholas saíra vitorioso daquela batalha naval. Olhando para trás, talvez não devesse ter insultado o capitão Hawke enquanto velejava para longe. Tinha sido um golpe baixo. Mas isso sucedera há quatro anos e ele era um jovem imprudente, que deixou a vitória subir-lhe à cabeça. Aparentemente, haviam sido aqueles insultos que levaram Hawke a querer vingar-se. Que cavalheiro podia ignorar um insulto?

Cavalheiro! Tinham-se cruzado numa viela escura em Southampton depois de Nicholas regressar a Inglaterra, há três anos. Não conseguiu ver o seu atacante naquela noite, embora Hawke fizesse questão em se apresentar. O encontro fora interrompido.

A seguir, havia uma carta, uma *carta*, à espera de Nicholas quando regressara das Índias Ocidentais no ano passado, exprimindo pesar por Hawke não ter tido possibilidade de retomar o contacto entre ambos quando esteve em Londres. A carta convencera Nicholas de que fizera um inimigo terrível. Porque teria a sorte de ter a escória da humanidade sedenta pelo seu sangue?

– Solta-o, Connie.

Nicholas ficou tenso.

– Tenho de lutar contra os dois?

– Vamos – protestou o capitão Hawke. – Isso seria muito pouco desportivo da minha parte, não é verdade?

– Com mil diabos – bramiu Nicholas. – Bater num homem indefeso é muito pouco desportivo.

– Magoei-o, meu rapaz? Tem de aceitar as minhas desculpas, mas pensei que era mais resistente. E tem de compreender uma coisa, sinto-me mais do que justificado depois de todo o trabalho que me custou chegar a este momento.

– O senhor compreenderá se eu discordar?

– Claro que sim – respondeu Hawke, com uma vénia teatral.

Hawke despiu o sobretudo. Estava vestido para poder gozar da máxima amplitude de movimentos, com uma camisa folgada enfiada nas calças. Nicholas estava constrangido pela capa, casaco e colete. Percebeu que não lhe seria dada oportunidade de despir qualquer uma das peças de roupa quando viu o pirata a fletir os dedos de forma impaciente.

Nicholas não conseguiu impedir um gemido quando as suas amarras foram finalmente cortadas e os braços penderam dolorosamente para os lados. Não teve qualquer sensação nos dedos durante alguns momentos e depois uma dor insuportável quando o sangue os atravessou. E a sua suposição estava correta. Não lhe foi dado um momento para recuperar antes de o primeiro golpe possante o atingir por baixo do queixo. Ele caiu no chão pesadamente.

– Vamos lá, rapaz – queixou-se Hawke com um suspiro aborrecido. – Não seremos interrompidos desta vez. Dê-me uma boa luta e eu dou-me por satisfeito.

– E se não fizer isso?

– Nesse caso, é possível que não saia daqui pelos seus próprios pés.

Nicholas percebeu a insinuação. Atirou a capa para longe enquanto estava no

chão e depois lançou-se contra o homem mais velho, agarrando-o pelo tronco e atirando os dois ao chão. A seguir, desferiu com força um gancho de direita contra o maxilar de Hawke, mas o impacto sacudiu-lhe tanto a mão já dolorosamente latejante que quem gritou de dor foi ele.

Nicholas deu o seu melhor, mas Hawke mostrava-se implacável e, apesar dos ferimentos de Nicholas, Hawke era o mais furioso dos dois. Também era o mais pesado e mais musculado. Os seus punhos descomunais não mostravam qualquer piedade pelo rosto e corpo já doridos de Nicholas. Apesar disso, a luta foi dura para ambos, e quando Nicholas deu por si no chão a sangrar, sabia que o homem mais velho também não fora poupado à dor. Ainda assim, Hawke conseguiu dar uma gargalhada.

– Tenho de ser sincero consigo, Montieth – disse o capitão Hawke, a arfar. – Provavelmente tinha conseguido vencer-me se estivéssemos os dois em pé de igualdade. Já me dou por satisfeito.

Nicholas ouviu apenas algumas palavras antes de ficar maravilhosamente inconsciente. Conrad Sharpe inclinou-se sobre ele e abanou-o, mas ele não se mexeu.

– Ele apagou-se, Hawke. Tens de tirar o chapéu ao rapaz. Para um lorde mimado, durou muito mais do que eu estava à espera. – Conrad deu uma risada. – Como é que o teu corpo se sente agora relativamente a vinganças?

– Vê se te calas, Connie. Raios, o homem tem um gancho de direita terrível.

– Eu reparei. – Connie riu-se de novo.

Hawke suspirou.

– Sabes, em circunstâncias diferentes quase que podia gostar dele. Foi uma pena ter-se cruzado comigo quando era um pirralho com uma língua tão afiada.

– Não éramos todos assim nessa idade?

– Creio que sim. E todos temos de aprender com isso. – Hawke tentou endireitar-se completamente, mas soltou um gemido e dobrou-se sobre si mesmo. – Leva-me para uma cama, Connie. Acho que vou precisar de pelo menos uma semana de descanso depois disto.

– Valeu a pena?

– Sim, podes ter a maldita certeza de que valeu a pena!

O último oficial de justiça e o médico marcharam para fora do quarto em fila indiana e Harris, o criado particular de Nicholas, fechou a porta. Nicholas permitiu-se sorrir, mas o movimento da boca transformou-se num esgar de dor quando o corte nos lábios se esticou.

– Se não se importar, senhor, posso sorrir em nome de ambos – ofereceu-se Harris. E depois sorriu de facto, com o seu bigode caído a endireitar-se num sorriso de orelha a orelha.

– Isto acabou melhor do que contava, não foi? – disse Nicholas.

– Sem dúvida, senhor. Em vez de ir presente ao magistrado num simples caso de agressão, ele vai enfrentar a acusação de pirataria.

Nicholas teve vontade de sorrir de novo, mas pensou melhor e desistiu. Agora já sabia o quanto o capitão Hawke levava a sério a vingança. Bom, a vitória de Hawke fora muito, muito efémera.

– Creio que não me devia gabar, mas é isso que aquele homem merece – declarou Nicholas.

– Não tenho quaisquer dúvidas, senhor. Ora, o médico disse que é uma sorte o seu maxilar ainda estar intacto. E em toda a minha vida nunca vi tantas nódoas negras e...

– Isso não importa. Achas que *ele* também não está a contorcer-se de dores? O que importa é o princípio da questão. Nunca teria conhecido o patife se ele não tivesse atacado o meu navio. E, ainda assim, foi *ele* quem guardou um maldito rancor contra mim! Mas não parece que se esteja a rir disso agora, fechado a sete chaves na prisão.

– Foi uma sorte os guardas terem-no encontrado na altura certa, senhor.

– Sim. Foi pura sorte.

Nicholas recobrou a consciência alguns momentos depois de Hawke e Connie, o homem ruivo, partirem na sua carruagem. E passados uns momentos, ouviu cascos de cavalos não muito longe. Conseguiu gritar e os dois guardas da noite ouviram-no. Foi preciso alguma persuasão para o deixar ali e ir atrás da outra carruagem. Trinta minutos depois, voltaram para o buscar com a notícia feliz de que a carruagem fora recuperada e o agressor ferido detido, embora o outro tivesse conseguido pôr-se em fuga.

Nicholas contou a história toda aos bons homens que o levaram para casa e o nome de Hawke atraiu a atenção de um deles. Como seria de esperar, um verdadeiro bando de oficiais de justiça precipitou-se para a casa de Nicholas enquanto o médico ainda estava a tratá-lo. Anunciaram que Hawke era um criminoso procurado pela Coroa.

– Também foi uma sorte, senhor – comentou Harris enquanto endireitava a roupa de cama junto de Nicholas –, Lady Ashton não estar consigo quando defrontou os meliantes. Presumo que o serão tenha corrido como planeado e que

ela tenha saído sem si.

Nicholas não respondeu. Quando pensou no que podia ter acontecido... Não, não suportava pensar nisso. Ela estava a salvo porque George Fowler a levara para casa.

Hum. Nada mais, nada menos do que George Fowler. Uma fúria irracional, intensa e feroz apoderou-se dele.

– Meu senhor?

– O que foi? – rugiu Nicholas e depois recuperou o controlo. – Ah, sim, Harris, o serão correu como seria de esperar no que diz respeito à senhora.

O criado de meia-idade estava ao serviço de Nicholas há dez anos e conhecia-lhe melhor do que ninguém os pensamentos e sentimentos. Sabia que Nicholas não se queria casar com Regina Ashton, embora não soubesse porquê, nem tão-pouco sonhasse em perguntar o motivo. Ele e Nicholas tinham discutido a estratégia que Nicholas estava a levar a cabo para se ver livre do compromisso.

– Lady Ashton discutiu consigo, senhor?

– Não correu assim *tão* bem – respondeu Nicholas, com uma voz fatigada. O sedativo que o médico lhe dera estava a começar a fazer efeito. – Ainda estamos noivos.

– Bom, decerto que da próxima vez...

– Sim.

– Mas não falta muito tempo para o casamento – acrescentou Harris, hesitante. – O médico quer que fique de repouso três semanas.

– Nem pensar nisso – retorquiu Nicholas. – Vou estar de pé e como novo daqui a três dias, e nem mais um.

– Se o senhor o diz.

– Digo, pois.

– Muito bem, senhor.

Como nunca tinha sofrido uma tarefa daquela gravidade, Nicholas não podia saber que iria sentir-se dez vezes pior no dia seguinte. Amaldiçoou profusamente o capitão Hawke e nada lhe daria mais prazer do que ver o pirata enforcado.

Precisou de uma semana inteira para se conseguir mover, ainda que ligeiramente, sem sentir dor. E embora estivesse finalmente de pé e em movimento passada outra semana, os cortes no rosto ainda eram bem visíveis.

Não estava em condições de ver Regina. Mas não se podia dar ao luxo de perder mais tempo.

O dia do casamento era apenas dali a uma semana. Precisava de a ver.

Foi até à casa dos Malory em Grosvenor Square, apesar da sua aparência. Foi informado de que Regina estava fora de casa, a fazer compras para o seu enxoval. Esta informação aumentou o seu pânico. Esperou uma hora por ela e quando ela chegou, levou sem quaisquer cerimónias a noiva para longe das primas no momento em que entrou.

Sem dizer palavra, conduziu-a através do jardim em direção à praça que ficava diante da casa, com uma passada longa e rápida e uma expressão sombria e pensativa. Ele deteve-se quando a voz suave dela se intrometeu nos seus pensamentos.

– Já está recuperado? – perguntou ela. Uma fresca brisa outonal fazia voar as folhas no ar e agitava perigosamente as penas do chapéu de Regina. O rosto dela estava ruborizado e os olhos cintilavam como duas luzes azuis. Era perigosamente encantadora, irradiando saúde e vitalidade. Continuava a ser a mulher mais bela que já tinha conhecido.

– Recuperado? – perguntou Nicholas, perguntando-se como diabo ela soubera do ataque, quando a tinha evitado naquelas duas semanas precisamente para que ela não descobrisse o que tinha acontecido.

– O Derek falou-nos da sua doença – explicou ela. – Lamento que tenha estado indisposto.

Maldição! Era obrigado a aceitar a compaixão dela, graças à adulteração da verdade de Derek. Preferia a raiva dela.

– Na verdade, estava de visita a uma das minhas tavernas favoritas nas docas e fui atacado por rufiões que me deram uma valente tarefa para se apoderarem da minha bolsa. Ainda assim, continuo a achar empolgante frequentar sítios pouco recomendáveis.

Ela sorriu de forma indulgente.

– O Tony estava certo de que iria usar a sua doença como uma desculpa para adiar o casamento. Eu disse-lhe que não era o seu estilo.

– Conhece-me assim tão bem, querida? – perguntou Nicholas, sarcasticamente.

– Pode ser muitas coisas, mas cobarde não é uma delas.

– Presume que...

– Que absurdo – interrompeu ela. – Não vou acreditar se me quiser convencer do contrário, por isso o melhor é nem sequer tentar.

Nicholas cerrou os dentes e ela sorriu fugazmente, divertida. Olhar para a beleza dela afetava-o bastante, como sempre, e naquele momento os seus pensamentos estavam bastante dispersos.

– Creio que também lhe devia perguntar como tem passado.

– Sim, devia – concordou Reggie. – Mas ambos sabemos que aquilo que faço com o meu tempo não lhe interessa. Por exemplo, aposto que não se ia sentir magoado se soubesse que estive tão ocupada que nem senti a sua falta. E que não se ia importar de saber que outros homens me acompanharam às festas a que os meus primos insistem que eu vá.

– O George Fowler?

– O George, o Basil, o William...

– Cuidado, ou vou começar a pensar que está a tentar espicaçar os meus ciúmes numa manobra de retaliação.

– Retaliação? Já percebi, está a julgar-me de acordo com o seu próprio

comportamento. Isso tem piada, Nicholas. Só porque acha as outras mulheres fascinantes...

– Com mil diabos, Regina! – Nicholas perdeu finalmente toda a paciência. – Porque mascara a sua fúria nessa atitude absurda e educada? Grite comigo!

– Não me tente.

– Ah, ah! – exclamou ele, de forma triunfante. – Começava a achar que não tinha coragem.

– Oh, Nicholas. – Reggie riu-se baixinho. – Devo insultá-lo, chamando-lhe grosseiro e desprezível e jurar entre lágrimas que não me casaria consigo nem que fosse o último homem na Terra e por aí adiante?

Nicholas fuzilou-a com o olhar.

– Está a troçar de mim, minha senhora?

– O que o faz pensar isso?

Ela disse aquelas palavras com uma expressão tão inocente que ele pousou as mãos nos seus ombros, pronto a abaná-la. Mas os seus magníficos olhos azuis arregalaram-se, surpresos, quando as suas próprias mãos subiram para agarrar o peito dele com força e Nicholas enrubescceu violentamente.

Deu um passo atrás, quase trémulo.

– A pressão do tempo obriga-me a ser franco, Regina – disse ele friamente. – Já lhe pedi para terminar com a farsa deste noivado. Estou a pedir-lhe de novo. Não, estou a implorar. Não quero casar consigo.

Ela baixou o olhar, fitando fixamente o polimento brilhante das suas botas altas.

– Não me deseja... de nenhuma forma? Nem sequer como amante?

Os olhos dourados cor de mel fulgiram com a agitação interior que a pergunta causou, mas ele disse apenas:

– Não tenho dúvidas de que seria uma amante esplêndida.

– Mas não está interessado?

– Já não.

Ela voltou-lhe as costas, de ombros abatidos, a imagem perfeita de uma pequena figura desalentada. Nicholas teve de se conter com toda a força de vontade que tinha para não estender os braços e a abraçar com força. Queria desdizer todas aquelas palavras, mostrar-lhe a grande mentira que eram. Mas o melhor para ela era sofrer algum tempo com a desilusão e depois esquecê-lo. Não podia deixar que aquela mulher encantadora se casasse com um bastardo.

– Pensei realmente que o podia fazer feliz, Nicholas. – As palavras dela flutuaram na sua direção por cima do ombro dela.

– Nenhuma mulher pode fazer isso, querida, não por muito tempo.

– Nesse caso, lamento. Lamento mesmo.

Ele não se mexeu.

– Isso significa que me *vai* deixar?

– Não.

– Não? – Ele ficou hirtó e incrédulo. – O que diabo quer dizer com isso?

– A palavra não quer dizer...

– Eu sei o que a maldita palavra quer dizer!

Ela deu finalmente meia-volta.

– Não precisa de gritar, senhor.

– Voltamos à formalidade? – gritou ele, dando largas à fúria.

– Tendo em conta as circunstâncias, sim – respondeu ela, secamente. – Só tem de se ausentar de Londres na próxima semana. Asseguro-lhe de que sou suficientemente forte para manter a cabeça erguida depois da humilhação de ser abandonada no altar.

– Eu dei a minha palavra! – exclamou ele.

– Sim, a palavra de um cavalheiro, que é um cavalheiro apenas quando lhe convém.

– Eu sou um homem de palavra.

– Nesse caso, deve manter-se fiel a ela, Lord Montith.

Ela começou a caminhar, mas ele agarrou-lhe o braço, com dedos duros.

– Não faça isso, Regina – advertiu-a sombriamente. – Vai-se arrepender.

– Já me arrependi – foi a resposta sussurrada. Ele foi apanhado de surpresa.

– Sendo assim, *porquê?* – perguntou ele desesperadamente.

– Tem... tem de ser – respondeu ela.

Ele largou-lhe o braço e afastou-se, com o rosto transformando numa máscara de fúria.

– Então, que o diabo a leve! Não serei um marido para si, posso jurar-lhe isso. Se insistir nesta farsa, é isso que terá, um casamento de mentira. Desejo-lhe felicidades.

– Não está a falar a sério, Nicholas! – Os olhos dela estavam marejados de lágrimas.

– Dou-lhe a minha palavra, minha senhora, e um último aviso: não apareça na igreja.

— Não chore mais, minha querida — implorou Meg. — As suas primas vão chegar daqui a nada para ajudá-la a vestir-se. Não vai querer que elas a vejam assim.

— Não consigo evitar — soluçou Reggie, inconsolável. — E não é normal que as noivas chorem no dia do casamento?

— Mas a menina está a chorar há uma semana. Isso não a ajudou, pois não?

— Não. — Reggie abanou a cabeça.

— E não vai querer ter os olhos inchados, logo no dia de hoje.

Reggie encolheu os ombros, indiferente.

— Não me importo com isso. Vou usar o véu.

— Mas não vai usar o véu esta noite.

Seguiu-se um silêncio e depois Reggie sussurrou:

— Será que vai haver noite de núpcias?

— Não pode acreditar que ele não vai aparecer! — exclamou Meg, indignada.

— Ele vai estar lá — suspirou Reggie. — Mas eu contei-te o que ele disse.

— Isso é só conversa. Alguns homens morrem de medo do casamento, e o seu visconde parece ser um deles.

— Mas ele jurou que não seria um marido para mim.

— Ele disse isso num ataque de fúria — disse Meg pacientemente. — Não pode levar a sério um homem por aquilo que diz quando está furioso.

— Mas ele pode levar isso muito a sério, não vês isso? Como pude estar tão errada acerca dele, Meg? — gritou Reggie. — Como? — Ela meneou a cabeça. — E pensar que o comparei em tempos com o Tony. O Nicholas Eden não se parece em nada com o meu tio. Não tem uma ponta de sentimento, exceto entre as pernas — acrescentou ela amargamente.

— Reggie!

— Bom, é verdade — retorquiu ela. — Eu fui apenas um jogo para ele, mais uma conquista.

Meg ergueu-se e fitou-a em silêncio por um momento, com as mãos nas ancas.

— Ele devia saber do bebé que está para chegar — afirmou pela centésima vez. — Pelo menos teria percebido porque tem de seguir em frente com isto.

— Provavelmente não teria acreditado. *Eu* própria começo a duvidar. Olha para mim! Quatro meses e não se nota nem um bocadinho. E não tive nenhum enjoo, nenhum sintoma... Vou unir o meu destino ao deste homem para nada? E se não tiver o filho dele na barriga?

— Quem me dera que não fosse esse o caso, minha menina, mas sabe que a realidade é essa. E continuo a dizer-lhe que devia ter-lhe dito.

— Como sou uma imbecil, achei que o comportamento desprezível dele não passava de um ardil — disse Reggie amargamente. Suspirou. — Sabes, Meg, ainda tenho algum orgulho.

– Às vezes, temos de engolir todo o orgulho que temos, querida – disse Meg suavemente.

Reggie abanou a cabeça.

– Posso dizer-te exatamente o que ele me teria dito se tivesse confessado. Dizia-me que parasse de desperdiçar tempo numa causa perdida e procurasse um pai para o meu filho.

– E talvez seja isso que deva fazer.

Os olhos de Reggie dardejaram.

– Nunca impingiria o filho de um homem a outro! Nicholas Eden tem um filho a caminho e vai pagar o preço que isso implica, não outra pessoa qualquer.

– A menina é a única que vai pagar, com um coração partido e infelicidade.

– Eu sei – suspirou ela, com a chama da fúria extinta. – Mas só porque pensei que o amava. Assim que perceber o quanto estava errada, vou lidar melhor com isso.

– Ainda não é tarde de mais. Pode partir para o continente antes...

– Não! – exclamou Reggie tão enfaticamente que a criada deu um salto. – Este é o *meu* filho! Não me vou esconder com vergonha até ele nascer e depois abdicar dele, só para me poupar a um casamento desagradável. – A seguir, aprofundou o raciocínio. – Não tenho de viver com aquele homem, se isso se revelar muito difícil. Não tenho de ficar com ele para sempre. Mas o meu filho terá o nome do pai. O Nicholas Eden vai partilhar a responsabilidade, tal como deve.

– Nesse caso, é melhor tratarmos de chegar à igreja a horas – suspirou Meg.

Nicholas já estava na igreja, com um estado de espírito que alternava entre a fúria e o desespero mudos. A família e amigos iam entrando, uma prova de que aquilo estava realmente a acontecer. A avó e a tia dele marcavam presença, mas Miriam Eden primava pela ausência mais uma vez. Isso reforçava a sua convicção de que tomara a atitude certa ao advertir ameaçadoramente a noiva para não prosseguir com o casamento.

O coração caiu-lhe aos pés quando Jason Malory entrou na igreja, com a noiva alguns passos atrás. Uma onda de exclamações varreu o conjunto de convidados porque ela era uma visão de cortar a respiração, num vestido de seda de azul pastel e prateado, com fiadas de ornamentos de renda branca. Era um vestido visivelmente antiquado, com uma cintura apertada, mangas compridas e rente ao chão. Embora a roda da saia não fosse tão ampla como a dos vestidos da época passada, a saia exterior estava aberta de ambos os lados e entremeada com renda, revelando longos retângulos da saia de baixo prateada. A renda também surgia por baixo do corpete arredondado e no pescoço. Um pequeno aro de correntes de prata e diamantes prendia à cabeça um véu branco que lhe cobria o rosto até ao queixo e se estendia pelas costas quase até ao chão.

Ela deteve-se à porta da igreja durante longos momentos, fitando Nicholas na outra ponta. Ele não conseguia ver-lhe o rosto ou os olhos e esperou, contendo a

respiração, desejando com todas as suas forças que ela desse meia-volta e fugisse.

Mas ela não o fez. Regina pousou a mão no braço do tio e deu início à longa caminhada ao longo da nave da igreja. Uma fúria calma e fria instalou-se no interior de Nicholas. Estava a ser obrigado a casar-se por causa de um capricho daquela pequena mulher-criança. Muito bem, deixá-la-ia ter o seu dia de triunfo. Não ia durar muito. Quando ela soubesse que se tinha casado com um bastardo, ia desejar ter levado a sério os avisos dele. Ironicamente, Miriam seria uma grande ajuda. Sentiria uma satisfação maliciosa em pôr Regina ao corrente de todos os defeitos de Nicholas. Pensou, com um humor sombrio, que aquele seria o primeiro gesto de bondade de Miriam para com ele. Mas era evidente que ela não ia interpretá-lo dessa forma.

Reggie fixou o olhar na janela da carruagem, mas só conseguiu ver o seu próprio reflexo. Corou quando o estômago resmungou com fome, mas não olhou para Nicholas para ver se ele ouvira. Ele ocupava o lugar diante de si na sumptuosa carruagem que exibia o brasão dele.

O candeeiro interior ardia há duas horas, mas ainda assim não tinham parado numa estalagem para jantar. Ela estava esfomeada, mas jamais imploraria por comida.

Os convidados do casamento tinham sido presenteados com um banquete faustoso na casa dos Malory, mas Reggie não esteve presente para provar a comida. Nicholas levou-a para casa diretamente da igreja, dizendo-lhe que fizesse a mala para uma noite e pedindo que o resto das coisas dela fosse enviado para Silverley. Os dois tinham partido antes de os convidados chegarem.

Ele fizera-a andar de carruagem durante toda a tarde e início da noite, mas não lhe apetecia queixar-se, estando ele tão silencioso e pensativo, sem olhar para ela uma única vez. Não dissera uma palavra desde que tinham saído de Londres.

Estava casado e furioso com esse facto. Bom, já estava à espera disso. Mas era um bom presságio que ele estivesse a levá-la para a sua propriedade no campo. Não estava à espera que tal acontecesse. Não sabia o que esperar.

O seu estômago resmungou de novo e ela decidiu finalmente perguntar:

– Vamos parar em breve para jantar?

– A última estalagem era em Montith. Silverley fica já ali à frente – respondeu Nicholas bruscamente.

Teria sido simpático se ele lhe tivesse dito isso mais cedo.

– Silverley é grande, Nicholas?

– Quase tão grande como a sua propriedade, que faz fronteira com a minha.

Os olhos dela arregalaram-se.

– Não sabia isso!

– Como podia não saber?

– Porque é que está zangado? Ora, isto é perfeito. As propriedades agora ficarão unidas...

– Que é algo que eu quero há anos. Mas decerto que o seu tio lhe disse isso. Ele usou a sua propriedade como incentivo principal para fazer com que me casasse consigo.

Reggie corou furiosamente.

– Não acredito nisso.

– No facto de eu querer a terra?

– O senhor percebeu o que eu queria dizer! – explodiu ela. – Eu sabia que havia alguma terra envolvida no assunto e o Tony até disse que foi isso que o fez vacilar, mas... mas eu não acreditei. Ninguém me informou disso. Não sabia que a sua propriedade fazia fronteira com a terra que ficou na minha posse através da minha

mãe. Não vivo lá desde... que os meus pais morreram, no incêndio que destruiu a casa. Só tinha dois anos, na altura. Nunca mais regressei ao Hampshire. O tio Edward tratou sempre de tudo o que restou da propriedade, tal como da herança que recebi do meu pai.

– Sim, que foi uma bela quantia, cinquenta mil libras, quantia que já triplicou, como ele não se coíbiu de mencionar, graças a investimentos sensatos, dando-te um rendimento anual considerável.

– Santo Deus, também está zangado por causa disso?

– Não sou um caçador de dotes!

Os seus próprios ressentimentos empurraram-na para muito perto do seu limite.

– Isso é um absurdo. Quem, no seu juízo perfeito, o acusaria disso? O senhor não é propriamente um homem pobre.

– Não é nenhum segredo que eu queria a sua terra, terra que parti do princípio que pertencesse ao conde de Penwich, visto que o conde foi o último a fixar residência lá.

– O meu pai sim, não o conde atual. Mas como a terra ficou na posse dele através da minha mãe, não pertencia ao morgadio de Penwich e o desejo de ambos era que ficasse para mim.

– Agora também sei disso! O seu tio Edward achou muito divertido informar-me à saída da igreja de que eu já não precisava de me preocupar em comprar a propriedade. Mal podia esperar para me contar. Queria tranquilizar-me, disse ele. Com mil diabos. Sabe que impressão é que isto dá, minha senhora?

– Tem consciência de que me está a insultar, senhor?

Ele teve a decência de parecer surpreendido.

– Não quis insinuar...

– É claro que quis. É disso que se está a queixar, não é? Que as pessoas vão dizer que se casou comigo pela minha herança? Bom, muito obrigada. Não fazia ideia de que esta era a única forma de conseguir arranjar um marido.

As sobranceiras de Nicholas contraíram-se e ele perguntou friamente:

– Vamos *falar* da forma como arranjou um marido?

Os olhos dela lançaram faúlhas azuis e por um momento temeu perder todo o controlo. Conseguiu, com muito esforço, manter-se em silêncio e ele absteve-se de a espicar mais. Ambos ficaram aliviados por a carruagem parar nesse preciso momento.

Nicholas saiu e estendeu uma mão para a ajudar a descer. Mas assim que ela pousou os dois pés no chão, ele voltou para a carruagem. Reggie fitou-o com os olhos arregalados e incrédulos.

– Não se atreva! – exclamou ela numa voz entrecortada.

Ele disse amargamente:

– Não pode estar surpreendida. Sou um homem de palavra, no fim de contas.

– Não me pode abandonar aqui, esta noite não.

– Esta noite, amanhã, que diferença faz?

– O senhor sabe a diferença que faz!

– Sim, a noite de núpcias. Mas nós já tivemos a nossa, não foi, querida?

Ela abriu a boca, chocada.

– Se fizer isto, Nicholas – disse ela, trémula –, juro que nunca o irei perdoar.

– Nesse caso, estamos bem um para o outro, se ambos formos fiéis aos nossos juramentos, não acha? Tem aquilo que queria. O meu nome. Agora, ofereço-lhe a minha casa. Onde está escrito que a devo partilhar consigo?

– Espera que eu fique aqui enquanto continua com a vida que tinha antes em Londres e...

Ele abanou a cabeça.

– Londres é demasiado próxima para o nosso acordo. Não, vou deixar Inglaterra. Quem me dera tê-lo feito antes de nos termos conhecido!

– Nicholas, não pode fazer isso. Eu...

Reggie calou-se antes de dizer a única coisa que o podia fazer mudar de ideias. O orgulho dela reafirmou-se teimosamente. Não ia seguir o caminho de milhares de outras mulheres, só para manter um homem ao seu lado. Se ele não quisesse ficar porque queria...

– O quê, querida?

– Eu sou a sua mulher – disse ela apropriadamente.

– Isso é verdade – concordou ele, com a boca a reduzir-se a uma linha dura. – Mas recorde-se que não lhe pedi para ser minha mulher e avisei-a para não forçar o casamento. Sempre fui muito franco em relação a isto, Regina.

Ele fechou a porta da carruagem e bateu ao de leve no teto dando sinal ao condutor para se pôr em marcha. Reggie ficou a olhar para o veículo, incrédula, enquanto este se afastava.

– Nicholas, volte! – gritou Reggie. – Se se for embora... Nicholas! Oh! Odeio-te! Odeio-te! – gritou ela, com a frustração, sabendo que ele já não a conseguia ouvir.

Aturdida, deu meia-volta para olhar de frente a grande casa cinzenta de pedra. Parecia um castelo em miniatura, um castelo sombrio na noite escura, com uma torre central e torres nos cantos. A sua perspetiva era muito próxima, por isso não conseguia ver como se estendia para trás e para os lados a partir do bloco central, em alturas e formas assimétricas. Também existia uma grande estufa com um teto em forma de cúpula nas traseiras da casa, que se elevava por cima da ala dos criados à direita.

As janelas abobadas dos dois lados da porta estavam escuras. E se não estivesse ninguém em casa? Esplêndido. Abandonada na noite de núpcias numa casa vazia!

Bom, não tinha outro remédio senão bater à porta. Endireitando os ombros, forçou um sorriso e aproximou-se da porta da frente como se não houvesse nada de estranho numa noiva a chegar sem o seu noivo. Bateu à porta, primeiro de forma delicada e depois ruidosa.

Quando a porta finalmente se abriu, Reggie viu o rosto assustado de uma

rapariga, uma criada que não se sentia de modo nenhum confiante na tarefa de abrir a porta. Aquele era o trabalho de Sayers, o mordomo. Ele levava-o tão a sério. Ia ouvir das boas, se soubesse que ela usurpara o seu lugar.

– Não estávamos à espera de visitas, minha senhora, ou estou certa de que o Sayers estaria à espera por perto para a deixar entrar. Mas bateu à porta de forma tão suave... Credo, já estou a falar de mais. O que posso fazer por si?

Regina fez um sorriso rasgado, sentindo-se muito melhor.

– Pode deixar-me entrar, para começar.

A rapariga abriu um pouco mais a porta.

– Veio visitar a condessa, Lady Miriam?

– Acho que vim morar para cá, pelo menos durante algum tempo. Mas creio que posso começar por conhecer Lady Miriam.

– Credo! Vem viver para cá? Tem a certeza de que quer fazer isso?

Isto foi dito com uma surpresa tão genuína que Reggie começou a rir.

– Porquê? Existem dragões e duendes maléficos aqui?

– Estou a lembrar-me de um. Dois, se contar com Mrs. Oates. – A rapariga interrompeu-se e o rosto ficou vermelho-vivo. – Não tinha intenção de... perdoe-me, minha senhora.

– Não se preocupe. Como se chama?

– Hallie, minha senhora.

– Nesse caso, Hallie, acha que pode informar Lady Miriam de que eu cheguei? Sou a nova condessa de Montieth.

– Credo! – guinchou Hallie.

– Precisamente. Agora pode indicar-me onde posso aguardar por Lady Miriam?

A criada deixou Reggie entrar.

– Vou já dizer a Mrs. Oates que está cá e ela vai subir e dizer à condessa.

O átrio da entrada tinha um piso de mármore e era estreito, com apenas uma mesa corrida comprida encostada a uma parede. Uma travessa de prata ornamentada, com cartões de visita ocupava o centro da mesa e uma bonita tapeçaria estava pendurada por trás. Um grande espelho veneziano ocupava a parede oposta com um suporte de velas de parede de ambos os lados e um par de portas duplas diretamente em frente.

Hallie abriu as portas duplas, o que revelou um átrio muito maior, com a altura de dois andares e um magnífico teto em cúpula. A escadaria principal ficava a meio da parede à direita. E no final da entrada as portas abertas conduziam a uma antecâmara. Reggie viu de relance vitrais que cobriam quase por completo a parede exterior. Começava a ficar com a impressão de que se tratava de uma casa extremamente grande.

Do outro lado do átrio, à esquerda, ficava a biblioteca e foi para lá que Hallie a conduziu. Com doze metros de comprimento e seis de largura, a biblioteca tinha janelas altas ao longo da parede que dava para o exterior, que deviam proporcionar imensa luz durante o dia. As outras três paredes estavam cobertas de livros de alto

a baixo. Por cima das estantes repletas de livros encontravam-se retratos enormes.

Havia uma lareira e sofás de ambos os lados. Bonitas cadeiras trabalhadas, poltronas e mesas estavam posicionadas perto das janelas para facilitar a leitura. Havia um suporte de livros antigo em laca dourada. Um tapete em tons castanhos, azuis e dourados vivos cobria o chão. Uma secretária-ministro ocupava a ponta oposta da sala, com cadeiras a toda a volta e havia um biombo de pele pintada capaz de transformar aquele canto distante num pequeno escritório separado do resto da divisão.

– Não deve esperar muito tempo, minha senhora – disse Hallie. – A condessa... céus, a condessa-viúva agora, não é? Tal como a velha condessa, a avó do visconde. Mas Lady Miriam vai ficar ansiosa por a receber, estou certa disso – disse ela educadamente, não parecendo minimamente convencida. – Posso servir-lhe alguma coisa? Há *brandy* ali na mesa, assim como licor de amora, o preferido da condessa.

– Não, eu posso servir-me sozinha, obrigada – respondeu Reggie com um sorriso.

– Muito bem, minha senhora. E posso ser a primeira pessoa a dizer-lhe que estou feliz por ter vindo? Espero que goste disto.

– Eu também, Hallie. – Reggie suspirou. – Eu também.

Reggie fitou o sol da manhã que começava a despontar num dos cantos do seu quarto. Diretamente por baixo das janelas viradas a sul, ficava a cúpula redonda da estufa. A seguir, surgiam os alojamentos dos criados e atrás destes, ocultos por um maciço de árvores, localizavam-se os estábulos e a cocheira.

Encontrava-se no quarto destinado ao senhor da casa, no canto traseiro direito do bloco central, o que lhe proporcionava duas paredes com janelas, envoltas em cortinados de veludo da cor do sangue com borlas e fímbrias douradas. Todas as cores do aposento eram escuras, exceto o papel de parede azul pastel. Mesmo assim, quando o dia avançasse e todas as janelas deixassem entrar lá o sol, o quarto seria alegre.

A outra parede com janelas dava para um parque vasto. A vista era impressionante: relvados salpicados de árvores, uma floresta à esquerda cheia de folhas de outono cor de laranja e douradas. Havia um pequeno lago à direita, também ele uma profusão de cores, com um tapete das últimas flores silvestres da estação em torno das margens e a água azul a cintilar à luz do sol. Que cenário pacífico e tranquilo, sem ninguém para a perturbar àquela hora matutina. Quase podia ter feito Reggie esquecer os seus problemas. Quase.

Tocou à campainha para chamar uma criada, na esperança de *não* ver aparecer Mrs. Oates, a governanta, que era exatamente como Hallie a tinha descrito, uma mulher temível. Mas que criatura grosseira, pretensiosa e irritante. Imagine-se, a insistir em mostrar a Reggie um quarto de hóspedes, e mais, um quarto que era pequeno. Reggie pô-la no respetivo lugar rapidamente. Tendo em conta que os aposentos destinados à senhora da casa estavam ocupados por Miriam Eden, que não os iria vagar durante a noite, chamou a atenção para o facto de os aposentos do senhor da casa estarem vazios e serem perfeitamente adequados.

Isto tinha horrorizado a governanta. A única coisa que separava os dois grandes quartos era uma sala de estar, para a qual cada um deles tinha uma porta. Lady Miriam ocupava um dos quartos.

Reggie ganhou a discussão depois de recordar subtilmente Mrs. Oates de que ela era a nova senhora da casa. Miriam Eden podia ter continuado a gerir Silverley após a morte do marido, mas Silverley pertencia realmente a Nicholas e Reggie era mulher de Nicholas.

Mrs. Oates advertiu-a para não fazer barulho quando passaram pela sala de estar ao lado do quarto de Miriam. Reggie foi informada de que Miriam não se estava a sentir bem e se tinha retirado cedo, motivo pelo qual Reggie não fora apropriadamente recebida.

Verdade seja dita, Reggie ficara aliviada. Estava exausta, embaraçada pela ausência do homem que era o seu marido há apenas algumas horas e tão cheia de amargura que se sentia incapaz de conhecer quem quer que fosse.

Instalou-se no quarto de Nicholas e descobriu que estava extremamente

desprovido de artigos pessoais. De certo modo, isso piorou tudo.

A criada que respondeu à chamada de Reggie tinha cabelo preto, a pele morena e era exatamente o oposto da faladora Hallie. Mal disse uma palavra enquanto ajudava Reggie a vestir-se e a arranjar o cabelo. A seguir, conduziu-a à sala do pequeno-almoço.

Aquela divisão situava-se na parte da frente da casa e beneficiava plenamente do sol da manhã. A mesa estava posta para uma pessoa. Uma afronta? Numa parede lateral havia um grande armário de pau-rosa repleto de louça requintada com uma orla dourada e um padrão floral cor-de-rosa e branco. Um bonito aparador de madeira trabalhada de carvalho e ébano erguia-se entre as janelas na parede do fundo.

Com um sorriso radioso, Hallie entrou com uma grande travessa coberta que foi pousar em cima do aparador.

– Bom-dia, minha senhora. Espero que tenha passado bem a noite.

– Sem dúvida. A condessa já desceu? – Reggie apontou para o único lugar à mesa.

– A condessa saiu para o seu passeio matinal a cavalo. Nunca come tão cedo, minha senhora.

– Nem eu tão-pouco, na verdade. E se me mostrasse o resto da casa agora?

– Mas veja toda esta comida – disse Hallie, surpreendida, retirando a tampa da travessa para revelar ovos, salsichas, arenque fumado, presunto, compota, torradas, pãezinhos e até duas tartes de aspeto delicioso.

– Céus! – Reggie levou a mão à boca. – Não estavam à espera que comesse isso tudo, pois não?

Hallie deu uma risadinha.

– A cozinheira esforçou-se por dar uma melhor impressão, visto que ontem só lhe mandou para cima pratos frios.

– Bom, nesse caso, vou só levar isto comigo e um destes – disse Reggie, enfiando uma salsicha gorda num pãozinho e pegando numa das tartes. – E agora já podemos fazer a visita guiada.

– Mas não devia ser Mrs. Oates...?

– Sim – interrompeu-a Reggie numa voz conspiratória –, creio que sim. Mas posso deixá-la mostrar-me a casa de novo mais tarde. Neste momento, gostaria de ver se Silverley é mesmo grande com uma companhia agradável ao lado.

Hallie soltou outro risinho.

– Nenhum de nós gosta muito de Mrs. Oates, mas ela põe a casa a funcionar como um relógio, como gosta tanto de dizer. Venha comigo, minha senhora. Mas se Mrs. Oates nos descobre...

– Não se preocupe – assegurou-lhe Reggie. – Eu penso em qualquer coisa para explicar por que razão está comigo. A culpa não vai cair sobre si.

A casa era efetivamente grande. Perto da entrada, passaram por uma sala de bilhar com três mesas e não apenas uma. As salas eram tantas que Reggie se sentiu incapaz de as fixar todas, cada uma delas repleta de mobiliário Chippendale e peças

de estilo Queen Anne. Muitos dos tetos altos eram abobadados e decorados com bonitos trabalhos em gesso dourado. Alguns tinham candelabros enormes, magnificamente trabalhados.

Havia uma sala de música decorada em tons de verde e branco e, à direita da sala de estar, uma antecâmara com vitrais do chão ao teto que mergulhava a divisão em cores que contrastavam com o piso de mármore branco. Encostados às paredes, havia bancos vermelhos acolchoados. Reggie ficou assombrada com a beleza daquele lugar.

Nas traseiras da casa, depois da grande sala de jantar formal, ficava a estufa. Ao longo de um caminho que circundava o espaço avistavam-se cadeiras, sofás e estátuas em pedestais. Plantas em vasos ladeavam escadas amplas de pedra que desciam para uma fonte no centro da sala. A toda a volta, era possível ver árvores e flores outonais. Reggie teve pena de não ter visto a estufa no verão, quando o jardim interior estaria em flor.

No piso superior, toda a extensão das traseiras da casa era ocupada pelos aposentos do senhor e da senhora da casa. Da direita para a esquerda, seguiam-se o quarto do senhor, a sala de estar, o quarto da senhora e o quarto das crianças. Havia também quartos para uma ama e a criada particular da senhora.

A visita guiada demorou pouco menos de uma hora e Hallie conseguiu escapar de volta para a área reservada ao pessoal, à direita do átrio principal, antes de alguém descobrir o que tinham andado a fazer. Em seguida, Reggie instalou-se na biblioteca a aguardar Lady Miriam.

Não teve de esperar muito. A condessa entrou, vinda diretamente do seu passeio a cavalo, vestida num traje de montar violeta-escuro e ainda com um chicote de couro nas mãos. Exibiu uma surpresa momentânea ao descobrir que a sala estava ocupada. A seguir, ignorou Reggie enquanto retirava o chapéu e as luvas.

Era assim que as coisas iam ser? Bom, isso ajudava a explicar a propensão de Nicholas para a incivilidade.

Reggie pôde observar Miriam Eden com atenção enquanto estava a ser ignorada. Para uma mulher provavelmente perto dos cinquenta anos, não acusava nada a sua idade. Era elegante e tinha uma aparência jovem, com uma postura hirta e ereta. A cor do cabelo loiro firmemente apanhado estava a desvanecer-se, mas não havia vestígios de cabelo grisalho. Os olhos dela eram cinzentos e glaciais. Eram olhos duros e frios, que talvez sorrissem às vezes. Pensando melhor, Reggie duvidou desta última parte.

Notava-se uma ligeira semelhança física com a irmã de Miriam, Eleanor, mas a aparência não ia além disso. A irmã mais nova deixava transparecer calor humano e brandura, o que não se verificava na condessa. Como seria capaz de viver com aquela mulher?

– Devo tratá-la por mãe? – perguntou subitamente, e viu o sobressalto perceptível da condessa. Ela voltou-se e fitou Reggie com firmeza. Os olhos cinzentos estavam gélidos e os lábios contraídos. Muito provavelmente, não estava

habituada a que lhe dirigissem a palavra antes se dignar a falar, refletiu Reggie.

Miriam respondeu numa voz seca:

– Não faça isso. Sou tanto sua mãe como...

– Céus – interrompeu-a Reggie. – Já tinha percebido que havia uma desavença entre a senhora e o Nicholas por não ter estado presente no nosso casamento, mas...

– A minha presença era necessária aqui – disse ela de forma hirta.

– ...não me tinha dado conta de que tinha renegado o seu filho – concluiu Reggie.

– O que está aqui a fazer sem o Nicholas? – perguntou Miriam.

– O Nicholas e eu simplesmente não somos bons um para o outro e, por esse motivo, jamais poderíamos viver juntos – respondeu Reggie.

Seguiu-se uma pausa espantada.

– Nesse caso, porque se casaram?

Reggie encolheu os ombros e brindou-a com um sorriso ofuscante. – Pareceu uma boa ideia. Para mim, pelo menos. Estava cansada da lufa-lufa constante de festas e atividades semelhantes. Prefiro, sem dúvida, a vida no campo.

– O que não explica por que razão o Nicholas se quis casar.

Reggie ergueu uma sobancelha.

– Decerto que sabe qual foi a razão. Eu não estava presente quando o Nicholas concordou em casar-se comigo, mas a sua irmã e sogra estavam lá.

Miriam franziu o sobrolho. Reggie tinha a certeza de que ela não iria fazer a mesma pergunta de novo. Nem tão-pouco iria admitir que não comunicava com Eleanor ou Rebecca. Ficou a pensar no motivo do casamento, exatamente como Reggie pretendia.

– Vivemos de forma bastante isolada aqui – advertiu Miriam.

Reggie sorriu.

– Isso parece-me maravilhoso. Lamento apenas ter de lhe pedir que escolha outro quarto para si.

Miriam endireitou-se, num movimento hirta.

– Fui informada de que ocupou os aposentos do Nicholas.

– Mas dentro de algum tempo não serão adequados. Tenho de ter o quarto das crianças mais próximo. – Ela bateu ao de leve na barriga com carinho.

A condessa pareceu ficar sem fala.

– Que disparate. Não pode estar grávida. Só se casou ontem e mesmo que tenham parado nalguma estalagem depois do casamento, era impossível saber...

– Está a esquecer-se da reputação do seu filho, Lady Miriam. O Nicholas é um sedutor experiente. Não tive quaisquer defesas contra o charme dele. Estou grávida de quatro meses.

A condessa fitou fixamente a barriga de Reggie e esta declarou:

– Não é uma sorte eu não dar mostras disso?

– Não vejo como é que pode achar que a palavra sorte se adequa a essa história – disse Miriam com uma altivez rígida. – As pessoas sabem contar. É vergonhoso

que nem sequer fique corada quando... simplesmente vergonhoso.

– Não fico corada, minha senhora, porque não sinto qualquer vergonha – respondeu friamente Reggie. – Nem vergonha, nem culpa. E se o meu filho nascer cinco meses depois do casamento, bom, sempre existiram bebês que nasceram antes do tempo. Pelo menos tenho um marido, ainda que ele não esteja presente muitas vezes. E o meu filho terá um nome. Tendo em conta a reputação do seu filho, ninguém ficará surpreendido pelo Nicholas não se ter conseguido manter à distância durante os quatro longos meses do nosso noivado.

– Nunca seria capaz de fazer tal coisa!

– Não?

Miriam Eden ficou escarlate com aquela insinuação e saiu da sala, furiosa. Reggie suspirou. Bom, tinha feito a cama onde se iria deitar, por assim dizer. Não devia ter enfurecido aquela mulher amarga, mas... Reggie sorriu. Aquela expressão final de indignação no rosto da condessa valera por qualquer tipo de dissabor que pudesse esperar dela a partir daquele momento.

—Engordaste um pouco, não foi, garota? — perguntou Anthony enquanto dava um beijo na face de Reggie e se sentava ao lado dela no relvado. — Deves andar a comer de mais porque estás infeliz. E não é de admirar, a viver com aquela megera fria.

Reggie pousou o bloco de desenho e sorriu com afeto para o tio.

— Se te referes à Miriam, ela não é assim tão má. Depois das nossas duas primeiras discussões, chegámos a um acordo. Simplesmente não dirigimos a palavra uma à outra.

— Pode ser uma forma de nos entendermos com alguém — respondeu Anthony na sua voz mais seca.

Reggie riu-se com prazer.

— Tony, senti a tua falta neste último mês. Esperava ver-te mais cedo. Todos os outros já estiveram cá.

— Não ias gostar de me ver logo depois de saber o que se estava a passar. Precisei deste tempo todo para me acalmar.

Ela suspirou.

— Ficaste com vontade de o matar de novo?

— Exato. Tentei encontrar o canalha, mas ele desapareceu.

— Podia ter-te poupado esse trabalho — disse-lhe ela, numa voz neutra. — Ele disse-me que ia deixar Inglaterra. Devia estar a falar a sério.

O mau génio de Anthony despertou.

— É melhor falarmos de outra coisa qualquer, garota. O teu marido não é o meu assunto preferido. O que estás aí a desenhar?

Reggie passou-lhe o bloco de desenho.

— É só um cão a perseguir folhas. Fugiu para o bosque uns minutos antes de chegares. Mas encontrei bons modelos para posar, como os jardineiros ou os cavaleiros a exercitar os cavalos. — Ele virou as folhas e admirou o trabalho dela. — Esse é Mister Tyrwhitt, um vizinho — disse ela quando ele chegou ao desenho de um dândi de meia-idade. — Acreditas que ele e a condessa...?

— Não!

— Bom, eu não tenho a certeza, repara, mas ela é uma pessoa diferente perto dele, quase uma adolescente, se é que dá para acreditar nisso.

— Não dá — disse ele com firmeza.

Reggie riu-se.

— E este é o Gibbs, um proprietário rural, e a sua jovem mulher Faith. Gosto muito dela. A Miriam está furiosa por ela e eu nos termos tornado amigas. Um convite para Silverley sempre foi uma honra, percebes? E quando eu fiz um convite aberto à Faith, a condessa não saiu do quarto durante dois dias para exprimir o seu desagrado.

— Gosta de manter a distância em relação à pequena nobreza, não é verdade? —

perguntou ele.

– Leva isso muito a sério, Tony.

Anthony virou outra folha.

– Santo Deus, quem são estas personagens?

– Dois dos jardineiros, creio eu. Existem tantos criados aqui que eu ainda não os conheci todos. Desenhei estes homens ontem junto ao lago.

– O teu estado de espírito ontem devia ter estado particularmente sombrio. Fizeste-os parecer tão sinistros.

Reggie encolheu os ombros.

– Não era o meu estado de espírito. Eles *tinham* um aspeto sinistro. Afastaram-se quando me viram a desenhá-los, por isso tive de terminar o desenho de memória.

– Parecem arruaceiros das docas – observou ele –, não jardineiros.

– Que absurdo. Todas as pessoas daqui são muito simpáticas depois de as conhecermos.

– Exceto aquela megera fria.

– Não sejas grosseiro, Tony. Não me parece que ela tenha tido uma vida feliz.

– Isso não é desculpa para impor a sua infelicidade aos outros. E por falar...

– Não faças isso – disse ela, com uma expressão dura. – Estou perfeitamente bem, Tony, a sério.

– Não consegues mentir-me, garota. Olha para ti. Não terias engordado se estivesses a fazer exercício e as únicas alturas em que andas abatida e ignoras a tua saúde é quando te sentes infeliz. Eu conheço-te, lembra-te? És igualzinha à tua mãe em determinados aspetos. Mas não tens de ficar aqui, como sabes. Podes voltar para casa.

– Eu sei que cometi um erro, Tony, mas não quero que o mundo saiba isso. Percebes?

– Por ele? – perguntou ele com rispidez.

– Não – respondeu ela e depois acrescentou, hesitante: – O peso a mais de que estás sempre a falar não é aquilo que pensas, Tony. Estou grávida.

Seguiu-se um silêncio de choque momentâneo. Depois, ele disse:

– Não podes saber isso tão cedo. Só estás casada há um mês.

– Eu *estou* grávida, Tony. Muito, muito grávida.

Os olhos azul-cobalto dele, tão parecidos com os dela, arregalaram-se e depois semicerraram-se furiosamente.

– Aquele canalha! Vou matá-lo!

– Não, não vais – respondeu ela, opondo-se categoricamente à solução preferida dele. – Este vai ser o teu primeiro sobrinho-neto ou sobrinha-neta. Como é que ias explicar à criança que mataste o pai dela?

– Ele merece uma bela tarefa, no mínimo – resmoneou o tio.

– Talvez – concordou ela. – Mas não por me seduzir antes do casamento. Eu participei de livre vontade na conceção desta criança.

– Não te dês ao trabalho de o defender, garota. Estás a esquecer-te de que ele é

igual a mim e eu conheço *todos* os truques que existem. Ele seduziu-te.

– Mas eu sabia exatamente o que estava a fazer – insistiu ela. – Eu... Foi uma verdadeira idiotice, sei disso agora, mas achei que ia ajudar a mudar a atitude dele. Ele esforçou-se imenso para me fazer romper o noivado. Nunca me enganou nem me fez pensar que estava disposto a casar-se comigo.

– Ele concordou com isso!

– Sim, mas pensou que podia levar-me a deixá-lo antes do casamento.

– Devias ter feito isso.

– Aquilo que eu devia ter feito não interessa agora, Tony.

– Eu sei, eu sei, mas... maldição, Reggie! Como é que ele te pôde abandonar, sabendo...?

– Nunca lhe disse! Não podes achar que ia tentar manter um homem ao meu lado *dessa* forma, pois não? – Parecia genuinamente chocada.

– Oh – disse Anthony, calando-se bruscamente. Depois, disse melancolicamente: – Sinceramente, garota, és mesmo parecida com a tua mãe. A Melissa deu-te à luz apenas alguns meses depois do casamento.

Reggie abriu a boca, espantada.

– A sério? Mas... porque é que nenhum de vocês me disse isso?

Anthony corou e desviou o olhar.

– Achas que devíamos ter dito: «Já agora, minha querida, foi por pouco que foste considerada uma filha legítima»?

Ela riu-se e inclinou-se para lhe dar um beijo na cara.

– Obrigada por me dizeres. Estou contente por saber que não sou a única promíscua na família. Quer dizer, além do tio Jason – brincou ela.

– Promíscua, nada! Pelo menos, o teu pai não abandonou a Melissa. Ele adorava-a. Teria casado com ela mais cedo, se o orgulho obstinado dela não os tivesse mantido separados.

– Não sabia de nada disso – sussurrou ela, chocada.

– A verdade é que eles tinham discussões terríveis. Ela rompeu o noivado três vezes, jurando de cada uma das vezes que nunca mais queria voltar a vê-lo.

– Mas vocês sempre me disseram o quanto eles se amavam – protestou Reggie.

– E era verdade, garota – assegurou-lhe ele. – Mas ela tinha tanto mau génio como eu. O mais pequeno desacordo tomava proporções enormes. Graças a Deus que não herdaste *isso* dela.

– Isso não sei – refletiu Reggie. – Se ele alguma vez voltar, não o vou perdoar. Ele fez com que eu o amasse e depois nem sequer deu uma oportunidade ao nosso casamento. Ainda tenho algum orgulho, ainda que lhe tenha praticamente implorado para não se ir embora. O meu amor transformou-se em... Bom, só de pensar nele, fico furiosa.

– Ainda bem. Pensa em voltar para casa, por favor. Não existe nenhuma razão para não estares com a tua família durante o parto. Nós mantemos as pessoas de fora bem longe de ti.

- Bom, sempre tenho a Meg ao meu lado e...
 - Pensa nisso – ordenou-lhe com uma voz severa.
- Ela fez um sorriso rasgado.
- Sim, tio.

Estava mais uma manhã húmida e fria de novembro e Reggie caminhou até ao lago com o seu bloco de desenho. O tio Tony passara a noite em Silverley e ela despedira-se dele de manhã cedo, prometendo mais uma vez pensar em voltar para casa. Ia pensar realmente nisso, ou pelo menos na hipótese de regressar a Londres, onde estaria mais perto da família. Podia manter as aparências ao mudar-se para a casa londrina de Nicholas. Isso era uma boa ideia. E também lhe daria alguma coisa para fazer, agora que tinha restrições em determinadas atividades físicas. Podia redecorar a casa de Nicholas em Londres, gastar algum dinheiro dele.

O problema era que tinha começado a apreciar a tranquilidade de Silverley. Pelo menos, era tranquilo quando Miriam não estava por perto. Reggie também mantinha relações amigáveis com os criados. Surpreendentemente, até Mrs. Oates tinha amansado no momento em que soubera que Reggie estava à espera de um bebé. Ao que parece, Mrs. Oates adorava bebês. Quem diria?

Reggie olhou para a mansão cinzenta com nostalgia. Podia ter sido realmente feliz ali. Imaginou os seus filhos a correr pelos relvados de Silverley, a navegar em pequenos barcos no lago no verão, a patinar no gelo no inverno. Até imaginou o pai deles a oferecer-lhes os primeiros póneis e a ensiná-los a montar. Sem saber bem porquê, tinha a certeza de que Nicholas seria carinhoso com crianças. Suspirou profundamente ao mesmo tempo que puxava para cima o capuz do manto de pelo e olhava para as nuvens pesadas lá no alto. Meg tinha razão. Estava a ficar demasiado frio para desenhar ao ar livre.

Enfiou o bloco de desenho debaixo do braço e deu meia-volta para regressar a casa. Podia desenhar o lago noutra altura. Foi então que viu um dos criados a dirigir-se apressadamente na sua direção, vindo não da casa, mas do bosque.

Do lado oposto do bosque ficava a sua propriedade. Ainda não tinha ido lá. A tristeza de pensar naquele lugar onde os pais tinham morrido era demasiada. Iria até lá um dia, disse a si mesma. Um dia, sim. E um dia mais tarde, ia mostrá-la ao filho. Aquela terra tinha pertencido aos avós dele... ou dela.

Quando o criado se aproximou, ela reconheceu-o. Era um dos homens que desenhara no outro dia. Trazia nas mãos um saco gigante, usado, imaginou ela, para recolher folhas mortas. Ele parecia tão estranho como se lembrava. Uma sensação vaga de medo cresceu no seu interior.

Talvez fosse a barba cerrada e desalinhada, e o cabelo longo e hirsuto. Ou talvez fosse o seu comportamento atrevido. Ela decidiu não esperar que ele a alcançasse. Ia correr até à casa.

De seguida, parou, chamando pateta a si própria. A sua imaginação era demasiado fértil. Que tontice. Era apenas um jardineiro.

Assim que Reggie terminou este pensamento, o homem alcançou-a, perdeu um momento para recuperar o fôlego e depois enfiou habilmente o saco que trazia por cima da cabeça e ombros dela. O primeiro impulso de Reggie foi gritar, mas a

surpresa emudeceu-a até o saco lhe ser enfiado até aos pés e aí o grito transformou-se num leve som abafado.

O seu atacante não perdeu tempo a pôr aos ombros o seu prémio e correr de volta para o bosque. Uma carruagem requintada e confortável estava à espera, escondida, com dois cavalos cinzentos de patas dianteiras no ar, ansiosos por partir. O lugar do condutor já estava ocupado por um homem, preparado para estalar o chicote ao primeiro sinal de perseguição. O homem que estava no chão fitou-o furiosamente.

– Podias descer o traseiro até aqui para abrir a maldita porta, «Onry». Ela pode parecer um monte suave de penas, mas depois daquela longa caminhada, já não parece nada leve.

Henri ou «Onry», como os amigos ingleses tinham por hábito chamar-lhe, soltou uma gargalhada com a rispidez de Artie, um sinal evidente de que já não estava preocupado com a missão de ambos.

– Isso quer dizer que ninguém vem atrás de ti?

– Que eu me tivesse apercebido, não. Agora dá-nos uma mãozinha. Já sabes que as ordens do capitão são para a tratar com delicadeza.

Deitaram Reggie num assento especialmente acolchoado e amarraram-lhe rapidamente uma corda à volta dos joelhos para prender o saco no lugar.

– Isto vai deixá-lo mais bem-disposto, não achas? Nunca pensei que apanhássemos o nosso peixe tão cedo.

– Desiste, franciú. Nunca vais parecer um inglês a falar, por isso deixa de tentar. E aposto que pensaste que ias gelar aqui neste bosque durante semanas, não?

– Tu não pensaste o mesmo?

– Sim, mas eu disse-te que compensa estar preparado e vê lá se ela não veio direitinha a nós. Isto é que foi uma sorte! Se isto não agradar ao capitão, não sei que mais pode agradar.

– O peixe miúdo a atrair o peixe graúdo.

– Acertaste. Vamos só esperar que isso também não demore muito.

– Vais aqui atrás com ela para ver se não cai do assento ou queres que eu...

– Não vais ter esse prazer. Não confio em ti para tirar inteira esta nau de terra para fora destes bosques. Isso fica a meu cargo. – Ele soltou uma risada. – Estás de acordo?

– Como quiseses, Artie. – O jovem francês exibiu um sorriso fugidio ao inglês.

– Vê lá é se não te lembras de experimentar o material, companheiro. O capitão não ia gostar nada disso – disse o homem com uma voz séria, antes de subir para o lugar do condutor outra vez. A carruagem oscilou para a frente.

A mente de Reggie estava frenética. Aquilo tinha de ser um simples caso de rapto. Iam enviar um pedido de dinheiro e depois ela seria devolvida a casa. Não tinha nada que se preocupar.

Gostava era que o seu corpo fosse da mesma opinião. Estava a tremer de forma incontrolável. Iam levá-la a um capitão qualquer que não queria que fosse

maltratada. Sim, era um rapto. E aquele capitão era da marinha, presumiu ela, porque havia um grande porto em Southampton. E era lá que se situava também a companhia de navegação de Nicholas.

Forçou-se a recordar cada uma das palavras proferidas pelos dois homens. O que significaria aquilo do peixe miúdo apanhar o peixe graúdo? Pôs todos os sentidos em alerta, atenta a qualquer som ou movimento.

Cerca de meia hora depois, a marcha da carruagem abrandou e ela percebeu que tinham chegado a Southampton.

– Mais alguns minutos, *chérie*, e vamos levá-la para dentro e pô-la mais confortável – assegurou-lhe o seu captor.

«Para dentro»? Não «a bordo». Bom, ele era francês, por isso talvez aquilo tivesse sido um problema de linguagem. Céus. O saco estreito à volta do manto estava a começar a fazer-lhe comichão e a deixá-la transpirada. E pensar que acreditara que não ia ter mais aventuras quando crescesse!

A carruagem parou e ela foi, mais uma vez, cuidadosamente erguida pelos braços do inglês. Não ouvia os sons habituais de um porto, como ondas a bater contra uma embarcação ou rangidos de um barco de madeira ancorado. Onde estavam? Não atravessaram uma prancha de embarque, mas subiram escadas. A seguir, abriu-se uma porta.

– Com a breca, Artie, já conseguiste apanhá-la?

– Uma coisa é certa, não é lastro que aqui trago, rapaz. Onde é que a ponho?

– Há um quarto preparado para ela lá em cima. Queres que eu a leve?

– Podia carregá-la durante anos sem a deixar cair, rapaz. Queres pôr-me à prova?

Reggie ouviu uma risada grave.

– És demasiado melindroso para o teu próprio bem, Artie. Vem daí, eu mostro-te onde é o quarto.

– Onde está o capitão?

– Ele não deve voltar antes do anoitecer. Acho que isso quer dizer que eu é que vou ter de tratar dela, não é?

– Estás a ouvir este galispo, «Onry»? – perguntou Artie. – Nem penses que te vamos deixar sozinho com uma senhorita destas. És o único aqui que pode achar que se pode safar com alguma malandrice por seres filho do capitão. Nem penses nisso enquanto eu estiver por perto.

– Eu disse tratar dela, não *tratar* dela – retorquiu o rapaz.

– O rapaz está a ficar vermelho, «Onry»? Os meus olhos estarão a ver um rubor verdadeiro?

– Sai da frente, *mon ami* – disse Henri ao rapaz. – Duvidaste da força dele e ele não te vai dar descanso hoje.

– Pelo menos deixa-me ver como é que ela é.

– É uma coisinha bem bonita, rapazote. – Artie fez um sorriso rasgado. – Na verdade, quando o capitão pousar os olhos nela, é provável que esqueça por que motivo a queria trazer para cá. Pode ficar com ela para si próprio. É bem possível.

Levaram-na para o quarto que lhe estava destinado no piso superior e depois foi pousada de pé. Reggie balançou e quase caiu. A corda nos joelhos foi retirada e o saco levantado. Mas o pequeno quarto estava tão escuro, com a janela entaipada, que ela teve dificuldade em ver o que quer que fosse durante uns instantes.

A sua primeira prioridade foi respirar profundamente. Depois, concentrou-se nos três homens, os seus captores e o rapaz, a afastarem-se na direção da porta. O mais novo olhava por cima do ombro, boquiaberto.

– Só um minuto, por favor – gritou aos homens de partida. – Exijo saber por que razão me trouxeram para aqui.

– O capitão vai dizer-lhe isso quando chegar, minha senhora.

– E quem é o capitão?

– Nada de nomes – respondeu o mais corpulento dos dois, num tom apaziguador que contrastava com o tom altivo dela.

– Mas eu sei o teu nome, Artie. E também sei o teu, Henri. Até... – interrompeu-se antes de lhes dizer que os tinha desenhado. – Quero saber por que razão estou aqui.

– Vai ter de esperar para falar com o capitão. Tem uma lamparina em cima da mesa e vamos trazer-lhe comida daqui a pouco. Instale-se e ponha-se confortável.

Reggie deu meia-volta, furiosa, ficando de costas para eles. A porta fechou-se e a chave deu uma volta na fechadura. Suspirou. Onde é que foi buscar a presença de espírito para falar de forma tão petulante? Eles eram personagens com um aspeto sinistro, apesar do comportamento brincalhão e das vozes calmas. Pelo menos, não lhes tinha mostrado medo. Não iam ver uma Malory a encolher-se de medo. Isso dava-lhe uma satisfação enorme.

Sentou-se cautelosamente numa cadeira pouco segura, perguntando-se, desolada, se aquele teria sido o seu último momento de satisfação durante muito tempo.

A comida era deliciosa, mesmo no estado de nervos em que Reggie se encontrava. Comeu uma porção grande de pastel de borrego, arroz-doce e bolinhos de açafrão. Também lhe foi servido um vinho delicado. Mas assim que a distração de jantar terminou, ela começou a preocupar-se de novo.

Fora Henri quem lhe levara a comida. Trazia vestida uma camisa de seda com folhos absolutamente berrante, calças pretas até ao joelho com botas altas de aba larga e um colete comprido em vez de um casaco. Santo Deus, só lhe faltava um brinco. Chegara ao ponto de barbear a cara toda, com exceção do bigode firmemente enrolado. Porquê?

Em que se teria metido daquela vez? Em cima da cama estavam estendidas roupas femininas, novinhas em folha, a avaliar pelo aspeto: um robe de seda, uma camisa de noite de linho mais discreta, chinelos de quarto de pelo e roupa interior, constatou ela para seu embaraço. Em cima de um toucador encontravam-se artigos de higiene, uma escova, um pente, um perfume bastante dispendioso, tudo a estrear.

O jovem tinha vindo acender a lareira do quarto dela no início da tarde e Artie ficou de guarda à porta. Ele sorriu-lhe timidamente. Ela fitou-o de volta com frieza, furiosa, e ignorou completamente o rapaz.

Agora já estava escuro, mas Reggie recusou-se a utilizar a cama enorme. Ficaria acordada toda a noite, se fosse preciso, mas só ia descansar depois de conhecer o capitão e lhe dizer o que pensava a respeito do seu rapto.

Abasteceu a lareira com lenha que o rapaz lhe deixara e depois aproximou uma cadeira para junto do fogo, enfiando os pés por baixo da saia de veludo azul-escura. O quarto estava quente e ela começou a sentir-se sonolenta.

Por pouco não ouvia a chave a rodar na porta. O som fê-la ficar rígida, mas não se voltou. Não se ia dignar a reparar na presença de Artie ou Henri.

– O meu filho disse-me que a sua beleza é impressionante – disse uma voz grave. – Deixe-me ver o que o deixou tão encantado. Mostre-se, Lady Montieth.

Reggie pôs-se de pé e, muito devagar, virou-se para o encarar. Os olhos dela arregalaram-se com o choque que sentiu.

«Tio James!», «*Regan?*», gritaram os dois ao mesmo tempo.

Ela recuperou primeiro.

– Oh, tio! Não pode querer raptar-me para passar outros três meses de diversão a bordo do *Maiden Anne*! Não acha que já estou demasiado crescida para isso?

Com um ar extremamente confuso, ele estendeu os braços.

– Vem cá, doçura, e dá-me um abraço. Meu Deus, realmente transformaste-te numa mulher de uma beleza impressionante.

Ela abraçou-o alegremente.

– Bom, já passaram três anos, tio James, e eu só estive consigo uma hora durante este tempo todo. É injusto ter de andar às escondidas para ver o meu

próprio tio. Não chegou a altura de se reconciliar com os seus irmãos?

– Eu até posso estar disposto a isso – disse ele tranquilamente. – Mas duvido que eles estejam, Regan.

Ele sempre gostara de ser diferente, até mesmo no facto de ter um nome especial para ela. O seu tio, o pirata, raptara-a debaixo dos narizes dos irmãos quando eles se recusaram a autorizá-lo a vê-la. Levava-a para uma fabulosa aventura a bordo do seu barco, determinado a passar o tempo que tinha de direito com ela. Ela tinha doze anos na altura e aqueles inacreditáveis três meses estavam gravados de forma intensa na sua memória.

É claro que ambos tinham pagado um preço por isso. James já caíra em desgraça por ser um pirata. Quando devolveu Reggie, os três irmãos deram-lhe uma valente sova por a ter colocado em perigo. Foi renegado por todos eles, até mesmo Tony, de quem sempre fora próximo. James sofrera com a desavença e Reggie sofrera por ter sido a sua causadora. Ele nunca a culpara, mas isso só a fizera sentir-se pior.

Reggie afastou-se e observou-o de cima a baixo. Ele não mudara muito em três anos. Continuava a ser alto e loiro, tão bonito como sempre e igualmente provocador. Bastava ver a forma como ela chegara ali.

– Nem sequer lhe devia dirigir a palavra – disse ela com dureza. – Pregou-me um susto terrível. Pelo menos, podia ter dito aos seus homens para me informar de que quem estava por trás do rapto era o célebre capitão Hawke.

James explodiu.

– Vou dizer-lhes das boas, não tenhas dúvidas! Maldição! – Ele abriu de rompante a porta e bradou: – Artie!... Henri!

– Tio, não – protestou Reggie.

As fúrias de James não eram como as de Tony. Tony podia ser dissuadido. Até Jason, que parecia um touro teimoso quando se zangava, podia deixar-se dissuadir. Mas James Malory era assustador. Embora a fúria dele nunca tivesse sido direccionada para ela, Reggie temia-a.

– Tio James – disse ela –, os homens não foram nada violentos comigo e esforçaram-se para que eu me sentisse confortável. Não tive medo – mentiu.

– Foi cometido um erro, Regan, e não vou aceitar quaisquer desculpas por isso.

Uma sobranceira escura ergueu-se bruscamente.

– Isso significa que eu não sou a pessoa que deviam trazer para cá?

– É claro que não. Fazia tensões de te ver antes de deixar Inglaterra de novo. Mas não te teria trazido até mim, especialmente desta forma.

Os dois meliantes surgiram na ombreira da porta nesse momento, apreensivos sob o olhar fixo e frio de James.

– Chamou-nos, capitão?

– Sabem quem me trouxeram? – perguntou suavemente James. Era o seu tom de voz imprevisível.

Henri foi o primeiro a adivinhar o problema.

– A senhora errada?
– Cavalheiros, permitam-me que vos apresente... – James estendeu o braço na direção de Reggie, explodindo: – ...a minha sobrinha!

– Merde!

– Pois – disse Artie entre dentes.

Outro homem apareceu na ombreira da porta.

– Por que diabo estás a gritar, Hawke?

– Connie! – gritou Reggie, encantada, e correu para os braços dele.

Aquele era o homem que a ensinara a esgrimir, a subir ao cesto da gávea e até a navegar o barco, quando o tio não estava a ver. Conrad Sharpe, o amigo de infância mais próximo de James era agora o seu primeiro imediato no *Maiden Anne*. Era o pirata mais descarado e adorável que podia existir.

– És tu, fedelha? – bramiu Conrad. – És mesmo tu, macacos me mordam! – Abraçou-a com força.

– Já não te via há anos sem fim!

– Não me digas? – Conrad soltou uma pequena gargalhada. Quando se deu conta da expressão carrancuda de James, tossiu levemente. – Eu... eu acho que não devias estar aqui, Regan.

– Já percebi. – Voltou-se para James. – Bom, tio, aqui estão os miseráveis que me raptaram. Vai usar o açoite por este erro grosseiro? Se sim, eu quero assistir.

– Regan!

– Isso quer dizer que mudou de ideias? – Ela fitou os seus raptores. – Cavalheiros, são homens de sorte. O meu tio sente-se muito generoso hoje. Vai deixar-vos ir praticamente ilesos. Se fosse eu, arrancava-vos a pele das costas, não tenham dúvidas disso.

– Muito bem, Regan, ganhaste – cedeu James, acenando bruscamente com a cabeça a Artie e Henri, fazendo-lhes sinal para sair.

– Ela não mudou nada, pois não, Hawke? – Conrad deu uma pequena gargalhada quando a porta se fechou atrás dos dois raptores.

– És uma pestinha cheia de manha – resmungou James.

Reggie sorriu de orelha a orelha.

– Mas não estão contentes por me ver?

– Deixa-me pensar um pouco nisso.

– Tio James!

– É claro que sim, minha doçura. – James brindou-a com o seu sorriso aberto, que reservava para aqueles que amava. – Mas criaste-me um problema grave. Estava à espera de outra pessoa e agora presumo que vão montar guarda em Silverley.

– Quer dizer-me o que se passa? – perguntou-lhe ela.

– Não é nada que te diga respeito, Regan.

– Não me tape os olhos, tio. Como sabe, já não sou uma criança.

– Estou a ver que não. – Sorriu ironicamente. – Olha para ela, Connie. É um espelho da minha irmã, não é?

– E pensar que podia ter sido minha filha – disse Connie, com melancolia.
– Connie, tu também? – perguntou suavemente Reggie.
– Todos estavam apaixonados pela tua mãe, fedelha, incluindo eu – admitiu Conrad bruscamente.

– Foi por isso que me recebeste de braços abertos a bordo?
– Claro que não. Conseguieste conquistar-me o coração pelos teus próprios meios.

– Nesse caso, talvez tu me possas dizer o que se passa.
– Não, fedelha. – Connie abanou a cabeça, sorrindo para James. – Isto foi tudo obra dele. Se tencionas insistir até descobrir o que queres saber, vira esses grandes olhos azuis para ele.

– Tio James?
– Trata-se... de um assunto por resolver. Nada com que te devas preocupar.
– Mas a condessa não é um pouco velha para si?
– Não é nada disso, Regan – protestou James. – E o que diabo queres dizer com isso, «velha»?

– Bom, não é nenhum fóssil – corrigiu-se Reggie. – E também se cuida bastante. Mas que assunto podes ter com ela?

– Não é com ela. É com o marido dela.
– Ele morreu.
– Morreu? Morreu! – James olhou para Connie. – Maldição! Ele não pode estar morto!

Reggie olhou para Connie, perplexa.
– Ele tinha contas a ajustar, fedelha – explicou Connie. – Agora parece que o destino interveio.

– Quando é que ele morreu? – perguntou James, numa voz áspera. – Como? Reggie começava a ficar preocupada.
– Não sei exatamente como. Mas já foi há alguns anos.

A expressão de fúria de James transformou-se em surpresa. A seguir, os dois homens desataram às gargalhadas, confundindo ainda mais Reggie.

– Doçura, quase que me enganavas. – James riu-se. – Não me parece que estejamos a pensar no mesmo homem. É o jovem visconde que eu pretendo.

– Nicholas Eden? – exclamou ela.
– Agora acertaste em cheio. Conhece-lo?
– Muito bem – disse ela.

– Então, talvez me possas dizer onde é que ele está. Só Deus sabe que mais ninguém me consegue dizer isso. Procurei em todo o lado. Juro que o rapaz deve estar a esconder-se de mim, e com boas razões para isso.

– Santo Deus! – exclamou Reggie. – Deu ordens para me raptar para atrair o Nicholas até si, não foi?

– Não a ti, minha doçura – assegurou-lhe James. – Aqueles idiotas pensaram que eras a mulher do Eden.

Reggie aproximou-se mais de Conrad, respirou fundo e depois disse com

alguma hesitação:

– Tio James, os seus homens não se enganaram.

– Eles...

– ...não se enganaram – concluiu ela. – Eu sou a mulher do Nicholas.

O silêncio tenso que se seguiu pôs à prova os nervos de todos. James ficou hirto. Conrad colocou um braço de forma protetora à volta de Reggie e ficaram à espera da explosão em conjunto. Antes disso, a porta abriu-se e o rapaz de antes espreitou lá para dentro.

– O Henri acabou de me dizer que ela é minha prima. É verdade?

James fuzilou-o com o olhar.

– Agora não, Jeremy! – O rapaz estremeceu.

– Não! Não vás, Jeremy. – Reggie agarrou na mão do rapaz e puxou-o para dentro do quarto. – O tio James está zangado comigo, não contigo.

– Eu não estou zangado contigo, Regan. – James controlou a custo a voz.

– Estava a preparar-se para gritar comigo.

– Eu não ia gritar contigo! – explodiu ele.

– Bom, assim fico mais aliviada – disse Reggie.

James abriu a boca, fechou-a com força e suspirou, exasperado. Os olhos dele cruzaram-se com os de Conrad e a mensagem foi clara. *Lida tu com ela. Eu desisto.*

Conrad fez as apresentações.

– Jeremy Malory, Lady Regina Mal... Eden, condessa de Montieth.

– Com a breca! – Jeremy fez um sorriso rasgado. – Então é por isso que o mau génio dele explodiu.

– Sim, parece-me que ele não gosta... bom, não vamos falar disso. – Reggie sorriu para o jovem bem-parecido que tinha um tom de pele exatamente da mesma cor que o dela. – Não olhei bem para ti antes. Céus, és a imagem viva do teu tio Tony quando era mais novo. – Ela voltou-se para James. – Ia guardar segredo para sempre, tio?

– Não existe segredo nenhum – disse James bruscamente.

– A família não sabe.

– *Eu próprio* só descobri há cinco anos. E não tenho mantido propriamente contacto com os meus irmãos durante esse tempo.

– Podia ter-me dito *a mim* da última vez que o vi.

– Na altura, não havia tempo para entrar nesse assunto, Regan. «Já agora, eu tenho um filho.» Ias atormentar-me com perguntas intermináveis e o Jason mandaria criados à tua procura e descobria-me.

– Deve ter razão. Mas como é que o descobriu? Foi há cinco anos?

– Um pouco menos do que isso, na verdade – respondeu ele. – Cruzámo-nos por acaso numa taberna onde ele trabalhava.

– Devias ter visto a cara do teu tio, fedelha, quando viu o rapaz. – Conrad sorriu ao lembrar-se. – Ele sabia que o rapaz lhe parecia familiar, mas não sabia bem porquê. E o Jeremy também não conseguia tirar os olhos dele.

– Eu reconheci-o – atalhou Jeremy. – Nunca o tinha visto pessoalmente antes, mas a minha mãe descrevia-mo tantas vezes que o teria conhecido em qualquer lado. Por fim, ganhei coragem para lhe perguntar de chofre se ele era o James Malory.

– Podes imaginar a reação de todos à nossa volta – disse Conrad alegremente. – Toda a gente no porto o conhecia apenas por capitão Hawke e ali estava aquele rapazote a tratá-lo pelo seu nome verdadeiro. E depois, para cúmulo, diz-lhe que é filho dele! Porém, o Hawke não desatou a rir como eu. Observou com mais atenção o tom de pele do rapaz, fez-lhe algumas perguntas e macacos me mordam se não se transformou num pai babado de um dia para o outro.

– Sendo assim, tenho um novo primo que é quase adulto. – Reggie fez um sorriso travesso. – Esplêndido. Bem-vindo à família, Jeremy.

Ele era quase tão alto como o pai, que era muito mais alto do que Reggie. Ela pôs-se em bicos de pés e inclinou-se para lhe dar um beijo na cara e foi surpreendida por um abraço exuberante que a deixou sem fôlego. O rapaz não a queria largar.

– Já chega, Jeremy. Jeremy!

O rapaz deu um passo atrás.

– Os primos podem casar-se? – perguntou ele.

Conrad riu-se a bandeiras despregadas. James franziu o sobrolho. Reggie corou. Agora já percebera o motivo por detrás daquele abraço.

– Temos mais um mulherengo na família, tio James? – disse ela secamente.

– Parece que sim. – James suspirou. – E a aprender os truques todos muito cedo.

– Ele só segue o teu exemplo – acrescentou suavemente Conrad.

– Bom, ele vai para a cama agora.

– Macacos me mordam! – protestou Jeremy.

– Vai sim – ordenou James severamente. – Podes voltar a ver a tua prima de manhã, se tiveres cuidado com as tuas maneiras e te lembrares de que ela é a tua prima, não uma rapariga de taberna qualquer.

Depois daquela reprimenda, era de esperar que o rapaz saísse envergonhado. Mas Jeremy não. Sorriu com um ar travesso a Reggie e piscou-lhe o olho.

– Vou sonhar contigo, doce Regan, esta noite e todas as outras que virão a seguir.

Ela quase se riu. Que audácia! Lançou-lhe um olhar petulante e disse:

– Não sejas desagradável, primo. Apertaste-me com força suficiente para veres que eu estou muito casada.

Reggie resmungou entre dentes, amaldiçoando a sua língua estouvada. Jeremy olhou de relance para o pai e correu para a porta. Ela preparou-se para o pior, certa de que James compreendera claramente o significado das suas palavras.

– É verdade?

– Sim.

– Diabos o levem! Como é que isto aconteceu, Regan? Como diabo é que

acabaste por te casar com aquele... aquele...

– É tão mau como o Tony – interrompeu-o bruscamente ela. – Mal podem esperar por desfazer o Nicholas em pedacinhos. Por isso, descubra-o, dividam-no entre os dois, cortem-no em pedaços, deem-lhe um tiro, matem-no. Que me importa isso? Ele é só o meu marido e o pai do meu filho.

– Calma, fedelha – disse Conrad suavemente. – O teu tio desistiu dos planos que tinha para o rapaz no momento em que soube que estavas casada com ele.

– Que planos? – exigiu saber ela. – O que se passa, tio James?

– É uma longa história, doçura, e...

– Por favor, não me trate como uma criança outra vez, tio James.

– Muito bem – disse ele. – Resumidamente, dei-lhe uma valente tarefa por causa de alguns insultos que ele me dirigiu em tempos. À conta disso, fui parar à cadeia.

– E quase foi enforcado – acrescentou Conrad.

– Não – exclamou Reggie, atónita. – Não consigo acreditar que o Nicholas...

– Ele deu o nome «Hawke» às autoridades, fedelha. O *Maiden Anne* pode já não hastear a bandeira negra dos piratas, mas a Inglaterra nunca se esquece de um pirata. O Hawke foi julgado por pirataria. Conseguiu escapar, mas não foi graças ao Montith.

– Percebes agora por que motivo os rapazes tiveram o cuidado de não mencionar o meu nome à tua frente – disse James. – Tive de simular a minha morte, caso contrário teria de deixar Inglaterra de imediato. Lamento, Regan – acrescentou ele delicadamente. – Preferia que não soubesses o tipo de confusões em que o teu marido está envolvido.

– Não peça desculpa, tio – disse Reggie, com uma voz tensa. – Fico espantada com a quantidade de vezes que me lembram o quanto estava errada em relação a ele. Não consigo compreender como é que me pude enganar ao pensar que o amava.

– Não?

– Não. E não olhe para mim dessa forma. Eu já não o amo.

– Não te parece uma negação exagerada, Hawke? – perguntou Connie, com um sorriso irónico.

– Achas que sim, Connie? – disse Reggie, exaltando-se. – *Amarias* alguém que te abandonasse no próprio dia em que se casasse contigo? Jamais o vou perdoar, jamais. Mesmo tendo em conta o facto de não se querer casar comigo e de se sentir no direito de ir embora, agiu de forma abominável ao não... bom, foi simplesmente abominável.

Os dois homens trocaram um olhar.

– Onde está ele? – perguntou o tio dela.

– Saiu de Inglaterra. Nem sequer conseguia suportar estar no mesmo país que eu.

– Ele tem propriedades noutras partes?

Reggie encolheu os ombros, perdida na sua própria infelicidade de novo.

– Uma vez, fez menção ao facto de possuir terras nas Índias Ocidentais, mas não sei se foi para lá. O que importa isso? Não faz tensões de voltar. Deixou isso perfeitamente...

Ela interrompeu-se quando ouviu um alvoroço lá em baixo. James fez um sinal com a cabeça a Conrad para ver o que era. No momento em que Conrad abriu a porta, tornou-se claro que o tumulto estava a acontecer mais perto do que o piso inferior. James seguiu Conrad para fora do quarto, com Reggie imediatamente atrás dos dois homens.

Estava a desenrolar-se uma luta nas escadas entre Henri e... *Tony*? Santo Deus, *era* mesmo Tony! Artie já estava estendido ao comprido ao fundo das escadas. Henri estava prestes a juntar-se a ele.

Reggie empurrou James e Conrad para passar para a frente.

– Tony, para!

Anthony viu-a e largou Henri, que caiu redondo nas escadas.

– Eu tinha razão! – Tony fulminou o irmão com o olhar quando o viu. – Não aprendeste a tua lição da última vez que fugiste com ela, James?

– Posso perguntar-te como nos descobriste? – inquiriu James, perfeitamente calmo.

– Não, não podes – retorquiu Anthony.

– Tony, não percebes... – começou ela.

– Reggie!

Ela cerrou os dentes. Tony era tão teimoso. Não podia desperdiçar aquele momento. Os irmãos estavam juntos e era uma oportunidade para sanarem a desavença que os separava. Mas se Tony só a queria arrastar para fora dali, como seria capaz de o acalmar para falar com James?

– Ohhhh! – Reggie agarrou com força o braço de James com uma mão e a barriga com a outra, curvando-se para a frente, como se estivesse com dores. – Sinto-me... Ohhhh! É muita excitação. Preciso de uma cama, tio. Leve-me para uma cama.

James pegou-lhe gentilmente ao colo. Ele não falou, mas lançou-lhe um olhar desconfiado quando os olhos de ambos se encontraram. Reggie ignorou-o e gemeu de novo, de forma bastante credível.

Jeremy veio a correr pelo corredor, enfiando uma camisa aberta nas calças abotoadas à pressa.

– O que aconteceu? O que se passa com a Regan? – Ninguém lhe respondeu enquanto James e Conrad se apressavam a voltar para o quarto com Reggie. – Quem és tu? – exigiu saber Jeremy, quando Anthony o empurrou para seguir os outros.

Anthony deteve-se bruscamente. Só tinha olhado para o rapaz de relance, mas foi suficiente. Era como olhar para um espelho do passado.

– E quem diabo és *tu*?

Conrad riu-se e saiu do quarto.

– Ele não é seu filho, se é isso que está a pensar, Sir Anthony. Mas é verdade

que faz parte da família. É filho do James.

A exclamação de surpresa de Jeremy foi mais sonora do que a de Anthony.

– Tio Tony? Macacos me mordam! Pensei que nunca ia conhecer a família do meu pai, mas primeiro foi a Regan e agora o tio, tudo na mesma noite. – Ele deu a Anthony um abraço possante que quase o deixou sem fôlego. A seguir, Tony prendeu os ombros largos do rapaz com as mãos e retribuiu o abraço, para surpresa de Conrad.

– Não te vás embora, jovem – disse ele bruscamente antes de entrar no quarto.

Ao ver Reggie estendida na cama, com James ao lado, a fúria de Tony regressou.

– Diabos te carreguem, James! Não tens o mínimo do bom senso para a trazer à força no estado dela?

– Ele não me trouxe à força – protestou Reggie.

– Não mintas por mim, doçura – repreendeu-a suavemente James. Ele ergueu-se e fitou o irmão mais novo. – Tens toda a razão, Tony. Se tivesse o mínimo de bom senso, teria descoberto quem era a nova esposa do Montieth antes de a mandar raptar para o obrigar a mostrar-se.

Tony pareceu ficar estupefacto e depois, irritado.

– Foi um erro?

– Um grande erro.

– Mesmo assim, isso não é desculpa – resmungou Tony.

– De acordo.

– Queres parar de concordar comigo?

James riu-se.

– Não precisas de uma desculpa para te lançares ao meu pescoço, se é isso que estás ansioso por fazer, irmão.

– Não faça isso, tio Tony – disse Jeremy enquanto entrava no quarto. – Ia odiar entrar numa luta consigo quando acabei de o conhecer.

– Ele é muito protetor do pai – atalhou Conrad. – Acha que o pai já não é capaz de se defender sozinho depois de uma disputa penosa com o Montieth.

– Pensava que te tinha dito para ires para a cama, Jeremy. – Porém, o semblante carregado de James estava dirigido ao seu primeiro imediato.

– Mas não me disse que foi o *tio* quem deu uma valente lição ao Nicholas? – perguntou Reggie.

– Sim, foi ele, fedelha. – Conrad fez um sorriso rasgado. – Ele foi-se embora pelos próprios pés depois do embate, muito a custo, diga-se, enquanto o teu marido não foi capaz disso, sem sombra de dúvida.

– Sem sombra de dúvida? – repetiu ela. – Conrad encolheu os ombros. – Nós fomos embora enquanto ele ainda estava inconsciente.

– Queres dizer – perguntou ela, furiosa – que o abandonaram quando estava ferido?

Conrad e James exibiram expressões de desconforto.

– Ele teve ajuda logo a seguir, Regan, suficientemente depressa para me atirar

para a cadeia ao fim de uma hora.

– Que história é essa? – bradou Anthony.

– É uma história que te vai encantar, Tony – disse Reggie, zangada. – Parece que não és o único a querer a cabeça do meu marido.

Anthony franziu o sobrolho.

– Pensei que já não ias defender mais aquele canalha.

– E não vou – respondeu ela, de forma hirta. – Mas sou eu que vou lidar com ele, não *vocês*. Não preciso que os meus tios interfiram quando eu sou perfeitamente capaz de fazer com que o Nicholas Eden se arrependa de regressar a Inglaterra, se alguma vez o fizer.

– Isso parece-me suficientemente ameaçador – concordou Anthony.

– Sou da mesma opinião. – James sorriu. – Quase desejo que ele volte para ela.

– Esplêndido! – explodiu Reggie. – Estou muito contente por vocês os dois terem algo em comum de novo.

– Não tenhas muitas esperanças, garota – avisou-a Anthony. – Não me dou com piratas que raptam crianças.

– Que disparate, Tony – disse Reggie, irritada. – Isso foi há anos. Por favor, deixa isso para trás.

– A quem é que está a chamar pirata? – exigiu saber Jeremy num tom beligerante.

– O teu pai é um pirata – afirmou Anthony calmamente.

– Não, não é! Já não é!

Anthony olhou para James à espera de uma explicação, mas James recusou-se teimosamente a dar-lha. Foi Conrad quem disse:

– O *Maiden Anne* reformou-se pouco depois de o Jeremy se juntar à tripulação. Não podíamos criar o rapaz a bordo de um barco, pois não? As únicas viagens que ele faz agora, além de algumas viagens de volta ao nosso país natal, são para levar as nossas colheitas aos mercados. Tornámo-nos donos de plantações nas ilhas.

– Isso é verdade, James? – perguntou uma voz baixa atrás deles junto à a porta.

– Tio Jason! – gritou Reggie, vendo o tio mais velho. Jason parecia inegavelmente ameaçador num grande sobretudo com uma capa de várias camadas pelos ombros e a expressão temível dele condizia com o seu traje.

– Ah, peço desculpa, James – atalhou Anthony. – Esqueci-me de te dizer que os mais velhos vinham logo atrás de mim.

– Não logo atrás – disse Edward ofegante quando surgiu à porta ao lado de Jason. – E não precisavas de disparar à nossa frente, Anthony. Que belo sítio que encontraste aqui, James. Quanto é que te está a custar?

– Continuas a ser um homem de negócios em primeiro lugar, não é, Edward? – James fez um sorriso irónico. A seguir, disse: – Importam-se de me dizer como diabo me encontraram? Para não falar do facto de saberem que estava em Inglaterra.

– Isso foi obra do Anthony – respondeu Edward. – Ele viu um desenho feito pela Reggie. Passou lá por casa quando voltou a Londres esta manhã para me dizer como é que ela estava e, de repente, lembrou-se onde tinha visto um dos indivíduos do desenho. Era um dos membros da tua tripulação quando compraste o *Maiden Anne*. O Jason tinha chegado há pouco de Haverston e adivinhou o resto.

– Mas como é que souberam que tinham de procurar neste local?

– Foi fácil – respondeu Edward. – Este é o porto mais próximo. Pensei que talvez fosses suficientemente destemido para ancorar o teu barco aqui.

– Não sou assim tão destemido – respondeu James, ferido no orgulho. – Está à espera junto à costa.

– Então foi por isso que não o conseguimos encontrar. É claro que o Anthony não desiste facilmente. Passámos o resto da tarde a fazer perguntas de uma ponta à outra da cidade. Por fim, tivemos sorte com um cavalheiro que vos tinha visto a fazer negócio com o proprietário desta casa.

– E agora? – inquiriu James, olhando diretamente para Jason. – Vou receber uma lição de cada um de vocês de novo?

– É claro que não, tio James – respondeu Reggie apressadamente. – Tenho a certeza de que eles estão dispostos a esquecer o passado, se o tio também estiver. No fim de contas, desistiu da pirataria. Assentou e tem um belo filho. Estou certa de que vão querer recebê-lo de volta na nossa família.

– Um filho!

– Eu – declarou Jeremy orgulhosamente, olhando para Jason e Edward do extremo oposto da divisão.

Reggie prosseguiu sem dar hipótese aos tios mais velhos de recuperarem do choque:

– Não consigo suportar mais nenhum tipo de agitação hoje. Ora, posso muito bem vir a perder o meu bebé se...

– Bebê?

– Então, Tony, não lhes disseste? – perguntou Reggie, numa voz completamente inocente.

– Que rico serviço, garota. – Anthony fez um sorriso irónico. – E estou a ver que já recuperaste da tua indisposição de há pouco.

– Só precisava de me deitar por uns instantes.

Ele abanou a cabeça.

– Bom, acho que é seguro deixar-nos sozinhos para fazermos as pazes. Vai tomar uma chávena de chá ou outra coisa qualquer. E leva o meu novo sobrinho contigo.

– Tio Jason? – Ela não precisava de dizer mais nada. Jason acenou com a cabeça. Tinha a sua expressão carrancuda inofensiva, por isso estava tudo bem.

– Vai, Reggie. Um homem não consegue dizer nada quando estás na mesma divisão.

Reggie fez um sorriso triunfante e abraçou James.

– Bem-vindo de volta à família, tio James.

– Regan, minha doçura, nunca mudes.

– Como se vocês os quatro me deixassem mudar sem a vossa aprovação! – Passou um braço por baixo do braço de Jeremy. – Vem daí, primo. O teu pai vai contar-lhes tudo sobre ti e tu podes contar-me a mim.

– É melhor eu ir com eles – disse Conrad e assim o fez.

À saída, os três ouviram atrás de si:

– Continuas a ter de ser diferente, não é, James? – Era Jason quem falava. – O nome dela não é Regan!

– Também não é Reggie! E ela já está demasiado crescida para o nome Reggie. Regan é mais adequado a uma mulher adulta.

– Parece-me que a tua tentativa de reconciliação fracassou – disse-lhe Jeremy.

– Que disparate. – Reggie deu uma risadinha. – Diz-lhe, Connie.

– Ela tem razão, rapaz – disse Conrad enquanto os acompanhava ao longo do corredor. – Eles não estariam felizes se não estivessem a discutir sobre alguma coisa.

– Pensa só no quanto os fizeste felizes, Jeremy – acrescentou Reggie de forma perspicaz. – Agora também podem discordar acerca da *tua* educação.

O garanhão deixou um rasto de pó enquanto galopava ao longo da plantação. Novas flores primaveris de variedades europeias juntavam-se a flores tropicais ao longo da berma do caminho criando uma profusão de cores garridas. À direita do caminho, a menos de um quilómetro e meio de distância, o oceano arremessava ondas enormes para uma praia arenosa. O sol quente cintilava por cima de águas azuis até ao horizonte.

Nicholas não reparou em nenhuma daquela beleza natural naquele dia abafado do início de abril. Estava de regresso do pequeno porto da ilha e de um encontro com o capitão Bowdler, que o informara de que o seu barco estaria pronto a zarpar na maré da manhã. Nicholas ia voltar a casa, a Inglaterra e a Regina.

Seis meses longe não o tinham ajudado a esquecê-la. Ele tentara. Passara meses a transformar uma casa colonial arruinada no cartão de visita da ilha e outros tantos a preparar a terra para o cultivo e a tratar da plantação. Quase todos os momentos haviam sido gastos a trabalhar arduamente, mas o seu estado de espírito predominante continuava perigosamente sentimental. Já decidira regressar a casa uma centena de vezes. As mesmas vezes que voltara atrás na sua decisão. A situação que existia não ia mudar. Miriam e as suas ameaças continuavam a pairar sobre ele e Regina.

Mas, em todo aquele tempo, Nicholas não tinha pensado numa coisa óbvia. Regina provavelmente já sabia. Miriam não podia viver seis meses com a jovem sem a tentar voltar contra ele. Sim, ela já devia saber naquele momento.

Essa probabilidade ocorrera-lhe na semana anterior quando se embebedara seriamente com o capitão Bowdler e se abrira com ele. Foi preciso alguém objetivo e igualmente ébrio para o fazer ver que ele estava isolado numa ilha, amuado como uma criança, porque não tinha a mulher que queria. Bom, já amuara tempo suficiente. Era altura de voltar para casa e enfrentar a realidade. Se a sua mulher o detestasse, isso seria o ponto final na história.

E se a história fosse diferente? O capitão Bowdler também lhe perguntara isso. E se ela rejeitasse a opinião pública e o julgasse apenas pelo seu valor? A verdade é que Nicholas a tratara de forma abominável e ela não *tinha* mais nada em que se basear para o julgar. Mais: ela quis casar-se com ele devido à pressão de um escândalo. Ele gostava de acreditar que ela se casara com ele por motivos que não estivessem relacionados com as conveniências, mas tal não era provável.

Então, em que pé aquilo tudo o deixava? Em nenhum. Até chegar a casa, não podia saber a dimensão dos estragos feitos.

Um rapaz descalço, com a pele da cor do chocolate, correu para o exterior da grande casa branca para levar o cavalo de Nicholas. Aquela era a única coisa à qual Nicholas ainda não se habituara: possuir escravos. Era a única coisa na ilha que ele detestava.

– Ter convidados, senhor, no escritório – disse-lhe a governanta. Ele

agradeceu-lhe e atravessou o átrio amplo e aberto, um pouco aborrecido. Quem seriam? Ainda tinha coisas para embalar e mais uma reunião com o administrador da propriedade. Não tinha tempo a perder com conversa fiada.

Entrou no escritório obscurecido, por causa dos estores corridos que não deixavam entrar o calor do meio-dia. Passou os olhos pelas cadeiras ocupadas que rodeavam a sua secretária. Em vez de acreditar no que via, fechou os olhos. Era uma visão impossível.

– Diga-me que é um produto da minha imaginação, Hawke.

– Sou um produto da sua imaginação.

Nicholas atravessou a divisão e sentou-se atrás da secretária.

– Nesse caso, não se importa se eu o ignorar?

– Vês aquilo que te disse, Jeremy? Ele é capaz de cuspir na cara do próprio Diabo.

– Não conseguiu arranjar ninguém melhor para um terceiro rufia? – perguntou secamente Nicholas, indicando o homem mais novo. – Não gosto de magoar crianças. O senhor e o seu comparsa ruivo não conseguem desvencilhar-se sem ajuda?

– Não parece surpreendido por me ver, Montith – disse James calmamente.

– Devia estar?

– Ora, claro que sim. Partiu de Inglaterra antes do enforcamento.

– Ah, o enforcamento. – Nicholas inclinou-se para trás, a sorrir. – Atraíu uma grande multidão?

– Que piada é que isso tem? – exigiu saber Jeremy.

– Meu caro rapaz, só me estou a rir da minha própria estupidez. Se eu soubesse que a missão de vida deste indivíduo passaria a ser atormentar-me, nunca teria mexido cordelinhos para os guardas voltarem as costas e lhe facilitarem a fuga.

– Maldito mentiroso! – Conrad juntou-se à conversa, de modo intempestivo. – Aqueles guardas eram impossíveis de subornar. Ofereci-lhes o suficiente para saber isso.

– Connie, não é?

– Para si é Mister Sharpe!

Nicholas deu uma pequena gargalhada.

– Já devia saber que o dinheiro nem sempre é a resposta. Também ajuda conhecer as pessoas certas.

– Porquê? – perguntou James numa voz controlada.

– As minhas razões não podiam ter sido mais egoístas, meu velho – respondeu Nicholas. – Visto que não ia estar por perto para assistir ao enforcamento, decidi negar também esse prazer ao resto da população. Se tivesse conseguido um adiamento até ao meu regresso, pode ter a certeza de que o teria feito. Por isso, não me deve qualquer agradecimento.

– Deixa-me tratar dele, Hawke. – Conrad estava a deixar-se levar pela fúria. – Ela nunca saberá.

– Se se refere à minha governanta, a velhota já deve estar com a orelha colada à

porta neste momento. Mas não deixe que isso o demova, meu velho.

Conrad saiu disparado da cadeira, mas James fez-lhe um gesto e ele deteve-se. O capitão fixou Nicholas com uma expressão pensativa durante um momento, a analisar aqueles olhos cor de mel, e depois riu-se.

– Macacos me mordam se eu acredito em metade daquilo que diz, Montieth. – Olhava Nicholas nos olhos com o seu próprio olhar hipnotizante. – Mas pergunto-me – prosseguiu ele lentamente – qual seria o seu motivo real. Chegou à conclusão de que se me tirasse da embrulhada em que me meteu, eu me daria por satisfeito? Isso não é verdade. – Nicholas não respondeu e James riu-se mais uma vez. – Não me diga que um homem da sua natureza tem uma consciência? Um sentido de desportivismo?

– Não apostava nada nisso – resmungou Conrad entre dentes.

– Não te esqueças, Connie, de que eu não ia ser enforcado por aquilo que lhe fiz, mas ele foi responsável pela minha detenção.

– Muito engraçado – disse Nicholas friamente. – Agora podemos dispensar estas especulações sem sentido? Jogue a sua mão, Hawke, ou saia. Tenho coisas para fazer.

– Assim como nós. Acha que eu gosto de o perseguir? Parece que não faço mais nada agora. – James suspirou. – Os últimos seis meses têm sido bastante aborrecidos.

– O senhor decerto compreenderá se eu não partilhar os seus sentimentos.

– Vais aceitar mais impertinências deste sujeito, Hawke? – bramiu Conrad. – Não tens vontade de mudar de opinião?

– O Connie tem razão – atalhou Jeremy. – Não consigo perceber o que é que a Regan viu nele.

– Não, rapaz? – perguntou Connie, com uma expressão de desprezo. – Olha para aquela bela cara.

– Acalmem-se, vocês os dois – avisou James. – A Regan tem demasiado bom senso para se apaixonar por uma cara bonita. Ela teve de ver nele algo mais do que isso.

– Bom, ele não é aquilo que eu tinha imaginado – resmungou Jeremy.

James sorriu.

– Não o podes julgar por esta visita, Jeremy. – Ele tem as defesas erguidas.

Nicholas sentiu a paciência chegar ao limite.

– Hawke, se tem alguma coisa a dizer-me, diga. Se quiser lutar de novo comigo, vamos a isso. Mas se vocês os três só querem ter uma discussão por causa de uma desavergonhada qualquer, podem fazer isso noutro lugar.

– Vai retirar já o que disse, Lord Montieth – gritou Jeremy. – Ela não é nenhuma desavergonhada!

– Quem diabo é este rapaz?

James deu uma pequena risada.

– É meu filho, acredite ou não. Tentei que ele ficasse no barco, mas ele não aceitou de forma nenhuma. Estava determinado a estar presente para ver como

recebia a notícia.

– Duvido que tenha notícias que me digam respeito.

– A sua mulher não lhe diz respeito?

Nicholas pôs-se de pé lentamente, de olhos postos no capitão.

– O que tem a dizer sobre ela?

– É uma mulher muito bela, não é?

– Como foi capaz...? – Com um rugido de raiva, Nicholas lançou-se para a frente, voou por cima da secretária e agarrou James pelo pescoço. Foi precisa a força conjunta de Conrad e Jeremy para o puxar para longe do capitão. Cada um agarrou um braço de Nicholas, mantendo-o preso.

– Se lhe tocou nem que seja com um dedo, Hawke, eu mato-o!

James esfregou o pescoço dorido, mas havia um brilho malicioso nos seus olhos escuros. Estava satisfeito.

– Eu não te disse, Connie? Esta é a reação de um homem que não se importa? – gabou-se.

– A minha mulher – rosnou Nicholas antes que Conrad pudesse pensar no que dizer –, o que lhe fez?

– Impagável. – James soltou uma risadinha. Conrad e Jeremy agarraram Nicholas com mais força. – Que doce vingança seria, rapaz, inventar uma história para o atormentar. Podia dizer-lhe que tinha raptado a sua querida mulher, que foi o que aconteceu na realidade. Tencionava usá-la para o trazer até mim. Não sabíamos que tinha deixado o país. E... infelizmente, eu não sabia quem era a sua mulher.

– Não me diga que o intrépido capitão Hawke se sentiu intimidado pela família dela?

Estas palavras foram recebidas com um coro de gargalhadas tão sonoro dos três homens que Nicholas foi apanhado de surpresa. Conseguiu libertar-se da mão de ferro de Jeremy e depois desferiu um soco potentíssimo no abdómen de Conrad. Isso fê-lo recuperar a liberdade de movimentos por um instante, mas não passou disso.

– Calma, rapaz. – James ergueu uma mão para impedir Nicholas de lutar mais.

– Não o quero magoar. – Esboçou um grande sorriso. – Especialmente tendo em conta que da última vez demorei semanas para recuperar.

– Essas palavras pretendem tranquilizar-me? Demorei o mesmo tempo a recuperar e foi isso que me impediu de desencorajar a Regina... bom, isso já não lhe diz respeito.

– Isso depende da perspetiva, rapaz. Eu sei que se esforçou para que ela o abandonasse. Foi uma pena ela não o ter feito – disse ele, com um suspiro –, mas isso agora não interessa.

– Fale daquilo *que* interessa! – explodiu Nicholas. – O que fez à Regina?

– Meu caro rapaz, nunca faria mal à Regan. Sabe, ela é minha sobrinha, uma sobrinha muito querida para mim.

– Regan? Estou-me pouco a ralar...

– Está?

O seu tom da voz era tão desarmante que Nicholas ficou imóvel, a dar voltas à cabeça. De repente, uma coisa na qual não reparara ficou clara enquanto fitava Hawke. Ele e o rapaz exibiam uma parecença inconfundível um com o outro e com...

– James Malory?

– O próprio.

– Que inferno sem fim.

James riu-se.

– Não leve isto muito a peito. Imagine como eu me senti, ao descobrir que se tinha casado com um membro da minha família. Isso arruinou os meus planos.

– Porquê? – retorquiu Nicholas. – Se bem me lembro, a sua família rejeitou-o.

– Isso foi antes do nosso encontro de família. Os meus irmãos e eu reconciliámo-nos, graças à Regan. Ela tem um dom para conseguir o que quer.

– Não me diga – murmurou Nicholas, com a voz carregada de ironia. – Nesse caso, o que está aqui a fazer? Veio dar-me os parabéns?

– Isso era muito pouco provável, meu caro rapaz. – James sorriu. – Estou aqui para o levar para casa.

Os olhos de Nicholas pareceram disparar labaredas.

– Isso não vai acontecer.

O sorriso de James tornou-se felino.

– Vai partir connosco, de uma forma ou de outra.

Nicholas olhou os três homens nos olhos e viu que estavam a falar a sério.

– A vossa escolta não é necessária – Nicholas decidiu dizer a verdade. – Tenho o meu próprio barco pronto a zarpar. Vou partir na maré da manhã. Já tinha decidido regressar a Inglaterra, por isso, a vossa companhia não será necessária, cavalheiros.

– Se assim o diz, meu caro rapaz – respondeu James, com uma entoação desconfiada.

– Estou a dizer a verdade.

– Partir deste porto sozinho num barco não garante a sua chegada a Inglaterra. Tenho de insistir que venha connosco.

O mau génio de Nicholas começou de novo a ferver.

– Porquê?

– Os meus irmãos não gostam do facto de ter abandonado a sua mulher. Querem-no de volta a casa, onde o podem manter debaixo de olho.

– Nunca ouvi uma coisa tão absurda! Não me podem prender em Inglaterra, se eu quiser partir de novo.

– O que vai fazer depois de chegar a casa já não me diz respeito. – James encolheu os ombros. – Estou só a seguir as ordens do Jason. Ele disse para o levar para casa e é isso que eu vou fazer.

Enquanto escoltavam Nicholas para fora da divisão, Jeremy sussurrou ao ouvido do pai:

– O tio Jason nunca disse que devias trazê-lo de volta. Ele só disse que lhe devias contar acerca do bebé, se o encontrássemos.

– Eu não cumpro as ordens do meu irmão desde que atingi a maioridade, rapaz – sussurrou de volta o pai. – Não é agora que vou começar.

– Mas se ele soubesse, talvez não resistisse tanto à ideia.

James soltou uma risada.

– Eu disse que queria que ele apreciasse a viagem?

—Nicholas! — Eleanor ergueu-se repentinamente quando os três homens entraram na sala de estar da casa londrina de Nicholas.

Reggie levantou-se um pouco mais devagar, de olhos semicerrados. O marido tinha um homem de cada lado.

— Tio James, isto foi obra sua?

— Cruzei-me com ele por acaso, minha doçura.

— Bom, pode levá-lo de volta para onde quer que se tenha cruzado com ele *por acaso* — disse ela, numa voz dura. — Ele não é bem- -vindo aqui.

— Regina! — exclamou Eleanor, chocada.

Reggie cruzou os braços por cima do peito, recusando-se teimosamente a olhar para a tia de Nicholas. Tinha-se tornado muito próxima de Eleanor nos últimos meses e já sentia um verdadeiro carinho por ela. Mas ninguém, nem os seus familiares, nem os dele, iam fazer com que Reggie aceitasse um homem que tinha sido trazido de volta à força. Essa humilhação era quase tão má como o abandono.

Nicholas observou Regina dissimuladamente, fingindo que estava a olhar para a tia. Sentiu vontade de dar um soco em qualquer coisa, o que quer que fosse. Também teve vontade de chorar. Bastava olhar para ela! Era evidente que ela sabia a verdade acerca da sua origem, sabia e desprezava-o por isso. Ele viu-o na expressão dura da boca dela e na sua postura rígida e inflexível.

Miriam tinha-lhe dito. Muito bem. Se ela odiava a ideia de estar casada com um bastardo, era o que merecia por o obrigar a aceitar aquele casamento.

O facto de ter sido trazido de volta a casa pelas mãos do tio dela tinha-o feito esquecer que já decidira regressar e desejava corrigir o seu erro. Na verdade, esquecera-se de tudo, exceto da sua fúria.

— Não sou bem-vindo aqui, minha senhora? — disse Nicholas suavemente. — Estou enganado, ou esta casa pertence-me?

Os olhos dela cruzaram-se com os dele pela primeira vez. Santo Deus, ela tinha-se esquecido daqueles olhos devastadores, cor de xerez dourado. E ele tinha um aspeto maravilhoso, com a pele profundamente bronzada e o cabelo com madeixas muito loiras provocadas pelo sol. Mas não lhe podia permitir que lançasse o seu feitiço sobre ela.

— O senhor esquece-se de que se recusou a partilhar uma casa comigo. Para ser mais específica, o senhor *deu-me* a sua casa.

— Silverley, não a minha casa na cidade. E o que raio fez a esta casa? — exigiu saber ele, olhando em volta para a nova mobília e papel de parede de motivos florais.

Reggie sorriu inocentemente e respondeu com uma voz doce.

— Ora, Nicholas, não gosta? É claro que não estava cá para me ajudar a decorar, mas eu fui muito parcimoniosa com o seu dinheiro. Só lhe custou quatro mil libras.

James deu rapidamente meia-volta para esconder o seu regozijo. De repente, Conrad passou a achar o teto fascinante. Só Eleanor franziu o sobrolho. Os dois jovens presentes na sala estavam agora a fulminar-se mutuamente com o olhar.

– Nicholas, é desta forma que cumprimentas a tua mulher depois de sete meses de ausência?

– O que está aqui a fazer, tia Ellie?

– E é dessa forma que me cumprimentas a mim? – A expressão dele não se suavizou. Suspirou. – Se queres mesmo saber, esta casa é tão grande que achei que a Regina podia precisar da minha companhia. Não era correto a tua mulher viver aqui sozinha.

– Eu deixei-a em Silverley! – vociferou ele.

– Não se atreva a gritar com a Ellie! – gritou-lhe Reggie. – E vá o *senhor* viver para Silverley com a Miriam. Eu gosto de viver aqui.

– Acho que vamos regressar ambos a Silverley – disse ele numa voz fria – agora que já não tenho motivos para evitar a minha *mãe*.

– Isso é inaceitável.

– Não lhe pedi a sua permissão. Um marido não precisa da permissão da mulher... para nada – disse ele com dureza.

Ela ficou chocada com o significado implícito das palavras dele.

– Abdicou de todos os direitos sobre mim – disse ela, furiosa.

Ele sorriu.

– Não abdiquei. Só me abstive de os pôr em prática... até agora. No fim de contas, a sua família deu-se a tanto trabalho para nos juntar de novo que *eu* não quero desapontá-los – disse ele, cruelmente.

– Lady Reggie – interrompeu uma criada de meia-idade da porta da sala de estar. – Está na altura.

– Obrigada, Tess. – Reggie fez sinal com a cabeça à ama para se retirar. Depois voltou-se para James e Conrad dizendo: – Eu sei que tinham boas intenções, mas espero que compreendam que não vos agradeça pelo trabalho que tiveram.

– Tu disseste-me que eras capaz de enfrentar esta situação sozinha, Regan – lembrou-lhe James.

Ela sorriu pela primeira vez desde a chegada deles. Era o seu antigo sorriso endiabrado. Abraçou os dois homens e deu-lhes um beijo.

– Pois disse. E assim farei. Agora, se os cavalheiros me derem licença, tenho de ir cuidar do meu filho.

James e Conrad desataram num grande coro de gargalhadas enquanto Reggie saía da sala. O marido dela ficou imóvel, pregado ao chão, de boca aberta e com uma expressão de completa estupefação no rosto.

– Eu não te disse, Connie? – rugiu James. – A cara dele não faz valer a pena todo o trabalho que nos deu?

Nicholas engoliu o seu terceiro *brandy* em vinte minutos e serviu-se de mais um. James Malory e Conrad Sharpe, suas sombras inseparáveis durante tanto tempo, tinham acabado de sair e ainda sentia as orelhas a arder das gargalhadas que tinham dado às suas custas. Ainda assim, disse a si próprio, havia coisas mais importantes com as quais podia dar largas a toda a sua raiva.

Estava numa divisão que até há bem pouco tempo fora o seu escritório e agora era uma pequena sala de música. Uma sala de música! Ali estava um belo exemplo do mais puro ressentimento. O escritório de um homem era sagrado. E ela não tinha apenas alterado o escritório, eliminara-o completamente.

Será que pensou que ele não ia regressar? Ou tinha esperanças de que o fizesse? Para o diabo com aquela mulher. A sua doce e bela mulher tornara-se vingativa e com mau génio, igual aos seus dois tios mais novos. Para o diabo com aqueles dois também.

Eleanor andava de um lado para o outro na sala, lançando olhares de desaprovação a Nicholas sempre que ele levava o copo de *brandy* aos lábios. Ele estava a remoer-se, dominado pelo ressentimento.

– Que diabo fez ela com os meus papéis, com a minha secretária e com os meus livros?

Eleanor fez um grande esforço para manter a calma.

– Acabaste de saber que tens um filho. E é isso que queres saber?

– Está a dizer que não sabe onde é que ela pôs as minhas coisas?

Eleanor suspirou.

– No sótão, Nicky. Está tudo no sótão.

– Estava aqui quando ela virou a minha casa do avesso? – acusou-a ele.

– Eu estava aqui, sim.

– E não tentou impedi-la? – perguntou ele, incrédulo.

– Por amor de Deus, Nicky, tu agora tens uma mulher. Não podias estar à espera de continuar a ter uma casa de homem solteiro depois de te casares.

– Eu não pedi para ter uma mulher – disse ele amargamente. – E estava à espera de que ela ficasse onde a deixei e que não viesse invadir esta casa sem autorização. Se ela queria redecorar uma casa, por que diabo não se contentou em remodelar Silverley?

– Para dizer a verdade, creio que ela gostou de Silverley tal como é.

– Nesse caso, porque não ficou lá? – disse ele, enfurecido.

– Tens mesmo de fazer essa pergunta?

– Qual foi o problema? – troçou ele. – A minha querida mãe não lhe passou as rédeas da casa?

– A Regina ocupou o lugar que era seu por direito, se é a isso que te estás a referir.

– Então, elas entenderam-se às mil maravilhas? E porque não? – Ele riu-se com

ironia. – Têm tanto em comum, como o grande desprezo que sentem por mim.

– Isso é injusto, Nicky.

– Não me diga que vai defender a sua irmã ao fim de todos estes anos?

– Não – respondeu Eleanor tristemente.

– Já percebi. Está do lado da Regina. Queria que eu me casasse com ela. Está contente com o resultado do nosso casamento?

Eleanor abanou a cabeça.

– Juro que já não te conheço. Porque é que agiste desta forma, Nicky? Ela é uma rapariga maravilhosa. Podia ter-te feito tão feliz.

Uma dor súbita irrompeu-lhe no peito, sufocando-o. Nunca poderia ser feliz com Regina, por muito que o desejasse. Mas Eleanor não conseguia perceber porquê, porque Miriam nunca lhe contara a verdade. As irmãs não mantinham qualquer contacto desde a infância dele. E se Miriam ou Regina não lhe tinham contado, ele não ia fazê-lo. A doce Ellie ia ter pena dele e essa era a última coisa que ele queria. Era melhor que ela o considerasse a criatura detestável que todos os outros pensavam que era.

Nicholas fitou o copo que tinha na mão em baixo e disse entre dentes:

– Não gosto de ser obrigado a fazer seja o que for.

– Mas a verdade é que fizeste o que te foi proposto – frisou Eleanor. – Casaste-te com ela. Não lhe podias ter dado uma hipótese?

– Não.

– Muito bem. Eu percebo. Estavas ressentido. Mas agora, Nicky, não podes tentar agora?

– Para ela se rir na minha cara? Não, obrigado.

– Ela estava magoada, mais nada. Do que estavas à espera, ao abandonares a tua noiva no dia do casamento?

A mão que segurava o copo contraiu-se.

– Foi isso que ela te disse? Que ficou magoada?

Eleanor desviou o olhar.

– Na verdade...

– Bem me parecia.

– Não me interrompas, Nicky. – Ela franziu o sobrolho severamente. – Eu ia dizer que ela nunca falou comigo acerca de ti. Mas tens de acreditar em mim quando digo que percebo a forma como ela pensa depois de vivermos juntas quatro meses.

– Ela não te diz o que acha de mim porque está a ser inteligente. Sabe que tens um fraquinho por mim.

– Estás completamente irredutível, não estás? – gritou ela. – E o teu *filho*? Queres que ele cresça numa casa com discussões intermináveis, como tu? É isso que queres para ele?

Nicholas pôs-se de pé num salto e lançou com violência o copo contra a parede.

Eleanor ficou demasiado chocada para falar e, passado um momento, ele

explicou-se dizendo numa voz enrouquecida:

– Não sou nenhum idiota, minha senhora. Ela pode ter dito a toda a gente que a criança é minha, mas que mais pode ela dizer? Ela que tente dizer-me que o bebé é meu!

– Estás a dizer que tu e ela... que vocês nunca...

– Uma vez, tia Ellie, apenas uma vez. E isso foi quatro meses antes de eu me casar com ela!

A expressão de Eleanor suavizou-se.

– Ela deu à luz cinco meses depois do casamento, Nicky.

Ele estacou, declarando em seguida numa voz monocórdica:

– O parto foi prematuro.

– Não foi! – explodiu Eleanor. – Como é que podes saber isso?

– Porque – disse ele sensatamente – se estivesse grávida, ela ter-me-ia dito que eu ia ser pai para me manter por perto, quando eu me fui embora. Não me pode dizer que ela não sabia que estava grávida de quatro meses. Mais: ter-me-ia dado sinais disso, o que não fez. Só podia estar grávida de um ou dois meses quando me fui embora e era óbvio que não sabia do seu estado.

– Nicholas Eden, não tenho mais nada para te dizer até deixares de ser tão perverso! – Com estas palavras, Eleanor saiu da sala com grandes passadas zangadas.

Nicholas agarrou a garrafa de cristal de *brandy*, prestes a dar-lhe o mesmo destino que o copo. Em vez disso, encostou-a à boca. Porque não?

Sim, ela ter-lhe-ia dito, se estivesse grávida quando eles se casaram. Recordou-se das alturas em que ela deixou outros homens acompanhá-la a casa. Recordou-se de George Fowler, em particular, e da fúria incontrolável que sentira. Teria sido intuição? Será que soubera que aquele miserável não a levaria diretamente para casa?

Nicholas estava tão furioso que mal conseguia pensar direito. Tentara não pensar na criança a partir do momento em que soubera do seu nascimento. Era filho dele? Ela que tentasse convencê-lo disso.

Reggie sorriu de forma absorta enquanto o pequeno punho lhe apertava o seio. Alimentar o filho fora sempre um momento maravilhoso e recompensador, mas naquela noite a cabeça dela estava lá em baixo. Nem sequer reparou quando a pequena boca parou de sugar.

– Ele já adormeceu outra vez, Reggie – sussurrou Tess.

– Oh, pois adormeceu. Mas não por muito tempo, não é?

Reggie ergueu cuidadosamente o bebé, colocou-o em cima do ombro e bateu-lhe ao de leve nas costas. A cabeça pequenina enroscou-se no ombro da mãe, com a boca a sugar ar durante um momento antes de ficar imóvel. Ela sorriu para a sua velha ama, agora ama do seu filho.

– Talvez fique a dormir desta vez – sussurrou Reggie para Tess enquanto o colocava de volta na cama. Mas no momento em que o deitou de barriga para baixo, a cabeça dele soergueu-se bruscamente, os pezinhos começaram a sacudir-se e aqueles olhos curiosos abriram-se.

– Como seria de esperar. – Tess fez um sorriso irónico. – Ele já não precisa de dormir tanto agora. Está a ficar mais velho.

– Tenho de começar a pensar em arranjar alguém para a ajudar.

– Nem pensar nisso – troçou Tess. – Quando ele tiver seis meses e começar a gatinhar, então sim, essa ajuda será bem-vinda.

– A Tess é que sabe. – Reggie riu-se. – Pode ir jantar agora. Eu fico com ele até acabar.

– Não, não fica, minha menina. Tem companhia à sua espera lá em baixo.

– Sim – suspirou Reggie –, o meu marido. Mas como não tenho nada para lhe dizer, não vou descer. Vá lá, Tess. E por favor, peça para me trazerem um tabuleiro aqui acima.

– Mas...

– Não. – Reggie pegou de novo no bebé completamente desperto. – Este cavalheiro que está aqui é a única companhia que eu quero esta noite.

Quando Tess saiu, Reggie pôs completamente de parte a máscara senhoril e deitou-se no chão para brincar com o filho, imitando os seus sons e gestos para o fazer sorrir. Ele ainda não sabia rir-se, mas não devia faltar muito para isso, porque ouvia imensos risos à sua volta. Todos, desde os criados aos tios dela, tentavam fazê-lo sorrir com brincadeiras disparatadas que eram tão ridículas como as da mãe.

Como ela amava aquele ser pequenino. Pouco antes de ele nascer, ela caíra numa terrível depressão. Mas depois do nascimento, que espantara o médico por ser um parto tão fácil para um primeiro filho, Reggie sentiu-se repleta de euforia. O filho iluminava-lhe a vida. Na verdade, nos últimos dois meses, tinha estado tão ocupada a aprender a desfrutar da sua nova maternidade que raramente pensava em Nicholas, pelo menos não mais do que dez vezes por dia.

– Mas agora ele está de volta, meu amor. O que vamos fazer? – suspirou Reggie.

– Não está à espera de que ele responda a isso, pois não?

– Meg, assustaste-me!

– Quer que pouse isto no chão? – Meg tinha um tabuleiro com comida nas mãos. – Apanhei a criada que estava a subir com isto.

– Pousa-o ali em cima da mesa, por favor – ordenou Reggie. – E agora conta-me tudo sobre o teu passeio com o Harris.

Nicholas deixara ficar Harris para trás, para grande infelicidade do criado particular. O pobre homem estava desgostoso há meses e sentira-se especialmente infeliz quando Reggie se mudou para aquela casa. Ele era abertamente hostil, e ele e Meg tinham tido algumas trocas acesas de palavras, defendendo o seu território.

De forma abrupta, depois de o bebé ter chegado, tudo isso mudou. Harris começou a sentir simpatia por Reggie, ou mais precisamente, por Meg. Meg e Harris espantaram-se mutuamente ao descobrir uma afeição recíproca. Tinham chegado ao ponto de dar passeios juntos ultimamente e davam-se às mil maravilhas desde que Meg não dissesse nada de depreciativo relativamente ao visconde.

Meg pousou o tabuleiro com estrondo.

– Não quero saber mais daquele cavalheiro teimoso com quem tenho andado a passar tempo. Ou muito me engano, ou vou deixar de o fazer. O que faz ele no momento em que sabe que o visconde está cá? Nem sequer se despede de mim e sobe as escadas a correr para ir ao encontro do seu senhor! E eu podia ter-lhe dito para não se incomodar. A Tess disse-me que foram entregar mais uma garrafa de *brandy* à sala de música.

– À sala de música? Ah, sim. – De repente, Reggie soltou uma risadinha. – A sala de música. Tinha-me esquecido do que fiz ao escritório dele.

– A Tess disse-me que ele e Lady Ellie estavam aos berros lá dentro – informou-a Meg.

– Estavam? Não me parece que isso seja do meu interesse.

– Isso é só conversa – troçou Meg. – A menina daria um braço para saber o que disseram sobre si.

– Partes do princípio de que estavam a discutir por minha causa.

– Sobre que mais podiam estar a discutir?

– Sobre que mais, realmente? – perguntou Nicholas da porta aberta.

Meg voltou-se, irritada, maldizendo-se por não ter fechado a porta. Reggie, deitada no chão, inclinou a cabeça para trás e viu o marido de pernas para o ar. Ela estava de costas, com o filho esticado em cima do peito. A seguir, sentou-se devagar.

Nicholas aproximou-se, vendo uma pequena cabeça junto ao ombro dela, com um punho enfiado firmemente na boca. Tufos de cabelo preto e olhos azuis brilhantes não deixavam margem para dúvidas. Um Malory, dos pés à cabeça.

Ele deu a volta e ofereceu-lhe a mão.

– Faz isto muitas vezes, querida?

Reggie não se deixou enganar pelo tom melífluo. A boca dele tinha uma expressão dura e os olhos pareciam estar em brasa. Não estava nada satisfeito com o filho. Como é que podia estar ali à frente do bebé e não ficar encantado com ele? O seu orgulho maternal foi mais forte do que ela. Agarrou a mão dele e ergueu-se, mas assim que se pôs de pé, voltou-lhe as costas.

– Se não veio cá para ver o Thomas, pode sair – anunciou ela, com uma voz gélida.

– Mas eu vim para o ver. – Nicholas sorriu sombriamente. – Chamou-lhe Thomas, como o seu pai?

Reggie pousou cuidadosamente o bebé na cama dele e inclinou-se para o beijar. A seguir, voltou-se e fitou o marido.

– Thomas Ashton Malory Eden.

– Bom, isso certamente honra o *seu* lado da família, não é verdade?

O sarcasmo dele pô-la a ferver.

– Se lhe queria dar um nome que honrasse a sua família, devia ter estado presente no nascimento dele.

– Porque não me disse nada?

Os olhos dela semicerraram-se. Dali a momentos, estariam a gritar um com o outro e ela não podia permitir tal coisa no quarto do bebé.

– Meg, ficas com o Thomas até a Tess regressar, por favor? – A seguir, disse a Nicholas. – Os meus aposentos são do outro lado do corredor. Se quiser acabar esta conversa, pode seguir-me até lá.

Reggie não esperou por ele e caminhou com passadas largas pelo corredor até chegar à sua sala de estar. Nicholas seguiu-a, fechando a porta com estrondo. Ela deu meia-volta e lançou-lhe um olhar furioso.

– Se quiser bater com a porta, por favor faça isso noutra parte da casa.

– Se eu quiser bater com as portas, que não foi aquilo que acabei de fazer, posso muito bem fazê-lo em *qualquer* parte da minha casa. Agora responda-me! Porque não me disse nada?

Que resposta lhe podia dar? Não podia admitir que não o queria prender daquela forma. Não estava completamente certa, nem naquele momento, que alguma coisa fosse capaz de o prender, tendo em conta o facto de não ter mostrado qualquer indício de prazer ao ver a mulher ou o filho.

Por fim, perguntou simplesmente:

– Teria feito alguma diferença?

– Nunca saberemos. – A voz dele adotou um tom sarcástico. – É claro que existe a possibilidade de não saber e, por esse motivo, também não me poder ter dito.

– Não saber que estava grávida de quatro meses? – Sorriu. – Tive muito poucos sintomas, isso é verdade. Mas quatro meses? Qualquer mulher saberia por essa altura.

Ele aproximou-se até ficar à frente da cadeira dela.

– Por norma, aos quatro meses de gravidez, todos os outros também já sabem –

disse ele calmamente. – Torna-se óbvio com uma cintura alargada. Isso não era visível em si, querida.

Os olhos de Reggie cruzaram-se com os dele e arregalaram-se com aquilo que leu neles.

– Acha que ele não é seu! – sussurrou ela, incrédula. – Não admira que mal tivesse olhado para ele! – Ela ergueu-se e ele recuou para a deixar passar. Reggie falou para o vazio da sala. – Formidável. Nunca considere essa hipótese.

Porém, conseguia ver o humor da situação e, noutras circunstâncias, teria desatado a rir. Que vingança perfeita para a forma como ele a tratara, apresentar-lhe o filho de outro homem no seu regresso. Mas Reggie não estava num estado capaz de sentir o lado humorístico das coisas. Havia o choque de o ver de novo e o choque maior da conclusão repugnante dele.

Ele tocou-lhe no ombro, fazendo-a dar meia-volta para o olhar de frente.

– Esta surpresa fingida é a melhor atuação que consegue oferecer, minha senhora? Teve bastante tempo para inventar alguma desculpa capaz de explicar por que motivo o seu vestido de noiva estava justo na cintura muito estreita no dia em que me casei consigo. Estou deveras curioso para ouvir a sua história.

O ligeiro enviesamento cigano dos olhos dela tornou-se mais pronunciado quando estes se semicerraram em duas fendas furiosas, mas Reggie manteve a voz calma.

– Está? Existe a desculpa óbvia de um espartilho bem atado, por isso será que posso dizer que foi isso? Será que acreditava? Não. Ainda bem, porque eu nunca ato bem os meus espartilhos.

– Então, admite? – resmungou ele entre dentes.

– Admito o quê, Nicholas? Posso dizer-lhe que tive uma gravidez muito invulgar. Foi tão invulgar, na verdade, que comecei a preocupar-me, pensando se haveria alguma coisa errada com o meu bebé quando estava grávida de sete meses e vi uma mulher que estava apenas grávida de cinco meses com o dobro do meu tamanho. – Ela respirou fundo. – O tio Jason assegurou-me de que a minha avó era igual. As pessoas mal se davam conta de que ela estava grávida até os bebés nascerem. Disse-me que ele e os irmãos nasceram todos tão minúsculos como o Thomas e veja como eles se saíram. E tinha razão. O Thomas cresce a olhos vistos, perfeitamente formado, perfeitamente normal. Provavelmente vai acabar por ser tão grande como o pai – concluiu ela, sem fôlego, ainda furiosa, mas um pouco aliviada. Dissera-lhe tudo. Se ele acreditava ou não, isso só lhe cabia a ele decidir.

– Essa foi uma história boa e original, querida, muito melhor do que eu esperava.

Reggie abanou a cabeça. Ele formara a sua opinião e estava irredutível.

– Se não quiser assumir o Thomas como seu filho, não o faça. Eu realmente não me importo com aquilo que pensa – disse ela simplesmente.

Nicholas explodiu.

– Diga-me que ele é meu filho! Diga-mo claramente.

– Ele é seu filho.

– Não acredito nisso.

– Muito bem. – Ela acenou com a cabeça. – Agora, se me der licença, o meu jantar está a ficar frio.

Ele fitou-a com espanto enquanto passava por ele e se dirigia para a porta.

– Não vai tentar convencer-me?

Reggie olhou para trás e hesitou. A expressão perplexa e ligeiramente esperançosa dele quase lhe deu pena. Mas tinha feito tudo o que podia. Ele teria de se convencer a si próprio.

– Para quê? – respondeu ela. – O Thomas não precisa de si. Tem-me a mim. E tenho a certeza de que não vai ter falta de atenção masculina com quatro tios-avôs que o adoram.

– Isso não vai acontecer! – bradou ele. – Não vou deixar aqueles bastardos prepotentes criarem o meu... – Ele fechou a boca repentinamente, fitando-a, furioso. – Vá jantar!

Enquanto regressava ao quarto do bebé, Reggie sorriu, sentindo grande parte da sua boa disposição de regresso. Bem! Aquilo dava-lhe algo em que pensar, não é verdade?

Nicholas sentou-se lentamente na cama, de sobrolho franzido devido ao barulho desconhecido que o despertara. Abanou a cabeça e deitou-se de novo, mas passado um momento já despertara por completo. O bebé estava a chorar. Era provável que tivesse fome.

Identificara a origem do barulho, mas continuou totalmente alerta, perguntando-se quantas vezes o seu sono ia ser perturbado. Mas isso ia deixar de ter importância. No dia seguinte, ia levá-los a todos de malas e bagagens de volta a Silverley. E se também ficasse lá, os seus aposentos seriam mais afastados do quarto do bebé do que ali.

Se ficasse? Porque não ficaria? Miriam mantinha-o longe de Silverley há anos, mas já tinha feito todo o mal que podia ao contar a Reggie a verdade acerca do seu nascimento. Depois disso, o facto de o resto do mundo descobrir deixara de ter importância. Miriam já não podia magoá-lo. E não ia deixar que Regina o afastasse de Silverley. Silverley era, recordou a si próprio furiosamente, o seu lar. Ainda tinha alguns direitos!

A casa voltara a ficar silenciosa. O bebé estaria, sem dúvida, a ser alimentado pela sua ama de leite. Será que Regina fora despertada? Imaginou-a no quarto ao lado, encolhida no meio da cama, talvez profundamente adormecida. Era provável que estivesse acostumada àquelas perturbações e continuasse a dormir.

Como nunca a tinha visto numa cama, não conseguia visualizar uma imagem clara dela. Teria as mãos juntas debaixo do queixo como uma criança? O cabelo escuro estaria solto ou enfiado dentro de uma touca de dormir? *Qual* seria o comprimento do seu cabelo? Nunca o tinha visto de outra forma que não fosse num penteado formal. O que usaria para dormir? Não sabia nada acerca dela e ela era a sua mulher.

Tinha todo o direito de dar os poucos passos que o separavam do quarto de Regina, acordá-la e fazer amor com ela. Queria fazê-lo. Mas jamais o faria. Ela já não era a jovem apaixonada mas inocente, que lhe dera a sua virgindade numa noite quente de verão. Iria rejeitá-lo, tratá-lo com desdém e desprezo. Ele não iria colocar-se nessa posição.

Mas... Regina não teria de saber, se ele entrasse em bicos de pés no quarto e olhasse para ela, pois não? Nicholas estava fora da cama e de robe vestido antes de terminar este pensamento. Dali a pouco, já ia no corredor, entre a sala de estar de Regina e o quarto do bebé. A porta dela estava fechada e não se via qualquer luz por baixo. A porta do quarto do bebé estava entreaberta e uma luz suave espalhava-se no corredor. Uma mulher sussurrava suavemente uma canção de embalar familiar.

Nicholas deteve-se com uma mão pousada na maçaneta da porta fechada de Regina. Porém, sentiu uma atração estranha pelo quarto do bebé. A ama de leite não ia gostar de ser perturbada, mas ainda assim ele sentiu um impulso irresistível

e poderoso para entrar naquele quarto em vez de entrar no de Regina. Antes, não tinha olhado bem para o rapaz. Porque não naquele momento?

Nicholas empurrou levemente a porta do quarto do bebê para esta se abrir. A ama, Tess, dormia profundamente numa cama pequena encostada à parede. Um pequeno candeeiro emitia um clarão de luz por cima de uma mesa ao lado de uma poltrona. Sentada nesta, Regina dava de mamar ao filho.

Ele estacou. As senhoras da classe alta não amamentavam os filhos. Isso não era bem visto. Regina estava de lado, com a cabeça inclinada para a criança, a cantar-lhe suavemente em voz baixa. Os caracóis curtos que estavam em voga emolduravam-lhe o rosto enquanto o resto do cabelo era longo e reluzente, caindo pelas costas da poltrona em ondas escuras. Usava um robe branco e fino de manga comprida, aberto, revelando uma camisa de noite do mesmo material, descida num dos lados e deixando um dos seios descoberto. A boca do bebê trabalhava avidamente e uma das pequenas mãos estava pousada logo acima do mamilo, como para manter o seio no lugar.

Nicholas ficou hipnotizado. Sentimentos desconhecidos tomaram-no de assalto, sentimentos de ternura, mantendo-o sob o poder daquele feitiço. Mesmo quando ela sentiu a sua presença e olhou para cima, ele não se mexeu.

Os olhos de ambos encontraram-se. Durante muito tempo, olharam-se simplesmente nos olhos. Ela não mostrou qualquer surpresa ou fúria. Ele não sentiu nenhuma da antiga hostilidade. Pareciam estar a tocar-se mutuamente sem mãos, com uma corrente a passar no meio deles que transcendia as divergências entre ambos.

Regina foi a primeira a desviar o olhar.

– Lamento se ele o acordou.

Nicholas deu um abanão a si próprio.

– Não, não, não tem importância. Eu... não estava à espera de que estivesse aqui. – A seguir, perguntou timidamente: – Não consegui encontrar uma ama de leite para ele?

Reggie sorriu.

– Nunca procurei uma ama de leite. Quando a Tess me disse que a minha mãe desafiou a tradição e me amamentou, decidi fazer o mesmo pelo Thomas. Nunca me arrependi dessa decisão.

– Mas isso restringe bastante o seu dia a dia, não é verdade?

– Não tenho nada para fazer, nenhum sítio onde queira ir que me mantenha afastada do Thomas durante qualquer período de tempo. Naturalmente, não posso fazer muitas visitas, mas isso não é nenhuma fatalidade para mim.

Ele não tinha nada para dizer. Mas não queria ir-se embora.

– Nunca vi uma mulher a dar de mamar ao seu bebê. Importa-se? – perguntou ele, pouco à vontade.

– Ele é seu... Não, não me importo – concluiu ela, mantendo os olhos fixos na criança.

Nicholas encostou-se à porta, observando-a. Ele seria seu filho? Ela dissera que

sim. E todos os seus instintos lhe diziam o mesmo. Então, por que razão estava a negar teimosamente a verdade? Porque abandonar uma mulher que tinha forçado a sua presença na vida dele era uma coisa. Mas abandonar uma mulher grávida era outra coisa muito diferente. Era verdade que ela não lhe tinha dito. Mas o facto de se ter ido embora continuava a ser, em vista da gravidez que ela suportara sozinha, um ato desprezível. Maldição para aquilo tudo. Ela colocara-o naquela posição ao manter-se calada sobre o seu estado. Como diabo podia sair dela?

Reggie virou o menino para lhe oferecer o outro seio. Nicholas prendeu a respiração quando dois globos de cor branca e cremosa lhe foram momentaneamente revelados antes de ela cobrir um deles.

Aproximou-se lentamente, atraído contra a sua própria vontade e não parou até ficar diante da poltrona dela. Regina ergueu os olhos para ele, mas ele não confiava suficientemente em si para a olhar nos olhos. Bastava isso para não resistir a tocar-lhe.

Manteve os olhos na criança, mas isso conduziu o seu olhar ao seio de Regina, ao seu pescoço nu e aos lábios suaves. O que faria ela se a beijasse? Ele inclinou-se para descobrir.

Nicholas ouviu a exclamação chocada de Regina mesmo antes de a sua boca tomar a dela. Deu-lhe um beijo curto e doce, tocando-a muito ao de leve com os lábios, e terminando-o antes de ela ter oportunidade de virar a cara. Depois endireitou-se, ainda sem a olhar nos olhos.

– É um bebé lindo, Regina.

Passou um longo momento antes de ela responder:

– Gosto de pensar que sim.

Ele fez um sorriso hesitante.

– Invejo-o neste momento.

– Porquê?

Olhou-a nos olhos, naqueles olhos azuis-escuros e límpidos.

– Precisa de perguntar?

– Já não me quer, Nicholas. Deixou isso bem claro antes de partir. Mudou de ideias?

Ele ficou hirto. Regina gostava de o ouvir a implorar, não gostava? Isso dar-lhe-ia uma oportunidade de o humilhar. Jurou que nunca o iria perdoar e provavelmente nunca o faria. Não a culpava, mas não ia piorar as coisas. Deu meia-volta e saiu sem dizer uma palavra.

Ele estava a falar a sério! Queria realmente que elas embalassem tudo o que fosse para Silverley e que partissem naquele próprio dia. Nicholas fez o anúncio ditatorial ao pequeno-almoço, com o grande desplante de usar a desculpa de que não podia continuar a viver numa casa onde não tinha um escritório. O que podia dizer, não fora ela quem lhe dera aquela desculpa num momento distante de puro rancor? Que homem exasperante!

Bom, não iria sem Eleanor. Não ia ficar presa no campo com duas pessoas muito pouco amigáveis. Eleanor também teria de ir. Ela não o disse a Nicholas, mas sim a Eleanor. Ellie primeiro recusou, mas Reggie insistiu até ela ceder.

E, por esse motivo, durante o resto do dia estiveram todos muito ocupados, à exceção de Nicholas, que não fez mais do que olhar em volta com uma expressão satisfeita pela agitação que causara. Não houve tempo para Reggie se despedir da família e teve de recorrer a bilhetes escrevinhados à pressa. Mas mesmo com todos a ajudar, todos excluindo Nicholas, era quase de noite quando o último baú foi içado para a carroça grande que fora fretada.

Reggie não tinha dirigido uma palavra ao visconde naquele dia, mas a irritação que sentia contra ele tinha uma origem muito mais profunda do que aquela viagem disparatada. Na verdade, estava perturbada com o encontro de ambos na noite anterior. Não sabia o que Nicholas lhe tinha feito, mas conseguiu que não pregasse olho o resto da noite. Não tinha sido o beijo dele. Para ser sincera consigo mesma, tinha sido o facto de não ter feito mais nada senão beijá-la.

E era isso que a deixava confusa. Como é que ainda podia desejá-lo depois de tudo o que ele lhe fizera? Mas a verdade é que o desejava. Viu-o parado à porta, com o robe de seda quase aberto junto à cintura, o cabelo despenteado raiado pelo sol, aqueles olhos dourados cor de mel a fitá-la intensamente e foi assaltada por um desejo tão forte que ficou assustada. Vê-lo assim foi quanto bastou para a fazer esquecer todos os meses que passara a amaldiçoá-lo.

Então, o que podia ela fazer? Não o podia perdoar. Não ia perdoá-lo. Não tinha nada de estar a pensar nele de forma romântica.

Eleanor, Tess e o bebé viajavam na carruagem maior com Reggie e Nicholas enquanto Meg, Harris e a criada de Eleanor ocupavam a carruagem mais pequena. Com três mulheres perto dele, Thomas não tinha falta de colos macios onde dormir. Na maioria do tempo, era um passageiro silencioso e as mulheres conversavam em voz baixa entre si, agora que podiam descontraí-las. Nicholas fez questão de parecer aborrecido com a tagarelice. Por sua vez, elas fizeram questão de o ignorar, e Reggie não hesitou em baixar o vestido para amamentar o filho sempre que ele começava a mostrar-se inquieto. Ele que dissesse alguma coisa. O que quer que fosse.

Naquele momento, ocorreu uma mudança no interior de Nicholas. O ar altivo da sua mulher durante todo aquele dia divertira-o, assim como a expressão glacial

da tia, uma vez que o temperamento doce de Eleanor nunca lhe permitia ficar zangada com ele durante muito tempo. Estava um pouco surpreendido por ela ir para Silverley, tendo em conta que não voltava lá desde a morte do pai dele, há seis anos. Presumiu que Eleanor achasse que Regina precisava de apoio moral e aquilo divertia-o ao mesmo tempo que o magoava.

Todavia, o divertimento que sentia era apenas uma parte do turbilhão que atravessava as suas emoções. Devia ser um depravado da pior espécie para sentir algum tipo de excitação ao ver Regina amamentar a criança, mas a verdade é que sentia. Uma voz solidária dentro da sua cabeça sussurrou-lhe que estava a ser demasiado duro consigo próprio. Estava a esquecer-se que Regina sempre tivera aquele efeito nele.

Aquela tomada de consciência só piorou as coisas. Regina ia evitar os avanços dele. E ele ia fazer figura de idiota ao tentar cortejar a sua própria mulher. Se pudessem partilhar o mesmo quarto, a proximidade podia ajudar. No fim de contas, ela era uma mulher ardente. Mas a casa que acabavam de deixar e aquela para onde ambos se dirigiam eram tão grandes que não precisavam de partilhar um quarto.

Só havia uma hipótese de vir a partilhar um quarto com ela, e isso só ia acontecer por necessidade, o que não era provável... ou seria? Meu Deus, sim! Havia uma hipótese e ele quase perdera essa oportunidade, pois já tinham percorrido mais de metade do caminho para Silverley. Avaliou a ideia mentalmente e concluiu que podia funcionar.

Sem analisar o plano com mais pormenor, o que só traria à luz possíveis falhas, Nicholas elevou a voz e ordenou ao condutor que parasse na estalagem seguinte.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou Eleanor.

– Absolutamente nada, tia Ellie. Acabei de me dar conta de que prefiro uma refeição quente ao jantar, em vez dos pratos frios que podemos esperar em Silverley ao chegar a uma hora tardia.

– Mas ainda não é assim tão tarde. Não estamos quase a chegar? – quis saber Reggie.

– Ainda não, querida. E eu estou absolutamente faminto. Não posso esperar.

A estalagem a que chegaram pouco depois era um lugar onde Nicholas era muito conhecido. Ele tinha o à-vontade necessário com o proprietário para dizer ao homem exatamente o que queria. Agora, pensou ele, se a sorte ficasse do seu lado o resto da noite...

Reggie soltou uma risadinha enquanto se dirigia para a cama. Meg deixara-a sozinha depois de lhe dar uma severa reprimenda enquanto a ajudava a despir-se. Meg achava que ela estava bêbeda. Bom, é claro que não estava. Eleanor é que estava bêbeda. Aquilo tinha uma certa graça porque Reggie se vira obrigada a ajudar a mulher mais velha a subir para o quarto onde a criada *dela* também *lhe* dera uma reprimenda. O atrevimento das criadas de hoje em dia.

Eleanor só tomara... Quantos tinham sido mesmo? Meia dúzia de copos daquele vinho delicioso que o proprietário tinha estado a guardar só para eles, segundo afirmara a Nicholas. Reggie bebera o mesmo número de copos e sentia-se maravilhosamente bem, mas não estava embriagada. A tolerância dela ao álcool era claramente maior.

Deixou-se cair na cama, sentiu-a a oscilar e depois endireitou-se. Aquele não era o seu quarto espaçoso de Silverley, mas servia para uma noite. A meio da refeição, Nicholas dissera-lhes que se podiam demorar o tempo que quisessem, afirmando que fora egoísta na sua pressa e desculpando-se com o facto de não estar habituado a viajar com um grupo tão grande. Apercebera-se do quanto seria indelicado chegar a Silverley tão tarde e sem aviso prévio porque todos os criados teriam de se levantar das suas camas para preparar quartos, tratar dos cavalos, descarregar a bagagem e por aí adiante. Tinha decidido que podiam chegar de manhã e, por esse motivo, reservara quartos na estalagem para todos.

O jantar fora longo e agradável, com Nicholas a fazer todos os esforços para compensar o incómodo que causara a todos. Esbanjou charme em seu redor e fez a tia rir com as suas histórias engraçadas. Dali a pouco, Reggie também deu por si a rir. Esperava que Meg, Tess e os outros criados também estivessem a divertir-se.

Reggie bocejou e estendeu a mão para apagar o candeeiro na mesa ao lado da cama. A mão falhou o alvo e ela deu mais uma risadinha. Antes de conseguir fazer uma segunda tentativa, a porta abriu-se e Nicholas entrou no quarto.

Acima de tudo, Reggie ficou perplexa quando o viu ali parado. Ele não pediu desculpa pelo erro. Fora um erro? O que estava ele a fazer no seu quarto?

– Queria alguma coisa, Nicholas?

Ele sorriu. Examinou rapidamente o quarto e viu que um dos baús dela fora trazido para ali, mas nenhum dos dele havia sido descarregado da carruagem. Harris protestara contra a divisão dos quartos, especialmente quando lhe foi comunicado que teria de dormir no estábulo com os outros criados para dar credibilidade à história de que a estalagem estava a abarrotar de hóspedes e não os podia receber a todos.

Reggie franziu o sobrolho quando ele começou a despir o casaco.

– O que... O que está a fazer?

– A preparar-me para ir para a cama – disse ele despreocupadamente.

– Mas...

– Eu não lhe disse? – A expressão dele era pensativa. – Estava certo de que tinha referido isso.

Ela parecia confusa.

– O quê?

– O facto de só haver três quartos livres. A minha tia e a criada ficaram com um. A sua criada e a ama ocuparam o outro, onde montaram uma cama que fosse segura para o Thomas. Isso deixou apenas um quarto de sobra.

Ele sentou-se no lado oposto da cama e retirou as botas. Os olhos de Reggie arregalaram-se enquanto fitava fixamente as costas largas dele.

– Tenciona dormir aqui? – Isto foi dito com uma voz aguda e alta. – Aqui?

– Onde mais posso dormir? – Ele tentou parecer magoado.

– Mas...

Ela não completou a frase porque ele se voltou para a olhar de frente, perturbando-a com a sua proximidade.

– Qual é o problema? – perguntou ele. – Somos casados, como sabe. E posso assegurar-lhe de que está perfeitamente segura na mesma cama que eu.

Ele tinha de lhe recordar que já não a desejava?

– Não ressona, pois não? – perguntou ela, só para ser má.

– Eu? É claro que não.

– Sendo assim, não me parece que partilhar um quarto por *uma* noite faça *muita* diferença. Vai ficar com alguma roupa vestida, não vai?

– Não gosto de me sentir apertado.

– Nesse caso, vou apagar a luz agora, se não se importar – disse ela.

– Para não a chocar com a minha nudez. Com certeza.

Era troça que ouvia na voz dele? Canalha. Simplesmente ia ter de o ignorar.

Reggie agarrou o candeeiro com ambas as mãos daquela vez. Não ia permitir que ele a acusasse de estar alcoolizada. Mas depois teve imensas dificuldades em encontrar a ponta dos lençóis para os puxar e se poder enfiar por baixo. Quando a tarefa foi finalmente concluída, Nicholas tinha acabado de se despir e, sem qualquer dificuldade, enfiou-se por baixo dos lençóis ao mesmo tempo que ela. O peso dele fez tombar tanto o lado dele da cama que Reggie teve de se agarrar com força à ponta dos lençóis para não cair para cima dele. Ficou imóvel, rígida como uma tábua, a tentar não lhe tocar com nenhuma parte do corpo.

– Boa-noite, esposa.

Reggie franziu o sobrolho.

– Boa-noite, Nicholas.

Menos de um minuto depois, ele ressonava. Reggie fez um som de repulsa. Ressonava imenso! Como iria dormir com aquela barulheira? Não esperou mais do que um minuto para lhe abanar o ombro.

– Nicholas?

– Tem dó, querida – balbuciou ele. – Uma vez já bastou para esta noite.

– Uma vez... oh! – exclamou ela, chocada ao perceber o significado das palavras dele. Ele pensou que ela era outra pessoa e que queria que ele fizesse amor

com ela... de novo. Que absurdo!

Deixou-se cair de novo na almofada, irritada. Passado um momento, ele começou a rressonar de novo, mas ela limitou-se a ranger os dentes. Ao fim de alguns minutos, Nicholas rodou para o lado dela e a sua mão aterrou assustadoramente perto do seio dela. Uma das pernas dele caiu em cima da coxa dela.

A mente de Reggie foi assaltada subitamente pelo pensamento de que o peito que fazia pressão contra o seu braço estava nu, que a perna pousada em cima da dela estava nua, que... meu Deus, se ela se mexesse, podia acordá-lo. Mas aquela intimidade estava a fazer voltar sentimentos que seria melhor esquecer e não podia dormir assim.

Com muito cuidado, tentou levantar-lhe a mão. A reação dele foi agarrar-lhe o seio com força. Os olhos dela abriram-se instantaneamente. A respiração acelerou. E ele continuou a dormir, afortunadamente inconsciente do que estava a fazer.

Mais uma vez, Reggie tentou soltar-se, puxando os dedos dele um de cada vez, muito devagar. Quando a mão dele foi libertada, afastou-se espontaneamente, mas não para onde ela queria. A mão deslizou lentamente ao longo da barriga dela até à pequena elevação que ficava entre as suas pernas e depois fez o caminho inverso, detendo-se no outro seio. Ao mesmo tempo, o joelho dele mexeu-se o suficiente para ficar pousado em cima da virilha dela. Os dedos acariciavam-lhe o seio.

– Muito... agradável. – O hálito quente dele soprou contra a face dela quando murmurou a dormir.

O gemido veio de um ponto desconhecido profundamente dentro de si, surpreendendo-a e provocando-lhe um rubor intenso. Aquilo era uma loucura! Como é que ele a podia fazer sentir-se assim enquanto estava a dormir?

Era o vinho. Tinha de ser, porque Reggie quase desejava que ela fosse o homem e ele a mulher, para ela o poder deitar de costas, montar-se em cima dele e aliviar o seu desejo crescente.

Tinha de arriscar acordá-lo. Ele tinha de voltar para o lado dele da cama. – Nicholas – sussurrou ela. – Nicholas, tem de...

– Que persistente, querida. – A mão dele subiu a serpentear e enrolou-se à volta do pescoço dela, puxando-lhe o rosto para junto do dele. – Vem, então, se insistes tanto.

Lábios quentes tocaram nos seus, levemente a princípio, e depois apaixonadamente. A mão no pescoço dela começou a acariciá-la, suavemente, fazendo-lhe palpar o corpo inteiro.

– Oh, querida – sussurrou num murmúrio rouco enquanto os lábios se deslocavam pelo rosto dela para lhe morder o lóbulo de uma orelha. – Devias insistir mais vezes.

Reggie sentia-se completamente dominada pelo prazer erótico. Que importância tinha o facto de ele não estar completamente acordado e não saber o que fazia? Ela enrolou uma mão à volta do pescoço dele, exercendo pressão suficiente para o manter próximo.

Nicholas teve vontade de soltar um grito de triunfo. Ao aceitar o beijo dele, ela traçara o seu destino. Os lábios moveram-se ao longo do pescoço dela, deixando um rasto de calor palpitante. Num gesto veloz e experiente, desapertou a camisa de noite dela e, num movimento lesto, puxou-a pela cabeça e atirou-a para o lado.

A mão de Reggie, arrastada à força do pescoço dele enquanto a despiu, caiu em cima de um dos ombros dele. Os músculos de Nicholas ficaram tensos no ponto onde o tocou. Ela estremeceu com o seu próprio poder. Já não havia volta atrás. Ele era dela por uma noite, quer tivesse consciência disso ou não.

Os dedos de Reggie deslizaram pelas costas dele. A pele era suave, quente. Ela massajou-a ao de leve, depois com mais força e a seguir suavemente outra vez, sentindo prazer apenas no facto de poder tocá-lo de novo. Tinha passado tanto, tanto tempo. E ele estava a fazê-la lembrar da primeira vez. Os lábios dele marcaram-lhe a fogo uma linha ardente do pescoço às coxas. Nicholas começava a sentir-se inebriado com o cheiro e o sabor dela. Aquela pele era tão firme e sedosa ao toque como na noite em que tomara a sua virgindade. O corpo não sofrera qualquer alteração depois do bebé, com exceção da opulência dos seios, seios que ele quase tinha medo de tocar, embora ansiasse por isso. Mas estes pertenciam ao bebé, por agora, e ele não queria que ela pensasse nele naquele momento. Não queria que ela pensasse.

A cabeça de Reggie movia-se de um lado para o outro, com o coração a bater desalmadamente no peito. Se Nicholas não parasse com a tortura maravilhosa dos seus dedos exploradores, em breve estaria a implorar-lhe.

Ele deve ter-lhe lido os pensamentos porque fez deslizar o seu longo corpo para cima dela, com um peso bem-vindo. As pernas dela ergueram-se e enrolaram-se à volta das ancas dele no momento em que a pele quente dele entrou dentro dela, a preencheu, impelindo-se profundamente no seu interior.

A boca dele encontrou a sua, abafando-lhe os gritos de prazer com beijos febris. O corpo dela movia-se em sintonia com o dele, os braços presos com firmeza atrás da cabeça dele e os dedos a agarrar-lhe o cabelo com força.

O orgasmo levou-os em conjunto a um clímax trémulo, onda após onda deliciosa. Prazer alcançado e saboreado. Paixão consumada. A maré recuou, o mundo esbateu-se e adormeceram nos braços um do outro.

Nicholas acordou com alguém a bater à porta e apercebeu-se de duas coisas em simultâneo. Estava deitado com o corpo enrolado à volta do corpo de Regina e a pessoa que batera à porta não ia esperar para ser convidada a entrar.

Encontrar a sua mulher ao seu lado foi uma surpresa encantadora, despertando-lhe memórias maravilhosas. Voltou-se na direção da porta e murmurou uma praga entre dentes. A criada de Regina estava à porta, com uma vela numa mão e a segurar Thomas contra o ombro com a outra. Tinha uma expressão ridícula de surpresa estampada no rosto.

– Não tem por hábito esperar até a convidarem a entrar? – resmoneou Nicholas.

Meg não se deixou intimidar.

– Não tenho por hábito fazer isso, meu senhor, quando estou a entrar no quarto da minha Lady Reggie.

– Bom, Lady Reggie não está sozinha, por isso preciso que se vire para ficar apresentável.

Meg soltou uma exclamação chocada quando ele se ergueu sem mais delongas. Apressou-se a dar meia-volta, espalhando cera no chão. O que estava ele a fazer na cama de Reggie? A pobre rapariga ficara de coração partido quando ele a abandonara e agora aqui estava ele de volta e sem uma desculpa sequer, imaginou.

– Agora, já se pode virar outra vez e dizer ao que vem.

Meg reagiu de forma irritada. Olhou com hesitação por cima do ombro enquanto ele se aproximava por trás, bloqueando-lhe a visão da cama.

Desconfiada, perguntou:

– Ela sabe que está aqui?

Nicholas riu-se.

– Minha cara mulher, do *que* me está a acusar?

Meg ficou hirta, a tentar pensar no que dizer.

– Há algum problema que a traga aqui a meio da noite? – perguntou Nicholas antes de ela poder falar.

– Trouxe Lord Thomas para a sua mamada da noite – explicou ela. Esquecera-se depressa de que o bebé precisava de atenção a meio da noite, pensou ele.

Meg prosseguiu como se lhe tivesse lido os pensamentos.

– É verdade que é aborrecido, mas estas mamadas a meio da noite não vão durar muito tempo. Ele já dormiu a noite toda algumas vezes. Foi a viagem e o quarto estranho que o deixaram mais inquieto esta noite.

– Muito bem, pode entregar-mo.

Meg recuou, espantada.

– Peço desculpa, meu senhor, mas não seria melhor se simplesmente saísse do quarto durante um pouco?

– Não, não seria – disse Nicholas firmemente. – Mas a Meg pode fazer isso. E

não, minha cara mulher, não imagino que possa satisfazer as necessidades dele, por isso não precisa de olhar para mim dessa forma. Vou entregá-lo à mãe e trato de o devolver quando ele acabar.

Estendeu os braços para pegar em Thomas e Meg foi obrigada a obedecer, embora advertisse:

– Cuidado. Tem de lhe segurar o pescoço... Isso mesmo, assim. Não é um boneco de trapos, para que saiba. – Ela fulminou-o com o olhar e saiu.

Nicholas suspirou. Não havia nada a fazer, teria de a acordar. Que diabo, não queria acordá-la. Ela já tinha dormido o suficiente para não estar sob o efeito do vinho. Ia ficar chocada com a presença dele. Será que o bebé não podia mamar sem a despertar? Os bonitos seios dela já estavam nus e ela estava deitada de lado. Será que a criança era capaz de o fazer sozinha?

Pegou cuidadosamente no menino e colocou-o ao lado de Regina. Não aconteceu nada. Nicholas sentou-se e franziu o sobrolho, pensativo. Porque é que não estava a resultar? Os bebés não possuíam uma espécie de instinto? Ele voltou o pequeno rosto para Regina até a face do bebé tocar no mamilo dela. Mas a pequena cabeça afastou-se de novo e Thomas começou a soltar gemidos de frustração.

Exasperado, Nicholas deitou-se atrás de Thomas e virou-o de lado, guiando a pequena boca até ao mamilo da mãe. Nicholas segurou o bebé até ele finalmente encontrar o mamilo e Thomas começou a mamar.

Nicholas sorriu, satisfeito consigo próprio e com o bebé. Com uma mão a apoiar a parte de trás da cabeça do bebé, segurando-o com firmeza à sua fonte de alimentação, Nicholas pôde observar mãe e filho sem restrições. Todos os homens que acabavam de ser pais deviam ter a mesma sorte, disse a si mesmo.

Por pouco, quase se ria em voz alta com a sua própria esperteza. Sentia-se extraordinariamente orgulhoso. Aquele era o seu filho (e arrancaria prontamente a cabeça a quem dissesse o contrário) e *ele* tinha ajudado a alimentá-lo. Bom, conduzira o bebé até à sua fonte de comida. Era quase a mesma coisa. Conseguia perceber um pouco o que Regina devia sentir de cada vez que o alimentava. Era uma sensação maravilhosa.

Ao observá-los, sentiu-se novamente repleto com o afeto e ternura que sentira na noite anterior, assim como um desejo possessivo. Era a sua mulher e o seu filho. Pertenciam-lhe. Tinha de fazer algo para eles saberem e aceitarem isso.

Nicholas estava a pegar no bebé com muito mais confiança quando atravessou o corredor até ao quarto que Meg partilhava com a ama. Chegara ao ponto de conseguir virar mãe e filho para o lado oposto, para que o outro seio de Regina, bastante intumescido de leite, pudesse ser igualmente esvaziado. E tudo isto sem a acordar.

Meg abriu a porta com uma expressão de poucos amigos. Ali, pensou ele, era um bom lugar para começar a conquistar alguma aceitação.

– Diga-me uma coisa, Meg. Esta animosidade que tem em relação a mim é pessoal ou é apenas um reflexo dos sentimentos da sua senhora para comigo?

Meg, que era muito mais velha do que Nicholas, foi suficientemente ousada

para dizer o que pensava:

– As duas coisas. Não devia ter voltado. Ela estava muito bem sem o senhor e ficará igualmente bem quando partir.

– Partir? – Ele estava genuinamente chocado. – Para si, já estou de partida quando acabei de chegar?

– Bom, e não é o que vai fazer? – retorquiu Meg, com um nervosismo crescente. – Não queria que ela fosse sua mulher. E ela já está mais do que convencida disso agora.

– E se eu não partir de novo, Meg? O que acha que vai acontecer? – perguntou ele calmamente.

Meg manteve-se firme. Ele não ia ser perdoado tão facilmente.

– Ela vai tornar-lhe a vida miserável. Que é exatamente o que merece, se me dá licença para falar com franqueza, meu senhor. A menina que eu e a Tess criámos não se deixa ficar, pode estar certo disso. Não pode magoar uma Malory duas vezes.

Nicholas acenou com a cabeça. Já ouvira o suficiente. Se alguém conhecia os verdadeiros sentimentos de Regina era Meg, e a criada não tinha papas na língua. Será que ela tinha razão? Não havia esperança para ele e para Regina?

Passavam quinze minutos das oito da manhã e Meg andava atarefada à volta do quarto, a sacudir o vestido violeta e o casaquinho de manga curta que Reggie ia usar. Reggie estava sentada na ponta da cama, a brincar com Thomas. Já lhe tinha dado de mamar e aguardava que Tess voltasse para o buscar.

– Estou surpreendida que o Thomas tenha dormido a noite toda, não achas, Meg? Achei que o ambiente estranho o ia deixar inquieto.

– Está a dizer-me que não se lembra de eu o ter trazido aqui a noite passada?

Reggie olhou para cima, perplexa.

– O senhor trouxe-mo de volta de barriguinha cheia e contente – disse-lhe Meg.

– Estou certa de que ele gostaria de colher os louros por alimentar o bebé, mas a não ser que os homens sejam diferentes agora...

– Foi o Nicholas que te levou o bebé?

– Foi, e estou a ver que *não* se lembra disso. Eu disse-lhe que era demasiado vinho...

– Silêncio, por favor – interrompeu-a Reggie. – É claro que me lembro. Só preciso de um momento para... Oh, esquece. Levas-mo à Tess? Estou a sentir uma dor de cabeça a chegar.

– Não admira, com tanto...

– Meg!

Quando a porta se fechou, Reggie deitou-se na cama. O que se passava com ela? Sabia que Nicholas passara a noite com ela. Lembrava-se de ele entrar no quarto e adormecer quase instantaneamente. Era impossível esquecer o que aconteceu depois. Então, porque não se lembrava de dar de mamar a Thomas a meio da noite?

Começou a duvidar de tudo. Talvez tivesse adormecido pouco depois de Nicholas e tivesse sonhado o resto da noite. Depois, lembrou-se de que tinha a camisa de noite vestida quando acordou. Oh. Então, tinha sido tudo um sonho?

Reggie foi atingida por uma onda intensa de desapontamento.

Um pouco mais tarde, quando estavam todos de volta à carruagem em andamento, o estado de espírito de Nicholas era sombrio. Isolou-se no seu canto, mal se dignando a dizer uma palavra. Que diferença do jantar da noite passada! O que lhe tinha acontecido?

As três mulheres soltaram um suspiro coletivo quando chegaram finalmente a Silverley. Eles eram aguardados. As portas da grande mansão estavam abertas de par em par e um bando de criados esperava para descarregar a bagagem. Parecia que cada criado da casa estava presente para dar as boas-vindas ao seu senhor e até a condessa-viúva permanecia junto à porta, a aguardá-los com uma expressão serena.

Um pouco tardiamente, Regina deu-se conta de que parte da mobilização tinha que ver com Thomas, o novo senhor. Uma por uma, as pessoas tentavam dar-lhe

uma espreitadela no caminho entre a carruagem e as grandes portas duplas.

Miriam lançou um olhar severo a Thomas antes de os seus olhos gélidos se fixarem em Reggie e Nicholas.

– Então – declarou ela numa voz desprovida de emoção –, trouxeram o bastardo para casa.

Eleanor soltou uma exclamação chocada. Dirigiu à irmã um olhar furioso e entrou em casa com grandes passadas. A pobre Tess ficou completamente ruborizada, agradecendo o facto de a respondona Meg não estar por perto para ouvir.

Nicholas, que vinha atrás de Reggie, ficou totalmente hirto, mas à parte disso, o seu rosto não exibiu qualquer emoção. Tinha a certeza de que o insulto era uma referência a ele próprio, não ao bebé. Miriam nunca iria mudar. A alma dela estava tão cheia de amargura que, por vezes, o seu veneno transbordava. Aquilo era típico dela.

Reggie estacou, com o rosto avermelhado de fúria, de olhos fixos na condessa. A mulher parecia satisfeita por ter perturbado com sucesso todas as pessoas que ouviram as suas palavras. Com uma voz baixa, Reggie disse:

– O meu filho não é um bastardo, Lady Miriam. Se voltar a chamar-lhe isso, terei de recorrer à violência.

Entrou em casa antes de Miriam poder responder. Tess seguiu-a, deixando Nicholas a rir-se sozinho da expressão furiosa de Miriam.

– Devia ter sido mais explícita, mãe. – Ele tratava-a daquela forma só porque sabia o quanto a irritava. – No fim de contas, há tantos bastardos à nossa volta nos tempos que correm.

Miriam não se dignou a responder.

– Estás a planear ficar desta vez? – perguntou ela friamente.

O sorriso de Nicholas era trocista.

– Sim, tenciono ficar. Tem alguma objecção a fazer?

Ambos sabiam que não. Silverley era dele e ela vivia lá apenas graças à vontade de Nicholas.

Depois de Regina ter subido, Nicholas fechou-se na biblioteca, a divisão da casa que sempre fora a sua favorita em Silverley, o seu santuário. Ficou aliviado por ver que nada tinha mudado. A sua secretária ainda estava no mesmo canto, com um armário de bebidas alcoólicas bem abastecido ao lado. Ia dar uma olhadela aos livros de contabilidade para ver se conseguia decifrar os números de Miriam. Também se ia embebedar.

Nicholas não chegou a ficar bêbedo. Não conseguia perceber absolutamente nada dos livros, mas isso não o surpreendia. Tinha a certeza de que Miriam fazia aquilo de propósito, para ser obrigado a sentar-se ao lado dela durante horas enquanto ela lhe fazia o favor de explicar o que fizera com a propriedade. A atitude dela dava sempre a entender que Silverley ficaria arruinada sem ela.

Ambos sabiam que Miriam era a razão pela qual ele se mantinha afastado de Silverley desde a morte do pai, dependendo do seu administrador para o manter

informado do estado da propriedade. Não era capaz de ficar debaixo do mesmo teto que ela durante muito tempo. As ameaças e insinuações de Miriam faziam-no perder a cabeça.

Ela era a viúva do pai dele. Para o mundo, era a sua mãe, por isso não podia simplesmente expulsá-la. Fora sempre mais fácil ir-se embora enquanto era só ele. Mas agora tinha a mulher e o filho em Silverley e Miriam não o ia afastar mais dali.

Quando subiu as escadas para mudar de roupa para o jantar, estava com um mau humor tempestuoso. Não conseguia deixar de se preocupar com os problemas que tinha com Regina e também se sentia cheio de culpa por a ter embebedado. Tinha-lhe vestido a camisa de noite de novo para que ela não ficasse embaraçada quando a criada entrasse para a acordar. Mas mesmo que ela não se lembrasse da noite de ambos, Nicholas sabia que a tinha enganado para que aceitasse o desejo que sentia por ela.

Três criadas estavam a sair da sala de estar que dividia os quartos principais da casa quando Nicholas chegou.

– Onde é que vão com isso tudo? – resmoneou ele. Uma delas carregava um cesto de sapatos e os braços das outras duas levavam uma quantidade indefinida de vestidos femininos.

As criadas empalideceram com o tom de voz dele e não disseram uma palavra. Reggie surgiu atrás delas e depois de as dispensar, perguntou ao marido:

– Porque falou dessa forma com elas?

– Não gosta dos seus aposentos? – perguntou ele. Por que motivo as roupas dela estavam a ser levadas para fora?

– Pelo contrário, gosto imenso deles. As criadas estão a retirar os pertences de Lady Miriam, como já fizeram uma vez no passado. Acho que ela se mudou de volta para cá depois de eu ter partido porque pensou que não regressaria.

Aquilo não o apaziguou. Ele sentia-se demasiado infeliz para isso.

– Não teria regressado se eu não tivesse insistido, pois não?

Reggie encolheu os ombros.

– Nunca pensei muito nisso. Regressei a Londres simplesmente porque queria estar perto da minha família para o nascimento do Thomas.

– É claro, a sua querida família – troçou ele. – Bom, a sua família está muito longe daqui, minha senhora, e agradeço a Deus por isso. Não vai voltar a correr para eles de novo.

Reggie ficou rígida, semicerrando os olhos furiosamente.

– Eu nunca corri de volta para eles, meu senhor. Mas se quiser, posso fazê-lo.

– Não, não pode! – gritou Nicholas. – E vou deixar-lhe já bem claro uma coisa: os seus malditos tios não são bem-vindos nesta casa!

– Não pode estar a falar a sério – disse ela, numa voz estrangulada.

– Pode ter a certeza de que estou!

– Oh! Mas que... – Ela estava demasiado enfurecida para terminar a frase. – Oh!

Reggie deu meia-volta de rompante e entrou de forma intempestiva no quarto, batendo a porta com força. Nicholas ficou a olhar para a porta fechada, sentindo o seu mau génio a explodir finalmente. Deu duas passadas, estendeu a mão e abriu a porta com violência.

– Nunca mais me vire as costas quando estiver a falar consigo! – bradou ele, detendo-se à porta.

Reggie virou-se, sobressaltada, mas nem por sombras intimidada pela fúria que exalava dele. Estava a conter a sua própria fúria há demasiado tempo.

– O senhor não estava a falar! – A voz dela elevou-se ao mesmo nível da dele.
– Estava a gritar, e aquilo que gritava eram disparates! Não julgue que me pode colocar esse tipo de restrições, meu senhor, porque não vou tolerar isso! Não sou uma das suas criadas!

– Nesse caso, diga-me uma coisa: o que é a senhora?

– A sua mulher!

– Exato! A minha mulher. E se eu quiser colocar-lhe restrições, posso muito bem fazê-lo!

– Fora daqui! – gritou ela. – Fora!

Empurrou a porta contra ele até esta se fechar, deixando-o do outro lado. Nicholas franziu o sobrolho, mas não tentou abrir a porta de novo. O significado de ser banido do quarto dela era demasiado, simbolizando a rejeição que ele esperara. Olhou para a porta fechada e viu uma barreira, sólida e impenetrável.

—Acho melhor informar-vos de que vou receber hóspedes no próximo fim de semana.

A declaração de Miriam atraiu os olhares de todos sobre si. Estavam a jantar na sala de jantar formal. Nicholas ocupava uma das cabeceiras da longa mesa e Reggie estava sentada do lado oposto. O senhor e a senhora da casa estavam separados por aquilo que se podia descrever como a distância de um grito. Esta situação era perfeita para Reggie, que não dirigia palavra ao marido há três dias.

Miriam e Eleanor encontravam-se frente a frente no centro da mesa. Era muito mais fácil falar dessa forma, mas as duas irmãs não tinham nada a dizer uma à outra.

Sir Walter Tyrwhitt ocupava o lugar ao lado de Miriam. O simpático vizinho tinha feito uma visita um pouco antes e ela convidara-o para jantar. Como era habitual, o comportamento de Miriam era muito diferente quando este afável cavalheiro estava presente. Os modos dela eram quase calorosos.

Tyrwhitt era, de facto, um indivíduo que inspirava simpatia. De meia-idade, em rigor alguns anos mais jovem do que Miriam, era um homem bem-parecido com madeixas prateadas distintas que lhe salpicavam o cabelo castanho-escuro. Tinha olhos verdes. No seu íntimo, era um agricultor entusiasta e nunca se cansava de falar da terra, das colheitas e do tempo. Tinha uma certa piada ver o quanto ficava sério quando falava dessas coisas porque tratava todos os outros assuntos com uma indiferença despreocupada.

Nicholas esforçou-se por ser agradável com o convidado, para grande alívio de todos, após três dias de mau humor. Fez o favor de conversar demoradamente com Sir Walter a propósito das colheitas de primavera. Ou será que *estava* a fazer um favor a si mesmo com um assunto do seu agrado? Talvez se interessasse realmente pelo tema. Reggie ficou espantada com o empenho dele. Também seria um agricultor entusiasta, no seu íntimo? Que pouco sabia ela do homem com quem se casara.

Mas a amabilidade dele não se estendia à mulher. Todos os outros beneficiavam disso. Até Miriam já fora presenteada com respostas delicadas. Contudo, ignorava Reggie. Isso magoava-a. Ela já não estava zangada por causa da discussão de ambos, pois raramente ficava zangada durante muito tempo. Estava magoada porque não conseguia esquecer aquele sonho. Parecia tão real. Não conseguia esquecer a sensação de estar nos braços dele, a sensação de fazer amor com ele. Tinha-o aceitado de volta no seu coração, como uma verdadeira idiota. Como podia ser tão fraca de espírito para o ter perdoado tão facilmente?

A declaração de Miriam provocou um semblante carregado em Nicholas.

— O fim de semana inteiro? Nesse caso, não estamos a falar de um dos seus jantares habituais?

— Não — respondeu Miriam. — Espero que não te importes. Receio que os

convites tenham sido enviados mesmo antes da vossa chegada. Não estava à espera do vosso regresso a casa.

– Nem devia estar à espera de que eu ficasse – disse Nicholas secamente.

Eleanor interveio antes de se dar início a uma discussão.

– Acho que é uma bela ideia. É um pouco perto do início da temporada londrina, mas ela só começa daqui a uma semana ou um pouco mais. Estás a contar com quantos convidados, Miriam?

– Cerca de vinte. Mas nem todos vão pernoitar aqui.

– Esta não é a sua forma habitual de receber pessoas, minha senhora – comentou Nicholas. – Posso perguntar qual é a ocasião?

Miriam voltou a cabeça diretamente para Nicholas, de modo a que Walter não conseguisse ver os olhos dela.

– Tem de haver uma ocasião especial? – O olhar que ela lhe lançava era fulminante.

– Não. Se ultimamente começou a gostar de encontros maiores, sugiro que visite Londres este ano e desfrute deles sem quaisquer restrições. Pode utilizar a minha casa na cidade sempre que desejar, agora que a minha mulher teve o cuidado de a renovar.

– Não me imagino a deixar Silverley sem ninguém – disse Miriam, secamente.

– Posso assegurar-lhe, minha senhora, que me obrigo a ficar cá a cuidar da propriedade. Sou perfeitamente capaz de o fazer, embora a senhora goste de pensar o contrário.

Miriam não mordeu o isco. Nicholas começava a perceber que ela não discutia enquanto Sir Walter estivesse presente. Que situação perfeita. Que divertido! Mas a tia Ellie estava a olhar para ele de semblante carregado e o pobre Tyrwhitt parecia embaraçado. Regina, a doce Regina, fixava os olhos no prato que tinha em baixo, evitando olhar para ele. Ele suspirou.

– Perdoe-me, mãe. Não quis insinuar que desejava ver-me livre de si ou que não tem confiança no seu único filho. – Ele sorriu ironicamente quando a postura dela ficou rígida. Talvez *ainda* lhe restassem alguns pequenos prazeres. – Faça o favor de organizar a sua festa. Tenho a certeza de que a tia Ellie e a minha mulher vão gostar de a ajudar nos preparativos.

– Já tenho tudo orientado – disse rapidamente Miriam.

– Nesse caso, isso põe um ponto final no assunto, não é?

Nicholas continuou a comer e Reggie abanou a cabeça. Ela considerava as suas pequenas batalhas com a condessa desprezíveis, mas a verdade é que foi sempre provocada. Miriam não fizera nada para provocar Nicholas naquela noite. Por que razão estava tão determinado em ser desagradável?

Assim que as senhoras deixaram os homens a desfrutar dos seus *brandies*, Reggie retirou-se para os seus aposentos. Mas Thomas adormecera, Meg estava na ala dos criados com Harris e era demasiado cedo para ir dormir. Ainda assim, recusou-se a descer. Ser ignorada pelo marido à frente de outros era embaraçoso.

Nicholas reparou na ausência de Regina no momento em que entrou na sala de

estar e dirigiu-se a Eleanor:

– Onde é que ela está? – perguntou, sem rodeios.

– Ela comentou que se ia retirar.

– Tão cedo? Está doente?

– Meu querido Nicky, onde estava este interesse pela tua mulher quando ela estava contigo?

– Não me dê um sermão, tia Ellie. Tenho aprendido demasiadas lições duras às minhas custas ultimamente.

– E ainda assim, continuas a agir com teimosia. – Eleanor suspirou. – O que só te está a deixar infeliz, confessa.

– Que absurdo – disse ele, irritado. – Não sabe a história toda, tia Ellie.

Ela suspirou de novo, ao reparar na expressão intransigente dele.

– Talvez. Mas a forma como ignoras aquela rapariga continua a ser deplorável. Não te ouvi dirigir-lhe mais de duas palavras desde que aqui chegámos.

– Foram mais do que duas, garanto.

– Consegues ser tão exasperante, Nicholas! – Eleanor manteve a voz baixa. – Não és capaz de admitir que estavas errado, que tens uma mulher maravilhosa e nenhum bom motivo para não lhe dar o devido valor.

– Sou capaz de admitir isso. É a minha mulher que agora lamenta o ter-me escolhido para marido. Em tempos, disse-lhe que isso ia acontecer. É uma experiência amarga – acrescentou ele –, saber que tinha razão na única coisa em que gostava de estar errado.

Ela observou-o enquanto ele se afastava, de olhos tristes. Desejava do fundo do coração poder ajudá-lo. Mas aquilo era algo que ele teria de resolver sozinho.

Muito mais tarde, Nicholas entrou na sala de estar que dividia os dois quartos principais e sentiu um sobressalto ao descobrir Regina enroscada no sofá, a ler. Envergava um roupão de cetim verde-água claro cingido na cintura, que se colava sedutoramente ao seu corpo esguio. O cabelo negro caía à volta dos ombros delgados num desalinho sensual. Ela baixou o livro e olhou para ele.

O seu olhar era direto. Teve o efeito habitual de provocar nele um choque poderoso. Com mil diabos. Mais uma noite que teria de passar a dar voltas intermináveis na cama.

– Pensava que tinha ido para a cama. – A frustração tornava-lhe a voz ríspida.

Reggie baixou lentamente o livro para o colo.

– Não estava cansada.

– Não pode ler no seu quarto?

Ela conseguiu ficar impávida.

– Não me tinha apercebido de que esta divisão é para seu uso exclusivo.

– Não é, mas se se vai deitar por aí semivestida, faça-o na sua cama – explodiu ele. Franziu-lhe o sobrolho durante um momento e depois foi para o quarto.

Reggie soergueu-se. De nada lhe valeu mostrar-se disponível para ele. Onde tinha a cabeça ao pensar que seria capaz de o seduzir? Só conseguia despertar raiva nele. Era melhor lembrar-se disso no futuro, disse a si mesma.

— **A**doro a tua casa, Nicky – declarou efusivamente Pamela Ritchie quando o encontrou na biblioteca. – É... tão majestosa! A tua mãe foi amorosa por me ter feito uma visita guiada.

Nicholas esboçou um sorriso rígido sem palavras. Se fosse qualquer outra pessoa, sentir-se-ia orgulhoso por ouvir a sua casa a ser enaltecida. Mas aprendeu uma coisa acerca daquela morena voluptuosa durante o caso tórrido de ambos vários anos antes: ela raramente dizia aquilo que pensava. Não tinha dúvidas de que estava impressionada com Silverley, nem de que estava muito irritada por não ser a senhora da casa.

Quando o caso entre ambos terminou, Nicholas soube através dos criados que ela destruiu o quarto num acesso de mau génio. Depois disso, encontrou-a de vez em quando. Brindava-o sempre com um sorriso caloroso, mas se alguém a apanhasse de surpresa, conseguia ver Pamela a fumar de ressentimento.

Mulheres como Pamela e Selenia acabavam sempre por chocar com o seu próprio mau génio intempestivo. Na sua juventude desbragada, conhecera todo o tipo de temperamentos femininos, mas só esteve verdadeiramente em perigo de se apaixonar uma única vez, com a encantadora Caroline Symonds. Porém, felizmente, ela estava casada com o velho duque de Windfield. Nicholas não via Lady Caroline há três anos e a dor da separação de ambos há muito que tinha desaparecido.

– Estávamos a perguntar-nos para onde tinhas fugido, Nicky – estava a dizer Pamela. Sem ser convidada, sentou-se na ponta de uma cadeira perto da secretária. – O chá está a ser servido na sala de estar. Chegaram mais pessoas. Não os conheço, é um proprietário rural qualquer ou... Oh! E a tua encantadora mulher apareceu finalmente. É uma rapariga adorável e doce. É claro que eu já a conhecia, da penúltima temporada. Ela fazia furor nessa altura. Os jovens de boas famílias atropelavam-se uns aos outros por um sorriso dela. Cheguei a sentir um pouco de inveja até se tornar evidente que ela tinha alguma coisa, bom... de errado, a pobrezinha.

Ele sabia que aquela tagarelice pateta tinha uma finalidade, mas ainda assim, o seu corpo ficou involuntariamente hirto.

– Devo adivinhar o que queres dizer com isso?

Ela soltou um risinho nervoso.

– Estava com esperança de que *tu me* pudesses dizer isso. Estão todos em pulgas para saber.

– Saber o quê? – perguntou secamente Nicholas.

– Ora, saber o que achas que ela tem de errado.

– A minha mulher não tem nada de errado, Pamela – disse ele friamente.

– Então, não vais dar a mão à palmatória? Que galante da tua parte, Nicky, mas não muito esclarecedor – suspirou ela. – Como podes imaginar, causaste uma

grande sensação. Não é todos os dias que um dos nossos solteiros mais desejáveis se casa e depois abandona a mulher praticamente no altar. Diz-se por aí que um dos tios de Lady Reggie te trouxe de volta a casa acorrentado.

Não foi fácil Pamela ter a certeza de que tinha conseguido irritar Nicholas. A única coisa que o traía e mostrava a sua raiva era a tensão que as mãos exibiam. Ela queria que ele tivesse um ataque de fúria. Pamela guardava mais ressentimento por aquele homem do que por todos os seus outros amantes ocasionais juntos. Tinha planos sérios para Nicholas Eden e ele arruinara-os. Maldito canalha mulherengo. Estava encantada por ele ter acabado com uma mulher de quem não gostava.

– Esse rumor em particular é um absurdo, Pamela – disse Nicholas, numa voz seca. – Regressei a Inglaterra na companhia de James Malory porque ele teve a generosidade de me oferecer um lugar no seu barco quando me encontrou numa ilha na Índias Ocidentais sem meios para me lançar ao mar. E – acrescentou em seguida, antes de ela conseguir dizer alguma coisa – odeio desapontar-te, mas foram os negócios que me afastaram da minha noiva. Uma emergência numa propriedade insular que não podia esperar.

– Um homem normal levaria a sua noiva, com a perspectiva de uma lua de mel prolongada e tudo mais – observou ela. – Que bizarro não teres pensado nisso.

– Não houve tempo para... – começou ele, mas ela sorriu e ergueu-se para se retirar.

– Vai ser interessante observar-vos aos dois. É estranho que estejas a receber hóspedes tão pouco tempo depois do casamento.

– Este pequeno encontro não foi ideia minha.

– Sim, foi a tua mãe quem enviou os convites, mas já estavas aqui, por isso parti do princípio de que querias uma festa. Bom, dizem que a melhor forma de matar o tédio é dar uma festa. Só espero que não estivesses a pensar numa festa *pessoal* entre *nós* os dois quando me incluístes na lista de convidados. Os homens casados não me atraem, se é que me entendes.

Ela deu meia-volta e saiu sem lhe dar hipótese de responder. Nicholas permaneceu sentado, de olhos fixos na porta. Fora rejeitado categoricamente, sem fazer qualquer tipo de proposta. Que descaramento!

O seu instinto protetor despertou ferozmente. Alguma coisa de errado com Reggie? Por favor! Saiu da biblioteca determinado a encontrar a mulher e dedicar-se completamente a ela durante todo o tempo em que os hóspedes estivessem presentes. Mas quando saiu da biblioteca, ao olhar para o átrio de entrada, viu Selena Eddington a sair da sua carruagem. Enfurecido, foi à procura de Miriam.

– Tem uma certa graça que me tenha mantido tão debaixo de olho estes anos todos – disse-lhe ele. – Que grande devoção. É claro que isso lhe permitiu saber exatamente quais são as pessoas que eu *não* tenho qualquer desejo de ver.

– Isso não podia estar mais longe da verdade – respondeu ela com um pequeno sorriso rígido. – Na verdade, existem muitas almas caridosas que são da opinião de que uma mãe deve ser informada do que o filho anda a fazer numa cidade

pecaminosa como Londres... e com quem. Não podes imaginar a quantidade de discursos de boas intenções que tive de suportar até ao fim, fingindo estar grata, quando pouco me importava se o meu suposto filho se afogasse no Tamisa. – disse, lançando-lhe um olhar de ódio puro. – Sim, estas pequenas informações por vezes são úteis.

Os olhos dele reluziram de fúria. Deu meia-volta e encaminhou-se para as escadas, com o riso deliciado de Miriam a segui-lo.

– Não se pode esconder o fim de semana inteiro, Lord Montieth – disse ela elevando uma voz cheia de desprezo.

Nicholas não olhou para trás. Mas que diabo aquela velha megera intriguista e rancorosa esperava vir a alcançar ao convidar duas ex-amantes dele para a sua casa? E, meu Deus, que mais surpresas lhe estariam reservadas?

A sala de estar estava apinhada de gente, uma vez que os vinte convidados de Miriam se tinham estendido para trinta pessoas. A sala de música estava aberta e ouviam-se os sons de alguém a dedilhar desajeitadamente a harpa. A sala de jantar também se encontrava aberta, com a longa mesa repleta de uma variedade de pratos. Os convidados deambulavam de divisão em divisão.

Selena Eddington pouco mudara desde a última vez que Reggie a vira, um ano antes. Com um modelo de renda cor-de-rosa com folhos que fazia com que Reggie se sentisse uma matrona no seu vestido azul-escuro, Selena tinha todos os homens presos às suas palavras. De tempos a tempos, voltava-se para Reggie com um sorriso sardónico de satisfação estampado no rosto.

– Anime-se, minha querida. Era inevitável que isto acontecesse um dia.

Reggie voltou-se para Lady Whately, uma senhora que conhecia há alguns anos, e que estava sentada ao seu lado no sofá.

– O que é que era inevitável que acontecesse um dia? – inquiriu Reggie.

– O facto de se encontrar com as mulheres do passado do seu marido, tendo em conta que existem tantas.

– Se está a referir-se a Lady Selena...

– Não somente a ela, minha querida. Também me estou a referir à duquesa, à pega da Pamela Ritchie e a Mrs. Henslowe, embora a Anne Henslowe tivesse sido apenas um caso de uma noite, segundo o que me disseram.

Os olhos de Reggie voaram para cada uma das mulheres que a velha intriguista mencionara, arregalando-se quando pousaram em Caroline Symonds, duquesa de Windfield, uma loira extraordinariamente bela, apenas alguns anos mais velha do que Reggie. A duquesa estava sentada com um recato afetado junto a um homem com setenta e muitos anos. Tinha de ser o duque de Windfield. Que vida extremamente infeliz devia ter aquela jovem com um marido tão mais velho do que ela, pensou Reggie.

Pamela Ritchie, Anne Henslowe, Caroline Symonds e Selena Eddington. Quatro amantes do passado de Nicholas na mesma divisão que a sua mulher! Aquela situação exigia demasiado de si. Tinha de conversar com elas? Agir como uma anfitriã atenciosa?

Nicholas apareceu na sala naquele preciso momento e ela tinha vontade de o fulminar com os olhos, mas isso estava fora de questão. Enquanto o observava, Lady Selena deu o braço a Nicholas com firmeza.

– Aquilo não a aborrece, pois não, minha querida?

Reggie voltou-se, descobriu que Lady Whately desaparecera e, no seu lugar, estava Anne Henslowe. Chegara ao ponto de ser confortada por uma das amantes dele?

– Porque me devia aborrecer? – respondeu Reggie, com uma voz seca.

Mrs. Henslowe sorriu.

– Não devia. No fim de contas, ela perdeu-o e foi a senhora quem ficou com ele. Na verdade, quem está aborrecida com isso é ela.

– E a senhora?

– Oh, não. Alguém andou a dizer-lhe coisas ao ouvido. Tinha receio disso.

Reggie não conseguiu manter-se irritada. A mulher era genuinamente compreensiva, com olhos castanhos compassivos. Não tinha má índole. E a aventura amorosa dela com Nicholas acontecera muito antes de Reggie o ter conhecido.

– Não pense mais nisso. – Reggie sorriu.

– *Eu* não o vou fazer. Só espero que a *senhora* também não o faça. Pode ficar certa, minha querida, de que o Nicholas nunca volta atrás para repetir o prato.

Reggie soltou uma pequena risada, chocada.

– Uma esplêndida escolha de palavras.

– E igualmente verídicas, para grande pena das mulheres do passado dele. Muitas tentaram recuperá-lo, todas sem sucesso.

– Como a senhora? – perguntou Reggie sem rodeios.

– Céus, não. Ele não era o homem indicado para mim e eu sabia disso. Fiquei grata pela minha única noite com ele. Aconteceu pouco depois de ter perdido o meu marido, quando estava igualmente perto de perder a minha sanidade mental, e o Nicholas ajudou-me a ver que a minha vida, afinal, não tinha terminado. Ficar-lhe-ei sempre grata por isso.

Reggie acenou com a cabeça e Anne Henslowe bateu-lhe ao de leve no braço.

– Não deixe que aquilo a afete, minha querida. Ele é seu agora, para sempre.

Mas ele não era dela e não tinha sido dela depois daquela única noite há quase um ano.

Reggie agradeceu a Mrs. Henslowe e foi à procura de Nicholas. Não estava na sala de estar, nem na sala de jantar ou na sala de música. Isso deixava apenas a estufa onde procurar e ela retornou à sala de jantar e entrou silenciosamente no solário com paredes de vidro. Lá dentro estava quente e escuro, uma vez que a única luz vinha das janelas distantes da sala de jantar. Estava suficientemente iluminado para ver tudo até à fonte e para ver o vestido de renda cor-de-rosa e os caracóis curtos e negros de Selena Eddington, cujos braços rodeavam o pescoço de Nicholas.

– Está a gostar da sua visita guiada, Lady Selena? – bradou Reggie, aproximando-se de ambos.

A voz dela fê-los separarem-se. Selena teve a elegância de parecer embaraçada, mas Nicholas não parecia absolutamente nada arrependido. Na verdade, voltou-se com o rosto carregado de fúria. Ao ver a sua fúria, a indignação de Reggie transformou-se numa dor que lhe comprimiu a garganta. Ela era mesmo pateta! Ele não queria que o seu abraço a Selena tivesse sido interrompido.

Deu meia-volta e saiu o mais depressa que conseguiu. Nicholas chamou pelo nome dela, mas Reggie limitou-se a apressar o passo. Que mulherengo desregrado! Como é que podia ter sido tão estúpida, tão idiota, ao ponto de ter esperança?

Quando chegou à antecâmara, Reggie deteve-se bruscamente. Não, não ia correr e esconder-se como se estivesse de coração partido. Os Malory tinham uma carapaça dura. Não cometiam o erro de se apaixonar pela mesma pessoa duas vezes. O amor não era a razão pela qual ela sentia aquele nó apertado na garganta. Não, na verdade, o que a sufocava era a fúria que sentia.

Entrou de novo na sala de estar, recuperando o sorriso que exibira a maior parte do dia. Calmamente, ocupou um lugar e mergulhou numa conversa com Faith e Lady Whately.

Nicholas entrou na sala de estar no preciso momento em que Reggie acabara de se sentar. Bastou-lhe vislumbrar a expressão tranquila dela para o seu coração lhe cair aos pés. Do que estava à espera? De lágrimas? Para ter ciúmes, uma pessoa tinha de sentir alguma coisa. Que o diabo levasse Selena diretamente para o Inferno por colocar os braços à volta dele e o apanhar desprevenido daquela forma. Saberla ela que Reggie estava por perto? Para começar, não queria acompanhar Selena pela casa, mas ela desafiara-o, insinuando que ele tinha receio de ser visto com ela, sussurrando-lhe que já não controlava os seus próprios passos. Nicholas arrastara-a então de divisão em divisão, fazendo-lhe uma visita guiada como um maldito imbecil. Idiota!

Selena quis ver o que estava por trás das portas fechadas da estufa, e uma vez no seu interior, a única flor de uma planta trepadeira tortuosa chamou-lhe a atenção. Teimou que tinha de a ter. Depois de duas tentativas falhadas para a apanhar, ela implorara-lhe docemente para ser ele a ir buscá-la. Nicholas foi buscar a maldita flor e mal a tinha colhido e dado meia-volta para lha dar, ela abraçou-o pelo pescoço. Passaram dois segundos e depois ouviu a voz de Reggie. Era inacreditável, o pior azar que podia imaginar.

Ele fitou Regina de novo e os olhos de ambos encontraram-se. Naquele momento, antes de ela desviar o olhar, os olhos dela dispararam-lhe chamaz azuis.

A esperança de Nicholas reacendeu-se e esboçou um grande sorriso. Ela não sentia nada? Nesse caso, por que motivo estava tão furiosa com ele? Com uma nova determinação, aproximou-se das três mulheres sentadas no sofá.

– Posso juntar-me a vocês, minhas senhoras? Com todos os deveres de um bom anfitrião, ainda não pude estar um momento que fosse com a minha encantadora mulher.

– Não há lugar para ti, Nicholas – disse Reggie categoricamente.

E não havia, com o traseiro amplo de Lady Whately a ocupar metade do sofá. Mas ele não se deixou dissuadir por esse facto, nem pelo tom inflexível de Reggie.

Agarrou-lhe um dos pulsos, puxando-a até ela se erguer, sentou-se no sofá e puxou-a para o colo dele.

– Nicholas! – exclamou ela, chocada.

– Não fique embaraçada, querida. – Ele fez um sorriso trocista, segurando-a com firmeza.

– Escandaloso, Lord Montith! – Lady Whately ficou ainda mais embaraçada do que Regina. – Se está assim tão ansioso por estar perto da sua mulher, pode ficar

com o meu lugar.

Ela foi-se embora e depois Faith mudou igualmente de lugar, fingindo um interesse súbito num quadro do outro lado da sala. Reggie deslizou para fora do colo do marido e sentou-se ao lado dele. Queria afastar-se completamente dele, mas o braço de Nicholas pousado em cima do seu ombro mantinha-a presa ao sofá.

– Isto foi...

– Silêncio – murmurou ele. – E sorri, querida. Estamos a ser observados. – Ela fez-lhe um sorriso hirto, mas fulminou-o com os olhos ao mesmo tempo. Ele deu uma risada. – Não consegue fazer melhor do que isso? – A seguir, acrescentou suavemente: – Quero que saiba que aquilo não foi nada.

Ela não precisou de lhe perguntar a que se referia.

– É claro que não – retorquiu ironicamente ela.

– Estou a dizer a verdade. Ela tentou seduzir-me, sem sucesso. Não foi mais do que isso.

– Eu acredito em si, meu senhor – disse ela com firmeza, numa voz gélida. – Acredito em si, porque já me disseram duas vezes esta noite que as suas ex-amantes deixam de o interessar assim que são deixadas para trás. Uma das suas senhoras anteriores assegurou-me de que «nunca volta atrás para repetir o prato». Por isso, devo acreditar nisso mesmo quando os meus olhos me dizem uma coisa diferente.

– Está com ciúmes.

– Que disparate!

Ele sorriu diabolicamente.

– A sua informadora não estava totalmente correta, querida. Se a senhora fosse a refeição em causa, voltaria atrás para repetir pela segunda e terceira vez, e empanturrava-me até à morte.

– Oh! – exclamou ela. – Não estou com disposição para ser objeto de troça, senhor. Uma boa-noite para si.

Ela ergueu-se num movimento repentino antes que ele conseguisse agarrá-la e saiu da sala. Ele deixou-a ir, sorrindo para si próprio. Estava a começar a pensar que o esquema de Miriam era exatamente aquilo de que precisava para recuperar a sua mulher. A velha raposa ficaria para morrer se soubesse que o tinha ajudado! O sorriso dele alargou-se. Sentia o seu estado de espírito a ficar cada vez mais leve.

A luz quente do sol espalhava-se pela sala dos pequenos-almoços e pela sala de estar da manhã que estavam abertas de par em par para poder receber tantos hóspedes. Na longa mesa havia travessas com grandes quantidades de ovos, arenque fumado, presunto e salsichas, uma grande variedade de torradas, *muffins* e pãezinhos, e seis tipos diferentes de compotas. Oferecia-se chocolate quente, chá, café e creme de natas. Os criados voltavam a encher as travessas assim que estas se esvaziavam.

Era cedo e muitos ainda dormiam ou tinham utilizado os cavalos que enchiam o estábulo para um passeio matinal. Reggie tinha descido porque Thomas acordara ao amanhecer e, depois de lhe dar de mamar, não conseguira voltar a adormecer. O casal Whately estava a tomar o pequeno-almoço, assim como Pamela Ritchie e o duque de Windfield. Reggie não participou nas conversas cruzadas em seu redor. Não tinha vontade de mostrar novamente uma cara alegre. Pensamentos sombrios tinham-na seguido até à cama na noite anterior e ainda a assombravam. Nicholas estava no centro desses pensamentos.

Sempre soube que tipo de homem ele era, mas não podia esperar até regressar a Londres para se envolver com outra mulher? E por que raio continuava ele em Silverley, afinal? Não estava à espera de que ele ficasse. E aquele semblante carregado permanente era tão desconcertante.

Devia sair daquela casa. O divórcio estava fora de questão, mas não tinha de viver debaixo do mesmo teto que ele. Podia regressar a Haverston. O tio Jason não se importaria.

Mas não tinha o direito de manter Thomas longe do pai. E Tess dissera-lhe que Nicholas visitava o quarto do bebé pelo menos duas vezes por dia e a enxotava lá para fora para poder ficar sozinho com o filho. Não havia dúvidas de que aceitava Thomas como seu filho. Reggie só não estava tão certa se ele ia admitir-lhe isso um dia.

Soltou um suspiro profundo. Não tinha dito uma vez que não se importava com o resultado do casamento desde que não tivesse de continuar à procura de um marido? Que grande insensatez e ingenuidade.

– Minha querida, tem uma visita – anunciou Eleanor ao entrar na sala, com Lord Dicken Barrett na sua peugada. – Chama-se George...? Céus. Não me recordo.

– George Fowler – completou Lord Barrett.

– Sim, Fowler – concordou Eleanor. – O Sayers levou-o para a sala de espera, uma vez que a casa está tão cheia de gente.

Sayers estava parado à porta e Reggie franziu o sobrolho para esconder a sua surpresa.

– A sala de espera não é o lugar mais indicado para o George. Leve-o para a biblioteca. Deve estar vazia a esta hora. E peça para nos servirem chá. – Dispensou

Sayers com um aceno de cabeça e depois voltou-se para Eleanor. – Devia ter dormido até mais tarde se ainda se sente cansada, Eleanor.

– Sinto-me ótima, querida. É verdade que a noite de ontem foi longa, mas diverti-me imenso. – Os olhos dela cruzaram-se momentaneamente com Lord Barrett. – Assim que tomar o meu chá, vou despertar por completo. Conhece a pessoa que a veio visitar?

– Sim – respondeu Reggie. – Mas não sei o que está a fazer aqui.

– Bem, o melhor é ir falar com ele. O Dicken e eu vamos só comer qualquer coisa antes do nosso passeio a cavalo.

A Eleanor, a andar a cavalo? Imagine-se!

– Não sabia que gostava de andar a cavalo, Ellie.

– Oh, sim. Mas é muito mais agradável quando temos alguém para nos fazer companhia. – Ela inclinou-se para perto dela, acrescentando: – A Reggie e o Nicholas deviam experimentar.

Reggie deu uma resposta evasiva e saiu da sala.

George Fowler pôs-se de pé no momento em que ela entrou na biblioteca, aproximando-se para lhe fazer uma vénia ao mesmo tempo que lhe agarrava a mão. Tinha-se esquecido de que George era um homem muito atraente com os seus caracóis arruivados, bigode primorosamente aparado, olhos verde-escuros e uma figura elegante. Não era muito alto... Não, isso não era verdade. Não devia comparar todos os homens ao seu marido.

– Receio ter vindo em má altura – desculpou-se ele. – O rapaz que levou o meu cavalo resmungou que não havia espaço para mais um único animal no seu estábulo.

– Estamos um pouco apertados, mas não nos causa qualquer incómodo.

– Mas tem convidados a quem tem de dar atenção...

– A minha presença não é necessária – assegurou-lhe ela. – Este encontro foi organizado pela minha sogra e planeado antes da nossa chegada. São, na sua maioria, amigos dela e do meu marido e a esta hora só alguns é que estão acordados. Faça o favor de se sentar, George. – Eles sentaram-se de frente um para o outro. – É muito bem-vindo, se também quiser ficar. É provável que conheça a maior parte das pessoas que está cá e tenho a certeza de que conseguimos encontrar um lugar onde possa dormir, se não se importar de partilhar um quarto.

Ele sorriu alegremente.

– Aceitaria de bom grado, se não tivesse recebido uma espécie de convocatória da minha mãe. Ela está de férias em Brighton e, como ficava em caminho, lembrei-me de passar por cá para a visitar e ver como tem passado.

Reggie sorriu-lhe. Ele tinha feito um grande desvio do seu percurso para a ver.

– Já não nos víamos há muito tempo, pois não? – Ela deu início à conversa alegremente, recordando-se igualmente do charme que ele possuía.

– Há imenso tempo, infelizmente – realçou ele.

Hallie trouxe o chá e Reggie serviu-o.

– Como está a sua mãe, George?

– Tão bem quanto se pode esperar, tendo em conta o seu estado de espírito – disse-o com uma careta, como se esperasse uma valente descompostura quando chegasse a Brighton. – Toda a família está bem de saúde. Por falar em família, vi o seu tio Anthony no clube, na semana passada. Parecia andar de candeias às avessas com alguém. Quase que chegou a vias de facto com outro sujeito só por ele lhe ter dado um encontrão.

Reggie sabia o que estava por trás disso. Há uma semana fora quando Anthony soube que Nicholas estava de volta.

– O tio Tony tem os seus dias maus, embora felizmente isso não seja muito frequente.

– E a Reggie? – A expressão dele tornou-se subitamente séria.

– Se tenho dias maus, George? Todos nós os temos, não é?

– Não se importa de estar aqui enterrada no campo? Eu morria de tédio ao fim de uma semana.

– Eu adoro Silverley. Na verdade, sempre preferi o campo.

Ele pareceu desapontado.

– Pensei que talvez... não fosse feliz aqui. Ouvem-se coisas. – Ele tossiu. Estaria embaraçado?

– Por vezes, é melhor tapar os ouvidos – censurou-o delicadamente. – Eu sou feliz, George. – Mas ela não o conseguia olhar nos olhos.

– Tem a certeza?

– Ela já lhe respondeu, Fowler – declarou friamente Nicholas da porta. – E visto que é óbvio que veio até cá só para descobrir isso, agradeço que se retire.

Reggie pôs-se de pé num salto.

– Nicholas!

– Não tem importância, Reggie – atalhou George, erguendo-se.

– *Lady Montith*, companheiro – disse calmamente Nicholas, de olhos flamejantes. – Espero que se lembre disso no futuro.

Reggie estava incrédula.

– Não tem de ir, George, a sério que não.

– Mas eu tenho de insistir que ele vá. – Nesse momento, Nicholas voltou-se e bradou para o átrio: – Sayers! O cavalheiro está de partida.

O rosto de Reggie ficou escarlate.

– Lamento, George. Não existe desculpa para uma grosseria deste tipo.

– Não pense mais nisso. – George inclinou-se sobre a mão dela, ignorando por um momento o homem arrogante plantado à porta. – Foi um prazer voltar a vê-la, mesmo que tenha sido por breves minutos.

Reggie esperou apenas dois segundos depois de George se escapar da sala antes de soltar um grito de raiva, com os olhos azul- -cobalto a faiscarem na direção de Nicholas.

– Como é que se atreve? *Eu* expulsei as *suas* *pegas* daqui? Expulsei? – Ela mal fez uma pausa para respirar. – O senhor é insuportável, absolutamente insuportável! – bramiu. – Esta é mais uma das suas regras ridículas? Primeiro,

recusa-se a permitir que a minha família me visite e agora nem os meus amigos são bem-vindos!

– Eu não chamaria amigo a um antigo amor – retorquiu ele.

– Ele não é um antigo amor. E o senhor bem pode falar, com quatro dos *seus* antigos amores a dormir nesta casa na noite passada. Ora, provavelmente até passou a noite com uma delas, ou com mais do que uma!

– Se tivesse partilhado a minha cama na noite passada, ficava a saber onde é que eu estava.

A boca dela abriu-se desmesuradamente, espantada, e depois fechou-se de novo, zangada. Partilhar a cama dele depois de o ter apanhado em flagrante com outra mulher? Estava a irritá-la de propósito. E conseguiu despertar toda a fúria que tinha dentro dela.

Regina endireitou os ombros.

– O seu comportamento vergonhoso ajudou-me a tomar uma decisão, senhor. Recuso-me a viver mais um dia com uma besta de modos tão grosseiros. Vou voltar para casa.

Aquelas palavras fizeram Nicholas estacar.

– Esta *é* a sua casa, Regina.

– Podia ter sido, mas fez com que se tornasse intolerável viver aqui.

– Não se vai embora – declarou ele categoricamente.

– Não me pode impedir.

– Tenho todo o direito de o fazer. Ponha-me à prova!

Seguiu-se um silêncio. Eles olharam furiosamente um para o outro e depois Regina saiu de rompante da sala.

Os ombros de Nicholas abateram-se. Por que carga de água tinha perdido a cabeça daquela forma? Tinha planeado adúlá-la até ela voltar a ser a pessoa que era antes e depois atraí-la para a sua cama naquela noite. Amanhã podiam estar completamente reconciliados. Mas que raio se passava com ele? Ela tinha razão: o comportamento dele era insuportável e nem ele próprio era capaz de o compreender minimamente.

A porta abriu-se de repente com um estrondo. Reggie voltou-se bruscamente na cadeira em frente ao toucador, com a escova ainda erguida junto ao cabelo.

– O que se passa? Ainda não embalou nada? – perguntou ele asperamente.

Reggie pousou lentamente a escova na mesa.

– Está embriagado, Nicholas.

– Não muito, querida. Só o suficiente para perceber que estive a bater com a cabeça contra uma parede de pedra sem qualquer motivo.

– Não diz coisa com coisa.

Ele fechou a porta, encostando-se a Regina, com os olhos cor de âmbar pregados no rosto dela.

– Pense nisto. A casa é minha. O quarto é meu. A mulher é minha. Não preciso de mais nenhuma licença para a levar para a cama.

– Eu...

– Não há margem para discussões, querida – interrompeu ele.

Ela advertiu-o com uma voz glacial:

– Acho melhor sair antes que...

– Vai gritar, querida? E chamar até cá os criados e os hóspedes numa correria? Já sabe que eles não se vão atrever a intrometer-se. Isso só vai fazer com que amanhã não consiga encarar ninguém.

Ele sorria, o bruto.

– Não vai conseguir o que quer, Nicholas Eden.

– Vou, sim – corrigiu-a ele numa voz afável. – E não quero que haja histerias.

– Quando eu ficar histérica – disse ela entre dentes –, isso não vai passar despercebido.

– Que bom estar a ser tão razoável, querida. Quer despir essa coisa bonita que está a usar?

– Vá...

– Minha senhora! – Ele pareceu ficar chocado. – Se não é capaz de manter a boa educação...

– Nicholas! – gritou Reggie, frustrada. – Não estou com disposição para dispatres.

– Bom, se está com pressa, querida, vou fazer-lhe a vontade.

Ele começou a avançar na direção dela e ela correu até à grande cama, colocando-a entre os dois. Ele continuou a aproximar-se, circundando a cama.

– Não se aproxime. – A cada palavra que dizia, a voz dela ficava cada vez mais alta. Mas ele ignorou-a.

Reggie saltou para cima da cama e passou para o outro lado. Quando olhou para trás, descobriu que ele estava a sorrir. Nicholas estava a gostar da perseguição.

– Quero-o fora daqui imediatamente! – A voz dela vacilou com a fúria.

Ele subiu para a cama, dobrando-se de modo a evitar bater no dossel e ela correu para a porta. O som estrondoso de Nicholas a saltar da cama fê-la mudar de rumo. Pareceu-lhe mais seguro fugir para trás da *chaise-longue* Queen Anne.

Nicholas foi até à porta, trancou-a e depois colocou a chave no rebordo por cima da porta, bem fora do alcance de Reggie.

Reggie olhou para o rebordo impossível de alcançar e depois para Nicholas. Agarrou num livro da mesa ao seu lado e atirou-o contra ele. Ele esquivou-se de forma ágil, soltando uma pequena risada perante a persistência dela e despiu o casaco.

– Se continuar com isto, Nicholas, juro que lhe arranco os olhos!

– Pode tentar, querida. – Ele sorriu. Aproximou-se da *chaise-longue* e puxou-a, segurando-a contra si com firmeza.

– Nicho...

Os lábios dele silenciaram-na. Um momento depois, ele deitou-a na cama e encostou-a ao colchão com todo o seu corpo. A boca dele devorou a dela, não lhe dando qualquer hipótese de respirar nem de o insultar. Os dedos dela que lhe puxavam o cabelo não conseguiam fazê-lo mover a cabeça, nem a forma frenética como se debatia o conseguiu afastar. Ela mordeu-lhe o lábio e ele recuou a cabeça, sorrindo-lhe.

– Não faça isso, querida. Como posso beijá-la como deve ser, se me arrancar um pedaço da boca? – Ela puxou-lhe ferozmente o cabelo e ele soltou um gemido.

– Devia ter-lhe dado vinho outra vez. É muito mais meiga quando está embriagada.

Quando ele a beijou de novo, os olhos de Reggie arregalaram-se. Dar-lhe vinho? Então não tinha sido um sonho! Ele tinha feito realmente amor com ela naquela noite na estalagem. E planeara isso! Desejava-a o suficiente para a enganar... desejava-a o suficiente para lhe dar demasiado vinho... desejava-a.

Santo Deus, aquelas sensações estavam a voltar contra a sua vontade. Quanto mais tempo conseguiria resistir?

Nicholas olhou de novo para ela, com os olhos flamejantes.

– Oh, querida – disse ele com uma voz enrouquecida –, ama-me. Ama-me como me amaste antes – sussurrou apaixonadamente e as defesas dela desmoronaram-se. De repente, estava a retribuir o beijo com toda a paixão que possuía. Não era de ferro. Era de carne e osso, e toda ela estava em chamas.

Os seus dedos mudaram de direção, puxando a cabeça de Nicholas para si. Os gemidos de prazer dele eram música para os ouvidos dela. Nicholas desejava-a... desejava-a verdadeiramente. Foi o seu último pensamento coerente.

— Bom-dia, querida. — Nicholas mordiscou o lábio inferior de Reggie. — Já te disseram que és uma imagem deliciosamente despenteada de manhã?

Ela fez um sorriso travesso.

— A Meg é a única pessoa que me vê de manhã e ela não diz coisas que possam subir à cabeça de uma rapariga.

Nicholas riu-se, puxando-a para mais perto dele.

— A tua destemida Meg não gosta de mim, como sabes, mas não consigo imaginar porquê. Sou uma criatura que inspira tanta simpatia.

— És uma criatura insuportável e tu sabes isso.

— Mas uma criatura insuportável que *inspira simpatia*.

Ela riu-se.

Que maneira maravilhosa de ser despertada, pensou Reggie, enroscando-se contra o peito largo e sólido do marido. E não estava cansada, embora tivesse sido amada com fervor até às primeiras horas da madrugada. Não estava nada cansada. Sentia-se maravilhosamente bem. Tinha de insistir que ele impusesse a sua vontade mais vezes.

O choro de Thomas era a única coisa que podia perturbar o idílio dos dois e passado um instante, Reggie ouviu-o.

— Já estava a perguntar-me quando é que ele ia dar sinais de vida.

Reggie fez um sorriso rasgado.

— É melhor ir dar-lhe o que ele quer.

— Vais voltar logo para cá, não vais?

— Com toda a certeza, meu senhor.

Quando Reggie regressou ao quarto, vinte minutos depois, este estava vazio. Espreitou na sala de estar e depois foi até ao quarto de Nicholas. As duas divisões também se encontravam vazias. Regressou ao seu quarto e esperou. Ele não apareceu.

Onde tinha ido? E porquê? Será que o seu objetivo era usá-la e depois tratá-la com indiferença? Estava a tirar conclusões precipitadas. Tinha de haver uma explicação plausível para o desaparecimento dele.

Reggie obrigou Meg a preparar depressa a sua *toilette* e depois quase voou para fora do quarto e pelas escadas abaixo. Foi atraída por vozes que vinham da sala dos pequenos-almoços. Ela deteve-se à porta, subitamente gelada. Nicholas, vestido apenas com umas calças e um robe verde e curto de veludo, encontrava-se de pé junto à mesa da comida. Estava de costas para ela, assim como Selena Eddington. Selena estava ao lado, tão próxima dele que o ombro dela tocava no antebraço de Nicholas. A cabeça dele estava inclinada para ela e Selena ria-se do que ele dizia.

Reggie viu tudo vermelho à sua frente.

— Estou a incomodar... de novo?

Eles deram subitamente meia-volta. Não estava mais ninguém na sala, nem

sequer um criado, mas Nicholas não parecia nada atrapalhado.

– Não tinhas de descer, querida. – Ele sorriu. – Vim só buscar um prato de bolos para to levar lá acima.

– Não tenho dúvidas disso – respondeu ela numa voz glacial, fixando os olhos em Selena. – Minha senhora, faça o favor de fazer as suas malas e sair da minha casa antes do meio-dia.

A expressão presumida de Selena transformou-se depressa numa máscara de indignação.

– Não pode fazer isso. Foi Lady Miriam quem me convidou para esta casa.

– Lady Miriam não é a senhora da casa. Sou eu. E nós, os Edens, temos por hábito expulsar pessoas da nossa casa. – Sentindo um alívio imediato, Reggie deu meia-volta e foi-se embora.

Nicholas alcançou-a no átrio principal, agarrando-lhe o braço.

– O que diabo foi aquilo?

– Larga-me! – exclamou ela, numa voz sibilante, puxando o braço com violência para longe dele. Desta feita, ele prendeu-lhe o ombro.

– Entra para aqui. – Ele arrastou-a para a biblioteca e fechou a porta atrás deles.

– Enlouqueceste?

– Devo ter enlouquecido, para ter acreditado que tinhas mudado! – disse ela.

– O que queres dizer com isso?

– A minha cama ainda estava morna quando foste à procura de outra conquista! Pode entreter-se com todas as mulheres que desejar, meu senhor, mas não volte a brincar comigo.

– Tu achas que eu ia querer outra mulher depois da noite passada? – respondeu ele, verdadeiramente incrédulo. – O que tu viste não foi nada. A Selena estava ali por acaso, quando eu entrei para te ir buscar bolos.

– O senhor tem uma casa cheia de criados que lhe podem ir buscar bolos.

– Eles não têm mãos a medir com os nossos hóspedes. Eu tive tempo para o fazer porque estava à espera de que regressasses.

– Não acredito em ti.

Ele soltou um suspiro exasperado.

– Isto é absurdo, Regina. Não tinhas necessidade de te descontrolar nem de expulsar a Selena. Eu disse-lhe isso.

– Não!

– Se ao menos parasses para refletir na forma ridícula como te estás a comportar...

O fogo que refulgia nos olhos dela fê-lo hesitar.

– Ridícula? Sim, creio que sim. Sou uma imbecil e a rapariga mais ingénua e estúpida que já conheci. Mas o senhor é um bastardo, um verdadeiro bastardo. Não é capaz de suportar a ideia da sua amiga se ir embora? Nesse caso, faça o favor de a deixar ficar. Já agora, peça para ela se mudar para esta casa de vez porque eu não vou estar cá para assistir a isso. E se me tentar impedir de partir, eu... dou-lhe um tiro!

O rosto dele ensombrou-se numa expressão furiosa, mas ela estava tão absorta no processo de dar largas aos meses acumulados de fúria que não se deu conta do estado perigosamente zangado dele. Quando Nicholas deu meia-volta sem dizer uma única palavra, ela correu para a frente dele e bloqueou-lhe a passagem.

– Não te atrevas a sair daqui enquanto ainda estou a discutir contigo!

– O que mais há a dizer, minha senhora? – perguntou ele amargamente. – Decidi finalmente falar abertamente. Como sabe, não tenho qualquer defesa.

Aquilo deixou-a estarecida. Sem mentiras e sem desculpas.

– Tu... tu admites que ainda a desejas?

– Quem? – resmoneou ele. – Estou a falar da minha bastardia. Tentei poupar-te a isso, se te recordas. Fiz o melhor que pude para impedir que te casasses com um bastardo.

– Podias ter mudado – retorquiu ela, revoltada.

– Como é que alguém consegue mudar as condições do seu próprio nascimento?

– Nascimento? – Ela franziu o sobrolho. – Do que estás a falar, Nicholas? Estou a referir-me ao teu comportamento. És um verdadeiro bastardo.

Seguiu-se uma pausa tensa e depois ele perguntou:

– A Miriam não te chegou a contar? Nunca revelou o meu segredo obscuro?

– Do que estás a falar, *afinal*? – perguntou Reggie. – Sim, a Miriam contou-me tudo a respeito do teu nascimento. E senti um grande prazer nisso. Que importância tem isso agora? Se queres a minha opinião, devias estar feliz por ela não ser a tua mãe.

Aquelas palavras atingiram-no como um relâmpago.

– Queres dizer que... não te importas com isso?

– Se me importo? Não sejas absurdo – disse ela. – Tenho dois primos que são bastardos. Isso significa que eu goste menos deles? É claro que não. Não tens culpa das circunstâncias do teu nascimento. – Ela respirou fundo e depois passou ao ataque. – Tu tens uma montanha de defeitos. Não precisas de acrescentar esse. Estou farta de não ser tua mulher por inteiro. Estava a falar a sério. Não vou ficar aqui a ver-te a reatar casos antigos. Se te vir com aquela mulher mais uma vez, juro que ponho em prática o que o Connie me ensinou e retalho-vos em pedacinhos!

Ele não podia, ou conseguia, parar de se rir. Foi quanto bastou para fazer com que Reggie desatasse aos gritos. Nesse momento, Eleanor entrou na sala.

– Está a acontecer alguma guerra aqui, meus queridos, ou isto não passa de uma desavença familiar?

– Familiar? – gritou Reggie. – Ele não sabe que faz parte de uma família. Ele preferia ser um homem solteiro. Ele acha que *é* um homem solteiro.

Nicholas ficou imediatamente sério.

– Isso não é verdade.

– Explique-lhe isso, Ellie – disse Reggie. – Diga-lhe que é uma coisa ou outra. Ele ou é um marido ou não é.

Reggie disparou de forma intempestiva para fora da sala, batendo com

violência a porta atrás de si. Ia a meio das escadas quando se recordou das palavras dele e quase tropeçou nos próprios pés. *Fiz o melhor que pude para impedir que te casasses com um bastardo.*

Ela ficou paralisada com o choque, de olhar fixo no vazio. Seria essa a razão para o comportamento horrível dele? Porque não tinha pensado nisso quando Miriam deixara escapar despreocupadamente essa informação? Será que Nicholas acreditava que ela não ia conseguir suportar a ideia de estar casada com um bastardo?

Oh, aquele idiota! Reggie sentou-se nas escadas e foi a sua vez de desatar às gargalhadas.

Naquela noite, foi servido um jantar frio no terraço das traseiras devido aos jogos de *croquet* que estavam a decorrer. Reggie trouxe Thomas para o exterior, deixando-o desfrutar do sol do final da tarde. Em cima de um grande cobertor colocado no chão, ele deliciava-se balançando a cabeça na direção de sons que atraíam a sua atenção. Todos os hóspedes se aproximaram para conhecer o novo herdeiro da família Montith.

Apenas uma pequena parte dos convidados de Miriam ia passar mais uma noite em Silverley. A maior parte tinha partido nessa tarde, incluindo Selena Eddington. Reggie não sabia se Nicholas tornara a falar com ela ou se ela achara mais prudente ir-se embora.

Pamela Ritchie aproximou-se para observar Thomas. Era uma mulher infeliz. Se não tivesse cuidado, aquelas linhas de insatisfação marcadas no rosto tornar-se-iam permanentes.

Reggie não sentira qualquer angústia quando Nicholas e Anne Henslowe jogaram juntos num jogo de *croquet*. Ficaram lado a lado à espera da sua vez a rir um para o outro, mas Reggie não se importou. Achava que isso estava relacionado com todos aqueles sorrisos de orelha a orelha e piscadelas de olho que Nicholas lhe dirigira toda a tarde. Era como se partilhassem uma piada privada, mas não tinham trocado uma palavra desde o frente a frente à hora do pequeno-almoço. Apesar disso, bastava Nicholas olhar para ela para se começar a rir.

Ele era um homem feliz. Reggie achava que sabia porquê e as suas suspeitas tornavam-na tão feliz como ele.

O Sol começava a pôr-se e o céu transformara-se numa profusão maravilhosa de cores. Thomas já tivera a sua dose de ar livre e sacudia-se no cobertor com mais vigor, um sinal infalível de que teria fome.

– Isto é tão tranquilo cá fora a esta hora do dia – disse Eleanor serenamente. – Vou sentir a sua falta e deste pequenino.

– Não está a pensar ir já embora, pois não? – perguntou Reggie, surpreendida.

– Não precisa mais de mim aqui, minha querida. – Ambas sabiam que ela tinha ficado apenas para ajudar Reggie a aliviar a tensão existente no seu casamento. – O Dicken disse-me que a Rebecca se tem comportado como uma verdadeira tirana desde que me vim embora. O Dicken também sente a minha falta. E, verdade seja dita, este longo afastamento da Cornualha abriu-lhe os olhos.

– Céus, a Eleanor e o Dicken estão...? – disse Reggie, encantada.

Eleanor sorriu.

– Ele pediu-me em casamento muitas vezes nos últimos quatro anos. Acho que estou finalmente pronta para ponderar seriamente essa proposta.

– Que maravilha! Eu e o Nicholas podemos oferecer-lhe a vossa festa de casamento ou a Rebecca vai querer fazê-lo?

– Receio que a Rebecca *insista* em ser ela a oferecê-la. – Eleanor riu-se. – Tem

andado a empurrar o Dicken para mim há uma eternidade. – Thomas soltou um queixume, exigindo atenção. – Quer que o leve para cima, minha querida?

– Não, a não ser que também consiga dar-lhe de mamar. – Reggie fez um sorriso travesso.

– Por favor, não se demore. O Nicky tem-na mantido tão debaixo de olho o dia todo que tenho a certeza de que irá à sua procura se se demorar muito.

– Não, desde que eu saiba onde ela está – afirmou Nicholas, atrás de ambas. Pegou em Thomas com um movimento rápido. – Então, o malandro está com fome? Santo Deus, também está a pingar! – Ele afastou rapidamente o bebé de si e as mulheres riram-se. Reggie embrulhou um cobertor mais pequeno à volta do traseiro de Thomas. – Isso é uma coisa que os bebés tendem a fazer, e com muita frequência. Dá-mo, vou levá-lo para cima.

– Não, posso levá-lo por ti. – Nicholas inclinou-se para mais perto dela, sussurrando-lhe ao ouvido: – Depois de teres terminado, achas que podemos ter um pouco de tempo a sós?

– Ora, mas que bonita imagem – intrometeu-se a voz dura de Miriam. – Um pai embevecido pelo seu bastardo. Vocês, os homens Eden são pais maravilhosos, Nicholas. Que pena serem tão incapazes no papel de marido.

Nicholas deu meia-volta.

– As suas palavras não me ofendem, minha senhora. Está naturalmente aborrecida por a sua intriga cuidadosamente planeada não ter tido o resultado que esperava.

– Não sei a que te referes – respondeu ela, com desdém.

– Não? Deixe-me aproveitar esta oportunidade para lhe agradecer, antes que me esqueça. Se não fosse pela sua brilhante lista de convidados, a minha mulher e eu ainda podíamos estar desavindos. Já não estamos. E temos de lhe agradecer a si pela nossa reconciliação, *mãe*.

O rosto de Miriam ficou desfigurado com a fúria que não conseguiu conter.

– Estou absolutamente farta de te ouvir chamar-me isso. E, Nicholas, a minha lista de convidados é realmente brilhante – declarou ela, com uma gargalhada. – Tenho uma surpresa maravilhosa para ti. A tua verdadeira mãe está aqui! Não é maravilhoso? Sendo assim, não queres fazer uma figura de idiota a passar o resto do serão a perguntar a todas as senhoras aqui presentes se alguma delas é a pega que te deu à luz? Isso seria *tão* divertido.

Nicholas ficou paralisado. Ficou tão atordoado que nem sequer foi capaz de estender o braço para impedir que Miriam se afastasse. Reggie sentiu o coração apertado quando lhe tirou Thomas dos braços e ele não pareceu reparar no gesto dela.

– Nicholas, não deixes que ela te afete – disse Reggie suavemente. – Ela só disse aquilo por despeito.

– Será? – Os olhos que se cruzaram com os de Reggie estavam atormentados. – Será? E se ela disse a verdade?

Desesperada por ajudá-lo, Reggie voltou-se para Eleanor. A mulher mais velha

estava pálida como um fantasma. Reggie sabia porquê, mas a verdade nunca tinha sido tão necessária.

– Conte-lhe – disse ela baixinho e Ellie soltou uma exclamação abafada.

– Regina!

– Não está a ver o mesmo que eu? Chegou a altura de dizer a verdade. – Ela abraçou Thomas com mais força e ficou à espera.

Nicholas olhava tanto para Reggie como para Eleanor, com uma mistura de angústia e confusão espelhada no rosto.

– Nicky, por favor, não me odeies – começou a dizer Eleanor, com uma voz suplicante. – A Miriam foi maldosa... mas também disse a verdade.

– Não! – exclamou ele com uma voz dilacerante. – A Ellie não. Ter-me-ia dito se...

– Não podia. – Eleanor estava a chorar. – Dei à Miriam a minha palavra que nunca te assumiria quando *ela me* deu a palavra dela que te iria criar como o seu próprio filho.

– Acha que foi isso que ela fez? – perguntou ele, com uma dor patente na voz. – Ela nunca foi uma mãe para mim, nem quando eu era criança. A Ellie estava aqui nessa altura. *Sabe isso tão bem como eu.*

– Sim, e sequei as tuas lágrimas, aliviei as tuas mágoas e morri um pouco de cada vez. O teu pai não queria que fosses rotulado de bastardo, Nicky, e eu também não. A Miriam manteve a sua palavra e nunca disse a ninguém a verdade, por isso eu tive de manter a minha.

– Ela disse a verdade à minha mulher. E fez-me passar um inferno – disparou ele entre dentes.

– Ela avaliou corretamente a Regina. Sabia que o segredo ficaria em boas mãos e foi isso que aconteceu.

– Ela sempre ameaçou tornar o facto público.

– Não passavam de ameaças, Nicky.

– Mas eu vivi com as ameaças dela. Governaram a minha vida. Ainda assim, aceitaria de bom grado esse rótulo, se pudesse ter tido uma mãe verdadeira. Não percebeu isso enquanto eu lhe abria o coração todos estes anos? *Porque não me disse?*

O estigma da bastardia não era tão grave como aquela guerra interminável. Ambos sabiam isso. Eleanor soluçou:

– Perdoa-me. – E correu para dentro de casa.

Reggie pousou uma mão no braço de Nicholas.

– Ela tinha medo de te contar, medo de que a odiasses. Vai atrás dela, Nicholas. Escuta-a calmamente e deixa-a contar-te o que me contou a mim. Também não foi fácil para ela viver assim todos estes anos.

– Tu sabias? – perguntou ele, incrédulo.

– Desde que dei à luz o Thomas – respondeu Reggie suavemente. – Ela esteve comigo durante o parto e queria que eu soubesse a verdadeira razão pela qual não estavas presente. Sabes, Nicholas, receio não ter acreditado que alguém podia ser

tão pateta ao ponto de permitir que o facto de ter sido concebido fora do casamento o impedisse de se casar. – Sorriu-lhe. – Lamento, mas nunca dei o devido valor à importância que isto tinha para ti.

– Já deixou de ter tanta importância agora – admitiu ele.

– Se é assim, não sejas tão severo a julgá-la, Nicholas, e escuta-a sem explodir. Por favor.

Ele deixou-se ficar ali parado, a olhar para a casa, e ela continuou:

– Nem todas as mulheres têm a coragem de criar um filho ilegítimo. Olha para a forma como *tu* lidaste com isso, no fim de contas. Decidiste nunca te casar porque não querias que a tua mulher partilhasse o teu fardo. Achas que isso não é um fardo pior para a mãe? E lembra-te de que a Eleanor era muito jovem na altura.

– Tu farias isso, não farias?

Ela encolheu os ombros.

– Sim, mas lembra-te de que os Malory já estão acostumados a ter bastardos na família.

Ele resmungou entre dentes.

– Vai até lá, Nicholas. Fala com ela. Vais descobrir que ela continua a ser a mesma mulher que sempre foi: a tua melhor amiga. Foi sempre uma mãe para ti. Agora é a tua vez de escutares as mágoas dela.

A mão dele tocou-lhe com ternura no rosto. Thomas estava a esbracejar nos braços dela e Nicholas disse:

– Vá alimentar o meu filho, minha senhora.

Reggie sorriu enquanto ele se afastava na direção da casa. Os olhos dela cruzaram-se com os de Miriam, que estava do outro lado do relvado, e abanou a cabeça quando esta desviou a cara abruptamente. Será que ela nunca iria mudar?

Esfregou a face contra a cabeça de Thomas e começou a dirigir-se para casa.

– Não te preocupes, meu anjo, vais ter tanto amor que nunca vais sentir falta do dela. Espera só até teres idade suficiente para ouvir falar dos teus tios-avôs. Um deles chegou a ser um pirata durante algum tempo e...

A porta do quarto de Eleanor estava fechada, mas Nicholas conseguia ouvir soluços dilacerantes no interior. Abriu a porta sem fazer barulho. Encontrou-a deitada em cima da cama, com a cabeça enterrada nos braços e os ombros a abanarem convulsivamente. Sentiu um aperto doloroso no peito. Fechou a porta e sentou-se ao lado dela, puxando-a pelos braços.

– Peço imensa desculpa, Ellie. Espero que saiba que nunca quis fazê-la chorar.

Ela abriu os olhos castanho-dourados, reluzentes de lágrimas. Eram tão parecidos com os seus próprios olhos. Meu Deus, era um idiota por não ter visto isso antes.

– Não me odeias, Nicky?

– Odiá-la? – repetiu ele. – A senhora, que foi sempre a minha fonte de conforto, a única pessoa com quem podia contar para me amar? – Ele abanou a cabeça. – Não pode imaginar quantas vezes eu fingi, quando era criança, que era a minha mãe verdadeira. Como é que não me apercebi de que isso era verdade?

– Não era suposto saberes.

– Ainda assim, devia ter-me apercebido disso, especialmente quando parou de vir até cá depois de o pai falecer. Sempre me perguntei porque insistia em nos vir visitar. A senhora e a Miriam mal se falavam. Vinha por causa do pai, não era?

– Acho que interpretaste mal as coisas, Nicky. O teu pai e eu só estivemos juntos uma vez. Não, eu vinha para Silverley só para estar perto de ti. Ele mantinha a paz entre mim e a Miriam, tornando possível o facto de estar contigo na vossa casa. A razão pela qual deixei de vir a Silverley depois da morte dele foi porque já eras um adulto. Estiveste fora, no mar, durante dois anos e depois viveste em Londres. Tu próprio raramente vinhas a Silverley, se bem te lembras.

– Não conseguia suportar a Miriam – disse ele amargamente. – Viu a atitude dela durante toda esta semana. Foi sempre assim, Ellie.

– Tens de compreender a Miriam, Nicky. Ela nunca me perdoou por amar o Charles e tu eras uma lembrança constante de que ela não conseguiu dar-lhe o que ele queria.

– Mas por que diabo não se casou antes a Ellie com ele?

Ela sorriu hesitantemente, com o sorriso de uma mãe para uma criança teimosa.

– O Charles tinha vinte e um anos quando veio visitar a Miriam pela primeira vez. Ela tinha dezoito e, meu querido, eu tinha apenas catorze anos. Passava completamente despercebida. Ele ficou encantado com ela e eu fiquei encantada com ele. Os catorze anos são uma idade impressionável, como sabes, e o Charles era tão bem-parecido e atencioso. Mas eles casaram-se no ano em que se conheceram.

– Para desgraça de todos – disse ele suavemente. – De todos. – Mas ela meneou a cabeça.

– Ela amava-o, Nicky, naqueles primeiros anos de casamento. Eram muito felizes. E quero que percebas isto, Nicky. Ele nunca deixou de a amar, independentemente da mulher difícil que ela veio a tornar-se mais tarde. A Miriam estava errada em relação a isso. Os homens Eden são, na verdade, maridos excepcionais, porque só têm um único amor na vida. Mas o Charles queria um filho e a Miriam só teve abortos, três abortos no mesmo número de anos. Isso provocou uma tensão terrível. Ela tinha medo de tentar conceber o filho que ele queria, por isso começou a rejeitar qualquer proximidade física entre ambos. Receio que o medo a tenha voltado contra o Charles. O amor dela por ele não suportou o peso daquela tensão. Mas ele amava-a.

– Vivía aqui na altura?

– Sim. Tu foste concebido aqui. – Ela baixou os olhos, continuando a sentir-se culpada, ao fim de todos aqueles anos, por ter traído a irmã. – Eu tinha dezassete anos e amava o Charles. Eles tiveram uma discussão terrível naquele dia porque ela se recusou a aceitá-lo na cama dela. À noite, ele estava bêbedo e simplesmente... aconteceu, Nicky. Nem sequer tenho a certeza de que ele sabia o que estava a fazer, embora *eu* tivesse. Depois, arrependemo-nos os dois do que tinha acontecido e jurámos que a Miriam nunca iria saber de nada. Eu regresssei a casa dos meus pais e o Charles concentrou todas as suas atenções na sua mulher – suspirou. – Com o tempo, a Miriam podia ter ultrapassado o medo de engravidar. Eles podiam ter sido felizes de novo.

– Mas apareci eu?

– Sim – admitiu ela. – Quando me apercebi de que ia ter um bebé, fiquei nervosíssima. Um passo em falso e estava grávida. Cheguei a pensar em matar-me. Não podia dizer aos meus pais. Cheguei a adoecer com a preocupação. Por fim, desesperada, fiz uma visita a Silverley para colocar o meu dilema nas mãos do Charles. Ele ficou encantado, que Deus o abençoe! Mal podia acreditar nisso a princípio, mas era verdade. Só tinha estado a pensar em mim, na minha desgraça, mas o Charles pensou em ti em primeiro lugar. Fez-me ver o quanto estava a ser egoísta ao querer ver-me livre de ti. Perdoa-me, Nicky, mas pensei mesmo que essa seria a melhor solução. Era muito nova, estava aterrorizada e raparigas de boas famílias não têm filhos fora do casamento.

Ele abraçou-a com força.

– É claro, Ellie. Eu compreendo.

– Bom – prosseguiu ela –, o Charles queria-te. Estava disposto a destruir o casamento dele para te ter. Podia ter agido de forma diferente, se não fosse pelos três abortos da Miriam. Ele não tinha a certeza de que ela lhe pudesse dar um filho. E ali estava eu, grávida de três meses.

– Então, a Miriam foi informada. – Essa parte da história ele sabia.

– E ficou chocada, obviamente. Não conseguia acreditar que a própria irmã lhe tivesse feito uma coisa daquelas. Como ela me odiou, a partir desse dia! E também odiou o Charles e nunca lhe perdoou. Por fim, acabou por te odiar a ti, a única pessoa inocente em toda esta confusão. Ela nunca mais foi a mesma, Nicky. O seu

rancor mais profundo era o facto de eu ter sido capaz de dar ao Charles o filho que ele queria. Ela sentiu que o tinha dececionado, mas culpou-o a ele e a mim por termos interferido antes de ela ter uma hipótese de tentar de novo. Esse rancor transformou-se num monstro, com o passar dos anos. A Miriam nem sempre foi como é agora. Eu *sou* a culpada disso porque podia ter impedido o Charles na noite em que foste concebido. Podia, mas não o fiz.

– Por amor de Deus, Ellie, já contou que ela tinha deixado de o amar nessa altura.

– Eu sei, mas podia ter voltado a amá-lo. – Depois de um silêncio longo e pensativo, ela retomou a palavra: – Não te podes esquecer de que somos irmãs. Isso serviu para alguma coisa. Ela pôs de parte o seu ressentimento durante aquelas longas horas em que estive em trabalho de parto e pensou que eu podia morrer. Consegui que ela me jurasse que nunca te iria renegar publicamente. Tive esperanças de que ela te amasse, mas já nessa altura receava que ela não fosse capaz disso. Por isso, fi-la jurar e ela jurou-me isso. Mas ela também me fez jurar que eu nunca te diria que era a tua mãe. Quis dizer-to muitas vezes, mas tinha feito uma promessa solene, por isso não podia. E depois de o teu pai morrer, a Rebecca aconselhou-me a não reabrir a ferida.

– Ela sabia a história toda?

Eleanor acenou com a cabeça.

– Acho que não te teria dito, se a Regina não tivesse insistido.

– A minha mulher é uma joia, não é, mãe?

Era a primeira vez que ele a tratava por mãe e o rosto de Eleanor iluminou-se.

– Demoraste imenso tempo a perceber isso – disse ela.

– Eu sempre soube que ela era maravilhosa. Só tenho sido um verdadeiro idiota em tudo o que lhe diz respeito. Como podia censurá-la a si por aquilo que fez, quando foi o medo do estigma da bastardia que quase me fez perder a minha bela Regina? O estigma governou a minha vida, tal como a sua.

– Nesse caso, vais tentar compensá-la? – perguntou-lhe ansiosamente.

– Prometo que sim. Quanto a si, minha querida, vai-se mudar definitivamente para Silverley.

– Não, Nicky! Quer dizer, bom... Lord Barrett e eu...

– Com mil diabos, vou perdê-la para outro homem quando acabei de a encontrar? – exclamou ele, mas estava radiante por ela. – Posso perguntar quem é Lord Barrett?

– Tu já o conheces. Mora perto da Rebecca e já o encontraste lá muitas vezes. É claro que eu e o Dicken vos faremos visitas amiúde. Afinal, o meu primeiro neto mora em Silverley.

Trocaram olhares em silêncio absoluto durante muito tempo. Ele estava feliz por ela. Ela estava feliz por ele. Tinham percorrido um caminho longo e difícil até chegar àquele momento.

Reggie atravessou a sala de estar e abriu a porta do quarto de Nicholas, entrando silenciosamente, sem se fazer notar. À direita, ficava o quarto de vestir, com uma porta que dava diretamente para o corredor, e ao lado desta ficava a casa de banho principal, uma grande divisão quadrada com mármore azul nas paredes e no chão e uma série de grandes espelhos. Prateleiras enormes exibiam todo o tipo de frascos e boiões, toalhas, instrumentos de barbear e outros artigos de higiene pessoal do senhor da casa. A banheira também era enorme, com torneiras de água quente e fria em forma de Cupidos.

Nicholas estava dentro da banheira, descontraído, de olhos fechados. Harris preparava as toalhas, o robe e um calçado confortável de Nicholas. Eram quase nove da noite e os convidados de Miriam ainda estavam na casa.

– Boa-noite, Harris – saudou-o Reggie alegremente. O criado particular sobressaltou-se, mas conseguiu acenar com a cabeça e retribuir-lhe a saudação. Nicholas sorriu de forma indolente.

– A Meg tem perguntado por si, Harris – prosseguiu Reggie inocentemente, como se fosse normal invadir a casa de banho de um homem e não estivesse a preparar-se para levar a cabo uma missão romântica.

Harris ficou imediatamente de ouvidos alerta.

– Tem, minha senhora?

– Sim. E, sabe, está uma noite tão bonita. Está uma lua de verão encantadora. Uma noite perfeita para um passeio no parque, dizia a Meg. Porque não vai à procura dela, Harris? Tenho a certeza de que o senhor não se vai importar. Pois não, Nicholas?

– Claro que não. Pode ir, Harris. Não vou precisar mais de si esta noite.

– Obrigado, senhor. – Harris fez uma vénia formal e depois, de forma completamente inusitada, deu meia-volta e correu para fora da casa de banho.

Nicholas deu uma risada.

– Não acredito nisto. O Harris e a mal-encarada Meg?

– A Meg não é mal-encarada – retorquiu ela. – E eles têm uma relação muito amistosa já há algum tempo.

– O amor também está a florescer por esses lados? Parto do princípio de que sabes o que se passa entre a Ellie e Lord Barrett. Sabes de tudo antes de mim.

– Estou tão feliz pela Ellie.

– Não achas que ela é demasiado velha para estar a pensar casar-se?

– Não podes estar a falar a sério, Nicholas. – Reggie soltou um risinho abafado.

– Tens razão. – Ele fez um grande sorriso, observando a forma como ela arrastava a mão dentro da água. Apanhou-a quando se aproximou dele, levando-a aos lábios para um beijo. – Tenho de te agradecer pelo facto de os meus sonhos de infância se terem tornado realidade. Ela nunca me teria contado a verdade se não

fosses tu. Tu deves saber como é horrível estar constantemente a imaginar a nossa própria mãe, Reggie. Quem era, como seria? Perdeste os teus pais quando tinhas apenas dois anos.

Ela sorriu, compreensiva.

– Eu tive quatro tios maravilhosos que me disseram tudo o que quis saber em relação a eles, incluindo os defeitos, dos quais não pouparam pormenores. Tu sempre tiveste a tua mãe perto de ti, mas nunca soubeste.

– Uma das coisas que a Ellie me disse é que nós, os homens Eden, só temos um único amor na vida. Isso é uma boa notícia para ti.

– É?

– Não é?

– Não sei – disse Reggie, de forma evasiva. – Digo-te isso no final da nossa conversa. Queres que te esfregue as costas?

Ela tirou a esponja da água num movimento rápido sem esperar pela resposta e colocou-se atrás dele. Tinha um grande sorriso estampado no rosto, mas ele não conseguia ver a sua expressão.

– Presumo que queiras um pedido de desculpas – começou por dizer ele, pouco à vontade.

– Isso era simpático.

– Peço-te desculpa, Regina.

– Porquê?

– Como assim, porquê? – resmungou, voltando-se para olhar para ela.

– Por favor, sê mais específico, Nicholas.

– Peço desculpa por ter sido um perfeito idiota durante o nosso noivado.

– Pois, não foste nada simpático. Mas eu posso perdoar-te por isso. Continua. –

Ela começou a deslizar a esponja ao longo das costas dele e depois à volta do pescoço, muito lentamente.

– Continua? – Ele parecia perplexo e Reggie atirou-lhe a esponja à cabeça.

– Tu abandonaste-me. Ou já te esqueceste disso?

Ele agarrou a esponja.

– Raios, tu sabes porque é que fiz isso.

Reggie deu a volta à banheira e fitou-o de mãos nas ancas e olhos faiscantes.

– Peço desculpa, mas discordo. Não sei porquê. É a única coisa para a qual não consegui encontrar explicação.

Numa voz baixa e desprovida de agressividade, ele declarou:

– Não era capaz de ficar perto de ti sem...

Ela incitou-o.

– Sem...

– Sem fazer amor contigo.

Seguiu-se um silêncio absoluto. A seguir, ela perguntou:

– Porque não podias fazer amor comigo?

– Com mil diabos! – praguejou ele. – Tinha a certeza de que me ias desprezar assim que soubesses a verdade acerca da minha origem. Eu sabia que não era capaz

de suportar o teu desprezo. Fui um maldito imbecil, admito isso. Mas eu sabia que a Miriam não ia ficar de boca fechada. Tinha razão em relação a isso. Só me enganei em relação à forma como reagiste.

– Muito bem. A tua explicação serve. Podes continuar.

Ele deu voltas à cabeça.

– Eu disse-te a verdade em relação à Selena. Foi ela que planeou aquela cena que testemunhaste na estufa.

– Eu acredito em ti.

Aparentemente, não era aquilo que ela estava à espera de ouvir.

– Oh! O teu amigo George. Acho... acho que a minha reação foi um pouco descabida, mas não foi a primeira vez que ver-vos juntos me irritou profundamente.

– Ficaste com ciúmes, Nicholas? – A boa disposição dela reapareceu.

– Eu... sim, que diabo, fiquei!

– Resposta devidamente registada. Podes continuar – disse ela, com os olhos sérios fixos na cara dele.

– O que mais fiz eu? – perguntou ele, exasperado.

Os olhos azul-cobalto faiscaram de novo.

– Estás a esquecer-te de que foste obrigado a voltar para junto de mim.

– Não! – Ele perdeu as estribeiras. – Nisso estás enganada! Eu ia voltar. O meu barco estava pronto para zarpar. Tinha decidido contar-te tudo e explicar-te por que motivo me comportara daquela forma. O teu maldito tio e os seus rufiões chegaram na noite anterior à minha partida.

– Céus. E, assim sendo, ficaste tão zangado com a interferência do tio James que não pudeste falar comigo abertamente?

A expressão de Nicholas ficou carregada.

– Não gosto desse teu tio, não gosto mesmo nada.

– Vais aprender a gostar dele.

– Preferia aprender a gostar de ti.

– Posso tratar disso.

– Nesse caso, não te importas que eu esteja destinado a ter um único amor na vida? – perguntou ele, muito sério. Mas ela ainda não estava pronta para se declarar a ele.

– Se pudesses ser um pouco mais específico...

– Não te disse já tudo o que querias ouvir?

– Não disseste tudo – informou-o ela.

– Então, vem cá.

– Nicholas – exclamou ela, chocada –, não estou vestida para tomar banho.

Ele agarrou-a e puxou-a para dentro da banheira. Ela ficou em cima dele. – Amo-te, amo-te, amo-te, amo-te. Já chega ou queres mais?

– Já chega... por esta noite. – Reggie pôs os braços à volta do pescoço dele. Os lábios de ambos juntaram-se.

Depois de uma série deliciosa de beijos, ele quis saber:

– E então?

– E então, o quê? – brincou ela. – Ele deu-lhe uma palmada. – Bom, acho que também te amo.

– *Achas?*

– Bom, devo amar-te, se aguento os teus disparates, não é? Não, não! – gritou ela quando ele começou a fazer-lhe cócegas. – Muito bem. Amo-te, seu homem insuportável. Apostei em ti, não foi? E nunca desisti de esperar que retribuísses o meu amor. Não estás contente por eu ser uma criatura tão teimosa?

– Uma criatura teimosa, mas deliciosa ao mesmo tempo. – Beijou-a apaixonadamente. – Tinhas razão, querida, não estás vestida para um banho. Vamos tratar isso?

– Estava a ver que nunca mais perguntavas.

Depois de se despedirem do último hóspede, Nicholas e Regina deixaram-se ficar à porta e beijaram-se.

– Paz, finalmente – disse ele, com um longo suspiro.

– Bom, não é bem assim – respondeu Reggie com alguma hesitação, enrolando um dedo na lapela do casaco dele. – Eu... eu enviei uma mensagem na noite passada a convidar a minha família para vir cá passar o dia. Não te zangues, Nicholas. O George disse-me que viu o Tony na semana passada e ele estava muito transtornado. Eu sei que era por nossa causa.

– Não podias ter simplesmente escrito uma carta? – perguntou ele, com uma voz fatigada. – A dizer que estavas bem?

– As cartas não são a mesma coisa que deixá-los verem por si mesmos o quanto estou feliz. Eles preocupam-se comigo, Nicholas, e quero que saibam que está tudo bem, finalmente.

– Nesse caso, creio que terei de suportar isso durante um dia. – Ele suspirou de novo.

– Não estás zangado?

– Não me atrevo a zangar-me contigo, querida – disse-o com uma expressão tão séria que ela franziu o sobrolho, perplexa. – Tu zangavas-te comigo logo a seguir.

– Que diabrete! – retorquiu ela.

Nicholas sorriu. A seguir, deu-lhe uma palmadinha no traseiro e empurrou-a delicadamente na direção das escadas.

– Agora, vai lá para cima um pouco. Lembraste-me de que eu tenho assuntos da minha própria família a tratar.

Ele apanhou Miriam de saída para o seu passeio matinal a cavalo, que fora adiado até à partida dos seus hóspedes.

– Minha senhora, quero dar-lhe uma palavrinha na biblioteca, por favor.

A princípio, Miriam disse-lhe que estava demasiado ocupada, mas depois pensou melhor. A atitude dele não dava margem a discussão. Desceram as escadas em conjunto sem dizer palavra.

– Espero que isto não demore muito – declarou ela secamente enquanto que ele fechava a porta da biblioteca atrás de ambos.

– Não deve demorar. Sente-se, Miriam.

Ela franziu o sobrolho.

– Sempre me trataste por «mãe».

Nicholas fitou o brilho frio dos seus olhos castanhos. Estava sempre presente quando se encontravam sozinhos. Aquela mulher odiava-o verdadeiramente. Nada ia mudar isso.

– Imagine que – começou ele –, de um dia para o outro, duas irmãs trocavam de lugar. – O rosto dela empalideceu, por isso ele disse: – Parto do princípio que

ainda não teve oportunidade de falar com a Ellie esta manhã.

– Ela contou-te tudo?

– Bom, foi a senhora que sugeriu que eu perguntasse a todas as senhoras presentes se alguma delas era a minha mãe verdadeira. – Ele não conseguiu resistir ao sarcasmo.

– Não acredito que fizeste isso!

– Não, Miriam, não fiz. Depois de ter aberto a ferida, a minha mulher curou-a. Ela obrigou a Ellie a confessar. Sei de toda a história, finalmente, e quero dizer-lhe que lamento aquilo por que passou, Miriam, agora que compreendo tudo.

– Não te atrevas a ter pena de mim! – gritou ela, estarrecida.

– Como quiser – respondeu ele com rigidez, sentindo-se mais à vontade com a decisão que tomara durante a noite. – Pedi-lhe para vir até aqui para a informar de que, nestas circunstâncias, deixou de ser desejável continuar a viver em Silverley. Procure uma casa de campo só para si algures bem longe daqui. Eu compro-lha. O meu pai deixou-lhe um rendimento modesto. Vou duplicá-lo. Não lhe devo mais nada além disso.

– Um suborno, Nicholas? – troçou ela.

– Não, Miriam – respondeu ele, cansado daquilo tudo. – Se quer informar o mundo de que não foi a senhora que deu ao seu marido o herdeiro dele, está perfeitamente à vontade. A minha mulher sabe e não se importa com isso, e é só isso que me interessa.

– Estás a falar a sério, não estás?

– Estou.

– Seu bastardo – disse ela furiosamente. – Achas que tens tudo, não é? Mas espera alguns anos e a tua querida mulher vai odiar-te... tal como eu odiei o teu pai.

– Ela não é como a Miriam. – Ele sorriu.

– Sempre odiei Silverley – disse ela ferozmente. – Só fiquei aqui para te manter afastado.

– Eu sei, Miriam – disse ele serenamente.

– Não vou ficar aqui nem mais um segundo – retorquiu ela. – E podes ter a certeza de que não vai ser uma casa de campo que eu vou procurar, mas uma mansão!

Saiu disparada da biblioteca, enfurecida, e ele respirou profundamente, grato por a ver partir. Ia custar-lhe uma fortuna ter finalmente a sua casa de volta, livre da amargura de Miriam.

Algumas horas depois, uma carruagem carregada afastou-se ruidosamente pelo caminho de entrada com a tia Miriam no seu interior. As três pessoas que estavam à porta soltaram um suspiro coletivo enquanto a observavam a partir. Eleanor voltou para dentro nesse momento, mas Nicholas deixou-se ficar mais uns momentos, com os braços à volta da mulher, mantendo-a bem próxima, com a face dela encostada ao peito.

Ficaram naquela posição mais algum tempo, porque dali a pouco surgiram duas

carruagens e um coche no final do longo caminho de entrada. Nicholas ficou tenso, mas depois descontraíu o corpo. Que diabo! Se a Regina os amava, talvez não fossem assim tão maus.

– Mais uma invasão – murmurou ele secamente.

– Não te atrevas a fugir, Nicholas Eden – repreendeu-o Regina.

Agarrou-se a ele com força, a transbordar de entusiasmo. Jason, Derek e metade da prole de Edward desceram da primeira carruagem. Jason foi o primeiro a dar a Nicholas um abraço caloroso e firme.

– Estou contente por ver que ganhou juízo, meu rapaz. O James disse que estava ansioso por ver o seu filho. Espero que os seus negócios não o chamem para longe com muita frequência no futuro.

– Não, senhor, isso não vai acontecer – conseguiu responder cordialmente Nicholas, embora sentisse uma pontada de fúria por aquilo que James lhe tinha dito. Maldito mentiroso.

Derek era o próximo na fila e deu-lhe um abraço sufocante.

– Já estava mais do que na altura de me enviareis um convite, companheiro.

– É bom ver-te, Derek.

Seguiram-se os primos, assim como Edward e a mulher, que entraram em casa em grupo a tagarelar alegremente. Mas depois Nicholas avistou James e Anthony de pé, junto a uma carruagem, fitando-o com ar de poucos amigos. Deu meia-volta para entrar em casa, murmurando qualquer coisa entre dentes a propósito de convidados indesejáveis. Reggie ouviu-o e franziu o sobrolho aos seus tios mais novos.

– Não se atrevam, vocês os dois! – advertiu ela, sabendo que não precisava de ser mais explícita. Eles iam perceber. – Eu amo-o e ele ama-me. E se vocês os dois não conseguirem pôr de parte as vossas divergências, eu... eu nunca mais vos dirijo a palavra! – Seguiu o marido para dentro de casa, deixando Anthony e James lá fora.

James olhou para o irmão e fez um sorriso irónico. – Acho que ela está a falar a sério.

– Eu sei que ela está a falar a sério – respondeu Anthony, dando uma palmadinha nas costas de James. – Vamos lá, então. Vejamos se conseguimos umas tréguas com o canalha.

Alguns minutos depois, encurralaram Nicholas na sala de estar, arrastando-o para longe dos outros, colocando-se um de cada lado. Nicholas suspirou, exasperado. Será que aqueles Malory nunca iam deixar de o atacar em grupo?

– Sim?

– A Regan quer umas tréguas, rapaz – começou James. – E nós estamos dispostos a isso, se também estiver.

– Maldição! É Reggie, não Regan – explodiu Anthony com o irmão. – Quando é que vais começar...

– Qual é o problema com o nome Regina? – interrompeu Nicholas.

Os dois homens olharam para ele e desataram a rir.

– Absolutamente nada, companheiro. – admitiu Anthony. – O *Nicholas* pode chamá-la como quiser. É este teimoso aqui ao lado que insiste em estar sempre a inventar nomes novos.

– E «garota», o que é? Não é uma invenção tua? – retorquiu James.

– É um termo carinhoso, mais nada.

– E Regan não é um termo carinhoso?

Nicholas deixou os irmãos sozinhos a terminarem a discussão. Agarrou na mulher e puxou-a para se sentar num sofá ao lado dele.

– Sabes, querida, quando me casei contigo, não sabia que também me estava a casar com os irmãos Malory.

– Não estás zangado comigo por os ter convidado, pois não? Só queria que eles partilhassem a nossa felicidade.

– Eu sei. E também sei que disseste que só vinham cá passar o dia. É preciso algum tempo para alguém se habituar à tua família, especialmente àqueles dois. – Nicholas apontou para o canto com a cabeça e ela viu Anthony e James envolvidos numa discussão acalorada.

Regina fez um sorriso travesso.

– Metade do que eles dizem não é a sério. E não vão ser visitas muito assíduas. O barco do tio James vai zarpar daqui a uma semana. É provável que não volte mais do que uma vez por ano a partir de agora.

– E o Anthony?

– Bom, o tio Tony vai aparecer cá de tempos a tempos para ver como eu estou, mas vais aprender a gostar dele, prometo. É impossível isso não acontecer quando os dois têm tanta coisa em comum. A razão pela qual te entreguei o meu coração tão depressa foi o facto de me fazeres lembrar o Tony.

– Com mil diabos – resmungou ele entre dentes.

– Não fiques amuado – troçou ela, entrelaçando os dedos nos dele. – Essa não é a única razão pela qual te amo, como sabes. Queres saber as outras?

– Podemos escapar-nos durante um bocado? – perguntou ele ansiosamente.

– Acho que é possível.

– Nesse caso, vem até lá acima comigo.

– Nicholas! Estamos a meio da tarde – sussurrou ela, chocada.

– Não consigo esperar mais, querida – murmurou-lhe ao ouvido.

James apanhou o casal a sair da sala em passo apressado, de mãos dadas, com Regina a tapar a boca com a mão para abafar o riso.

– Olha só para aquilo – declarou, interrompendo a fala de Anthony. – Eu não te disse que ele era o homem certo para ela?

– Não, não disseste – retorquiu Anthony, exaltado. – Mas é claro que *eu* sempre soube disso.